



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
DOUTORADO

JOSIANE MARIA DE CASTRO RIBEIRO

CONFLITOS, TERRITÓRIOS E IDENTIFICAÇÕES: O ENCONTRO DE
EXPERIÊNCIAS NAS TORCIDAS ORGANIZADAS CEARAMOR E M.O.F.I.

Fortaleza – 2010



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
DOUTORADO**

**CONFLITOS, TERRITÓRIOS E IDENTIFICAÇÕES:
O ENCONTRO DE EXPERIÊNCIAS NAS TORCIDAS
ORGANIZADAS CEARAMOR E M.O.F.I.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará como requisito para obtenção do Título de Doutor em Sociologia

Fortaleza – 2010

JOSIANE MARIA DE CASTRO RIBEIRO

**CONFLITOS, TERRITÓRIOS E IDENTIFICAÇÕES:
O ENCONTRO DE EXPERIÊNCIAS NAS TORCIDAS ORGANIZADAS
CEARAMOR E M.O.F.I.**

Tese submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Sociologia.

Aprovada em ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Prof^a Dr^a Irllys Barreira (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof. Dr. Alexandre Fleming Câmara Vale
Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof. Dr. Frederico de Castro Neves
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Geovani Jacó de Freitas
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Prof. Dr. José Luiz de Amorim Ratton Júnior
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Este trabalho pertence ao meu amor, com todas as letras, espaços, pontos, exclamações, interrogações e as minhas muitas reticências. Este trabalho sempre foi dele, desde o começo. E de tanto ser dele, é também dos nossos.

Para Gabrielzinho, meu Príncipe. In Memoriam.

AGRADECIMENTOS

Ao Alexandre. Sempre, por tudo.

Aos meus filhos, Vivi e Gaêh, por fazerem tudo valer à pena.

Aos meus pais e irmãos, por eles existirem.

À professora Irllys Barreira, pela orientação paciente e compreensiva.

Aos professores Alexandre Fleming e Crístian Paiva, cujas disciplinas ministradas marcaram definitivamente a minha trajetória.

Aos Professores Luiz Ratton, Gil Jacó, Fred Neves e, novamente, Alexandre Fleming, pela gentileza em aceitarem o convite para a leitura deste trabalho.

Aos companheiros de trabalho, Simão, Augusto, Wellington e Luís André. Sem eles eu não teria conseguido.

A todos os “meninos” das torcidas organizadas, cujos nomes permanecerão para sempre escritos na minha memória. Para mim, eles são muito importantes.

Ao Serginho Amizade, ao Sérgio Alves, ao Sávio e ao Nacélio, pela paciência em me falarem das coisas do futebol.

A todos que pararam para contar de seus caminhos, gostos e desgostos, cujos nomes não seria possível citar.

Ao Aimberê e à Socorro, pelas muitas vezes em que eles “quebraram meus galhos”. Uma floresta inteira.

Aos colegas de pós-graduação: Dani Passos, Faiga, Flavio, Luíz Fábio e Irapuan. Dividi com eles muito das minhas dúvidas, incertezas, medos e alegrias.

Aos meus amigos-irmãos Lucinho, Zuza, Regi, Manu, Ivo, Ju, Ivinha, Carol e Marcílio. De lágrima a lágrima, de riso a riso, juntos.

Ao tio Tarcísio e ao tio Gerardo, pela solidariedade comovente.

RESUMO

Discute as redes de experiências sociais e identificações articuladas nas torcidas organizadas de futebol Cearamor e M.O.F.I., na cidade de Fortaleza. Analisa as ações empreendidas pelos jovens torcedores organizados, em busca de densidade antropológica. Problematiza a relação entre o circuito dos bailes *funks*, das décadas de 80 e 90, em Fortaleza, e o universo simbólico e cultural das torcidas organizadas de futebol na sua formação atual. Versa sobre os usos e inversões do estigma pelos integrantes das torcidas organizadas, que subvertem as classificações que os definem como vândalos, bandidos e adeptos da violência gratuita. Analisa o modo de vida dos torcedores organizados em Fortaleza, destacando o investimento na corporalidade viril, na sociabilidade de conflito e na identificação territorial.

Palavras-chave: Torcida Organizada. Jovens. Conflito. Corporalidade. Experiência Social. Identificação.

ABSTRACT

This thesis discusses the networks of social experiences and identifications articulated in cheerleaders of football Cearamor MOFI in the city of Fortaleza. It analyzes the actions taken by young fans organized in search of anthropological density. It discusses the relationship between the circuit of funk balls, the 80 and 90, in Fortaleza, and cultural and symbolic universe of organized supporters of football in its current configuration. Refers to the uses and inversions of the stigma by members of the cheerleaders, who subvert the classifications that define them as thugs, criminals and supporters of gratuitous violence. It analyzes the way of life of organized fans, highlighting the investment in the virile embodiment, the sociability of conflict and territorial identification.

Keywords: Cheerleaders. Youth. Conflict. Corporeality. Social Experiment. Identification

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
A cena primordial	1
Construção do objeto	3
No campo, as torcidas.....	11
O contorno metodológico	23
CAPÍTULO 01	29
PRODUÇÃO MEDIÁTICA DA IMAGÉTICA DA VIOLÊNCIA	29
1.1 Mídia: produção e circulação do “hooliganismo”	36
1.2 Brasil.com: samba, futebol... E hooligans	45
1.3 Imagens globais, apropriações locais	58
CAPÍTULO 02	65
CIRCUNSCREVENDO EXPERIÊNCIAS E IDENTIFICAÇÕES: O “TORCEDOR COMUM”	65
2.1 Como nasce um torcedor: do nascimento à maioria simbólica	67
2.2 A conquista de uma identificação: engajamento, conhecimento e devoção.....	72
2.3 O jogo do “torcedor comum”	85
2.4 (Re) construindo virilidades: o futebol e a celebração do masculino.....	91
CAPÍTULO 03	101
TORCIDAS ORGANIZADAS. DA FESTA AO FUNK, DO FUNK AOS BAIRROS, DOS BAIRROS ÀS TORCIDAS: A BUSCA DE VISIBILIDADE	101
3.1 A festa.....	101
3.2 Pelo corredor, de volta ao começo: o baile <i>funk</i>	107
3.3 Saindo do baile, voltando aos bairros	115
3.4 Abrindo parênteses: sobre alas, bairros, comandos e gangues	120
3.5 Fechando parênteses. De volta ao Barroso II	123
CAPÍTULO 04	132
CORPORALIDADES	132
4.1 Corpo-território, a última trincheira	132
4.2 (Con)Vencer o corpo, a batalha permanente	142
4.3 O corpo âncora. Para não estar à deriva	151
CAPÍTULO 05	156
A TORCIDA ORGANIZADA COMO EMPRESA	156
5.1 O jogo de cintura: entre porradeiros e o mercado, a gestão da empresa-torcida.....	160
5.2 Socializando saberes, valores e amigos: a torcida por correspondência	169
5.3 Para não dizer que não falei das flores... Política e torcedores organizados, uma articulação possível?.....	175
CONCLUSÃO	187
BIBLIOGRAFIA	190

Introdução

A cena primordial.

Passo agora a falar de uma trajetória. Uma trajetória minha e de milhares que me acompanharam. No decurso deste caminho, que ainda não findou e que talvez nunca finde, eu me transformei. Os milhares que me acompanharam? Digo que eles são terra, pedra e poeira desta estrada que se agiganta para trás de mim e à minha frente. Sim, eles também se transformaram. Melhor, passei a vê-los de outras formas. E para ser fiel a este percurso é preciso que eu inicie exatamente de onde ele começou.

O dia: 26 de março de 2003. O lugar: Estádio “Castelão”. Uma partida entre Ceará e Flamengo. Eu, com quase nove meses de gestação, optei por ficar nas cadeiras inferiores, setor privilegiado do estádio: mais confortável, menos público e preços mais caros. Com olhos de torcedora eu observava o estádio. Havia uma torcida razoável do Flamengo. Eles, os flamenguistas, ocupavam um setor das arquibancadas, exibindo camisas rubro-negras e balões negros. O Ceará levou um número bem maior de torcedores, “comuns” e organizados, que ocuparam o espaço restante do estádio.

A certa altura do jogo, o Ceará fez um gol que definiu o placar final da partida: 1x0. A festa explodiu. Ela veio com a força de uma onda gigantesca num oceano agitado. O estádio balançava, um mar de concreto, ferro e gente. Fogos explodiam, uns sobre os outros, gritos, urros e o ritmo da bateria. O som da festa também veio com força, trouxe o impacto de trovões em meio a uma tempestade de verão. Movimento e som: a música.

Raça do cú vermelho é melhor sair daqui!
Chegou a Cearamor pronta pra te destruir!
Na hora do combate o estádio vai tremer!
Nós somos Alvinegro, Cearamor até morrer!
Preto e branco tá no corpo, Cearamor é a parada!
E se for da TUF gay, vai levar porrada!
A maior torcida do Nordeste é Cearamor!
Que chega arregaçando com esse tal de tricolor!

Eu, ainda neste momento, indiferenciada, mais uma gota no mar de gente que se agitava em suores, mal sabia que se aproximava o momento que inauguraria um novo caminho. Ele, o momento primordial, se aproxima e chega trazido pelos passos de três rapazes, três membros da Cearamor. Três profetas que anunciariam meu futuro de

pesquisadora, com uma fala feita de gesto, corpo, olhar e som. Depois do gol do time alvinegro, eles apareceram. Apareceram? Não. Insinuaram-se pelos corredores e caminhos do estádio, transpuseram interdições e saltaram fossos para, finalmente, irromperem no setor onde eu estava e que agregava, numa estranha e volátil concórdia, torcedores dos dois times.

Um dos rapazes, jovem, bastante magro, mulato, com uma calça padronizada da Cearamor e sem camisa, passou bem perto das cadeiras, dizendo: “*aí, a torcida do Flamengo pode levantar e ir embora! O estádio é nosso*”. Eles simplesmente falaram enquanto caminhavam, sequer pararam para olhar alguém. Falaram e seguiram. Olhei surpresa para alguns flamenguistas, os que vestiam camisas do time, e os vi, entre o constrangimento e o medo, se retirarem do estádio. Eles saíam ressabiados, numa espécie de prudência ressentida e raivosa, falando em voz alta, justificando a sua retirada àqueles que, como eu, os observavam declinar humilhados ante a ameaça de três jovens de uma magreza pobre e esquelética, mal saída de uma infância faminta.

Eis o início do meu arrebatamento. Sim, porque fui arrebatada por aquela esfinge, magricela e suada, que parecia me olhar, dizendo: “*decifra-me ou te devoro*”! Eu, que cresci gostando de futebol, frequentadora de estádios, aos quais ia em busca do meu time, o Ceará. Entretanto, sempre tive olhos, ouvidos e desejo de torcedora. O que me interessava era o jogo, o resultado. Confesso que por vezes me flagrei um tanto hipnotizada pela torcida organizada, observando a festa, as coreografias, o movimento... Também em muitas ocasiões perdi lances importantes do jogo, observando os comportamentos de torcedores próximos a mim, seus comentários, suas análises, seus xingamentos e suas terríveis caretas durante a partida. Mas todas essas observações eram corriqueiras, de alguém que sempre achou os seres humanos uma coisa muito interessante de se ver, de alguém que se deixava arrastar de bom grado por certa “*etnografia*”, espontânea e deliciosa.

Justamente por isso esta partida me arrebatou, pois percebi a existência de uma densidade de experiências veiculadas pelo futebol, na medida em que ficou muito claro que quem havia expulsado os torcedores flamenguistas daquele setor não havia sido somente aquele rapaz magrinho, mas sim a figura que ele trazia estampada na calça do uniforme, o urubu, símbolo da Torcida Organizada Cearamor – TOC. Passei desde então a me recolocar dentro do estádio, que, de espaço de diversão e tensão, foi transformado em campo de pesquisa. Eu, um *flâneur* ressuscitado.

Construção do objeto.

Olhemos para trás. Mais precisamente para 04 de agosto de 1971, quando se podia ler no Jornal Correio do Ceará a matéria com o alarmante título: “VÂNDALOS DESTROEM ESTÁDIO”.

O equívoco de um guarda do Estádio Presidente Vargas, que abriu o portão de acesso ao campo segundos antes do término da partida Ceará x Fortaleza e logo após a marcação do gol que assegurava a conquista do título de campeão cearense ao alvinegro, ocasionou graves tumultos ontem na principal praça de esportes da cidade. Aberto o portão, a torcida do Ceará, julgando concluído o prélio, invadiu a cancha para homenagear seus atletas.

Ao mesmo tempo, acoçados por torcedores mais exaltados, os adeptos do Fortaleza investiram contra o alambrado, derrubando-o e passaram a agredir jogadores e o juiz Armando Camarinha; outros destruíram as rêdes e tentavam arrancar as traves. O comportamento da torcida (tricolor) foi condenado pelas autoridades, jornalistas e líderes esportivos do Fortaleza, como demonstração de imaturidade e deseducação que compromete o conceito do desporto cearense (...), a Prefeitura terá de recuperar o estádio destruído por vândalos. (Apud FARIAS e HOLANDA, 2009: 27)

Podemos ainda ir mais longe e, com Mario Filho, retornar a uma idade mais tenra do futebol brasileiro, que já se via às voltas com conflitos envolvendo torcedores e profissionais do esporte.

Quando o Bangu vencia, muito bem, não havia nada, o trem podia voltar sem vidraças partidas. Quando o Bangu perdia, porém, a coisa mudava de figura. Os jogadores da cidade trancavam-se no barracão, o vestiário da época, não queriam sair, só com a polícia, os torcedores corriam para esconder-se no trem, deitando-se nos bancos compridos de madeira, enquanto as pedras fuzilavam, partindo vidros, quebrando cabeças. Vinha a polícia, os jogadores saíam do barracão, bem guardados, os diretores do Bangu atrás deles, muito amáveis, pedindo desculpas. Numa confusão dessas era natural que ninguém se lembrasse da taça oferecida ao vencedor. Daí a expressão que pegou: ‘ganha mais não leva’. O clube da cidade podia ganhar o jogo. A taça, porém, ficava lá em cima. No fundo, luta de classe, sem ninguém dar por isso, é claro. Todos levando a coisa mais para a rivalidade entre o clube do subúrbio e o clube da cidade. (FILHO, 2003: 42 e 43)

Lançar um olhar retrospectivo sobre o futebol permitiu-me constatar que casos de brigas, de maiores ou menores proporções, sempre acompanharam o esporte. Algumas chegam a apresentar traços pitorescos e cômicos. No entanto, há aproximadamente trinta anos, a violência tornou-se um componente necessário no universo simbólico do futebol e, principalmente, nas práticas dos torcedores

organizados. Este período corresponde, justamente, ao surgimento das torcidas organizadas no Ceará.¹

Os seus integrantes dedicam-se intensamente ao clube e, principalmente, à própria torcida organizada, e expressam tal dedicação, através de valores como amor, fidelidade, lealdade e devoção. Estes são vivenciados constantemente, seja nos bairros, bailes, sedes das torcidas, ou nos estádios, em momentos de demonstração de força e beleza das torcidas organizadas, pelo seu tamanho, desempenho de coreografias, músicas, montagens e a pronta disposição para o conflito, se for o caso. E é precisamente na necessidade do conflito que reside a grande distinção entre as práticas das torcidas organizadas atuais, em relação às formas coletivizadas de torcer pretéritas.

Mais ainda, a disposição para o conflito, a raiva arbitrária do torcedor “adversário” e a coragem para o enfrentamento tornaram-se, a um só tempo, uma espécie de rito a ser cumprido por aquele que pretende fazer parte de uma torcida organizada, sinal de pertença à agremiação e bônus pela dedicação à organizada. E, se o conflito é ritualizado, o exercício demarca e institui uma diferença, entre quem é o verdadeiro torcedor organizado, o “que responde” e “bota terror”, daquele que não é e nem poderá sê-lo, “o que não tem disposição”.

A aura de perigo que envolve e acompanha as torcidas organizadas é cuidadosamente construída e alimentada por seus integrantes, que reiteradamente informam sobre o próprio potencial aguerrido. É o caso, por exemplo do “Tá ligado!”, uma música cuja letra conduz uma dança teatralizada, cuja performance alude a uma briga generalizada de todos contra todos.

Que porra de ‘fica esperto’,
Isso é coisa de veado!
A onda do momento é muito agito, tá ligado?!

Eu vou cantar um funk,
Pra ninguém ficar parado!
Carrego no meu peito o meu time apaixonado,
Eu sou da Cearamor,
A maior do meu estado!
E quem ficar parado,
Vai levar um tá ligado!

¹ Para facilitar a fluência da escrita, bem como da leitura, passo a utilizar as seguintes denominações: a Torcida Organiza da Cearamor será chamada somente de Cearamor; a torcida Movimento Organizado Força Independente será M.O.F.I. e a Torcida Organizada Fúria Jovem, aparecerá apenas como Fúria Jovem. Ao Ceará Sporting Club chamarei Ceará. O Fortaleza Esporte Clube será Fortaleza e a Torcida Uniformizada do Fortaleza será designada como TUF.

“Levar um tá ligado” é, na verdade, levar um empurrão, chute ou safanão pra “se ligar”, vibrar pelo time, fazer bonito... Quem vê de fora a execução do “*Tá Ligado*” tem realmente a impressão de uma briga. De fato, trata-se de uma espécie de luta coreografada, demonstração simbólica da potência e virilidade da torcida organizada. Mas, se a execução do “tá ligado” exerce efeito simbólico sobre a multidão presente no estádio é porque em outros momentos, muitos, na verdade, as torcidas organizadas enfrentaram-se em brigas de maiores e menores proporções. O ‘tá ligado’, portanto, remete a uma possibilidade real, a um perigo real.

Realmente impressiona a postura viril, mesmo entre os mais jovens. Isto porque, em meio à torcida, pode-se facilmente encontrar uma grande quantidade de meninos que sequer abandonaram, de fato, os ares da infância. Apesar disto, eles se divertem em meio aos integrantes, como quem brinca de ser homem. Atualmente a rivalidade entre os torcedores organizados se apresenta numa perspectiva tripartida:

- a que envolve e opõe torcedores de times adversários, notadamente Cearamor e TUF;
- a rivalidade entre integrantes de uma mesma torcida, mas de alas, bairros, comandos e / ou gangues diferentes²;
- a rivalidade entre as torcidas organizadas do mesmo time, como a Cearamor e a M.O.F.I..

Nos últimos anos a rivalidade entre torcidas polarizou de forma mais importante a Cearamor e a M.O.F.I., ambas torcidas organizadas do Ceará. A origem deste conflito reside numa confluência de processos paralelos que, todavia, podem ser, por hora, anunciados, resumidamente, nas seguintes notas:

13/06/2007

Brigas: Cearamor lança nota oficial

O presidente da Cearamor, J, em nota Oficial à imprensa alvinegra procurou esclarecer os fatos que vem estarecendo o torcedor alvinegro nos últimos jogos, a violência interna dentro da própria torcida do Ceará:

Venho através deste, informar que já estamos em contato com órgãos competentes sobre as confusões que chegaram a manchar o nome da nossa torcida. Estamos fazendo o possível e o impossível para resolver esses problemas que só prejudicam nós mesmos e o nome do Ceará Sporting Club. A Cearamor tem quase 25 anos de existência e não podemos acabar com o que esta melhorando cada dia que passa. Há cerca de 4 anos atrás, por motivo de indisciplina foram expulsos da Cearamor um bairro que só queria manchar

² Estas designações se referem às divisões territoriais presentes nas torcidas organizadas do Ceará e correspondem, grosso modo, aos bairros da cidade. Em seção posterior tratá-las-ei detidamente.

o nome da torcida. Elementos que não eram cadastrados e só queriam fazer badernas dentro e fora dos estádios, foram de vez banidos da torcida.

Infelizmente a diretoria da Força Independente aceitou esses baderneiros e pôr isso vem ocasionando confusões dentro e fora dos estádios com nossa torcida. Estamos atualizando nossos cadastros de todos os componentes. A Cearamor é grande e forte, e resolveremos esse problema da melhor maneira possível para o bem de nossa torcida e do Ceará Sporting Club.

Faça você também parte da maior e melhor torcida organizada do Norte e Nordeste.

Desde 1982 União, Vibração e Poder.

Diretoria da Cearamor.

A seguir, em resposta, a nota oficial da M.O.F.I..

14/06/2007

Força Independente: Nota oficial

Disponibilizamos espaço para o Presidente do movimento organizado Força Independente, expor uma nota de repúdio à violência no estado do Ceará.

Caro torcedor alvinegro,

Hoje fazem nove dias dos lamentáveis acontecimentos ocorridos no ginásio Paulo Sarasate durante a partida de futebol e salão entre CEARA x FORTALEZA. Desde a noite do dia Quatro que a diretoria do movimento tenta falar com os diretores da Torcida CEARAMOR. Desejávamos marcar uma reunião a fim de ser discutido os atos e tentar encontrar uma solução. Entretanto, até o presente momento não conseguimos falar com nenhum dirigente da Torcida. Nós do MOVIMENTO ORGANIZADO FORÇA INDEPENDENTE pedimos desculpas a toda nação alvinegra pelo ocorrido no ginásio, condenamos e não admitimos qualquer tipo de rivalidade, rixa ou agressões como foi o caso do ginásio, é inadmissível, inaceitável, inexplicável o ato de vandalismo entre torcidas do mesmo time. Nada justifica, atos como esses somente mancham o nosso futebol seja ele no salão ou no campo, a torcida do Vozão é uma só. Chega de violência. Do lado da M.O.F.I. medidas já estão sendo tomadas em parceria com a POLICIA MILITAR para coibir e punir os vândalos. Estamos fazendo nossa parte como sempre fizemos e estamos mostrando mais uma vez que IDEAIS, ATITUDES E DISPOSIÇÃO NÃO SE DISCUTEM, SE COLOCA EM PRÁTICA."

J F S.

Presidente do Movimento organizado Força Independente

As notas acima são um dado importante para a construção da nossa problemática. De fato, Cearamor e M.O.F.I. sedimentaram rivalidades graves, entre muitos torcedores organizados de ambas as torcidas, até mais acentuada do que com a própria TUF. Na verdade, esta é uma questão antiga, cujo início remete, ainda, à Fúria Jovem. Isso porque boa parte dos integrantes da M.O.F.I. vieram da Fúria Jovem, extinta, segundo a narrativa dos próprios torcedores organizados, em virtude das investidas da Cearamor, que não admitia a competição com outra torcida do mesmo time.

Além dos ex-integrantes da Fúria Jovem, um grupo de torcedores da Cearamor, os jovens moradores do Jardim Guanabara, os mesmos que haviam combatido a Fúria Jovem, ficaram descontentes com a Cearamor, pois não teriam recebido da diretoria o reconhecimento devido à dedicação à organizada. Pois bem, estes rapazes se desligaram da Cearamor e foram, justamente, para a M.O.F.I.. Obviamente que essas questões serão discutidas ao longo do trabalho. Por hora, convém destacar que a origem desta animosidade, rivalidade e conflito entre torcedores organizados de torcidas de uma mesmo time se constrói em virtude de divergências em torno de questões como: reconhecimento, status, lealdade, conflitos territoriais urbanos, profissionalismo e, também, funções e salários nas torcidas. Apesar da inviabilidade de apresentar de imediato cada ponto motivador do conflito, relacioná-los já me permite denegar explicações selvagens, que abordam os conflitos entre torcedores organizados a partir das categorias vazias e improfícuas de vandalismo, apego à violência gratuita, sintoma da pobreza e degradação, etc.

Mas, por onde começar a desconstrução destas explicações selvagens? O que é preciso para dizer da força pujante do controverso e esquálido “herói” juvenil que cruzou o meu caminho naquela noite de epifanias? O meu ponto de partida já foi anunciado. O jovem integrante da Cearamor não falou apenas em nome dele, mas em nome de milhares. Ele falou em nome da Torcida Organizada Cearamor.

Se (...) há enunciações que não têm apenas o papel de ‘descrever um estado de coisas ou de afirmar um facto qualquer’ mas, também de ‘executar uma ação’, é que o poder das palavras reside no fato de estas não serem pronunciadas a título pessoal por aquele que é apenas o seu ‘portador: o porta-voz autorizado só pode agir pela palavra sobre outros agentes e, por intermédio do trabalho deles sobre as próprias coisas, porque a sua palavra concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que o mandou e do qual ele é o fundador de poder. As leis da física social só aparentemente escapam às leis da física e o poder que certas palavras de ordem têm para obter trabalho sem dispêndio de trabalho – o que é a própria ambição da ação mágica – tem o seu fundamento no capital que o grupo acumulou através de seu trabalho cujo desencadear eficaz está subordinado a todo um conjunto de condições, aquelas que definem os rituais de magia social. (BOURDIEU, 1998: 97)

Mas, qual o capital simbólico das torcidas organizadas? Quais significações sociais são atribuídas às torcidas organizadas e seus componentes? Não é preciso ir muito longe. Basta ligar a televisão. Imagens e mais imagens de brigas em estádios, invasões a campos e depredação de veículos e equipamentos urbanos são transmitidas semanalmente pelos telejornais. Os torcedores organizados são trazidos à cena pelo

discurso midiático e pelo senso comum como ladrões, marginais, vândalos que só vão aos jogos para brigar e roubar, porque têm apego à violência gratuita. Essa é a fórmula.

E o torcedor organizado usou a seu favor essa fórmula, e este é um dado incontornável, porque diz da tessitura e do tensionamento das experiências sociais articuladas a partir das torcidas organizadas. Analisá-las implica, antes de tudo, a necessidade de confrontar as classificações que, *a priori*, definem suas práticas como vandalismo destituído de sentido e de lógica. É preciso confrontar o estigma para entender os usos que os jovens torcedores fazem dele. Bourdieu assim se refere ao estigma.

A instituição de uma identidade, que pode ser um título de nobreza ou um estigma (tu és um só), é a imposição de um nome, ou seja, de uma essência social. Instituir, conceder uma essência, uma competência, é impor um direito de ser que é um dever ser. É significar a alguém aquilo que é e significar-lhe que deve conduzir-se de acordo com isso. O indicativo, neste caso, é um imperativo. (BOURDIEU, 1998a: 114)

Os torcedores organizados realizam uma manobra importante, frente à classificação que lhes é imposta, pois, ao passo que encarnam o estigma, eles invertem o seu valor, fazendo do próprio estigma um lugar de força. O estigma se converte em arma para garantir o direito à cidade e, principalmente, o direito à vida, o direito a ser.

Há uma fome mais funda que a fome, mais exigente e voraz que a física: a fome de sentido e de valor; de reconhecimento e acolhimento; a fome de ser – sabendo-se que só se alcança ser alguém pela mediação do olhar alheio que nos reconhece e valoriza. Esse olhar, um gesto escasso e banal, não sendo mecânico – isto é, sendo efetivamente o olhar que vê – , consiste na mais importante manifestação gratuita de solidariedade e generosidade que um ser humano pode prestar a outrem. Esse reconhecimento é, a um só tempo, afetivo e cognitivo, assim como os olhos que vêem e restituem à presença o ser que somos não se reduzem ao equipamento fisiológico. O olhar (...) que permite ao ser humano o reencontro com a sua humanidade, pela mediação do reconhecimento alheio, é o espelho pródigo que restaura a existência plena, reparando o dano causado pelo *déficit* de sentido, isto é, pela invisibilidade. Esse olhar vê o outro, restituindo-lhe – ao menos potencialmente – o privilégio da comunicação, do diálogo, da troca de sinais e emoções, da partilha de valores e sentido, da comunhão na linguagem. (Soares, 2004: 142)

Tomar a ação rebelde dos jovens torcedores organizados, que se apropriam do estigma que lhes é conferido, invertendo os valores a eles atribuídos, restitui estes mesmos jovens ao lugar de sujeitos de suas vidas. Não desconsidero todas as coerções a que estão sujeitos, mas, a despeito delas, eles estruturam uma percepção da vida e de si mesmos que os resgata de uma condição abjeta de silenciamento e morte simbólica. O

conceito de experiência social, desenvolvido por E. P. Thompson, possibilita seguir os caminhos construídos pelos torcedores organizados para adquirirem densidade antropológica, para serem.

[...] Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro desse termo – não como sujeitos autônomos indivíduos livres, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida tratam essa experiência em sua consciência e sua cultura [...] das mais complexas maneiras (sim, relativamente autônomas) e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada. (THOMPSON, 1981: 182)

No mesmo sentido, e ainda seguindo o caminho teórico fornecido por Thompson, parto do pressuposto de que será a partir do contexto e da ambiência comum, não apenas às torcidas organizadas, mas ao campo do futebol, que os sujeitos torcedores organizados experimentam embates, reivindicações e interesses conflitantes.

Mas uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de interesses conflitivos, que somente sobre uma pressão imperiosa [...] assume a função de um 'sistema'. E na verdade o próprio termo 'cultura', com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto. (THOMPSON, 1998b: 17).

Trabalhar os valores e os significados que informam a experiência dos sujeitos sociais, parece-me, possibilita a apreensão da lógica e do sentido de suas práticas, que de outro modo permaneceriam exteriores, estranhas e ininteligíveis. Através desta via analítica é possível construir o enfrentamento desta noção de “violência gratuita”, “sintoma da pobreza”, ou “vandalismo”. De todo modo a fórmula sempre redundará numa espécie um tanto bizarra, um sujeito desencarnado que usurpa o lugar de agente dos jovens torcedores organizados, e age por eles.

Os torcedores organizados são jovens e são muitos. E aqueles que, a cada época, são definidos como jovens, situam-se num lugar cultural delicado. Entre o desvencilhar-se da infância e as atribuições da vida adulta, anseiam por um ajustamento ao mundo ou do mundo. A juventude busca linguagens com as quais possa organizar a sua percepção das pessoas e das coisas, para em seguida se posicionar diante delas e gritar o seu lugar. A juventude deseja, sobretudo, falar de si.

Entretanto, a imensa maioria dos jovens que compõe as torcidas organizadas, em Fortaleza, situa-se num lugar social de pobreza, cujo cotidiano é crivado pelas ausências e vicissitudes. A torcida organizada agrega um segmento juvenil que “para ser” dispõe de muito pouco. Para falar de si, estes jovens apostam numa corporalidade voltada para o conflito, para o combate, em intensidades mais ou menos variadas. Toledo assevera a importância da utilização da noção de corporalidade, *“imprescindível na formulação das estratégias de distinção e fixação de estilos que modulam a sociabilidade jovem metropolitana e o quanto o próprio corpo do pesquisador foi o veículo dessa inteligibilidade”*. (TOLEDO, 2007: 258) Será essa corporalidade, disposta ao conflito e experimentada no circuito das torcidas organizadas, o princípio de especificidade desta experiência juvenil, diante de diversas outras possibilidades.

[...] as difrações impostas ao corpo genérico mascarado na conceituação “jovem”, enunciando investimentos simbólicos precisos e modelos contrastivos que remetem à construção de pessoas singulares, em que pesem partilharem da genérica “condição juvenil. (idem, ibidem: 258)

Porque, apesar da diversidade de trajetórias que conduziram estes jovens às torcidas organizadas, é um dado irrevogável terem ido para um grupo com estas características, e não para outro qualquer. Não foi à igreja, aos grupos de pichação, ao partido etc. A torcida organizada é uma escolha de milhares de jovens de Fortaleza, que vão até ela em busca de si, em busca de ser, em busca da segurança do olhar do outro. Para isso, eles irão realizar o aprendizado de um estilo de vida específico.

[...] sistemas de desvios diferenciais que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência. As práticas e as propriedades constituem uma expressão sistemática das condições de existência [...] porque são o produto do mesmo operador prático, o habitus – sistemas de disposições duráveis e transferíveis que exprime sob a forma de preferências sistemáticas as necessidades objetivas das quais ela é o produto. (BOURDIEU, 2003b: 73)

O estilo de vida do torcedor organizado resultará de uma justaposição de códigos próprios ao campo cultural e simbólico das torcidas organizadas com as trajetórias e demandas pessoais dos jovens. E residem aí a diversidade e os tensionamentos de experiências articuladas por estes jovens torcedores dentro das organizadas, o motor de suas alianças e rupturas, e o lugar de origem do constante

processo de construção e mudança, experimentados pelo grupo e por cada um de seus integrantes.

Dito isso, afirmo que neste trabalho as torcidas organizadas são entendidas como um espaço que possibilita àquele que nela ingressa, além de entretenimento, um lugar significativo de vivência e um canal para a comunicação das inquietações, das incertezas e dos impasses comuns a esta condição geracional. A torcida é um lugar no mundo e oferece aos seus componentes densidade antropológica. O meu objetivo volta-se para a rede de experiências sociais articuladas nas torcidas organizadas, cujas significações valorizam sobremaneira uma corporalidade viril e agressiva, a disposição para o conflito e o pertencimento territorial. Esses, em linhas gerais, seriam os fios com os quais os jovens torcedores organizados teceriam as redes de suas identificações, assumindo posições de sujeitos, a partir de sua experiência nas torcidas organizadas, aqui entendidas, sobretudo, volto a dizer, como lugar no mundo.

O meu interesse de pesquisa, cujo resultado está disposto nas páginas que se seguem, volta-se também para entender como se constroem essas significações, as lutas desenvolvidas para validá-las, os investimentos que estes jovens, diga-se, uma parcela considerável da juventude de periferia da cidade de Fortaleza, fazem para inscrevê-las no corpo, para torná-las carne, para tornarem-se gente. Para tanto, tomarei como janela de observação as torcidas Cearamor e M.O.F.I., pois as relações entre ambas, as tensões, as tréguas e os conflitos informam destas significações, deste estilo de vida, destes sujeitos.

No campo, as torcidas.

Foi numa *flanerie* revivida, que voltei aos mesmos lugares, outrora familiares, numa experiência sensorial nova e estranha. O cenário inicial da minha pesquisa, o estádio. Caminhando e observando o seu espaço interno, percebi que o grande grupo de torcedores, longe de uma aparente homogeneidade, era bastante diverso. A primeira mudança, pois passei a vê-lo, o estádio, como um ponto de interseção de vários trajetos, de grupos também diversos. Essa diversidade fica evidente quando se observa o relacionamento do torcedor com o jogo, pois a ligação afetiva com o time é experimentada de formas diferenciadas pelos sujeitos e vêm matizar o que apressadamente se convencionou chamar de “massa” de torcedores.

Fixando o olhar nas diversas manchas coloridas em meio a essa mesma massa, a despeito da homogênea impessoalidade da multidão, percebe-se que ali residem modos e comportamentos específicos de se relacionar com o evento futebolístico. E uma análise mais atenta desses hiatos coloridos que emergem na multidão torcedora, permite observar uma intrincada rede de práticas e condutas, tais como amizade, companheirismo, identidade, hierarquia, disputa, conflito, que transcende os usos da noção estereotipada e reificada daquilo que denominamos comportamento de massa, indo além da imediata identificação catártica com os times envolvidos. (TOLEDO, 2000a: 128)

A distinção é muito evidente pela observação das práticas no estádio em dias de jogos. E, desde já, anuncio uma classificação presente no discurso geral, acerca dos torcedores, que também foi conduzida a este trabalho, qual seja, a que divide os torcedores entre torcedores comuns e torcedores organizados. Tratarei desta classificação ao longo de todo o texto. No momento, importa tomá-la, apenas, como ponto de partida, para anunciar que em meio aos cardumes alvinegros que deslizam em direção ao estádio e ao seu redor, podem-se perceber diferenças nas formas de viver este momento.

E como este é um início que insiste em se alongar, digo, para começar, que o “torcedor comum” é aquele que não pertence a nenhuma torcida organizada. Em dias de jogos eles começam a chegar cedo ao estádio. A imensa maioria veste uma das versões da camisa do clube, ou mesmo uma camisa de organizada, e porta um radinho de pilha para acompanhar a narração do jogo e os comentários dos especialistas de futebol. Sozinhos, em grupos de amigos, com a família, com esposas ou com namoradas, eles rapidamente dão formas e cores à multidão. De modo geral, para o

“torcedor comum” os momentos que antecedem à partida são destinados à fruição. É a hora do álcool, do churrasquinho, da música, de observar com deleite a multidão se adensando, da conversa e dos cálculos sobre resultados.



Churrascaria bem próxima ao Estádio Castelão. Horas antes de um jogo do Ceará, repleta de torcedores comuns.

Para a imensa maioria dos torcedores comuns, aquele momento será o mais descontraído, pois, uma vez iniciada a partida, seus ânimos serão tomados pela qualidade e pelos resultados do jogo. Eles gritam, batem nas cadeiras com força. Sentam e levantam milhares de vezes. Seus pés e pernas realizam uma pequena coreografia, como se chutassem bolas imaginárias, craques pelo desejo. Na hora do gol, pulam, gritam, ficam vermelhos, se cumprimentam. Mas, se a partida é ruim e tensa, paira no ar qualquer coisa que ameaça. Se alguém ficar em pé na hora errada, ou se alguém resolver falar mal de um jogador... Qualquer coisa pode dar errada. Já estive em um jogo, no estádio Presidente Vargas, no qual um “torcedor comum” não permitia que ninguém falasse nada contra o Ceará. Qualquer comentário o levava a despejar improperios contra o interlocutor atônito. Até que um rapaz, um jovem “torcedor comum”, olhou para ele e disse: *“olha, acho que o senhor tem que assistir ao jogo em casa, com a televisão no mute”*. Risos e aplausos dos que estavam sob o jugo do torcedor tirano.



Estádio Castelão, integrantes da Cearamor, preparam as bandeiras para a entrada espetacular.



Estádio Castelão. Integrantes da Cearamor carregam caixas com bobinas de calculadora para as arquibancadas. Elas serão distribuídas e lançadas quando o time entrar em campo, como gigantescas serpentinas brancas.

Para os torcedores organizados, pelo menos para um número considerável deles, esse mesmo intervalo temporal anterior à partida significa trabalho: trabalho dotado de prazer, trabalho que não perdeu a dimensão lúdica, mas trabalho. É preciso preparar a festa e isso requer organização, empenho e energia. Instrumentos de bateria, bandeiras, faixas, bobinas, sinalizadores, palanques... Toda sorte de utensílios necessários para “fazer o espetáculo nas arquibancadas e ajudar o time da melhor maneira possível”, como uma vez M me falou, quando dizia da importância da torcida organizada.

“Tão importante que ela ocupa um lugar reservado no estádio”, foi também M quem disse, cheio de orgulho, como se falasse de si mesmo. A entrada da torcida organizada nas arquibancadas, com as grandes bandeiras, é aplaudida. Durante toda a partida, ela realiza coreografias e, acompanhada pela bateria, canta músicas de incentivo aos times, bem como músicas voltadas para a depreciação e intimidação dos adversários, cujo conteúdo, na maioria das vezes, é marcadamente homofóbico

São muitas e variadas as funções dos torcedores organizados, explorá-las e discuti-las é uma das intenções deste trabalho inteiro. A cada um o que lhe é possível executar. Dos mais novos e magros aos mais velhos e fortes, todos têm uma atribuição. A mais visível é a execução enérgica das coreografias durante a partida.



Integrante da Cearamor transporta um dos palanques dos “puxadores” para as arquibancadas. Durante o jogo, os puxadores sobem nesta estrutura para coordenarem a execução das coreografias e da bateria.

O Ceará Sporting Club possui mais de uma torcida organizada. Na verdade, pode-se contar quatro: A Torcida Organizada Cearamor – TOC, a Movimento Organizado Força Independente – M.O.F.I., a Ceará Chopp e a Torcida Organizada Fúria Jovem. Dentre estas torcidas, a Cearamor, a M.O.F.I. e a Ceará Chopp têm espaço reservado nos estádios, cuja localização é definida em reunião coletiva entre representantes das torcidas, representantes da polícia militar, representantes do batalhão de choque e responsáveis pela administração dos estádios.

No que se refere à Fúria Jovem, a sua existência é residual. Ela sobrevive apenas pela colocação de uma ou duas faixas por algum integrante que não a deixa morrer. Na verdade, a Fúria Jovem permanece viva na memória coletiva dos integrantes de todas as torcidas organizadas da cidade. E é por isso, pela sua empertigada luta contra a morte, que ela também caminhará pelas páginas deste trabalho. Os torcedores comuns espalham-se pelos demais setores do estádio, todavia, eles também costumam assistir aos diversos jogos dos campeonatos nos mesmos setores de sempre, escolhas que seguem as possibilidades aquisitivas e os gostos particulares de cada um.

Visto deste ângulo, um estádio de futebol em dias de jogos se configura como uma “maquete em movimento da cidade”, por agregar os vários grupos e territórios que a integram.

Assim sendo, o espetáculo-futebol possibilita a explosão de uma profusão de signos, de referentes demarcadores da diversidade de segmentos sociais, recorrentemente, sombreados e ocultados no cenário urbano das grandes metrópoles. O território-estádio passa a funcionar como um espaço condensado de práticas, manifestações, atitudes, gestos e performances, como uma maquete em movimento da cidade. De outro modo, o cenário estádio parece apenas projetar, no coração de um espaço público de intensa visibilidade, os vários territórios que compõem a cidade, suas microguerrilhas. (DIÓGENES, 2003: 47)

Assim, observa-se uma territorialização do próprio estádio, dividido por fronteiras que se deve guardar com respeito, em nome da segurança. Nesse espaço, os coletivos de torcedores organizados possuem lugar controverso no campo simbólico e no campo afetivo dos torcedores comuns – as torcidas organizadas são amadas por uns, respeitadas por muitos e, ao mesmo tempo, temidas pela maioria. No entanto, a territorialização e a aura de perigo que atualmente acompanham as torcidas organizadas dizem respeito à sua feição contemporânea e têm a sua historicidade, que deve ser brevemente considerada com o intuito de se perceber, justamente, a especificidade deste formato atual.

O futebol, esporte importado do Velho Mundo, constituiu-se, também no Brasil, como símbolo de um modo de vida europeizado, portanto, civilizado. Nestas sociedades, o esporte, e em particular o futebol, cresceu em importância, porque se constituiu como um espaço-tempo caracterizado pela possibilidade de experimentação de sentimentos de grande excitação catártica, como símbolo de distinção e como mobilizador de status para os praticantes, suas famílias e amigos. A prática esportiva pelos *sportmens* e o simples ato de assistir ao jogo demarcavam um estilo de vida refinado. Tanto que a grandeza de um time não era mensurada pela qualidade técnica de seus jogadores, mas, antes, pela qualidade social das pessoas que assistiam e, pode-se dizer, torciam pelos times. Neste período, dirigentes, público e jogadores, muitas vezes, enredavam-se numa estreita trama de parentesco e de amizade.

Por volta da década de 30, no Brasil, os cronistas esportivos passam a registrar a presença da “assistência”, nome dado aos torcedores provenientes de setores

mais populares da sociedade, cada vez mais numerosos nos estádios.³ Enquanto a “assistência” progressivamente passou a ser responsabilizada pelos incidentes, transgressões e violências transcorridos durante os jogos, a ação violenta de sócios torcedores e dos *sportemens*, provenientes da elite brasileira, cada vez mais competitivos, deixaram de ser noticiadas. Criticava-se, então, a fato do *sport* não se reduzir ao conjunto de jogadores, técnicos e dirigentes, mas estender-se à “assistência”,

[...] que se entretém inutilmente com o exercício útil dos outros e que se crê forte só porque vê os outros se fortalecerem, e se acredita sã, robusta, resistente, bem-nascida e bem formada, disposta e pré-disposta a qualquer contratempo, só porque, acordada ou dormindo, na casa, na escola, na rua, discute acaloradamente a exclusão de um jogador ou a legitimidade de um *match*. (TOLEDO, 2002: 224)

Nos anos 40, em meio à ação centralizadora, de forte apelo ideológico e de cunho nacionalista, do estado Getulista, a sociabilidade esportiva engendrou uma primeira forma coletivizada de torcer: as torcidas uniformizadas. O Sport Club Corinthians Paulista, o São Paulo Futebol Clube e a Sociedade Esportiva Palmeiras foram os primeiros clubes a dispor de tais agremiações. As torcidas uniformizadas eram formadas, sobretudo, por jovens de classe média, na maioria sócios dos próprios clubes. Esses torcedores agregavam-se aos dirigentes na execução de seus direcionamentos e na administração das associações esportivas. Neste sentido, cabia às torcidas uniformizadas dirigir, regular e manter a ordem junto à “*assistência*”, nas ocasiões de jogos.

Já na década de 1960, em meio à sedimentação do prestígio mundial do futebol brasileiro, assistiu-se, no Brasil, à configuração de uma nova forma de torcer coletivamente, centrada nas torcidas organizadas. Grupos de origem consideravelmente mais popular, e mais autônomos em relação aos dirigentes dos clubes, as torcidas organizadas, já neste período, reivindicavam qualidade técnica dos jogadores e uma boa execução das principais armações táticas no período, o 4 – 2 – 4 e o 4 – 3 – 3.

No Ceará, as torcidas organizadas dos clubes de maior representatividade local começaram a surgir no início da década de oitenta e acabaram produzindo uma certa morfologia do ato de torcer que é colocada em ação, com mais ou menos intensidade, pelo conjunto maior de torcedores no estádio: comuns e organizados.

³ Sobre a historiografia acerca do futebol e das práticas de torcida no Brasil, destaque: (PEREIRA, 2000); (TOLEDO, 2002); (Franco Júnior, 2007) e (WISNIK, 2008). O debate com estes trabalhos construiu o meu olhar sobre o meu objeto de forma mais importante.

O advento desses grupos redimensionou a relação torcedor- futebol profissional na medida em que engendrou um determinado estilo de vivenciar e torcer pelos times de futebol, observado no comportamento estético, verbal e nos modos específicos de usufruir do evento futebolístico. As torcidas organizadas são a contrapartida popular do universo profissional. (TOLEDO, 2000a: 129)

Muitas organizações de torcedores atuantes ainda no começo da década de 1980 hoje estão desarticuladas: a Trovão Alvinegro, a Relâmpago Alvinegro, a Explosão Alvinegra, a Águias Alvinegras, a Tocha Alvinegra e a Carrossel Alvinegro. Estas organizadas ainda permanecem no registro oral de poucos torcedores organizados, mas foram dissolvidas há bastante tempo. A Cearamor foi fundada em 1982, tendo passado por uma reorganização em 1991, ano de fundação da TUF. Segundo A, um integrante da Cearamor entrevistado, neste período, a torcida agregava cerca de trinta pessoas, todas de classe média e classe média alta. Sobre o seu ingresso na torcida ele conta.

[...] e lembro quando cheguei pro Wellington e disse assim: __ Como é que a gente faz pra ser da torcida? Ele disse: __ A primeira coisa é ficar perto da gente e conhecer a gente. Era meio que ‘você só vai entrar quando a gente também te conhecer.

O depoente narrou que precisou esperar um período relativamente longo para ser aceito. Segundo ele, um dia, ao chegar em casa, viu uma camisa da Cearamor, por ele encomendada, em cima de sua cama. A camisa havia sido deixada pelo mesmo integrante responsável pela sua socialização dentro da organizada Cearamor. Atualmente, daquele grupo pequeno que ritualizava a venda de camisas, a Cearamor desdobrou-se em milhares de componentes, sedes próprias, lojas de artigos personalizados, estatutos e carteiras de filiação. O relacionamento de seus integrantes com o futebol, mas, principalmente, com a própria torcida organizada, não se restringe aos dias de jogos distribuídos pelos diversos campeonatos disputados pelo Ceará. A página oficial da Cearamor apresenta um link intitulado “O surgimento de uma gigante”, voltado para a história da torcida.

A CEARAMOR foi fundada em 26 de outubro de 1982 por um grupo de amigos que iam a todos os jogos do Ceará juntos e levavam fogos, bandeiras, instrumentos e o principal: o grito de guerra. Fomos crescendo a cada jogo, no começo aquele pequeno grupo de amigos tirava de seu próprio bolso dinheiro para comprar piscas, bobinas e bandeiras, isso sem ajuda de ninguém, só com a força de vontade e amor ao Ceará Sporting Club. Com a ascensão do Ceará Sporting Club na década de 80 esta formidável torcida foi tomando corpo de torcida organizada. Em 1990 sofremos uma reformulação e uma verdadeira profissionalização em termos de Torcidas organizadas,

transformamos-nos em Grêmio Recreativo Sócio Cultural registrado na Polícia Federal e tudo mais. Produzimos novos materiais e aos poucos os materiais da CEARAMOR pintavam os estádios de Ceará e do Brasil com suas cores alvinegras.

O texto segue datando fatos importantes para a organizada, como a confecção do primeiro “bandeirão”, a primeira sede, a produção da bandeira no formato de uma gigantesca camisa, a sucessão na presidência da torcida em 2006, após dez anos da gestão anterior, e a inauguração da sede social em 2007.

O interessado em ingressar na Cearamor, em tese, precisaria apenas se dirigir à sede, dispondo de uma foto 3x4, da cópia do documento de identidade e de cinco reais para a taxa de inscrição. A filiação é um ato simples e pode ser encaminhada por qualquer funcionário que esteja trabalhando no momento. Bem, ao menos este é o formato. Ao longo deste texto pretendo discutir as vias simbólicas e concretas de adesão à Cearamor, e não apenas a ela, posto que o processo é o mesmo com relação à M.O.F.I..

De todo modo, uma vez selado o ingresso de um torcedor à organizada, o integrante contará com alguns benefícios. Ele poderá comprar os ingressos para os jogos na própria sede, muitas vezes evitando os embarços das longas filas; contará com um lugar nos estádios, no espaço reservado às torcidas organizadas; em caso de jogos fora da cidade, poderá se deslocar para o local em um dos ônibus fretados pelas organizações para transportar os seus componentes; contará com descontos em festas e produtos e, por fim, terá direito de participar de promoções exclusivas para os sócios da torcida. O site da Cearamor também informa acerca dos deveres dos sócios, abaixo relacionados.

Amar o Ceará Sporting Club acima de tudo e de todos;
Honrar com a mensalidade, pois a torcida depende dos sócios para as festas feitas nas arquibancadas;
Honrar a camisa da Cearamor, evitar badernas e perturbações com a camisa da entidade;
Respeitar o próximo, no estádio somos todos do mesmo sangue "preto e branco".
Ajudar a torcida nos estádios. (chegue cedo aos jogos, ajude a amarrar faixas, tremular bandeiras, recolher camisa e etc.).

Como está disposto acima, para os integrantes das torcidas organizadas, sua função mais evidente consistiria em “ajudar” o time. Todavia, esta “ajuda” pode ser traduzida em demonstrações quase barrocas de afeto ao seu clube, cujo índice de grandeza repousa na magnitude dos espetáculos realizados nas arquibancadas em dias

de jogos. Para tanto, as torcidas organizadas dispõem de um patrimônio variável, cuja extensão acompanha o tamanho da própria torcida.



Torcida Cearamor. No fundo da foto, os puxadores de torcida, mais elevados, sobre os palanques, coordenam multidão de componentes. Um puxador pode perder até dois quilos durante um jogo.

Os bens abrangem instrumentos de percussão, bandeiras, bandeirões, lojas para a venda de artigos da torcida e até mesmo academias de musculação e de algumas lutas, como jiu-jitsu, vale-tudo e judô⁴. Em momentos de dificuldade que se desdobram em um desempenho ruim e continuado do time, o papel da torcida organizada significa realizar protestos, mais ou menos pacíficos, contra dirigentes, técnicos e/ou jogadores. As organizadas se envolvem com uma ação “disciplinadora” e “moralizadora” junto aos profissionais do futebol, quando entendem que estes estariam priorizando interesses pessoais, de natureza financeira ou política, em detrimento do amor e da dedicação devidos ao time, em virtude de sua grandeza e de sua história.

As torcidas organizadas agregam um público predominantemente jovem, cujas idades se distribuem entre os doze e os vinte e sete anos, aproximadamente. O torcedor organizado é aquele que carrega a torcida no corpo. Essa inscrição pode ser lida em seu caminhar, nas suas roupas ou nas tatuagens que transformam a pele em texto a ser lido e decifrado. Para tanto, a vestimenta é importante, e os torcedores

⁴ Conforme sua página na Internet, a Cearamor possui dez lojas, em sistema de franquia, a sede social, com academia, bar, alojamentos e uma Lan House. A M.O.F.I. relaciona o seu patrimônio da seguinte forma: um bandeirão, um camião, onze instrumentos de percussão, faixa com o nome e lema da torcida, vinte bandeiras 4x4, uma loja própria, duas lojas franqueadas, uma academia de artes marciais: Jiu-Jitsu e Muay-Thai.

dispõem de possibilidades bem diversificadas de artigos: camisetas em malha com desenhos e inscrições, gorros ou ainda o uniforme mais tradicional e chamativo, uma calça frouxa, bem abaixo da cintura, e um agasalho de mangas longas. O mais importante é anunciar o pertencimento à torcida e, para isso, os agasalhos, espécie de uniforme oficial das organizadas, são mais adequados e valorizados.



Estádio Castelão. Setor da Cearamor nas Arquibancadas. Na foto o torcedor veste a calça e o agasalho da torcida, o traje mais valorizado e ambicionado pelos componentes da organizada.

Os torcedores organizados se dirigem aos estádios em grupos territorialmente demarcados,⁵ pois, caminhar sozinho em dias de jogos pode ser muito perigoso para um componente organizado. Sozinho ele se torna alvo fácil dos grupos de torcedores rivais, ou mesmo da ação policial, especialmente diligente em dias de partidas de futebol. Vestidos “a rigor”, encontram-se e seguem à parada de ônibus. No trajeto, vão cantando as montagens⁶ de cada bairro e as músicas mais comuns nos estádios, cujo conteúdo unifica todos os setores da torcida organizada, através da oposição comum à torcida adversária, notadamente, à TUF.

⁵ Como já foi mencionado, no caso das torcidas organizadas do time Ceará, esses grupos podem se chamar “alas”, “bairros”, “comandos” ou “gangues”. Posteriormente discutirei detidamente estas categorias.

⁶ Montagens são músicas pequenas, com uma estruturação simples, que nominam, anunciam e enaltecem os grupos de torcedores oriundos de um mesmo bairro, ou “aliança” entre grupos de torcedores de bairros diferentes. As montagens também contarão com análise posterior.

Uma vez nos terminais o clima pode ficar tenso. Se o jogo for entre Ceará e Fortaleza, os maiores times do estado, com a maior rivalidade e o maior número de torcedores, a situação tende a se radicalizar. Em tais ocasiões os ônibus chegam repletos aos terminais⁷, principalmente ao Terminal Rodoviário da Parangaba e ao Terminal Rodoviário do Antônio Bezerra. Tanto nas proximidades, quanto no interior dos terminais, encontram-se dispostas várias viaturas da Polícia Militar, camburões do Batalhão de Choque e soldados da Guarda Municipal.

Apesar das ameaças policiais e da exibição ostensiva dos armamentos, os jovens parecem não se intimidar tanto. Continuam cantando as suas montagens, como quem se nega a perceber a presença ou a demonstrar intimidação diante das forças policiais, que parecem se irritar sensivelmente com esta postura. E, caso se encontrem no mesmo terminal torcedores de bairros ou torcidas cuja rivalidade é muito marcante, muito dificilmente não haverá conflitos. De todo modo, os torcedores seguem cantando e, cantando, chegam ao estádio.

Ao chegarem agrupam-se junto ao coletivo maior dos torcedores organizados. Um grande grupo vai ao estádio em transportes fretados pela diretoria das organizadas. Em caminhões, ônibus, Kombis, ou vans, eles chegam junto com o material. Este material precisa ser guardado com cuidado, pois é alvo da torcida adversária, para quem as camisas, bandeiras ou, principalmente, o “bandeirão” do seu opositor, constitui um troféu a ser exibido e queimado na ocasião dos jogos.

Diante desta importância, algumas medidas de segurança são acionadas. Para um torcedor poder ficar com uma bandeira durante uma partida, por exemplo, ele precisa entregar ao diretor responsável a sua carteira de estudante ou outro documento relevante. Desta forma, durante o transcorrer da partida, estes jovens ficam continuamente preocupados com o material que está aos seus cuidados, deixando alguém responsável nos momentos em que precisam se ausentar, para ir ao banheiro ou comprar bebidas, por exemplo.

⁷ O transporte coletivo realizado por ônibus na cidade de Fortaleza chama-se Sistema Integrado de Transportes (SIT-FOR), tendo começado a operar em 1992. O sistema possibilita o deslocamento do usuário através da integração física e tarifária em Terminais de Integração. Fortaleza possui sete terminais integrados (Antônio Bezerra, Papicu, Parangaba, Lagoa, Siqueira, Messejana e Conjunto Ceará) e dois terminais abertos (Coração de Jesus e Estação)



Estádio Castelão. Bem antes do jogo, bateria da Cearamor começa a se organizar para a performance durante a partida.

As faixas distribuídas pelo estádio fazem menção às próprias torcidas, como “Fúria Jovem”, “Força Independente” (M.O.F.I) e “União, Vibração e Poder” (Cearamor). Podem também se referir às várias alas que compõem as torcidas ou lembrar ex-integrantes falecidos. As torcidas se constituem em grandes troncos, cujas ramificações se distribuem por toda a cidade, notoriamente pelas periferias e distrito industrial. Esta organização tentacular das Organizadas se estende por boa parte do território nacional, considerando-se a extensa rede de relações entre as torcidas aliadas e amigas.⁸

Ficar em meio à organizada é estar no coração da multidão. O som constante da bateria torna o assento um detalhe quase desnecessário, sendo quase impossível sentar. Obviamente, os torcedores ficam atentos ao jogo, eles torcem, com perdão pela redundância. Se o time vai bem, comemora-se com mais legitimidade, celebra-se a superioridade do time e da torcida sobre os adversários. Se o time não apresenta um bom desempenho, a torcida organizada perde muito do seu entusiasmo, a tensão torna o ar carregado, pesado. Mas, por outro lado, nestas situações, cabe à

⁸ No caso da Cearamor, ainda conforme sua página na internet, as torcidas aliadas são: Ira Jovem Vasco, Vasco da Gama (Rio de Janeiro); Torcida Organizada Galoucura, Atlético Mineiro (Minas Gerais); Torcida Organizada Garra Tricolor, Grêmio (Rio Grande do Sul); Torcida Jovem do Grêmio, Grêmio; Torcida Mancha Azul do Avaí, Avaí (Santa Catarina); Império Alviverde, Coritiba (Paraná); Terror Fiel Bicolor, Paysandu (Pará); Força Jovem Goiás, Goiás (Goiânia) e Torcida Ira Jovem, Gama (Distrito Federal).

organizada compensar o fraco desempenho dos jogadores. É como se o jogo fora do campo pudesse compensar o que ocorre lá dentro. Nestas ocasiões pode-se ouvir:

No Castelão ela domina!
No P.V. ela destrói!
No interior ela arregança,
Qualquer um que ela encontre!

Não tem medo de Morrer!
Dá porrada pra valer!
Eu amo essa torcida,
E o nome dela eu vou dizer como é que é!
Como é que é?!
Como é que é?!

Sou Cearamor, porra!
Sou, da Cearamor eu sou!
O bicho vai pegar!
E Ninguém vai me segurar!
É Urubu!

Essa música não é apenas cantada, mas encenada. Os torcedores organizados abaixam-se, batendo palmas rapidamente e, a cada frase, erguem o corpo com o braço esticado e o punho cerrado; gritam a música em coro, como um grito de guerra, realmente. O jogo das torcidas organizadas. Jogo praticado fora dos gramados verdes, mas que os invade, numa espécie de futebol pelo avesso. Jogo dançado. Jogo cantado. Jogo de guerra. Jogo de luto. Jogo aleijado. Jogo armado. Aproximemo-nos dele.

O contorno metodológico.

“De perto e de dentro” (Magnani, 2002). Assim tentei segui-los e vê-los. Para isso usei o que, a princípio, era a única “arma” de que dispunha: a minha experiência de torcedora. A minha devoção pelo time, o meu conhecimento sobre os jogadores, sobre as negociações do clube, sobre as carências do time, sobre os resultados dos times adversários. Mais ainda. Eu conhecia, cantava e dançava junto com a Cearamor.

A minha experiência de torcedora acabou se mostrando importante, pois passei a ser tratada, não como uma torcedora organizada, é fato, mas como uma interlocutora, ambientada aos estádios. Essa passagem se mostrou fundamental, pois transpôs o discurso mais ou menos pronto dos jovens torcedores organizados, e foi em conversas com eles que pude ir mapeando os temas relevantes a serem enfrentados no

texto. De todo modo, no início é importante ter algum suporte para desenrolar grandes conversas, antes de qualquer entrevista.

Passei muitas horas conversando através do MSN com torcedores organizados. Também pesquisei muito as mensagens, imagens e fotos postadas por eles em suas páginas no Orkut. Estes recursos me possibilitaram uma aproximação de suas redes de sociabilidade e abriram muitos canais de diálogo com integrantes que eu sequer conhecia. A minha vontade de pesquisa, como já foi aqui anunciado, era trazer à tona as falas difusas, camufladas em performances ameaçadoras, em brigas, em sangue, em furto.

Para tanto, desenvolvi meu trabalho em quatro linhas de atuação distintas, porém interligadas. Durante o ano de 2005, ou seja, o primeiro do curso, me concentrei em construir um mapeamento dos territórios do estádio. Durante um ano inteiro eu simplesmente observei, ouvi as suas falas entre si, aprendi o seu vocabulário, vi os seus deslocamentos nas arquibancadas, orientados pelas linhas de amizades e inimizades. Esse período foi necessário, pois, numa ambiência marcadamente androcêntrica como a que circunda o futebol, uma pesquisadora precisa pensar muito bem acerca da sua inserção. Esse cuidado foi válido tanto para os torcedores organizados como para os torcedores comuns.

No período que se estendeu de meados de 2006 até 2009, iniciei o trabalho de pesquisa com entrevistas qualitativas. Esse trabalho foi desenvolvido com um total de vinte pessoas, entre torcedores organizados, torcedores comuns e jogadores de futebol. Entretanto, com os torcedores organizados e com os torcedores comuns pude realizar várias entrevistas durante este período, o que não foi possível em relação aos jogadores de futebol.

Também utilizei a pesquisa quantitativa, durante o mesmo intervalo de tempo acima citado. Na verdade, o campo propriamente dito teimava em não se fechar, pois, como vou a estádios, sempre estava em contato com os torcedores organizados e não organizados e, não raras vezes, fui procurada por muitos deles, que diziam: “*como é? Não vai me entrevistar também não*”? A utilização de questionários foi muito importante, pois eles eram de grande utilidade para entrevistar os torcedores organizados quando estavam formados, ou seja, organizadas em alas, bairros ou grupos, como será apresentado no momento devido. Felizmente, eu nunca consegui aplicar o questionário a um jovem isoladamente, pois todos os amigos os cercavam, e os comentários e brincadeiras durante as respostas dos colegas acabaram se tornando

informações preciosíssimas, tão ou mais que as próprias respostas às perguntas relacionadas. Ao todo, foram aplicados cento e cinquenta questionários, e a escolha dos torcedores deveu-se ao grupo no qual eles se inseriam, no âmbito das torcidas organizadas analisadas.

Por fim, em uma ocasião felicíssima, quando fui entrevistar S, em sua casa, ele me presenteou com uma caixa contendo aproximadamente duzentas e setenta cartas trocadas entre ele, no papel de relações públicas e presidente de torcida organizada, e funcionários e integrantes de torcidas organizadas de todo o país. Esse material, como é fácil supor, é absolutamente rico e muito denso. Como o recebi num momento já avançado do meu trabalho de campo, não pude esgotar o trabalho com todas as correspondências. Deste modo, relaciono no final desta seção apenas as que foram catalogadas e utilizadas neste texto.

Bem, o cruzamento da pesquisa com minhas leituras, volto a dizer, voltou-se para a busca das falas destes torcedores organizados. Falas que remetem à formas de percepção das coisas, do mundo e de si, falas que trazem significações e que resultam de embates entre significações contrastivas.

Deste modo, este contorno metodológico buscou circunscrever e aproximar a minha análise das formas de experimentação da realidade social desenvolvidas pelos jovens torcedores, situando-as no cruzamento das coerções objetivas - posto que elas não se constroem no vácuo histórico-social - com as imposições e criações subjetivas. O resultado deste trabalho pode ser dividido em duas partes. No primeiro bloco, analiso a produção midiática do “hooliganismo”, bem como a circulação pelos meios de comunicação deste modelo, que acaba servindo de referencial estético para os torcedores organizados aqui tratados. Igualmente importante é apreender a ambiência simbólica, o vocabulário e as posturas comuns aos torcedores comuns, ou, dito de outro modo, ao campo futebolístico, posto que é nesse lugar cultural que as torcidas organizadas irão se inserir e se relacionar, de formas mais ou menos controversas.

Em seguida, passo a discutir mais diretamente a rede de experiências e identificações dos torcedores organizados da Cearamor e da M.O.F.I.. O estudo se divide em três momentos principais. O primeiro versa sobre os bailes *funks*, e é concebido como chave de análise para a compreensão da gênese e do investimento nas identificações centradas em relações de poder travadas em torno de territórios urbanos.

O segundo trata das significações investidas numa corporalidade viril, e da centralidade da sociabilidade de conflito na experiência dos torcedores organizados. A

sociabilidade de conflito e, associada a ela, a idéia de disposição são entendidas aqui como formas dos jovens integrantes das organizadas, não só estarem nas torcidas, mas, também, situarem-se no mundo.

Por fim, analiso as identificações fronteiriças e contraditórias, experimentadas nas torcidas organizadas, principalmente no que se refere à necessidade de gestão e administração da empresa-torcida organizada. Ainda neste momento, tento construir um modelo explicativo das tensões e equilíbrios decorrentes dos usos empresariais do conflito. O caminho é longo. Sigamos.

Tabela 01. Relação de torcidas organizadas, estado de origem, time e número de cartas enviadas para S.

Torcida Organizada	Estado	Time	Número de cartas
Bamor	Bahia	Bahia	05
Torcida Organizada do Vasco	Rio de Janeiro	Vasco da Gama	05
Gang Alvinegra	Rio Grande do Norte	ABC de Natal	04
Fiel Macabra	São Paulo (Bauru)	Corinthians	02
Máfia Verde	São Paulo	Palmeiras	06
Raça Rubro-negra	Rio de Janeiro	Flamengo	09
Nação Verde	Rio Grande do Sul	Juventude	09
Máfia Azul	Minas Gerais	Cruzeiro	09
Esquadrão Atletico	Minas Gerais	Atlético Mineiro	06
Mancha Azul	Alagoas	CSA	04
Mancha Azul	Minas Gerais	Cruzeiro	10
Terror Bicolor	Pará	Paysandu	02
Galoucura	Minas Gerais	Atlético Mineiro	04
Fúria Jovem	Maranhão		03

Independente	São Paulo	São Paulo	03
Comando Vermelho	Alagoas	CRB	06
Torcida Uniformizada do Atlético	Minas Gerais	Atlético Mineiro	06
Mancha Verde – Farroupilha	Santa Catarina	Juventude	03
Sangue Verde	São Paulo (Osasco)	Palmeiras	01
Unida Nação Americana	Minas Gerais	América	03
Fúria Independente	Paraná	Paraná	05
Camisa 12	Rio Grande do Sul	Internacional	10
Torcida Jovem do Coritiba	Paraná	Coritiba	09
Ultras do Atlético	Paraná	Atlético Paranaense	10
Torcida Jovem do Esporte	Pernambuco	Sport	24
Torcida Jovem Fanáticos	Pernambuco	Náutico	10
			Total: 168

Capítulo 01. Produção mediática da imagética da violência.

“A melhor parte não é saber que seus amigos o protegem, mas sim, saber que você protege seus amigos. Eu nunca vivi tão perto do perigo, mas nunca me senti tão seguro. Eu nunca me senti tão confiante e todos notavam isso à distância. Quanto a isto, a violência, eu tenho que ser sincero. Eu aprendi a gostar. Após levar alguns socos e ver que você não é feito de vidro, você não se sente vivo se não testar seus limites.”
Fala extraída do filme “Hooligans”.

Certa vez, ainda no início de meu trabalho de campo, estava conversando pelo MSN com um integrante da M.O.F.I., com quem eu havia tido um primeiro contato, através do ORKUT. A conversa estava se desenrolando de forma meio trivial, até que, em certa altura, anunciei o meu trabalho de pesquisa. Fui, então, felizmente surpreendida, quando o meu interlocutor evocou a temática dos hooligans.

L: Você já deve ter assistido Hooligans...

Josiane: Já

L: O que você achou?

J: Bacana. Mas a realidade deles é outra.

L: A realidade deles não é muito diferente não. Eu achei muito parecida

J: É? Em que?

L: Aquela coisa do orgulho, por exemplo. A torcida do West Ham era uma torcida pequena de um time pequeno, mas tinha muita “disposição”. O que acontece muito aqui. Nem sempre a maior torcida é a mais aguerrida.

Esta fala me fez supor que as torcidas organizadas eram anteriores a elas mesmas. Explico-me. Este rapaz com quem eu conversava era um estudante universitário, então envolvido com as obrigações de final de curso, e que já pensava numa possível seleção para mestrado. Justamente por isso estava momentaneamente afastado das atividades da torcida, onde ocupava um cargo de diretor.

Nosso tom era ameno e o rapaz demonstrava muito mais interesse no Ceará, ou seja, no clube, do que na torcida. A ênfase que dou a este fato, que pode parecer um paroxismo, se deve a que a maioria significativa dos torcedores organizados declara gostar mais da sua torcida do que do Ceará. Voltarei a este dado em outro momento, quando o discutirei mais apropriadamente. Por hora, cabe deixar claro que nós conversávamos como torcedores preocupados com o time, com os jogadores, com os resultados etc.

No entanto, ao saber que eu pesquisava o tema torcidas organizadas, a

conversa sofreu uma inflexão. Prontamente ele buscou um vínculo que, a um só tempo, validasse a existência da torcida, mas, também, que legitimasse o seu próprio lugar de torcedor. Na hora, me pareceu que ele estava tentando atender a uma expectativa minha, como se eu ansiasse pela sua adequação a um certo modelo, adequação que me certificaria de que eu estava conversando com um membro de torcida organizada. Daí, a referência à “disposição” da torcida do *West Ham*.

Bem, levei certo tempo para compreender os significados atribuídos à noção de “disposição”. O termo pode ser entendido como espírito aguerrido, perícia no combate, fidelidade aos torcedores aliados no momento de tensão ou luta e, ainda, atitudes de cortesia, generosidade e companheirismo entre os integrantes. A palavra disposição pode ser utilizada evocando todos os sentidos a uma só vez, ou atendo-se a um único sentido do repertório polissêmico do termo. Discutirei mais cuidadosamente os sentidos e os usos deste termo mais adiante. No contexto da conversa descrita, disposição significava espírito aguerrido, cujo modelo residia no grupo de hooligans ingleses retratados no filme.

Por mais que eu acreditasse na imensa distância entre os hooligans do *West Ham* ingleses e os integrantes da M.O.F.I, havia que respeitar a relação criada pelo meu informante, como referencial importante na representação das torcidas organizadas e, portanto, para a organização das experiências sociais e processos de identificações daí decorrentes. Nesse sentido, Bourdieu afirma que:

Mais profundamente, a procura dos critérios ‘objectivos’ de identidade (‘regional’ ou ‘étnica’) não deve fazer esquecer que, na prática social, estes critérios [...] são objecto de representações mentais, quer dizer, de actos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos, e de representação objectais, em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc) ou em actos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e de seus portadores. (BOURDIEU, 2002: 112)

Seguindo com Bourdieu, representações são compreendidas como “*enunciados performativos que pretendem que aconteça aquilo que enunciam*”, ou seja, uma tentativa de ajustar o real a uma determinada idéia do real. Sendo assim, a representação da torcida organizada M.O.F.I, alicerçada na imagética dos hooligans do *West Ham*, articulada pelo meu informante, me fornecia uma chave de análise importante, acerca da dinâmica dos grupos de torcedores cujas experiências se articulam em torno da noção de disposição.

Sabe-se que os hooligans têm como berço a Inglaterra, muito embora existam grupos semelhantes espalhados pelo mundo inteiro, apresentando matizes diversos em suas várias manifestações. Segundo Agostino, a origem da expressão remonta a uma família irlandesa, os Houlihans, vejamos:

A expressão hooligan, utilizada amplamente ao longo do século XX, pareceu ter surgido como referência a uma família irlandesa – houlihan – que viveu na Londres Vitoriana, notoriamente conhecida por sua insociabilidade. Posteriormente, dentro do quadro de homologias e aproximações que marcam experiências sociais nas grandes cidades, o sentido da expressão foi deslocado para designar uma gangue que passou a controlar áreas do submundo londrino, indo daí para as torcidas violentas. (AGOSTINO, 2002: 234)

De acordo com Agostino, na Inglaterra, entre 1946 e 1959, ocorreram, aproximadamente, 138 conflitos graves em estádios ingleses, situação que evoluiria, nas décadas seguintes, para um problema social no país. Nesse período – o que não me parece um dado fortuito – o futebol inglês vivia um processo acelerado de modernização, marcado pelos contratos com a televisão, negociações milionárias e burocratização dos clubes.

E. P. Thompson oferece postulados firmes para a tematização das dinâmicas culturais e identitárias inseridas em processos de modernização capitalista. Segundo ele, a modernização não deve nunca ser compreendida como uma abstração ou um processo que se desenrola no vácuo. Contrariamente, a modernização capitalista sempre se opera, pelo menos a história assim atestou, às custas da dissolução compulsória de direitos e hábitos tradicionalmente estabelecidos. (THOMPSON, 1998b: 19)

Para o futebol, modernização significou, sobretudo, a aproximação de sua gestão e de sua lógica daquelas que regem uma empresa capitalista. Uma empresa que movimenta muito dinheiro, uma empresa rentabilíssima. A partir de então, a despeito da máxima comum no campo esportivo “o importante é competir, e não ganhar”, ou da afirmação de que “esporte é saúde”, viu-se no futebol um aumento considerável da competitividade e rivalidade entre os times, configuradas nas investidas agressivas entre jogadores e na mudança de esquemas táticos, em favor daqueles mais voltados para a obtenção de resultados positivos.

A consequência desta equiparação entre futebol e fortuna desdobrou-se em diversas variantes. No aspecto mais específico do jogo, propriamente dito, a necessidade de cumprir contratos com grandes patrocinadores, do porte da Nike, leva jovens atletas promissores a jogarem no mínimo extenuados. O paroxismo disto se dá com a

transmissão, cada vez mais comum, de jogadores, durante as partidas, tendo contusões graves, fraturas expostas, convulsões, ou mesmo indo a óbito. No entanto, estes casos sempre são tratados como fatalidades e não como consequência direta das regras do mercado futebolístico, que regem a relação entre clubes, jogadores, empresários, patrocinadores e emissoras de televisão.

A modernização do futebol também repercutiu sobre os torcedores, é óbvio. Por um lado, ela permitiu a divulgação dos símbolos das torcidas pelos canais de comunicação, ampliando, sim, a competitividade entre elas, que, diga-se de passagem, acompanhou um clima maior de competitividade do próprio futebol. Por outro lado, a maior burocratização dos clubes evidenciou o processo paralelo de marginalização dos torcedores do campo de decisões relativas aos mesmos, cada vez mais atrelados aos interesses econômicos de seus patrocinadores, como já foi dito, o que gerou descontentamento e revolta. Agostino também afirma que este momento assinalou a construção da cultura dos *Ends*, expressão oriunda do *FC Liverpool*, que designava uma parte do estádio reservada aos torcedores mais exaltados, passando a representar territórios resguardados ou mesmo conquistados pelas torcidas.

Denominados especificamente de Kop na Inglaterra – nome de uma batalha travada pelas tropas inglesas durante a guerra dos Bôeres (1899 – 1902) –, os Ends transformaram-se, a partir da década de 1980, em espaços de contestação às mutações não só do futebol, como também da sociedade, reunindo extremistas de direita, marcados pelo culto da virilidade, pela xenofobia e pelo racismo. Tendo como ponto de fundo a política neoliberal de Margaret Thatcher e o declínio do proletariado inglês, assim como o crescimento da imigração para a Europa, o “hooliganismo” devolveu diferenças perdidas – ou relegadas – entre os trabalhadores, estabelecendo novas formas de sociabilidade e acirrando desigualdades e hostilidades entre as torcidas. (AGOSTINO, 2002: 235)

A “doença inglesa”, expressão que se refere aos torcedores exaltados, desde então vem deixando marcas graves. Uma delas, bem profunda, foi gerada em 1985, na final da copa da Europa, em Bruxelas, quando jogavam a *Juventus* de Turim e o *Liverpool*, no estádio de *Heysel*. Na ocasião, torcedores ingleses destruíram a barreira que dividia as torcidas e esmagaram os italianos contra o muro, deixando como resultado, trinta e nove mortos. Entre gritos como “*Fuck the Pope!*” e cânticos que procuram agredir jogadores negros, como “*Fora negra! Poder Branco!*”, acompanhados de sons que imitam ruídos de macacos e slogans que falam de bananas, os hooligans vão desdobrando as suas investidas. É disso que todos sabem, pois apenas isso é noticiado.

Cabe enfatizar que os hooligans não se restringem à Inglaterra. Eles encontram-se também na Itália, França, Alemanha, Turquia, Polônia, Argentina, entre outros países. Na Hungria, são entoados cânticos contra o MTK, clube fundado no final do século XIX, com uma participação considerável de segmentos judaicos, cujo conteúdo é fortemente anti-semita.

Ciganos conduzem os judeus!
Ciganos conduzem os judeus!
Eles são cúmplices! Eles são cúmplices!
Eles merecem! Eles merecem!
Câmara de gás! Câmara de Gás! (AGOSTINO, 2002: 246)

Vale notar que, atualmente, o MTK já não conta com nenhum jogador judeu, pois o mercado de jogadores tornou os times um amálgama de nacionalidades, etnias e crenças diversas. A respeito da ação dos hooligans, F. Foer assinala que, apesar do seu surgimento recuado, os hooligans se popularizaram e difundiram pelo mundo, a partir da década de oitenta.

A partir da década de 1980, o hooligan veio a ser amplamente considerado um dos grandes inimigos do Ocidente. ‘Uma desgraça para a sociedade civilizada’, disse uma vez Margaret Thatcher. Com base na taxa de mortalidade – mais de uma centena naquela década -, os ingleses eram os principais produtores mundiais de torcedores enlouquecidos, mas estavam longe de serem os únicos. Por toda a Europa, América Latina e África a violência tornara-se parte da cultura futebolística. E mesmo em lugares onde a violência há muito acompanhava o futebol, ela se tornou mais generalizada e destrutiva nos anos de 1980 e 1990. (FOER, 2005:18)

Foer dedica uma seção de seu trabalho ao caso dos *Ultra Bad Boys*, grupo de torcedores ditos hooligans, dedicados ao Estrela Vermelha, time sérvio. Sediado em Belgrado, o Estrela Vermelha foi convertido num dos pilares do nacionalismo sérvio que conduziu *Slobodan Milosevic* à chefia do Partido Comunista em 1986. Do Estrela Vermelha saíram as fileiras de combatentes das milícias para-militares que atuaram nas guerras contra a Bósnia e a Croácia, valorizados por *Milosevic* pelo pavor que causavam aos adversários, em virtude de seu potencial destrutivo e extrema crueldade.

Segundo o Departamento de Estado, ao final da guerra, os Tigres, como se autodenominaram estes combatentes-torcedores, haviam assassinado pelo menos dois mil homens e mulheres, através de estrangulamentos, cortes nas gargantas, dentre outros métodos de extermínio. A despeito da trajetória impressionante dos hooligans do Estrela Vermelha, um dado que me chamou a atenção foi a forma como o grupo se articulou.

Os torcedores do Estrela Vermelha tinham como modelos os estrangeiros que eles admiravam, especialmente os hooligans da Europa Ocidental. O nome Ultra Bad Boys foi tirado de clubes de torcedores italianos. Outra torcida se atribuiu o nome Red Devils, apelido do Manchester United da Inglaterra. No final dos anos de 1980 e 1990, os hooligans do Estrela Vermelha iam ao Centro Cultural Britânico, na área central de Belgrado, para pesquisar os jornais em busca das últimas badernas provocadas por seus pares ingleses. Os hooligans sérvios também reverenciavam a moda: usavam trajes esportivos da Adidas, correntes de ouro e tênis de couro branco, tal como os torcedores ensandecidos do outro lado do continente, pelo que liam nos jornais. Evidentemente, a genealogia desta estética tinha outras raízes além da Inglaterra. Ela devia muito ao gangster rap afro-americano, gênero favorito dos jovens sérvios, e incorporava os costumes da emergente máfia russa. (FOER, 2005: 19)

A multiplicidade de influências sedimentadas no grupo de torcedores de Belgrado foi selecionada a partir da estética de várias experiências de “hooligans” presentes no mundo. Características que eles buscaram conhecer, selecionar e combinar na constituição do próprio grupo, dando origem a uma formação peculiar, possível apenas no contexto específico onde este grupo determinado surgiu e atuou. Todavia, apesar desta combinação peculiar, própria do contexto sociocultural de cada grupo, a moeda corrente e universal por eles utilizada é o capital físico e simbólico de uma virilidade agressiva e violenta.

Cabe pontuar a existência de uma significação social imaginária do masculino, que funciona, como toda significação desta ordem, enquanto condição de possibilidade da existência e produção de imagens acerca da masculinidade. Essa imagética é produzida, acionada e posta em circulação no circuito simbólico do futebol, mais especificamente, no circuito das torcidas organizadas.

As significações não são, evidentemente, o que os indivíduos se representam consciente ou inconscientemente, ou aquilo que eles pensam. Elas são aquilo, mediante e a partir do que os indivíduos são formados como indivíduos sociais, podendo participar do fazer e do representar / dizer social, podendo representar, agir e pensar de maneira compatível, coerente, convergente mesmo se ela é conflitual (o conflito mais violento que possa dilacerar uma sociedade ainda pressupõe um número infinito de coisas ‘comuns’ ou ‘participáveis’). Isso faz com que (e certamente também requer) uma parte das significações imaginárias sociais encontre um equivalente efetivo nos indivíduos (em sua representação consciente ou não, em seu comportamento, etc.) e que as outras aí se traduzam de uma certa maneira direta ou indireta, próxima ou longínqua. (CASTORIADIS, 1982: 411)

Os grupos de torcedores lidam com uma significação de masculinidade, simbolizada pelo exercício da força, da violência e da coragem de enfrentar grandes riscos. Se assim não fosse, seria difícil pensar a existência continuada de grandes rivalidades entre torcidas adversárias, que ocasionalmente se desdobram em grandes

conflitos. Se a rivalidade e a disputa existem, é porque os grupos de torcedores operam a partir de um mesmo conteúdo simbólico dado à masculinidade.

No entanto, se a delimitação de uma possibilidade de masculinidade entre os hooligans é uma via importante para compreender o fenômeno, ela não esgota a problemática. Isso porque, em cada grupo de hooligans, uma forma específica de masculinidade se articula a outras significações – que informam outras práticas e valores – cujo conjunto reflete a idiosincrasia de cada experiência.

A instituição da sociedade é toda vez instituição de um magma de significações imaginárias sociais, que devemos denominar um mundo de significações. Porque é o mesmo dizer que a sociedade institui cada vez o mundo como seu mundo ou seu mundo como o mundo, e dizer que ela institui um mundo de significações que é o seu e correlativamente ao qual somente um mundo existe e pode existir para ela. [...] A sociedade é, colocando a exigência da significação como universal e total, e colocando seu mundo de significações como aquilo que permite satisfazer esta exigência. E só correlativamente a este mundo de significações cada vez instituído, é que podemos refletir sobre a questão colocada mais acima: o que é a unidade e a identidade de uma sociedade. O que unifica uma sociedade é a unidade de seu modo de significações. O que permite pensá-la em sua exceção, como esta sociedade e não outra, é a particularidade ou a especificidade de seu mundo de significações enquanto instituição deste magma de significações imaginárias sociais, organizado assim e não diferentemente. (CASTORIADIS, 1982: 404)

Como indica Castoriadis, a função destas significações seria justamente responder às questões fundamentais formuladas pelos grupos sociais a respeito de si e de suas relações com os outros. Respostas diferenciadas e específicas às dinâmicas sociais, culturais e políticas também específicas. Essas respostas se expressariam como sentido encarnado no fazer destes grupos, como articulação do real-histórico com o imaginário efetivo (imaginado), portanto como simbolismo. Tomando de empréstimo, mais uma vez, as palavras do autor, eu diria que integrar as torcidas organizadas pode também constituir “*uma resposta racional dada no imaginário por meios simbólicos*”.

“É claro que, quando falamos de perguntas, de respostas, de definições, falamos metaforicamente. Não se trata de perguntas e de respostas colocadas explicitamente e as definições não são dadas na linguagem. As perguntas não são nem mesmo feitas previamente às respostas. A sociedade se constitui fazendo emergir uma resposta de fato a essas perguntas em sua vida, em sua atividade. É no fazer de cada coletividade que surge como sentido encarnado a resposta a essas perguntas, é esse fazer social que só se deixa compreender como resposta a perguntas que ele próprio coloca implicitamente”. (CASTORIADIS, 1982: 177)

E esta é uma primeira informação importante para a compreensão da rede de experiências e de identificações articuladas em torno das torcidas organizadas: elas fornecem uma tessitura simbólica e de significações capazes de conferir sentido e unicidade às várias experiências individuais dos seus integrantes. As torcidas organizadas agregam um determinado segmento juvenil que a partir desta articulação passa a dispor de um vocabulário simbólico e valorativo para construir suas respostas à vida. Que respostas são estas que estes jovens de torcidas organizadas estão articulando? Respostas a quem? De que forma eles as constroem?

Sabe-se já que eles respondem fazendo, respondem sendo. Daí, o meu interesse nas identificações presentes nas torcidas. Sabe-se também da aposta numa masculinidade viril e aguerrida, mais ou menos difusa entre os torcedores exaltados do mundo. Sobre este aspecto particular falarei oportunamente com mais acuidade. Mas, por hora, cabe estabelecer o contorno de uma interlocução difusa e extremamente atuante, na construção e circulação deste mesmo simbolismo.

1.1 Mídia: produção e circulação do “hooliganismo”.

A esta altura é importante abrir uma discussão mais cuidadosa acerca da centralidade do agenciamento da mídia na produção do fenômeno do “hooliganismo” e na circulação da imagética associada a ele. Mais ainda: acredito que o fenômeno dito “hooliganismo” pressupõe uma regularidade e homogeneidade que só se torna possível através de uma sistematização pesada e simplista realizada, sobretudo, pela mídia.

Desde já, cabe deixar claro que a mídia atua não apenas na divulgação e, portanto, na distribuição de informações e imagens acerca da atuação dos hooligans. Além disso, através da seleção de determinados aspectos e da repetição destes dados selecionados, a mídia promove a circulação e fixação de um conteúdo específico, sempre associado à dinâmica dos grupos de torcedores organizados. Imagética que, volto a dizer, atua no contorno das representações que os grupos têm de si e na percepção e apreciação que têm de suas próprias práticas.

É fato que, ao ouvirmos falar de hooligans, associamos, imediatamente, este fenômeno a homens corpulentos, violência, vandalismo e consumo incontrolável de álcool. Isso porque, a despeito da imensa variedade de experiências de torcedores espalhados pela América do Sul, Europa Ocidental, Europa Oriental e África, o discurso

mediático conseguiu condensar uma gama variadíssima de práticas, irredutíveis umas às outras, em aspectos mais pontuais, superficiais e alarmantes do processo.

Sejam quais forem os grupos de torcedores em questão, e estejam onde estiverem, as matérias de televisão, jornais e as notícias veiculadas pela internet se sucedem na repetição da composição da “identidade hooligan”: virilidade, violência, vandalismo e álcool. Esse conteúdo é passado e repassado, as imagens transmitidas e retransmitidas, de modo que, ao se assistir uma notícia sobre um evento violento envolvendo hooligans, mal dá para perceber se está se falando dos Barrabravas argentinos, dos torcedores do Gualatassarai, da Turquia, dos hooligans do West Ham, na Inglaterra, ou dos Integrantes da Gaviões da Fiel, do Corinthians, no Brasil.

As cenas, transmitidas ou descritas, construídas de modo muito semelhante, evocam imediatamente um conteúdo implícito e automaticamente vinculado às mesmas. Nesta tarefa, a televisão assume um protagonismo incontornável, pelo menos por duas razões. Em primeiro lugar, gostaria de destacar o papel cada vez mais importante da televisão como carro chefe da construção das pautas dos demais canais de mídia, inclusive de um número crescente de jornais impressos na Europa e nos EUA, o que já demarca a força deste veículo específico na produção e distribuição de representações imaginárias.

Segundo, a televisão é um veículo mais universal, de mais fácil consumo, posto que as imagens praticamente invadem a vida dos espectadores, que mal podem realizar uma seleção efetiva do que irão ver. De todo modo, a produção impressa exige receptores, não apenas alfabetizados, mas que disponham de familiaridade e hábito de leitura de jornais, o que inviabiliza o acesso de um contingente significativo de pessoas, sejam eles torcedores organizados ou não, senão na Europa ou na América do Norte, mas, com certeza, no Brasil.

O panorama atual do campo jornalístico e o imaginário acerca do “hooliganismo” apresentam-se como duas faces de um processo único em andamento, qual seja, a ação do fundamentalismo de mercado, como bem definiu *Hobsbawm*, promovendo a subordinação de todo e qualquer sujeito, atividade, bem ou expectativa à necessidade maior de geração de riquezas. O fundamentalismo de mercado, fortalecido pelas políticas neoliberais, atua sobre a mídia, impondo uma lógica cada vez mais atrelada às necessidades comerciais, guiada pela prioridade do entretenimento, pelo medo da concorrência e pela aura do espetáculo. A busca por garantir a audiência do espectador a qualquer custo levou, cada vez mais, o campo jornalístico a submergir

numa lógica comercial despolitizadora, a-histórica e des-historicizante, que tem como carro chefe a televisão.

Cria-se assim um discurso poderoso que se realimenta, pois a televisão, ao pautar determinado acontecimento, imediatamente indica para uma parcela considerável dos veículos de informação o que deve ser tratado e de que forma. Gestam-se, assim, falas que se repetem e que são, a um só tempo, o próprio canal de divulgação e seu estatuto de verdade, confirmação e legitimidade. Num mundo cada vez mais midiático, o jornalismo assume um lugar de verdade importante, sendo que tais verdades são apresentadas de forma pontual, dispersas e quase fantasmáticas, como sucessivas aparições fenomênicas de ocorrências cujas causas residiriam na superfície visível dos fatos, arrancados de seus processos de gênese e de desenvolvimento.

A ausência de interesse pelas mudanças insensíveis, isto é, por todos os processos que, à maneira da deriva dos continentes, permanecem desapercibidos e imperceptíveis no instante, e apenas revelam plenamente seus efeitos com o tempo, vem redobrar os efeitos da amnésia estrutural favorecida pela lógica do pensamento no dia-a-dia e pela concorrência que impõe a identificação do importante e do novo (furo e as revelações) para condenar os jornalistas a produzir uma representação instantaneísta e descontínuista do mundo. Na falta de tempo, e sobretudo de interesse e de informação prévia (limitando-se seu trabalho de documentação, no mais das vezes, à leitura dos artigos de imprensa consagrados ao mesmo assunto), eles quase sempre não são capazes de situar os acontecimentos (por exemplo um ato de violência numa escola) no sistema de relações em que estão inseridos (como o estado da estrutura familiar, ela própria ligada ao mercado de trabalho, por sua vez ligado à política tributária) e contribuir assim para arrancá-los de uma aparente condição absurda. (BOURDIEU, 1998b:101)

O tratamento mais comum dado ao “hooliganismo” reflete a incorporação crescente da lógica comercial no campo jornalístico, aproximando-o cada vez mais da produção publicitária, ou seja, da necessidade de promover o espetáculo social, “vendendo notícias” e garantindo audiência.⁹ O fator despolitizante e a-histórico reside, justamente, na ausência de qualquer preocupação contextualizante de cada experiência tratada como “hooliganismo”. Se a imprensa seleciona sempre os mesmos dados para explicar fatos aparentemente exóticos, absurdos ou bárbaros, se o motor das ações é sempre o mesmo – uma combinação de álcool, virilidade, vandalismo e violência – então o que está por trás disto, e que é único, desaparece.

⁹ Assevero que as críticas aqui desferidas direcionam-se a uma certa vertente do discurso midiático, cujas características estruturantes são conformadas por uma lógica comercial e publicitária, voltadas para a garantia de audiência mediante a espetacularização da realidade social.

Desaparece a competição entre católicos e protestantes nos distritos industriais ingleses, processualmente desativados; desaparece o dado importante e incontornável de que os hooligans passaram a atuar de forma mais contundente na década de oitenta; desaparece a informação de que esses anos assistiram a mudanças importantes na geopolítica mundial, com o fim da União Soviética; desaparecem os conflitos entre etnias deslocadas e reterritorializadas pelos rearranjos do império. Desaparece o que importa, desaparece o que retira estes fenômenos incompreensíveis e fantasmáticos desta condição mesma, e que fornece as ferramentas necessárias para que eles sejam realmente vistos e compreendidos.

Aparecem as terríveis disputas entre torcedores do *Glasgow Rangers Football Club* e do *Celtic Football Club*, por exemplo... Mas não aparece como, para os torcedores destes times, o futebol e a experiência de torcida, vividos em estádios, *pubs* e locais de trabalho, veiculam e sedimentam identidades, cujo conteúdo simbólico reside num amálgama de significações oriundas de experiências de classe, religião, masculinidade e preferência clubística.

Como já salientei anteriormente, os hooligans passaram a ter uma atuação mais marcante por volta da década de oitenta. Este período demarca o início de um processo que alterou e vem alterando as bases de sustentação do mundo e dos indivíduos, posto que engendrou o abandono do estado de bem estar e a articulação de uma forma mais conservadora de capitalismo. À crise recessiva norte-americana da década de setenta do século passado, governos e empresas responderam atendendo aos interesses dos credores. Concretamente, nos EUA e na Europa, essa postura significou endurecimento com a classe trabalhadora: redução substantiva de salários reais, enfraquecimento dos sindicatos, desregulamentação industrial, demissões numerosas e abandono de direitos e acordos firmados com trabalhadores sindicalizados. Paulani destaca a consagração da virada conservadora do capitalismo com o advento do pensamento neoliberal, na verdade, na adesão de *Tatcher* ao sistema. Segundo *David Harvey*:

[...] foi Margaret Thatcher quem, buscando uma estrutura mais adequada para atacar os problemas econômicos de sua época, descobriu politicamente o movimento [neoliberal] e voltou-se para seu corpo de pensadores em busca de inspiração e recomendações, depois de eleita em 1979. Em união com Reagan, ela transformou toda a orientação da atividade do Estado, que abandonou a busca do bem-estar social e passou a apoiar ativamente as condições 'do lado da oferta' da acumulação de capital. O FMI e o Banco Mundial mudaram quase que da noite para o dia seus parâmetros de política,

e, em poucos anos, a doutrina neoliberal fizera uma curta e vitoriosa marcha por sobre as instituições e passara a dominar a política, primeiramente no mundo anglo-saxão, porém, mais tarde, em boa parte da Europa e do mundo. (apud PAULANI, 1954: 117)

Sabendo da importância de atentar para a tradução das demarcações econômicas, políticas e culturais na construção e análise do dito “hooliganismo”, cabe ainda asseverar que o intervalo temporal no qual as práticas dos hooligans se tornaram mais contundentes assistiu a uma maior homogeneização política no cenário mundial, com o suposto fim do comunismo como alternativa social e política efetiva. A partir de então, apesar das várias vinhetas e rótulos partidários diferenciados, o capitalismo se constituiu mais fortemente como lugar epistemológico fundamental de explicação da realidade social, como padrão para a valoração das coisas e das pessoas e como formação político-social efetiva na maior parte do mundo.¹⁰

A precarização do trabalho constitui, talvez, o traço mais emblemático de uma sociedade salarial incompleta, construída sobre um simulacro de modernidade, que não dá conta de amenizar os problemas sociais básicos relativos a fome, miséria, epidemias, educação, transporte, moradia e violência. Por outro lado, cabe considerar a centralidade do trabalho na tessitura social da sociedade moderna, posto que representava um mecanismo absolutamente relevante na integração social; garantia o acesso à proteção social e convertia-se em valor simbólico norteador de práticas cotidianas e de sociabilidades. Isto porque a busca de legitimidade para o capitalismo construiu a valorização e identificação com o trabalho, como bases de um código moral que relacionava o exercício do trabalho a todas e quaisquer esferas da vida.

Diante do escasseamento do trabalho, com todas as implicações embutidas – precarização da segurança, da seguridade social, e impossibilidade de planejamento e projeção do futuro –, este código moral vem sofrendo um colapso no contexto

¹⁰ Thompson é muito preciso ao refletir como o capitalismo foi hábil no reajustamento da realização das vidas das pessoas, que sofreu um descolamento processual para o mercado: Se fosse discriminar os componentes da ‘cultura popular’ que mais requerem a nossa atenção nos dias de hoje, citaria as ‘necessidades’ e as ‘expectativas’. A Revolução Industrial e a concomitante revolução demográfica foram o pano de fundo da maior transformação da história, ao revolucionar as ‘necessidades’ e destruir a autoridade das expectativas baseadas nos costumes. É isso sobretudo o que estabelece a distinção entre o ‘pré-industrial’ ou ‘tradicional’ e o mundo moderno. As gerações já não se colocam em posições de aprendiz umas das outras. Se precisamos de uma apologia utilitária para nossa investigação histórica sobre os costumes, ela pode ser encontrada no fato de que essa transformação, essa remodelagem da ‘necessidade’ e essa elevação do limiar das expectativas materiais (juntamente com a desvalorização das satisfações culturais tradicionais), prossegue hoje com pressão irresistível, acelerada em todas as partes pelos meios de comunicação universalmente disponíveis. Pressões que são sentidas entre 1 bilhão de chineses, assim como por incontáveis milhões em aldeias africanas e asiáticas. (THOMPSON, 1998b: 22)

contemporâneo. *Sennett* discutiu a ação do novo capitalismo sobre o caráter dos indivíduos e, mesmo considerando a diferença entre o contexto trabalhado pelo autor e a realidade brasileira, acredito que é possível e produtivo construir a minha problemática a partir de suas considerações. Diz ele:

Vejam a questão do compromisso lealdade. 'Não há longo prazo' é um princípio que corrói a confiança, a lealdade e o compromisso mútuo. A confiança pode, claro, ser uma questão puramente formal, como quando as pessoas concordam numa transação comercial ou dependem que outras observem as regras de um jogo. Mas em geral as experiências mais profundas de confiança são mais informais, como quando as pessoas aprendem em quem podem confiar ou com quem podem contar ao receberem uma tarefa difícil ou impossível. (SENNETT, 1999: 24)

E ainda:

É a dimensão do tempo do novo capitalismo, e não a transmissão de dados hig-tech, os mercados de ação globais ou o livre comércio, que mais diretamente afeta a vida emocional das pessoas fora do local de trabalho. Transposta para a área familiar, 'Não há longo prazo' significa mudar, não se comprometer e não se sacrificar. (id. ib.: 25)

Esta nova configuração do capitalismo engendra nos indivíduos a sensação de incerteza como sentimento predominante. Uma sensação que não repousa apenas sobre a competência e as possibilidades de uma pessoa em particular, mas sobre a nova configuração do mundo. Não se sabe ao certo como se portar e movimentar neste novo mundo, e os critérios morais norteadores da ação humana estariam frouxos e imprecisos.

Quando para a maioria da população não se coloca a possibilidade de auto-realização através do trabalho, nem a possibilidade de fruição do futuro, resta o apego a um presente permanente, vivido numa busca incessante de satisfação imediata através do consumo. O comportamento, de uma forma geral, desloca-se da ética do trabalho para a estética do consumo. Esta passagem revela o processo de acentuação do individualismo experienciado atualmente, posto que o consumo é uma atividade essencialmente individual. Por outro lado, *Sennett* indica que as pessoas buscam resistir ao que chamou de "corrosão do caráter", posto que buscam a afirmação de qualidades como lealdade, compromisso, propósito, bem como a busca de valores atemporais que identifiquem o indivíduo e informem quem ele é.

Bauman acrescenta reflexões centrais para este debate. Sua discussão atenta para a relação entre identidade e necessidade de segurança, entendida esta como o que

defina e atenha o indivíduo a algo que não o deixe à deriva diante de um espectro de possibilidades intermináveis, que só fantasiosamente estariam à disposição de todos.

Não existe um lar óbvio a ser compartilhando pelos descontentes sociais. Com o espectro de uma revolução proletária capitulando e dissipando-se, os ressentimentos sociais estão órfãos. Perderam a base comum sobre a qual era possível negociar e desenvolver objetivos e estratégias comuns. Cada categoria em desvantagem está agora por sua própria conta, abandonada aos próprios recursos e à própria engenhosidade. Muitas dessas categorias em desvantagem responderam ao desafio. Os anos 1980 foram uma década de inventividade frenética. Novas bandeiras foram costuradas e erguidas, novos manifestos elaborados, novos cartazes concebidos e impressos. Como a classe não mais oferecia um seguro para reivindicações discrepantes e difusas, o descontentamento social dissolveu-se num número indefinido de ressentimento de grupos ou categorias, cada qual procurando a sua própria âncora social. [...] O “efeito imprevisto” disso foi uma fragmentação acelerada da dissensão social, uma progressiva desintegração do conflito numa multiplicidade de confrontos intergrupais e numa proliferação de campos de batalha. (BAUMAN, 2005: 41)

Não me parece ousado afirmar que, em meio à dissolução das bases sólidas sobre as quais, bem ou mal, os sujeitos caminhavam, o futebol se configurou como uma permanência, como algo decifrável, compreensível, seguro. A continuidade e o crescimento em importância do futebol devem-se à capacidade de articulação das novas realidades e, fundamentalmente, das novas demandas dos torcedores com o universo, já sedimentado, de valores, normas, práticas e vocabulários do campo futebolístico. O futebol e as práticas de torcidas tornaram-se um lugar epistemológico importante para a compreensão de uma densidade de acontecimentos e processos que se interpenetravam e penetravam na vida das pessoas, e para o posicionamento prático diante destes mesmos acontecimentos.

Não que a vivência de profissionais e, principalmente, de torcedores permaneça imutável ou descolada da dinâmica social mais ampla. Embora sujeito a esses processos, o campo futebolístico permite a experimentação culturalmente orientada das mudanças sócio-econômicas e culturais, oferecendo uma âncora, mais ou menos segura, capaz de frear o arrastamento dos sujeitos pela vertiginosa corrente do tempo e dos acontecimentos contemporâneos (SAHLINS, 1997a.).

Através do contorno oferecido pelo simbolismo tradicional do universo futebolístico, os torcedores articulam formas possíveis de reação, de resposta e afirmação de culturas, de anseios, de demandas, de revoltas, de ódios, da necessidade de assegurar uma certeza de si ante o perigo de perder-se de vez, de permanecer à deriva num mar de vivências voláteis e fugidias, bem como de possibilidades identitárias

indefinidas e de acenos de consumo ilimitado que, no entanto, estão cada vez mais distantes da imensa maioria da população mundial.

Bauman (2005) ressalta o renascimento dos fundamentalismos nas últimas décadas como decorrência das expectativas de homens e mulheres entregues à própria sorte, “feridos pela experiência do abandono” e assombrados pelo fantasma da exclusão. Pessoas, inseridas nesse contexto, buscariam a inflexibilidade, a certeza e a cordialidade dentro de uma nova comunidade organizada em parâmetros rígidos e inegociáveis.

Não é excessivo buscar uma comparação com a experiência, ou, quiçá, com a demanda de certos grupos de hooligans, principalmente daqueles que se vinculam a posturas políticas de extrema direita, ou mesmo fascistas. Nestes casos, é como se a “nova comunidade”, diante da ausência de um programa positivo e coletivo, buscase a sua origem num malefício original e coletivo, cuja atualização, nas diversas disputas inter-grupais, assegurassem o élan, a coesão e a própria razão de ser dos grupos.

No início desta seção me referi ao filme *Hooligans*, mencionado pelo meu interlocutor numa conversa pelo MSN. Ele, o rapaz, disse que havia gostado do filme, e que havia achado a realidade deles, torcedores da M.O.F.I., semelhante à realidade dos hooligans do *West Ham*. Pois bem. Parece-me oportuno explorar um pouco esse episódio a fim de concluir, por enquanto, a discussão acerca do dito “hooliganismo”. Sendo assim, transcrevo a seguir a sinopse do filme.

Expulso injustamente de Harvard, o americano Matt Buckner (Elijah Woog) vai para a casa de sua irmã em Londres. Lá ele faz amizade com seu charmoso e perigoso cunhado, Peter Dunham (Charlie Hunnan), e é apresentado ao submundo dos hooligans do futebol inglês. Matt aprende a marcar o seu território através da amizade que desenvolve neste mundo secreto e violento. *Hooligans* é uma história de lealdade, confiança e algumas vezes das brutais conseqüências de estar vivendo no limite.

Realmente eu já havia assistido ao filme e, de fato, me pareceram realidades diferentes. Obviamente, depois da fala de L, voltei a assisti-lo e atentei para aspectos importantes para a discussão que venho realizando até aqui. Um dos personagens centrais, o jovem americano *Matt*, é um ex-estudante de jornalismo, expulso de Harvard em virtude da traição de seu colega de quarto, viciado em cocaína. Quando as drogas do referido colega são encontradas, para fugir da culpa, ele incrimina *Matt*, que, silenciosamente e frustrado, vai embora. *Matt* vai para a Inglaterra, visitar a irmã, casada com um jovem adulto inglês, com quem teve um filho. Quando interpelado pela irmã sobre o porquê de sua passividade diante da injustiça sofrida, *Matt* responde que

não poderia fazer nada, pois o colega viciado era de uma família rica, poderosa e tradicional.

Uma vez na Inglaterra, *Matt* encontra outro universo entre os torcedores do *West Ham*, a GSE – *Green Street Elite*. *Matt*, completamente estranho à cultura da torcida, vai aos poucos se familiarizando, e descobrindo um novo sentido para viver. *Matt* aprende as músicas da torcida, adquire o seu andar característico, faz uma tatuagem com o escudo da torcida e aprende que o que importa, de fato, na vida, é torcer pelo *West Ham*, ser leal aos seus amigos e divertir-se. A certa altura do filme, depois de uma briga que selou a grandiosidade da GSE, *Matt* faz a seguinte reflexão em seu diário:

Podíamos ter morrido naquele dia em Manchester, todos sabiam disso, mas não morreremos. Ike disse que a história correu a Inglaterra mais rápido que a história da Lady Di. A GSE finalmente ressurgia. Eu fazia parte da mais famosa torcida organizada de Londres. Gente de toda a cidade tinha ouvido falar de mim. Eles ouviam meu sotaque e diziam: - Você é o ianque? A melhor parte não é saber que seus amigos o protegem, mas sim, saber que você protege seus amigos. Eu nunca vivi tão perto do perigo, mas nunca me senti tão seguro. Eu nunca me senti tão confiante e todos notavam isso à distância. Quanto a isto, a violência, eu tenho que ser sincero. Eu aprendi a gostar. Após levar alguns socos e ver que você não é feito de vidro, você não se sente vivo se não testar seus limite.

No filme, os torcedores ingleses distinguem-se por terem “bons empregos”, como na bolsa de valores e em companhias aéreas. Esse lugares, me parece, não foram escolhidos pelo diretor ao acaso. O primeiro deles simbolizaria a fluidez de um capital volátil, cujas variações fugidias determinam a vida de milhares de pessoas, submetidas à sua lógica. Já os aeroportos, lugares marcados pela vacuidade de experiência significativa, representariam a rapidez nauseante de um mundo espacialmente reduzido e cada vez mais homogeneizado.

Terrin agrega mais um componente importante para a problematização da natureza da vida social contemporânea, cuja caracterização pede a confrontação do pós-moderno, e o seu efeito explosivo e implosivo sobre a experiência humana.

Força “explosiva” porque é preciso reconhecer que as performances, hoje, são estilhaços enlouquecidos que vagam no firmamento dos nossos campos simbólicos, como meteoros ingovernáveis cuja origem será preciso explorar atentamente. De fato, trata-se de um retorno ameaçador do caos contra o cósmos, da desordem contra a ordem, da ausência de uma verdadeira ritualidade contra a visão ritual “ordenadora”. Em segundo lugar, porém, vemo-nos diante de uma realidade “implosiva”, talvez mais radical do que a primeira, estando na base da explosão externa. É uma realidade que nasce daquele lugar onde o eu não é mais isomorfo a si mesmo, onde se cria a

primeira polaridade performática dada pela relação EU-EU. Esse primeiro desdobramento como primeira reflexividade se move e se desloca para o interior, tornando-se toda vez um palco, um labirinto, um cristal opaco, um espelho de reflexão e um despedaçamento do próprio espelho, criando um jogo de embrionárias performances de promessas projetivas, de infinitos exercícios do imaginário. E aí acontecem e se constroem também as primeiras imagens desdobradas e os primeiros olhares que se auto-refletem, os primeiros impulsos representativos, e as primeiras convulsões do eu como janelas abertas para o mundo. (TERRIN, 2004: 369-370)

Pois bem, diante desta busca de realização, no mercado, das demandas e expectativas das pessoas em relação às próprias vidas; da diluição de laços estáveis entre comunidades e grupos e da própria articulação de múltiplas performances fugidias e voláteis, os torcedores retratados no filme, me parece, buscam organizar, compreender e dotar de significado as suas vidas e as suas relações. Os torcedores organizados parecem buscar solidez de valores, lugares certos, relações duradouras. Buscam alguma coisa que dure a vida toda.

Bom, até aqui venho tentando trilhar um percurso, que é ele mesmo construção. Modernização capitalista no futebol, hooligans, mídia, necessidade de certeza, vontade de segurança... Esse caminho pode ser tomado como uma trilha que conduziu uma gama considerável de experiências e identificações pelo mundo. Bom, resta tentar trazer a discussão para mais perto, observar como este processo se desenrola entre as torcidas organizadas que constituem o nosso interesse de análise.

1.2 Brasil.com: samba, futebol... E hooligans?

A revista ISTOÉ, número 1309, de 02/11/1994, na seção “Futebol”, lançou uma matéria de página inteira cujo título era: “Campo de Guerra: Torcidas organizadas assustam a polícia, os clubes e os próprios torcedores”. Os jornalistas responsáveis assim iniciam o texto:

O futebol brasileiro tem muito a copiar dos europeus, seja na organização impecável, no profissionalismo dos dirigentes ou no empenho de seus atletas. Entretanto, acabou reproduzindo o que eles têm de pior: a violência das organizadas. Enquanto jogadores como Sávio, Marcelinho, Preto e Amoroso, entre outras gratas revelações, fazem prever uma nova geração de ouro a desfilar pelos estádios, as torcidas uniformizadas protagonizam um espetáculo triste que, no último mês, resultou em três mortes, um torcedor em coma com morte cerebral e mais 50 feridos. O futebol parece ser o que menos interessa a esses grupos.

A matéria segue explorando cuidadosamente alguns casos de violência envolvendo torcedores de vários clubes brasileiros: Botafogo, Cruzeiro, Atlético Mineiro, Guarani (de Campinas), Flamengo, Fluminense, São Caetano e Vasco. No entanto, apesar do empenho dos jornalistas em descrever cuidadosamente os horrores sofridos e praticados pelos torcedores, alguns elementos no texto me chamaram mais a atenção. Logo de início fica clara uma distinção feita entre o que seriam os torcedores e as torcidas organizadas, separação já anunciada na manchete de chamada da matéria, que afirma que as torcidas organizadas assustam os próprios torcedores. Bom, posso perguntar: quem seriam os próprios torcedores?

Vê-se aqui o exemplo de um discurso jornalístico construído a partir de matrizes simbólicas e estéticas oriundas de certa representação do “hooliganismo”. Este discurso aciona uma classificação da grande massa de torcedores, dividindo-os em dois grandes grupos: o torcedor organizado e o torcedor, ou “torcedor comum”. Apesar das pequenas variações de nomenclatura, o mais importante é saber que o que define esta categoria, que abrigaria um número gigantesco de torcedores, é o fato deles não pertencerem a nenhuma torcida organizada. E mais, além de classificar, parece-me evidente que o “torcedor comum” é sempre o legítimo torcedor aquele que teme, aquele que foge ou que é vítima da violência das torcidas. Existe uma inversão sutil no discurso que transporta o torcedor agredido de uma categoria a outra. Por exemplo.

No dia 12 de outubro, no estádio Brinco de Ouro, em Campinas, torcedores do Corinthians e do Guarani se engalinharam nas arquibancadas superiores, levando de roldão o insuficiente destacamento da polícia militar. Trinta pessoas ficaram feridas e uma delas, Sérgio Francisquini, de 19 anos, morreu vítima de um pisoteamento, depois de ficar oito dias em estado de coma. Oto Rodrigues Moreno, 15 anos, teve melhor sorte. Foi agredido a socos e pauladas, chegou ao Hospital Mário Gatti deformado e em coma. Hoje está fora de perigo, não consegue falar devido às dores e pode ficar com a vista prejudicada.

Os jornalistas, no entanto, não disseram por que um rapaz de 15 anos foi tão brutalmente surrado. No decurso do texto, o leitor é levado a identificar a vítima ao “torcedor comum”, que estava despreocupadamente torcendo pelo seu time. Sabe-se, no entanto, que as organizadas têm um espaço determinado e restrito, portanto as brigas ocorridas dentro dos estádios costumam se desenrolar, senão nestes espaços, pelo menos em suas proximidades. Sabe-se também que as torcidas organizadas agem dentro de um traçado de sociabilidades mais ou menos delimitado, que circunscreve torcedores aliados, torcedores inimigos, profissionais do esporte e policiais. De todo modo, eu me

pergunto: para um rapaz ser alvo de tanta raiva e violência, não seria necessário que ele também estivesse em combate? Não seria necessário que ele também fosse um torcedor organizado, mesmo que um dos mais “pacíficos”?

Não estou aqui tentando incriminar as pessoas vitimadas pelos confrontos, apenas pretendo enfatizar que as maiores vítimas das torcidas organizadas são elas mesmas, seja pela ação dos torcedores organizados rivais, seja pela ação policial. De todo modo, resta ainda deixar claro que os torcedores ditos comuns não são tão isentos assim de atos violentos. Eu mesma presenciei inúmeras situações de tensão, discussão e atos violentos entre torcedores não organizados. Todavia, esses conflitos têm uma outra lógica e se desenrolam de forma também diversa. Como tratarei dos ditos torcedores comuns em uma seção específica, acho melhor fechar provisoriamente esta discussão.

Outro dado que importa destacar é a vinculação entre as torcidas organizadas brasileiras e o “modelo europeu”, que elas estariam, supostamente, reproduzindo. E mais, em contraste com o empenho, profissionalismo e talento dos outros agentes envolvidos no futebol, as torcidas organizadas aparecem como sinônimo de violência, sendo, inclusive, pouco interessadas em futebol. De fato, o modelo mais recorrente das matérias de televisão, revistas e jornais sobre grupos de torcedores, refere-se às torcidas organizadas brasileiras como um desdobramento, uma continuidade de um fenômeno cujo berço está muito longe, em outros mares. A exemplo desta vertente discursiva, veja-se a matéria “Violência nos estádios começou nos anos 80”.

A violência nos estádios de futebol começou a se generalizar através dos “hooligans” ingleses, no início da década de 80. Foi quando as federações e confederações começaram a organizar fortes esquemas de segurança. No Brasil, essa prática foi importada no final da última década por muitas torcidas organizadas de clubes de futebol que ainda hoje, escondem em suas fileiras torcedores que idolatram a violência gratuita. O primeiro caso de repercussão mundial foi na Bélgica, em 1985, no final da Copa dos Campeões da Europa, entre Liverpool, da Inglaterra, e a Juventus, da Itália. A partida reuniu no estádio Heysel, em Bruxelas, 30 mil torcedores ingleses e italianos. Antes do início da partida, uma briga, iniciada pelos ingleses, resultou em 39 mortos. A comoção mundial foi tanta que a UEFA (União Européia de Futebol) proibiu os clubes ingleses de participarem de competições européias por tempo indeterminado.

O repórter é bastante enfático na apresentação da violência das torcidas como resultando do amor à violência gratuita de torcedores que se escondem no interior das organizadas. Espero ter demonstrado convenientemente, no tópico anterior desta seção sobre a ação dos hooligans, que estes possuem lógicas de atuação diversas, de

acordo com o contexto experimentado por cada grupo. Se existe uma lógica que opõe grupos específicos, a violência não é gratuita. Gratuita é a maneira como ela é apresentada pela imprensa: gratuita, portanto sem sentido, exótica e espetacular. E o que pode desvelar o sentido e as significações embutidas nesta lógica é a análise da experiência social dos agentes, que, por sua vez, para ser analisada de modo adequado deve ser pensada à luz do contexto sócio-histórico que lhe confere sentido e a resgata da indeterminação de categorizações vazias e estéreis.

Exatamente como o repórter expõe o conflito entre *Liverpool* e *Juventus*. Explicar este fato à luz da tese do amor à violência gratuita seria hipostasiar a seguinte situação: trinta mil pessoas se dirigem ao estádio para assistir ao jogo. Escondidos entre elas, um pequeno número de ingleses idólatras da violência geram um grande caos, entre centenas de pessoas, resultando em dezenas de mortos. Bom, se fossem apenas alguns que se escondessem em meio às organizadas, os conflitos não assumiriam dimensões tão grandes e tão graves. O preço pago por um conflito em estádio pode ser muito caro. Não faz sentido pensar que alguém escolheria pagar esta fatura se não nutrisse algum interesse no “ato”.

Esse tipo de explicação me remete àquelas clássicas cenas de humor pastelão, no mais nobre estilo de “O Gordo e o Magro”, “Carlitos” ou mesmo “Oscarito” e “Os Trapalhões”. Nelas, um fanfarrão querendo atingir um outro lança uma torta cremosa em sua direção, erra o alvo e acerta outra pessoa. Esta, que por sua vez apresentava-se com distinção e seriedade, deixa-se levar pela raiva e revida, mas também erra... Em poucos segundos, um ato inicial de dois fanfarrões leva uma ocasião séria e cerimoniosa a uma grande guerra de tortas entre todos.

No entanto, apesar da simplicidade da abordagem midiática acerca da questão das organizadas, seu discurso, ou melhor, a repetição de seu discurso sobre o tema, acaba tendo um efeito importante sobre as organizações de torcedores no Brasil e também no Ceará. Ferrara lança questões importantes para esta discussão, na medida em que reflete sobre a relação entre experiência nos grandes centros urbanos, imagem e meios de comunicação.

O indivíduo perde-se definitivamente à medida que se torna anônimo e dissolvido na massa que passa a substituir a multidão, assim como os valores coletivos são substituídos pela opinião divulgada massivamente pelos diferentes meios de comunicação. A legitimidade dessa opinião é construída na tecnologia do suporte e na insistência da sua divulgação que passa a valer pela realidade; agora a percepção se dá à distância e se impõe como um

conjunto de valores, ou melhor de crenças que se legitimam pela aura da imagem, pela hegemonia da visão. Agora, não se toca a cidade, mas ela é vista à distância por uma imagem apenas possível. (FERRARA, 1999: 90)

Segundo a autora, a divulgação de uma imagem se faz acompanhar da imposição de um significado. A ação das redes globais de informações promove a circulação de imagens e noções, acessíveis a todos, mas extremamente simplificadas e rasas, que se colocam como uma espécie de transparência das experiências e das realidades dos outros. E aqui uma inversão. O apelo da própria extensão dessas imagens parece incitar os grupos locais, no caso as torcidas organizadas, à utilização desta imagética.

É importante deixar claro que não estou buscando traçar uma continuidade entre conteúdos, significados e valores que informam os códigos das torcidas organizadas européias e brasileiras. O recurso a estas imagens não é uma aderência, o que não seria possível. Trata-se da apreensão de um conteúdo simbólico difundido a partir do imaginário que cerca os hooligans. Trata-se de um processo de criação cultural dos grupos de torcedores organizados locais, a partir de um diálogo com as imagens e informações veiculadas pela rede global.

Marc Augé atenta para a necessidade de evitar esta aderência analítica entre o significado divulgado e difundido pelas mídias e aquele (re)criado e apreendido pelos espectadores. Ele alerta para o distanciamento, comum ao mundo contemporâneo, reduzido espacialmente, entre outras coisas, pela velocidade de circulação de imagens e informações.

[...] Na intimidade de nossas casas, enfim, imagens de toda espécie, transmitidas por satélites, captadas pelas antenas que guarnecem os telhados da mais afastada de nossas cidadezinhas, podem dar-nos uma visão instantânea e, às vezes, simultânea de um acontecimento em vias de se produzir no outro extremo do planeta. Pressentimos, é claro, os efeitos perversos ou as distorções possíveis de uma informação cujas imagens são assim selecionadas: elas não só podem ser, como se diz, manipuladas, como a imagem (que não passa de uma entre milhares de outras possíveis) exerce uma influência, possui um poder que excede de longe a informação objetiva da qual ela é portadora. (AUGÉ, 1994: 34)

Vale dizer que as matérias acerca das ações das organizadas no Brasil começam a aparecer com mais importância ainda na década de oitenta, passando a assumir maiores proporções daí em diante, com momentos de pico, como em 95, quando, em decorrência de um conflito entre torcedores do Palmeiras e do São Paulo, em pleno gramado do Pacaembu, no dia 20 de agosto de 1995, ocorreu a morte do

torcedor são-paulino Márcio Gasparin da Silva, causada por pancadas na cabeça, desferidas por Adalberto Benedito dos Santos.

No Ceará, as torcidas organizadas começam a ocupar mais lugar na mídia por volta do final dos anos oitenta e início dos noventa. As matérias se referem à festa e ao colorido das torcidas nos estádios, à ação das torcidas no sentido de cobrar técnicos, dirigentes e jogadores, mas dedicam mais espaço e ênfase à ação violenta dos torcedores. O interessante é perceber a grande semelhança nos textos que circulam na imprensa nacional acerca das torcidas. Os termos são os mesmos, as razões apontadas para a violência são as mesmas e as soluções são as mesmas. Tom Barros, atualmente apresentador de programa esportivo “Debate Bola”, comentarista do programa esportivo “A Grande Jogada” e colunista do caderno esportivo do jornal “Diário do Nordeste”, assim escreveu em 14 de outubro de 2003, na sua coluna, neste dia intitulada “Atos Concretos”.

Muito já li e ouvi a respeito da luta que deve ser desencadeada contra as torcidas organizadas. Ainda mais agora quando a exacerbação culminou com a morte de dois torcedores. Num desafio às autoridades, há notório aumento da violência, dentro e fora dos estádios. Creio que o aparelho policial precisa ser mais incisivo. A promotoria pública, idem. Observo mais palavras que ação, quando se quer mais ação que palavras. Menos alarde, mais decisão. A infiltração de elementos maus nas “organizadas” desvirtuou tudo. A princípio, a meta era ornamentar estádios e apoiar os clubes. Hoje, a idéia inicial está comprometida. Se não houver como chamar à responsabilidade tais grupos, só mesmo uma medida extrema será capaz de evitar novos confrontos e mortes: a extinção.

Dois aspectos desta nota merecem mais atenção. O primeiro se refere à sincronia do jornalista com o discurso mais recorrente sobre o tema. Como tentei explicar anteriormente, o campo jornalístico tende a enfatizar e repetir o próprio discurso, criando um efeito de verdade de fácil circulação e apreensão pelo senso comum. Durante a pesquisa de campo tive a oportunidade de entrevistar o atacante Sérgio Alves, jogador de futebol ídolo dos torcedores do Ceará pela sua peculiar habilidade em fazer gols, notadamente contra o Fortaleza, o que lhe valeu o apelido de “Matador”. Quando perguntei ao Sérgio Alves a sua opinião sobre a torcida organizada, ele apresentou um discurso bem ajustado ao senso comum e à mídia.

Torcida pra mim são aqueles que vão ao estádio para torcer pelo seu clube e não pra fazer baderna, não pra brigarem entre torcidas, não pra depois de acabado um jogo eles se enfrentarem na rua, destruírem carro, chegarem até um a matar o outro. Então isso pra mim não é torcida Torcedor pra mim tem que ir ao estádio, independente do resultado do jogo, se seu time ganha ou

perde. Se perde, sai chateado, mas sai chateado pra casa. E não chateado pra querer destruir o que vê pela frente, nem tampouco querer, é, descarregar aquela raiva, aquele descontentamento da derrota do seu time, prejudicando alguém, ofendendo alguém, ou até matando. É porque hoje em dia, como a maioria dos torcedores não são cadastrados, hoje qualquer pessoa, desde que vista a camisa de uma torcida organizada, faz parte da torcida organizada, você não sabe quem é quem. Às vezes são pessoas que entram dentro duma torcida organizada, não para ir ao estádio pra torcer, e sim com outros pensamentos, que não são pensamentos saudáveis, que vá fazer bem ao próximo, são para fazer o mal.

Obviamente, este discurso apresenta algumas variações, devido às irreduzíveis idiossincrasias locais. Por exemplo, em algumas regiões, os grupos de torcedores são diretamente vinculados, a nível discursivo, ao tráfico de drogas e de armas, como no Rio de Janeiro. Em São Paulo, algumas agremiações são associadas, de forma bastante sutil, a grupos de Carecas, ligados às ideologias racistas e homofóbicas, cujo desdobramento lógico é a agressão contra negros, nordestinos e homossexuais.

Apesar destas peculiaridades, é possível perceber uma espécie de roteiro subliminar, orientando a forma de construção das matérias acerca das torcidas. Ele teria início com a designação das torcidas, ou seja, inicia com a escolha do nome utilizado para designar a torcida, dado da maior importância para o direcionamento da leitura do material produzido. Segue-se daí a descrição do fato ocorrido, as motivações dos torcedores, as suas formas de atuação, as consequências destas práticas para o esporte e as possíveis soluções para o “problema das torcidas organizadas”.

As formas discursivas circulam, basicamente, entre um número restrito de definições, arrazoados, hipóteses e propostas, que podem ser convenientemente sistematizados da seguinte forma:

Designações atribuídas às Torcidas Organizadas.	Torcedores organizados, facção, terroristas, criminosos, bárbaros, baderneiros, bandidos, vândalos, desordeiros, assassinos, gangues.
Motivação das organizadas.	Influência ou admiração aos hooligans europeus, amor à violência, natureza corrompida ou torpe, ocasião para latrocínio, associação com o consumo e tráfico de drogas, ocasião para o vandalismo e baderna.
<i>Modus operandi</i>	Ações de vândalos que se infiltrariam nas torcidas para promover brigas através de provocações. Eles não seriam torcedores de

	verdade, mas sim casos isolados no universo futebolístico.
Conseqüências para o futebol, decorrentes das práticas das torcidas organizadas.	Afastamento das famílias dos estádios, mal-estar de jogadores e possível afastamento, por temerem cobranças violentas das torcidas organizadas, comprometimento das condições necessárias para o trabalho de técnicos e dirigentes dos clubes, comprometimento do espetáculo futebolístico.
Solução para o “problema” das torcidas organizadas.	Ação policial preventiva, ação policial repressiva, criação de uma legislação criminal específica, penalidade jurídica severa e prontamente executada, extinção das organizadas, punição aos clubes mandantes das partidas em que ocorram tumultos.

A fim de não tornar esta sistematização uma ponte para interpretações excessivamente rápidas ou equivocadas, faz-se necessário discutir alguns pontos. De início, é central demarcar que a designação das torcidas muda de acordo com o tipo de ação implementada pelas mesmas. Quando o conteúdo da matéria jornalística se refere à festa nas arquibancadas, ao bom comportamento antes, durante e depois das partidas, a atos de apoio ao time ou a protestos pacíficos, nestes casos, as denominação mais comuns, porém não as únicas, são torcidas organizadas e aficcionados. Por exemplo, a matéria que trata do clássico entre Ceará e o Fortaleza, no dia 17 de abril de 2004, no Estádio Castelão, cuja vitória foi do time Alvinegro.

Mesmo num sábado à noite, as duas torcidas, [...] deram um show à parte no Castelão. Os aficcionados de cada equipe deram uma demonstração de amor com muita vibração. O público total chegou a 39.345, que com certeza, aliando-se ao número de crianças, chegou a mais de 40 mil torcedores. A Cearamor levou para as arquibancadas, as suas bandeiras e faixas. Os puxadores arrastaram os refrões das músicas, sempre que havia ataques do Ceará. Um momento emocionante foi quando cantaram o hino do time alvinegro. [...] No final, os alvinegros com o título gritavam “buchada, buchada.



Foto retirada do jornal O Povo, de 17 de Abril de 2004.

Porém, quando se trata de eventos que envolvem tumultos dos mais variados tamanhos, comumente as torcidas recebem outras designações claramente estigmatizantes, sendo a mais corriqueira a de facção. Outro ponto que demanda mais discussão é o que trata do *modus operandi* das torcidas. Realmente existe uma fala disseminada que apregoa a existência de “elementos” infiltrados nas torcidas. No entanto, mesmo esse dado apresenta variações delicadas e quase não formuladas.

Explico. É fato conhecido por todos que acompanham o futebol, que tanto jornalistas esportivos, quanto dirigentes e jogadores, tentam manter boas relações com as torcidas organizadas. Todavia, em momentos de acirramento e conflito, torna-se difícil, principalmente para jornalistas e comentaristas, se eximirem de tecer alguma crítica. Em tais situações, o argumento dos tais “infiltrados” é alçado, posto que o problema se desloca das torcidas organizadas como um coletivo para indivíduos isolados e estranhos infiltrados nas mesmas, cheios de más intenções.

Uma outra utilização do argumento dos “infiltrados” provém de pessoas que não precisam tanto preservar a qualidade de sua relação com as organizadas. Nesse caso, a torcida é o conjunto de todos os torcedores presentes no estádio, ou seja, o torcedor dito comum, enquanto os infiltrados são justamente os integrantes das organizadas. Como o principal centro de produção de saber, posto em circulação e apreendido pelo senso comum, reside na fala de jornalistas esportivos e comentaristas de futebol, e estes têm sim interesses nos grupos de torcedores, então tornou-se mais comum a tese que confere às organizadas o estatuto de torcedores legítimos e situa em seu meio os perigosos infiltrados. Esta é uma saída conciliatória que permite alguma

mobilidade no momento de se tecer críticas mais severas, não às organizadas, mas aos maus elementos que se escondem em seu interior.

Só para encerrar este ponto, cito uma matéria do jornalista Paulo Rogério, na época editor-adjunto do “Núcleo Cotidiano” do jornal “O Povo”. Aparentemente alforriado de qualquer relação com os grupos de torcedores, mas, ao que parece, acorrentado ao discurso corriqueiro construído em torno da figura evasiva e fugidia do “infiltrado”. O título da matéria é “Pelo Fim das Organizadas”.

Coreografias coloridas, bandeirões, gritos, arquibancadas cheias. Até que ponto uma vida humana vale a manutenção das torcidas organizadas, principal foco de violência dentro e fora dos estádios? [...] A começar dos nomes, as próprias torcidas procuram dar demonstração de força, de uma superioridade idiota: **Falange Coral, Máfia Alvinegra, Garra Tricolor, Comando Tal, Fúria-não-sei-o-quê**. O ódio e o tom de ameaça estão ali, constantemente estampados nas faixas, nos desenhos de figuras com enormes músculos e cérebros pequenos. São os símbolos das gangues de rua que infestam estas agremiações e se dividem nos chamados “núcleos”. Como todo grupo, tem gente que realmente quer apenas torcer dentro das organizadas. São a maioria. Porém, vencidas facilmente pela minoria armada. Na verdade bandidos que se camuflam de torcedores. Verdadeiros marginais que promovem arrastões pelas ruas do Benfica, quebra-quebra de ônibus, de cadeiras no Castelão, atiram em carros e no que estiver pela frente. Em São Paulo, a atuação das organizadas foi proibida em 1995 pelo Ministério Público. Algumas ainda existem como bloco ou escolas de samba, mas perderam a força. É verdade que a violência não diminuiu. Porém, as gangues foram desmascaradas. Cabe à polícia fazer a sua parte. E a Justiça, a dela. Os presidentes de clubes temem perder apoio. Defendem as organizadas e ainda dão ingressos para seus componentes. Os jogadores não estão nem aí. Os políticos, pior. Cabe uma posição firme de cada um e do Ministério Público. Para mim, o primeiro passo é claro: que se acabe com as torcidas organizadas.*

Primeiro, o nome que as torcidas se dão é de absoluta importância para a compreensão não apenas do fenômeno torcida, mas também para a apreensão do processo sócio-cultural no qual elas se articulam e rearticulam. O jornal é, pelo menos potencialmente, um veículo fundamental no esclarecimento, na formação e educação dos leitores. No entanto, como bem asseverou Bourdieu, muitos jornalistas insistem em abordagens simplistas “(...) *em tudo opostas à intenção democrática de educar divertindo*”. Bourdieu, na sua análise do campo jornalístico apontou como “algumas das propriedades mais típicas da visão jornalística”:

[...] a tendência a identificar o novo com o que se chama ‘revelações’ ou propensão a privilegiar o aspecto mais diretamente visível do mundo social, isto é, os indivíduos, seus feitos e, sobretudo, seus malfeitos, em uma

* Grifos meus.

perspectiva que é com freqüência a da denúncia e da acusação, em detrimento das estruturas e dos mecanismos invisíveis, que orientam as ações e os pensamentos e cujo conhecimento antes favorece a indulgência compreensiva do que a compreensão indignada (primado do visível que pode levar a uma forma de censura quando só se aborda um assunto em função de imagens, de preferência imagens espetaculares); ou ainda a tendência a se interessar mais pelas ‘conclusões’ supostas do que pelo andamento pelo qual se chega a elas. (BOURDIEU, 1998: 94)

Que as representações imagéticas têm uma importância sociológica incontornável, isso é fato. Mesmo porque, o que significa a imagem de personagens musculosos, quando a maioria dos integrantes das torcidas apresenta uma compleição corporal magra e quase adolescente? Respondo! Quer dizer, eu não, quem responde é Fernando Pessoa, quando afirma que “Os deuses são a encarnação do que nunca poderemos ser”. As representações que estes jovens torcedores organizados fazem de seus heróis e personagens-símbolos podem ser analisadas como a projeção de um desejo para si. Partir destas representações, feitas com uma considerável qualidade artística, pode se constituir como um caminho importante para a compreensão das necessidades e investimentos deste segmento juvenil.

Quanto à teoria dos elementos “infiltrados”, creio que já tratei da questão anteriormente. Resta ainda a proposta de extinguir as torcidas organizadas como forma de solucionar o problema. Bem, sobre isso, pedirei ajuda ao próprio jornalista, e deixá-lo-ei responder: “*É verdade que a violência não diminuiu*”. Alguns outros comunicólogos são mais radicais em suas propostas. Certa vez, assistindo um programa esportivo transmitido por uma TV local, vi uma cena que, a esta altura, não sei bem como definir. O apresentador noticiou uma ação de torcedores organizados do Ceará, sem especificar a organizada, que estariam jogando pedras entre si e em veículos, numa ação de vandalismo e balbúrdia.

Após a transmissão de imagens, que não mostravam absolutamente nada do que ele dizia – apenas algumas pessoas vestidas de camisas de time e torcida se deslocando por uma praça –, o apresentador iniciou uma veemente defesa da necessidade de extermínio desses “bandidos”. Repetidas vezes, afirmou que o que os vândalos mereciam era fuzil. Bom, após o intervalo do programa, no qual deve ter sido alertado quanto às possíveis conseqüências de sua fala, ele apareceu visivelmente constrangido, tentando se retratar com desculpas tão evasivas e frágeis que nem valeria à pena transcrever.

Resta-me, ainda, tentar matizar a afirmação taxativa e comum, na fala de locutores e comentaristas, sobre o afastamento das famílias dos estádios, em virtude do

advento das organizadas. O que primeiro me ocorre quando escuto tal afirmação é que a fala mais comum entre os torcedores organizados, quando da definição de suas torcidas, é que elas constituem uma família, ou, em alguns casos, uma segunda família. Se este não é o momento mais adequado para tratar deste aspecto, pois eu acabaria me desviando muito do objetivo proposto para esta fase do texto, parece-me que a necessidade de abrir as possibilidades de definição do que está se considerando como família é incontornável.

De início, não posso deixar de observar que, em todas as vezes que fui assistir jogos de futebol, com mais ou menos público, em todos os setores do estádio, eu pude ver um número considerável de crianças. Sabendo-se que crianças não podem entrar desacompanhadas, ou seja, sem um maior que se responsabilize por elas, é de se supor que não estavam sozinhas. De fato, existem algumas variações. Por exemplo. Para um torcedor que dispõe de mais recursos, é muito mais fácil levar filhos, esposa, sobrinhos, pais e quem mais fizer parte do círculo familiar.

Todavia, como pensar que o torcedor pobre possa levar ao estádio o mesmo número de familiares que o abastado? Desta forma, há que se considerar uma queda brutal da renda líquida dos trabalhadores como uma variante importante para o suposto afastamento das famílias do estádio, e não apenas a presença das organizadas e sua aura de violência. Porque, se assim fosse, como seria possível explicar a presença de tantas crianças, no próprio setor destinado às organizadas, como pude ver dezenas de vezes, mesmo em ocasiões mais tensas, como em dias de clássico, ou seja, dias de jogo entre Ceará e Fortaleza.



Estádio Castelão, arquibancadas, setor da Cearamor.
Criança acompanhada pelo tio.



Estádio Castelão, arquibancadas, setor da Cearamor. Meninos acompanhados pelo tio.

Outra face desta mesma questão, que aos cientistas sociais é especialmente cara, é compreender que a categoria família vem adquirindo outras formas de organização, que lhes cabe apreender sob pena de mumificarem suas análises em virtude de pressupostos historicamente obsoletos. Ulrich Beck assim se refere a esta questão:

Pois no microcosmo da família pode-se observar em detalhe a troca de grupos da sociedade e, para tanto, nem é preciso ser sociólogo. Quanta coisa existe por aí! Os meus filhos, os teus, os nossos; divórcios, novos casamentos, living-apart-together, diferentes trajetórias profissionais, mobilidade permanente, segundos domicílios etc. E há os avós! Eles não passaram a ser cada vez mais importantes no papel de exército de reserva disponível para enfrentar as turbulências cotidianas, como também se multiplicam – sem interferir diretamente e sem manipulação genética – graças aos sucessivos divórcios e novos matrimônios dos filhos! [...] no âmbito nuclear de nossa vida, dissipou-se aquilo que outrora se pensava analiticamente, ou seja, a família como unidade espacial, social e econômica. (BECK, 2003: 15)

Não acho excessivo pensar que o momento de ir ao estádio e a participação nas torcidas organizadas venham garantir momentos importantes, para familiares, de vivências de coesão, afeto e transmissão de valores e conhecimento. Um momento em que os pequenos torcedores, em meio à excitação pela festa e tensão da partida, sentem orgulho de seus pais, irmão, tios, professores, avós... Para eles, esse é um momento de elaboração subjetivante importante, e que só pode ser desconsiderado em virtude de desconhecimento ou por uma abordagem ancorada em categorias zumbis.

Certa vez, há não muito tempo, eu estava voltando do estádio Castelão com meu esposo. Tínhamos combinado previamente com um motorista de táxi amigo para que ele fosse nos buscar. Ao chegarmos ao lugar combinado, vimos o nosso motorista amigo e, perto dele, uma senhora já bem idosa, com dois meninos entre os dez e quatorze anos. A senhorinha torcedora nos pediu uma carona para casa, usando aquela comovedora história da sua própria idade, dos seus netinhos, da indisponibilidade de outros táxis...

Bem, enquanto ela falava, outros vários táxis passaram por onde estávamos, mas, a esta altura, a mulher já havia ganhado o meu interesse. No percurso a mulher não se calou. Contou que sempre ia aos jogos com os netos, mesmo que fosse a pé. Disse do seu lugar preferido no estádio, a Cearamor, falou do seu prazer em tomar uma cervejinha durante as partidas... Os seus netos, às vezes, quando a avozinha disposta dava uma pausa de segundos nas suas histórias, intervinham na conversa. E, apesar da

personalidade um tanto excêntrica da avó, eles demonstravam respeito pelo que ela dizia e, mesmo, afeto. Quando desceram do carro, nas proximidades do bairro Pio XII – que fica a uma boa distância do estádio para ser percorrida a pé por uma senhora daquela idade – pude ainda, por alguns instantes, observá-los se distanciando, ela falante como momentos antes, eles tranqüilos e alegres, ouvindo, como antes. Pensei, e penso agora: Eles são uma família, com certeza.

1.3 Imagens globais e apropriações locais.

É bom ressaltar a atuação de jornalistas cujo trabalho merece ser destacado e que, inclusive, se tornam fontes importantes de pesquisa para pesquisadores do esporte e, mais especificamente, do Futebol. Entretanto, a regra mais geral é um discurso mais ou menos lugar comum, cuja fórmula já foi delineada anteriormente. Imagens que se repetem, discursos que se repetem...Indefinidamente. Difícil pensar que alguém ficaria imune ao poder de repetição / inculcação dos meios de comunicação. Basta pensar nas comunidades de opinião que se articulam em torno de fatos espetaculares ou crimes tornados espetáculo.

Em casos como estes, é impressionante a rapidez e o alcance do envolvimento popular. Onde quer que se vá sempre alguém estará comentando, pois qualquer um se sente automaticamente inserido no assunto e, portanto, à vontade para emitir sua própria opinião, que, na maioria das vezes, consistirá numa repetição com variantes sutis do que passa na televisão. Essas são as “comunidades guarda-roupa” a que se referiu *Bauman*, articulam-se e desarticulam-se com a mesma rapidez e prontidão, cujo tempo depende da duração do “espetáculo”. Segundo ele, são comunidades:

[...] invocadas a existirem, ainda que apenas na aparência, por pendurarem os problemas individuais, como fazem os freqüentadores de teatros, numa sala. Qualquer evento espetacular ou escandaloso pode se tornar um pretexto para fazê-lo: um novo inimigo público, elevado à categoria de número 1; uma empolgante partida de futebol; um crime particularmente ‘fotogênico’, inteligente ou cruel; a primeira sessão de um filme altamente badalado; ou o casamento, divórcio ou infortúnio de uma celebridade altamente em evidência. As comunidades guarda-roupa são reunidas enquanto dura o espetáculo e prontamente desfeitas quando os espectadores apanham os seus casacos nos cabides. Suas vantagens em relação à “coisa genuína” são precisamente a curta duração de seu ciclo de vida e a precariedade do compromisso necessário para ingressar nelas e (embora por breve tempo) aproveitá-las. (BAUMAN, 2005: 37)

Mas, e as torcidas organizadas? Neste caso o tratamento conferido e elas pelos canais de informação parece ter um outro movimento e intensidade. Bom, não me parece fortuito mencionar com Alabarces que “*el deporte es hoy la principal mercancía massmediática, el género de mayor facturación de la industria cultural, el espectáculo de mayor audiencia de la historia de la televisión galáctica*”. (ALABARCES, 2000) Das modalidades esportivas, sabe-se que, na maior parte do planeta, o futebol constitui a de maior popularidade.

Sendo assim, o futebol ocupa um espaço gigantesco nos programas televisivos. Que dizer de canais como Sport TV e Espn? Canais particularmente devotados ao futebol, com uma audiência imensa e que têm grande parte de sua programação ocupada por comentaristas de futebol discutindo e rediscutindo os mesmos lances polêmicos, transmitindo as mesmas imagens de gols ou lances discutíveis, fazendo e refazendo cálculos sobre os possíveis campeões e os possíveis rebaixados... Isto tudo, semana após semana, até o encerramento de todos os campeonatos estaduais, regionais e nacionais. O nível de repetição é impressionante, assim como impressionam os níveis de audiência.

Bem, sabe-se que a torcida faz parte do futebol. É a torcida que realiza o “espetáculo” nas arquibancadas, espetáculo esse transmitido repetidamente pelos canais de televisão. Desta forma, as imagens das torcidas fazendo a festa nos estádios são praticamente cotidianas. Devo ressaltar que as câmeras focalizam, principalmente, os torcedores organizados, pois são eles que hiperbolizam o espetáculo no futebol. O resultado desta equação é a afirmação do espaço considerável e cotidiano que as torcidas organizadas têm nas mídias.

A importância dos torcedores é tão concreta que qualquer pessoa que tenha alguma familiaridade com o futebol sabe da vantagem que um time tem ao jogar em casa, ou seja, na sua cidade, no seu estádio, justamente pela capacidade das torcidas de influenciarem o resultado. Por outro lado, quando um time vai jogar fora de sua cidade, mas contra um opositor que não conta com uma grande torcida, como, por exemplo, o Santo André, de São Paulo, diz-se que o jogo será em campo neutro. A neutralidade consiste na ausência de torcedores dando ânimo ao seu time, intimidando o opositor, pressionando o juiz, ensurdecendo técnicos histéricos que gritam à beira dos campos.

Entretanto, como já foi dito anteriormente, existe um conjunto de informações sobre as torcidas organizadas que emerge, sempre que existe um problema

com ela relacionado, ou, ao menos, supostamente relacionado. A qualquer turbulência, o conteúdo acumulado é novamente trazido à tona e mais uma vez repetido pelos canais de televisão, programas esportivos e jornais. É uma espécie de “olha elas aí de novo”. Não existem mudanças, e o tom das matérias carrega sempre aquela questão do “até quando vão permitir que *isso* aconteça?” O *isso* é justamente o conteúdo simbólico referente ao estigma associado às organizadas, sejam elas quais forem. Torcida Organizada torna-se, portanto, um significante cujo significado envolve o potencial festivo, sim, mas que também tem o forte estigma, que envolve as características anteriormente descritas.

As imagens divulgadas pelas televisões, jornais e sites oferecem um modelo a ser manuseado na construção de si e de seus grupos. Um lugar de importância, um lugar que “sai na televisão”, um lugar proclamado e focalizado pela imprensa. No entanto, os integrantes das torcidas não se relacionam apenas com um dos elementos significativos que compõe o conteúdo simbólico das torcidas. Para dispor deste lugar de importância, para sair na televisão, é preciso ser torcedor e ser torcedor significa negociar com a uma fórmula que circula nestes mesmos meios de comunicação.

Fazer parte de uma torcida organizada, atualmente, significa barganhar com um estigma, cujos contornos são repetidos incontáveis vezes nos meios de comunicação. Porém, quando consideramos a trajetória da imensa maioria dos meninos que hoje integram as torcidas organizadas em Fortaleza, vê-se que eles já vêm de um lugar de estigma. Estigma que consiste numa identidade imposta, compulsória, que age no sentido de promover uma unidade simbólica entre eles e os seus lugares de origem, os bairros da periferia. Uma pergunta interessante é o que esses jovens faziam antes de ingressarem nas torcidas organizadas. Ou, numa outra vertente, observar como o senso comum, influenciado pelos meios de comunicação – particularmente pelos programas policiais – define os jovens sem alfabetização, moradores de favelas e bairros da periferia da cidade. Estes, quando são definidos, o são como marginais, ladrões, meliantes, bandidos, drogados, sem-futuro... Bourdieu afirma de forma impecável que:

O estigma produz a revolta contra o estigma, que começa pela reivindicação pública do estigma, constituído assim em emblema [...] e que termina na institucionalização do grupo produzido (mais ou menos totalmente) pelos efeitos econômicos e sociais da estigmatização. (BOURDIEU, 2002: 125)

Pude perceber com muita clareza esse jogo, essa bricolagem realizada com o conteúdo simbólico dos estigmas numa ocasião bem recente. No dia 01/11/2008, a

Cearamor promoveu uma grande festa para a comemoração dos 26 anos da torcida, realizada no campo da sede do Ceará¹¹. Eu, obviamente, compareci à festa.

Aproximei-me de alguns torcedores organizados, com o intuito de obter algumas informações, com cautela, posto que eram integrantes de outras torcidas, cujos códigos de conduta eu desconhecia. Quando eu conversava com um integrante da Torcida Jovem, do Grêmio de Porto Alegre, um rapaz da Império Vermelho, de Mossoró, se aproximou e interrompeu a conversa, no que foi afastado com jocosidade, mas com firmeza, pelo torcedor com quem eu falava. Foi então que o segundo rapaz disse: “*Calma, você ainda vai ser entrevistado. Eu também sou importante, eu também sou playboy*”.

Obviamente, um pesquisador não ouve uma frase desta impunemente. Quando entrei na sede do clube, circulei até encontrá-lo. Ele passou por mim a certa distância, então eu gritei: “*_Ei, você, Playboy!*” Ele me olhou, deu uma sonora gargalhada e respondeu: “*_Éééé. Lá eu sou ladrão, aqui eu sou playboy*”...

Ora, o que esse rapaz disse foi que, lá, fora da torcida organizada, nas ruas da cidade, ele é, ou é visto como, apenas um ladrão. Isso também é dito e esperado dele, de antemão, como se sua vida fosse um destino já traçado, apenas a ser cumprido. Mas, dentro da torcida ele é *playboy*. Através da torcida ele burla um destino imposto, mesmo que para isso ele tenha que agregar à sua identidade escolhida e construída conteúdos significativos, provenientes do estigma, imputados à torcida. Desta forma, ele continua perigoso, morador de periferia e, talvez, até um ladrão, mas, sendo tudo isso, ele também é um *playboy*. Ele é um *playboy* e é alguém, ele adquire uma função importante, ele veste roupas que o distinguem do imenso mar de gente que anda por aí todos os dias – o agasalho e a calça da torcida.

Claro está, que a juventude pobre da cidade não conta com um campo de possibilidades de construções identitárias amplo, muito pelo contrário. Bauman atenta para a necessidade de se considerar que o jogo de identificações não se situa fora do campo de interesses e poderes em tensão no campo social, mas, pelo contrário, são tributários e refletem esse mesmo jogo.

Permita-me comentar que a identificação é também um fator poderoso na estratificação, uma de suas dimensões mais divisivas e fortemente diferenciadoras. Num dos pólos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo, de

¹¹ Em seção posterior realizarei uma descrição mais cuidadosa do evento.

abrangência planetária. No outro pólo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não têm direito e manifestar as suas preferências e que no final se vêem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros – identidades de que eles próprios se ressentem mas não têm permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam. (BAUMAN, 2005: 44)

Bem, atualmente os integrantes das organizadas dividem-se em grupos cuja renda familiar os situa em segmentos sociais diferenciados. Existem aqueles com mais escolaridade, cujas famílias têm um pequeno negócio familiar, ou ainda de maior porte. Existem os que estão nas universidades e moram em bairros razoáveis da cidade. Para esses, as possibilidades de escolhas identitárias são maiores e, creio eu, sua aderência à torcida e ao conteúdo simbólico mais ligado ao estigma é mais tênue e sua participação mais curta, mesmo que, uma vez nas torcidas, tendam a ocupar cargos de alguma importância. Ou seja, há uma necessidade de distinção mesmo dentro das organizadas, mas disso eu falarei mais adiante. Por hora, o central é deixar claro que a imensa maioria desses jovens encontra-se em situações de vida bem mais desfavorecidas e difíceis. Encontram-se num lugar abjeto que define, segundo Bauman, o lixo humano.

[...] Há um espaço ainda mais abjeto – um espaço abaixo do fundo. Nele caem (ou melhor) são empurradas as pessoas que têm negado o direito de reivindicar uma identidade distinta da classificação atribuída e imposta. Pessoas cuja súplica não será aceita e cujos protestos não serão ouvidos, ainda que pleiteiem a anulação do veredicto. São as pessoas recentemente denominadas de ‘sub-classe’: exiladas nas profundezas além dos limites da sociedade – fora daquele conjunto no interior do qual as identidades (e assim também o direito a um lugar legítimo na totalidade) podem ser reivindicadas e, uma vez reivindicadas, supostamente respeitadas [...] “Se você foi destinado à sub-classe [...], qualquer outra identidade que você possa ambicionar ou lutar para obter lhe é negada a priori. O significado da ‘identidade da subclasse’ é a ausência de identidade, a abolição ou negação da individualidade, do rosto – esse objeto do dever ético e da preocupação moral. Você é excluído do espaço social em que as identidades são buscadas, escolhidas, construídas, avaliadas, confirmadas ou refutadas. (BAUMAN, 2005: 45 – 46)

Nas várias oportunidades que tive de conversar ou entrevistar os jovens das torcidas organizadas ouvi muitos “nãos”, “nadas” ou silêncios longos e pesados, oriundos de uma total incompreensão, quando eu os perguntava se estudavam, trabalhavam ou o que faziam para se divertir... Como pensar uma juventude que não sabe o que significa a palavra diversão, mesmo quando eu tentava traduzir através de todos os sinônimos? Levei um pouco de tempo para entender que a incompreensão não era sobre o significado dos termos diversão ou lazer. O que para eles era difícil de

entender era o meu interesse por isso, como se pensassem: como alguém pode se preocupar com a *minha* diversão?

A mim ficou muito claro que, ao ingressarem nas organizadas, esses jovens reagem contra um estigma, cujo conteúdo alude à sua inexistência positiva para a sociedade, ao seu derretimento numa massa amorfa e caótica de “vagabundos” e ladrões. A este estigma eles reagem assumindo um outro, mais forte, porque organiza, situa, define e “sai na televisão”. Trata-se de fazer o que for preciso para ser visto, para ser foco, para não se perder no mar de invisibilidade e indefinição de onde eles conseguiram a duras penas emergir. E se é assim, a violência, o conflito, colocar a própria vida em risco, ou a de terceiros, torna-se um preço muito pequeno a pagar. Na verdade, não chega a ser um preço, me parece mais um investimento.

Em um desses dias perfeitos para o pesquisador, quando parece haver uma combinação de planetas e forças protegendo-o, fui fazer uma entrevista com o presidente da M.O.F.I, no bairro Tabapuá. Ele havia prometido me mostrar um material, alguns vídeos, coisas assim. Bem, quando cheguei lá, este rapaz me entregou, como já mencionei na introdução deste trabalho, uma caixa contendo cartas trocadas por M.O.F.I. e Fúria Jovem com torcidas organizadas do Brasil inteiro. Analisando o material, vi que muitas cartas são escritas no verso de notícias de jornais e revistas, cujo conteúdo trata da ação violenta das organizadas. As matérias foram recortadas, coladas e copiadas. O verso das cópias foi usado para as cartas endereçadas às torcidas organizadas aliadas e amigas, tendo o redator o cuidado de frisar as partes que atestam a ação de um membro de sua torcida. A exemplo:

Camisa 12 Comando Metal. 04/12/04

E aí (...), tudo certo?

Segue aí um adesivo da união Camisa 12 + Independente, espero que goste e mande algum da M.O.F.I..

Aqui em São Luis os 12 mataram um loco da ~~SRG~~, segue as reportagens, espero que goste.

O inter empatou com o Boca em 0x0, mas não deu pra ir pra final.

E aí, como vão as coisas com o Ceará. Como é a relação de vocês com a Cearamor?

No momento é isso, mande as novas.

Fui.

Na carta, o autor conta da morte do jovem torcedor de 16 anos com o mesmo tom corriqueiro com que trata os outros assuntos. Trata-se de fazer o possível para ser visto, e o possível, para estes jovens, passa pela violência, afinal a violência também sai na televisão, é o que mais sai. E nos revistas. E nos jornais. Jovens, que já

carregavam em si o peso da falta de perspectivas, da ausência de projetos e da impossibilidade de realização, que demarcam o que é uma vida humana, buscam alternativas, porque isso é humano, nas fontes de informação de que dispõem, através do capital de que dispõem.

CAMISA 72 COMANDO METAL
04/12/04
Zai, Tudo Certo?
Segue ai um adesivo da minha
Carreira 72 + Independente, espero que goste
e mande algum do MOFI.
Aqui em São Luís os 72 mataram
um loco de SBO, segue os reportagens,
espero que goste.
O enter impator com o Boca em
0x0, mas não deu pra ir pra final.
Zai, como vão os coisas com
o Ceará. Como é a situação de Noca
com o Ceará?
No momento tá boa, mande
os novos. FUI
Lambros 726 ix.com.br

Homicídio teria sido motivado por desavenças entre torcedores da dupla Gre-Nal

1ª DP captura suspeito de matar estudante de 16 anos

Após 12 dias de investigação, a equipe da 1ª Delegacia de Polícia apreendeu, no início da tarde de ontem, um adolescente de 17 anos, em sua residência, na vila dos Touros. Ele é o suspeito de ser o autor dos disparos de arma de fogo que vitimaram o estudante do ensino médio, Tadeu Junges, 16 anos, no último dia 13. Em depoimento ao delegado Heltoner Athaydes Franco, o adolescente afirmou que atirou na vítima para vingança de um espancamento motivado por desavenças entre torcedores da dupla Gre-Nal ocorrido no dia 22 de setembro.

Depoimentos de amigos da vítima ajudaram a polícia a identificar o veículo Corsa de cor bege usado pelo suspeito na madrugada do crime. Um dia depois do homicídio, com descrição do veículo publicada no APOC Domingos, dois ocupantes do Corsa se apresentaram à polícia. Eles contaram que apenas quatro jovens, entre 16 e 22 anos, estavam no carro. Os três depoimentos apontavam ainda um portador de arma como autor dos disparos. Com a localização de um terreno ocupado da vítima, as imagens produzidas, a equipe de investigação descobriu que o Corsa era ocupado por cinco pessoas. A testemunha revelou que um jovem leproso, que estava sentado ao lado do motorista, teria sido o autor dos disparos. Aler-

cente infante - que estava com a cabeça do ferido - contou que havia sido vítima de um espancamento no dia 22 de setembro, quando deslocava-se na estação Unifões. Ele afirmou ter sido agredido por torcedores nicotinos, entre eles, Tadeu Junges. "O crime foi motivado por vingança", explica o delegado. A mãe de Tadeu, Maria Junges, revela que seu filho tinha se envolvido em uma briga após o jogo. Ela conta que o estudante foi ao estádio Olímpico com amigos e retornou de trem para casa, passando antes em uma lancheira localizada próximo à estação do trem. "Ele veio cedo, não demorou para vir de jogo, na Capital. Ele não era de briga, talvez estivesse passando o, por ser alto, chamou a atenção", explica. "Nada justifica, porém, o que fizeram com meu filho", desabafa.

Outros sete inquiridos sobre a 1ª DP apuram crimes de vandalismo, furtos, ameaças e ameaças feitas por integrantes de torcidas organizadas ou por jovens mal intencionados. "É uma escada de violência que, agora, resultou na morte de um jovem", afirma o delegado. Na tarde de ontem, o pedido de intimação do adolescente ao Fae foi entregue pela polícia ao Ministério Público. No início da noite, a promotoria inclinou-se pelo pedido de intimação à Justiça.

ZERO HORA | POLÍCIA

VIOLÊNCIA Garoto confessou ontem o crime ocorrido em São Leopoldo

Rixa de torcedores causou a morte de um adolescente

UMA RIXA ENTRE DUAS TORCIDAS, organizadas de FÁBIO FÉ e motivo do assassinato do adolescente Tadeu Junges, 16 anos, no último dia 27 de outubro, em São Leopoldo, no Vale dos Sinos.

O jovem foi morto com dois tiros depois que uma torcida rival esculpiu a garota, marçal de Vila dos Touros. O adolescente chegou que teria sido agredido e espancado por um grupo de torcedores organizados do Gre-Nal realizado três dias antes, quando deixou de ir ao Estádio União.

No dia do crime, ele estava em um automóvel com mais quatro amigos quando receberam Tadeu, o autor dos disparos. "Nesse momento, ele estava com a cabeça mais três papalotes de cocaína. O garoto que confessou o assassinato, apesar de não ser sócio, sempre anda com um grupo de uma torcida organizada. O jovem morreu próximo à saída de um trem."

O delegado Franco pediu à Justiça a intimação do jovem ao Centro de Atendimento Socioeducativo (Caso), em São Leopoldo. Até as 22h de ontem, o juiz ainda não havia se pronunciado.

Camisa 72 MATA + QUE? AIDS

A torcida organizada apresenta-se como uma alternativa possível, posto que veicula, a um só tempo, a valorização e o reconhecimento deste capital, ou seja, desta corporalidade potencialmente agressiva. Em um capítulo posterior, discutirei esta relação. Entretanto, cabe considerar outro componente importante para a construção do estilo de vida dos torcedores organizados. Trata-se do espaço simbólico, estético e valorativo circunscrito e sedimentado pelas formas de torcer dos torcedores ditos comuns. Adiante.

Capítulo 02. Circunscrevendo experiências e identificações: o “torcedor comum”.

“(…) em futebol, o pior cego é o que só vê a bola... Se o jogo fosse só a bola, está certo. Mas há o ser humano por trás da bola, e digo mais: a bola é um reles, um ínfimo, um ridículo detalhe. O que procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão”
(Nelson Rodrigues)

Final do campeonato da série B de 2008, estádio Castelão. Eu estava em meio à Cearamor, que, na ocasião, estava impedida de entrar com bandeiras e instrumentos no estádio, devido a brigas recentes com a M.O.F.I. Uma interdição como esta é quase fatal para a qualidade do espetáculo da torcida, na medida em que veta os recursos disponíveis para a execução da música. Sem música, não há dança. Sem dança, muitos membros das organizadas não têm interesse nos jogos. Sem integrantes, mal há torcida organizada. Desta forma, a impossibilidade de animar o jogo e incentivar o time gerou, nos integrantes da Cearamor, a necessidade de contar com os ditos “torcedores comuns”, cuja forma de posicionar-se a favor de seu time difere da forma habitual dos torcedores organizados: de pé, pulando, cantando, dançando, executando coreografias, enfim... A certa altura eles começaram a cantar *“Ei playboysada, tira o cú da arquibancada”*.

O fato narrado ilustra o caráter relacional das formas de torcer vivenciadas nos estádios. Mais ainda: ele abre possibilidade de uma divisão não apenas entre torcedores presentes nos estádios, mas também da morfologia de suas práticas, como se todos pertencessem, ou à categoria dos torcedores organizados (no plural), ou à categoria dos “torcedores comuns”. Importa, então, refletir sobre a pertinência da via classificatória que repousa sobre a categoria de “torcedor comum”. Existe, de fato, o dito “torcedor comum”? O que o identifica? O que lhe é próprio? O que o aproxima ou distingue dos torcedores organizados? E ainda, quais as demandas acionadas na construção dessas grandes divisões? A tentativa de responder a estas questões norteia esta seção e, cada questionamento citado, constitui uma pequena parte da pergunta fundamental que se faz aqui: no que a análise dos ditos torcedores comuns serve de aporte para a compreensão das redes de experiências e identificações nas torcidas organizadas?

Bom, comecemos pelo início. Já foi aqui anunciado que as torcidas organizadas têm uma origem recente. As suas articulações e inserções no universo

futebolístico não se constituíram como uma ocupação de espaço vazio. Isto porque, quando de sua formação, o futebol já havia angariado a gigantesca popularidade que o cerca, bem como já existia um sólido capital simbólico veiculando práticas, gostos e jeitos entre os torcedores.

Na verdade, a articulação das torcidas organizadas acompanhou o crescimento e sedimentação desta popularidade e constitui, senão uma conseqüência, pelo menos uma faceta da difusão do valor conferido ao futebol. Isso nos coloca diante da necessidade de considerar que os torcedores organizados compartilharam um simbolismo já instituído e manipulado pelo coletivo mais amplo de torcedores.

Trata-se de um mínimo comum, que diz respeito ao que nomina a todos: comuns ou organizados, todos são, a princípio, torcedores. Este mínimo comum assume um lugar importante, posto que define os limites do que é socialmente aceitável, do que é compreensível para o universo de torcedores, dos códigos partilháveis. Trata-se da demarcação das representações, códigos, valores, vocabulários, afetos e gostos que delimitam a cultura dos torcedores de futebol. Será dentro destas fronteiras circunscritas, e utilizando a matéria própria a este território cultural, que os torcedores poderão combinar com alguma liberdade posturas, gestos, códigos, formas, atitudes e sentimentos, em diferentes intensidades e em combinações diversas, nuances que em sua constituição e diferenciação moldam experiências identitárias diversas, porém relacionadas.

O estudo acerca das distinções das formas de torcer torna-se necessário para a compreensão dos processos de identificações dos torcedores organizados, o que não é menos verdade quando se inverte a afirmação. Atualmente, as práticas do dito “torcedor comum” também são tributárias do modelo proveniente das organizadas. Exemplo quase trivial desta influência é a generalização de uma música da Cearamor, após o acesso do Ceará à primeira divisão do futebol brasileiro: *“Maior da capital: é ‘nóis’! Vê se não esquece! Uh! Estremece! Sou a maior do Nordeste”!*

A cena dos jogadores do Ceará, pulando e cantando a plenos pulmões, em comemoração à conquista, foi transmitida inúmeras vezes por vários canais de televisão. A música, já conhecida nos estádios, tornou-se uma espécie de símbolo da conquista. A relação entre as práticas dos torcedores organizados e dos torcedores ditos comuns consiste num diálogo, muitas vezes carregado de tensão e antagonismo, que se (re)coloca inapelavelmente. Simmel foi enfático acerca da centralidade do jogo entre semelhanças e diferenças nas elaborações culturais.

Acima de tudo o significado prático do ser humano é determinado por meio da semelhança e da diferença. Seja como fato ou como tendência, a semelhança com os outros não tem menos importância que a diferença com relação aos demais; a semelhança e diferença são, de múltiplas maneiras, os grandes princípios de todo desenvolvimento externo e interno. Desse modo, a história da cultura da humanidade deve ser apreendida pura e simplesmente como a história da luta e das tentativas de conciliação entre esses dois princípios. Bastaria dizer que, para a ação no âmbito das relações do indivíduo, a diferença perante os outros indivíduos é muito mais importante que a semelhança entre eles. A diferenciação perante outros seres é o que incentiva e determina em grande parte a nossa atividade. Precisamos observar as diferenças dos outros caso queiramos utilizá-las e assumir o lugar adequado entre eles. (SIMMEL, 2006: 45 – 46)

Esse jogo enfatizado pelo autor se insere com importância nas definições que os torcedores, sejam os organizados, ou os ditos comuns, tecem de si mesmos e dos outros. Gesta-se, assim, um movimento em sentidos diferentes e complementares. Um, se encaminha para a identificação de todos, na universalização de códigos e comportamentos basilares, que permitem que todos sejam vistos e vejam o outro como torcedor. O outro sentido parte daí e segue em direção ao distanciamento entre formas de torcer e para a diversidade de identificações articuladas a partir desses referenciais. Cabe-me, então, tentar acompanhar este fluxo, entre idas e vindas pelos estádios, bares e ruas da cidade, a fim de compreender a intrincada tessitura do que somente prematuramente se pode generalizar sob a alcunha de “torcedor comum”.¹²

2.1 Como nasce um torcedor – do nascimento à maioria simbólica.

A impossibilidade de esgotar a imensa e quase infinita gama de experiências que consolidam a autodefinição de um agente como torcedor de futebol é óbvia. Os caminhos são vários e cada um descreve a sua trajetória com tantos detalhes, nomes, datas, lugares, cheiros e gostos que cada história parece, e de fato é, absolutamente única. Todavia, após tantas conversas, entrevistas, ou mesmo a simples escuta das falas alheias, foi possível estabelecer traços comuns, momentos específicos que podem ser generalizados como marcações importantes da construção destas autodefinições de torcedores.

¹² Apesar da designação “torcedor comum” evocar uma generalização que inexistente na experiência concreta dos sujeitos sociais, passo a trabalhar com a mesma sem utilizar nenhuma ressalva, o que tornaria o texto excessivamente pesado. A partir deste ponto, toma a categoria de “torcedor comum”, objetivando apreender traços mais ou menos comuns que permitam a elaboração de um modelo com razoável alcance analítico para a discussão das experiências e identificações dos agentes.

Para traçar este mapa de afetos, sensibilidades, emoções, devoções, investimentos, formas e jeitos, terei de me sustentar fortemente nas falas e entrevistas dos torcedores. Aqui destacarei principalmente dois deles, com quem pude conversar longamente em várias ocasiões. O primeiro, Afonso, atualmente com trinta e nove anos, casado, possui formação superior e é servidor público federal. O segundo, Francisco, é porteiro e zelador de uma faculdade particular em Fortaleza, completou o ensino médio, também é casado e tem atualmente trinta e oito anos. Quanto ao Francisco, é forçoso salientar que ele torce pelo Fortaleza, o que constitui uma exceção neste trabalho. No entanto, a convicção e o devotamento de ambos aos seus clubes estiveram na base de minha escolha, tanto em entrevistá-los, quanto em dedicar mais espaço às transcrições de suas falas.

Parto de suas biografias para a elaboração de uma cartografia das experiências dos torcedores comuns, tentando identificar os momentos e vivências mais marcantes. Estes são determinados por sua recorrência, não apenas nos depoimentos dos dois torcedores citados, mas no conjunto de vozes que ouvi ao longo da pesquisa. A coincidência entre o conjunto de falas justifica, portanto, a sua presença aqui.

Uma primeira marcação importante diz respeito à iniciação destes torcedores no campo futebolístico.¹³ De antemão, vê-se que para o futuro torcedor o jogo, muito cedo, torna-se companheiro de infância. Antes mesmo da ida ao estádio, da escolha do clube, os pequenos já batem bola, chutam-na para amigos, primos, irmãos, ou para a parede, travestida em um adversário qualquer. A pelada, jogo de futebol disputado na escola, na rua, nos campinhos, ou onde for possível, promove a continuidade da relação da criança com as regras, não tão simples, do futebol, com sua linguagem e com sua imagética. Entrevistei Serginho Amizade, ex-jogador do Ceará e atual colunista do Jornal “O Povo”, responsável pela coluna “Ora, Bolas”. Ele assim se referiu ao início do seu interesse pelo futebol.

¹³ O conceito de campo, desenvolvido por Bourdieu, vai ao encontro da intenção deste trabalho, voltado para a apreensão das experiências sociais articuladas nas torcidas organizadas, das redes de identificações daí decorrentes e das significações que resgatam as práticas dos torcedores organizados de classificações vazias e arbitrarias. Desta forma, cito o autor: Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado a actos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir. (BOURDIEU, 2002: 69)

Tem uma história legal desse tempo: como é que eu aprendi a jogar com o pé esquerdo. Pode ir começando assim? Vai e volta, né? Porque, casa de pobre, né?, você bota cimento no quintal, se você vai ganhando algum dinheirinho você vai cimentando o quintal. E aí, e aí o que acontece, tinha duas bananeiras assim, aí eu botava um cabo de vassoura e fazia um gol. Eu ficava de castigo dentro de casa e botava a lata de lixo no gol e bola eu fazia de papel, de papel bem durinho, jornal assim. Aí você passava barbante em volta. Aquele tempo não tinha bola, né? Era uma bola aqui outra acolá. E Aí eu chutava no cimento em direção a esse gol. Aí um tempo eu chutei o cimento, eu fiquei dois anos com aquela ferida que menino tem aqui perto da unha, aí eu não podia usar o pé direito, aí eu passei a fazer isso com o pé esquerdo, aí quando eu fui jogar bola eu sabia fazer isso com o pé direito e com o pé esquerdo. Isso é muito legal. Eu tinha oito anos. Eu tinha oito anos... Mas eu me interessei por jogar futebol mesmo, quer dizer eu jogava na rua, na periferia...

Todavia, a pelada, apesar de seu inerente improvisado, pode se apresentar como uma evolução do simples ato de chutar a bola, para ou contra jogadores reais ou imaginários, na medida em que o jogo de pelada pressupõe o entendimento das regras e posicionamentos dos times, mesmo que esses só venham a ser toscamente obedecidos. Sobre a experiência com o jogo de pelada, Afonso declara que:

Eu lembro de chutar a bola. Em Teresina eu ficava direto no gramado com o meu irmão, chutando um contra o outro. Quando a gente conheceu os amigos, a gente dividia em grupos, duas traves... Com sete ou oito anos a gente já jogava de modo organizado, com a formação de times.

Existe uma opinião circulante no senso comum acerca da imensa popularidade do futebol dever-se à simplicidade de suas regras. Bem, penso que as regras do futebol não são tão simples assim, pois, se o fossem, não haveria margem para tantas divergências, interpretações contrárias e reclamações, que fazem já parte do jogo paralelo que acompanha as partidas. As divergências, leia-se, interpretações diferentes, apontam para um processo mais largo, que se refere à socialização de indivíduos no esporte.

Tais indivíduos, a certa altura de suas vidas, que pode se dar ainda bem precocemente, já demonstram amadurecimento suficiente para jogar organizadamente, para falar de futebol, para discordar. Falar, discordar... Tudo indica um desenvolvimento, um aprendizado que supõe liberdade nos usos dos códigos específicos do jogo, no domínio de uma linguagem. E aqui já se anuncia uma característica estruturante para a identificação do “torcedor comum”, qual seja, o aprendizado como base desta experiência.

Daí a iniciação do jovem aspirante a torcedor ser sempre mediada por um veterano mais velho e do sexo masculino, que o convida, o conduz ao estádio. Para a criança ou para o jovem, a relação com o esporte, antes de qualquer coisa, significa uma forma de “estar com” alguém, de acompanhá-lo, de ouvi-lo e observá-lo em suas falas, reações e análises. Não raro existe uma referência ao pai, que aparece nas falas de forma positiva, ou seja, como o sujeito da ação, responsável pela condução do narrador ao estádio, como ocorreu, por exemplo, com Afonso.

Bom... Como é que eu comecei a torcer... A primeira lembrança que eu tenho associada ao futebol é de ir ao estádio com meu pai. Eu acho que nesse período a minha relação era principalmente com meu pai, e não com o time de futebol, nem tanto com o estádio. Isso aí eu tinha quatro ou cinco anos de idade. [...] Bom, então tem essa primeira experiência no estádio. Com, quando eu tinha sete anos de idade, nós mudamos de Fortaleza para Teresina e lá também meu pai me levava ao estádio. Eu gostava, né? Passei, a partir de um certo momento, a reivindicar isso, a ter na ida ao estádio um elemento importante da diversão.

Em outros casos, e devo assinalar que não em poucos, a escolha pelo time e a ida ao estádio são conduzidas por outro homem mais velho, um amigo, vizinho, tio ou primo de mais idade. Nestas situações, o narrador comumente busca demarcar uma relação com o pai, mesmo que a relação se dê por oposição, chamando a atenção para a ruptura que ele mesmo realizou com a figura paterna. No entanto, a oposição é parcial, posto que, mesmo que não seja o time do pai, o jovem aprendiz aceita e se introduz na cultura futebolística. Vejamos o caso de Francisco, cuja inserção no universo do futebol foi mediada por um vizinho, torcedor do Fortaleza.

Olhe, eu comecei a torcer, eu não lembro a idade não, mas era bem, eu tinha assim, mais ou menos, uns dez anos. aí morava um vizinho da gente lá, no Montese, que eu fui nascido e criado no Montese, próximo à igreja Nossa Senhora Aparecida, por ali. Aí tinha um vizinho da gente, que ele torce Fortaleza, né? Eu me lembro que eu era pequeno, eu dizia tá, pois tá bom, eu vou torcer pelo Fortaleza! O meu pai não me levava, né? E, o meu pai, ele já faleceu, ele torcia Ceará. [...] Pois é, professora, eu fui começando a pegar o gosto, né? Aí eu comecei a ir pro estádio, comecei, comecei, comecei. Aí foi quando eu comecei a entender de futebol, aí fui indo, fui indo, fui aprendendo...

Tanto Afonso quanto Francisco, que aqui representam um universo maior de entrevistados, se referem à tutela masculina no início de sua experiência. Falam, então, de um crescente entendimento do “assunto” futebol, até o momento em que passaram a reivindicar a ida ao estádio, e até mesmo irem sozinhos, como marcos em suas

trajetórias. Mesmo que não as definam desta forma, selecionam estes momentos e os narram com um orgulho proporcional às peripécias empreendidas para garantir a ida ao jogo. Bom, mais adiante voltarei a este assunto. Por hora cabe mapear pontos importantes para a compreensão do processo de articulação das experiências e identificações do torcedor, no caso do “torcedor comum”:

- Desde cedo a criança – mais comumente o menino, mas não apenas ele – é familiarizada ao jogo de futebol, por meio de sua socialização nas brincadeiras infantis;
- A primeira incursão ao estádio é comumente conduzida por um homem mais velho, cujo comportamento servirá de molde para a identificação do jovem torcedor;
- Ir ao estádio sem a tutela de um adulto responsável consiste na maioria simbólica do torcedor.

Dito de outro modo, a construção da experiência social do torcedor pressupõe a incorporação processual de um *habitus* masculino e, articulado a este aprendizado, a adoção de uma posição-de-sujeito, ou seja, a construção de uma identificação, tendo como duplo referencial a combinação das significações masculino – torcedor.¹⁴ Para o aprendiz, a relação com o futebol significa o desvelamento processual de um mundo inicialmente confuso, que, à medida que revela seus segredos, proporciona prazer, excitação, diversão e, também, sofrimento. Desde cedo socializados, no e pelo futebol, o jovem “torcedor comum” aprende que futebol é coisa muito séria.

¹⁴ Sobre a construção de identificações, acho importante ressaltar Hall, quando o mesmo afirma que: As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. Elas são o resultado de uma bem sucedida articulação ou fixação do sujeito ao fluxo do discurso. [...] Se uma suturação eficaz do sujeito a uma posição de sujeito exige não apenas que o sujeito seja ‘convocado’, mas que o sujeito invista naquela posição, então a suturação tem que ser pensada como uma articulação e não como um processo unilateral. Isso, por sua vez, coloca com toda força, a identificação, se não as identidades, na pauta teórica. (HALL, 2000: 112)

2.2 A conquista de uma identificação: engajamento, conhecimento e devoção.

...Futebol é coisa séria. O jovem torcedor aprende isso, e ele cresce sabendo. Não apenas sabendo. O torcedor sente, sofre, vibra, se enfurece, chora. Uma vez tendo demarcado na sua biografia o registro identitário vinculado ao pertencimento clubístico, o torcedor passará a ter no futebol não apenas um esporte, mas um lugar importante – epistemológico e afetivo – através do qual ele buscará uma mediação com a vida, nas suas múltiplas determinações.

Apesar das muitas e muitas horas de conversa sobre futebol, seja como interlocutora, seja como uma simples ouvinte, situação em que a pesquisadora do futebol, porque mulher, terá que se acostumar a estar, a força da definição de Afonso sobre o que é ser torcedor me surpreendeu, e ainda surpreende.

Agora, o que pra mim significa ser torcedor do Ceará, e aí não apenas do Ceará, mas também do Flamengo, porque não consigo me ver como torcedor sem fazer referência, também, ao Flamengo. **Ser torcedor é como entrar com o time em campo, é colocar o seu destino em jogo, é ser profundamente influenciado pelo resultado, é ter o seu dia extremamente feliz quando da conquista de uma vitória, ou ter seu dia estragado por uma derrota, particularmente se for para um rival, para um clube rival. Então, ser torcedor é correr riscos, riscos muito sérios, muito graves.**

Hora, se a situação do seu time está inextricavelmente ligada à sua qualidade de vida, e logo mais veremos o porquê, cabe ao torcedor fazer o que for possível para ajudar o time. O “torcedor comum” é um torcedor militante: ele se compromete e exige comprometimento de outros torcedores. Não à toa, em épocas de eleições, uma gama cada vez maior de candidatos reivindique o pertencimento clubístico e busque o apoio dos torcedores.

Nas eleições realizadas em 2008, em dias de Jogos do Ceará, o Castelão ficava tomado por *cliques** portando bandeirinhas, distribuindo adesivos e “santinhos” dos vários candidatos que alegavam vínculo com o clube. Dentre eles, destaco Ibernon Monteiro, plantonista do Ceará pela rádio Verdes Mares, ou seja, o repórter de rádio responsável em manter o ouvinte atualizado acerca dos assuntos referentes ao time, que concorreu ao cargo de Vereador, sem ser eleito; e Gomes Farias, locutor da rádio

* Termo utilizado para designar o “militante” pago, que em épocas de eleição é habitualmente visto segurando bandeiras nos cruzamentos da cidade e/ou distribuindo material de propaganda de seu candidato.

Verdes Mares, notório torcedor do Ceará, eleito seguidas vezes ao cargo de Deputado Estadual.

Alguns candidatos, cientes do poder de envolvimento e militância dos torcedores, buscaram se vincular às torcidas organizadas, ligando seu nome diretamente à Cearamor ou à M.O.F.I., o que discutirei mais adiante. Todavia, cabe ainda destacar a campanha da candidata a vereadora Adriely Fatal, que buscava claramente associar-se a uma outra candidata, que no pleito anterior havia investido no estádio como espaço importante para a construção de sua campanha, tendo conseguido eleger-se.

Em muitas ocasiões pude ver a candidata Adriely em campanha no Castelão. Com roupas declaradamente insinuantes, ela concentrava seus esforços em dois tipos de atividades: na carroceria de uma pequena caminhonete, Adriely dançava ao som de sua música de campanha, uma espécie de paródia da conhecida “Cada um no seu quadrado”. Dentro do estádio, ela circulava, acompanhada de um auxiliar, distribuindo santinhos. Adriely não foi eleita.



Utilizando a noção de dramatização, Da Matta oferece um quadro importante para tematizar a relação entre futebol e política, pois, segundo ele, o futebol seria um instrumento privilegiado para a dramatização de aspectos importantes da sociedade brasileira.

De fato, o futebol ajuda uma coletividade altamente dividida internamente a afirmar-se como uma coletividade capaz de atuar de modo coordenado, corporadamente e de eventualmente vencer. Ora, essa experiência com uma organização coletiva com a qual podemos nos identificar abertamente e que opera para nosso deleite e benefício é muito rara no mundo diário brasileiro,

um universo onde as instituições públicas estão há décadas, desmoralizadas pela inflação e por práticas sociais clientelísticas e personalistas desconcertantes, difundidas por todos os partidos políticos irremovíveis. Uma segunda dimensão do futebol como força integrativa é a sua capacidade de proporcionar ao povo pobre e destituído, a experiência da vitória e do êxito. [...] Mas através do ‘jogo de futebol’ as massas brasileiras podem experimentar vencer com os seus times favoritos. Sentem, então, que o seu desempenho no estádio como torcida produz resultados palpáveis e vitórias completas. Essa vitória que a massa perpetuamente iludida por governantes desonestos, efetivamente desconhece no campo da educação, da saúde e, acima de tudo, da política. (DA MATTA, 1994: 16)

A despeito de algumas mudanças no cenário econômico e político brasileiro, que poderiam apontar para uma desatualização do texto de Da Matta, quinze anos após a sua publicação, acredito que o mesmo mantenha o seu valor analítico. De fato, atentar para as posturas e falas durante uma partida desvela o transbordamento do político em meio ao evento esportivo. Daí a exigência vociferada, por exemplo, de transparência nos assuntos relacionados à administração do clube, ou o clamor por uma forma de jogar agressiva, destemida, porque, como escutei de um torcedor que bradava a plenos pulmões: “frouxo, basta o Lula”.

De fato, a devoção do torcedor ao seu clube, como eu já havia dito, é exercida quase ininterruptamente. Não por acaso, pois o futebol oferece “retorno, resultados e alegria” aos seus torcedores. E não apenas por isso, como veremos em momento oportuno. Não falo aqui de uma relação de exclusão entre a ação do torcedor militante e a militância política propriamente dita. O que quero destacar, volto a dizer, é o transbordamento de uma lógica política no campo futebolístico, uma certa intensidade de atuação do torcedor, marcada pelo extremo devotamento ao seu time, em parte como um cálculo que busca resultados positivos para a própria vida.

Cabe destacar que a indumentária, ou seja, trajar a camisa do time, boné, ou mesmo a posse de um radinho, denotam o comprometimento do torcedor com o evento e com o seu time de devoção. Certa vez, ouvi de um torcedor do São Paulo que, para ele, torcedor que é torcedor tem que ter, pelo menos, quatro camisas do seu time. Quando perguntei o porquê, ele disse que quem tem menos do que isso não é torcedor de verdade, não ama o time. Felizmente, pude dizer para ele que eu mesma tinha sete camisas do Ceará, o que angariou o seu respeito ao meu status de torcedora e possibilitou que continuássemos a conversa.

Ressalte-se que a autodefinição de torcedor não resulta apenas de um ato de vontade, mas de um investimento contínuo, de uma conquista. Mais ainda: ser torcedor significa adotar por vontade própria um clube para amar incondicionalmente. E também

um clube para detestar, deliberadamente. O torcedor, ao abraçar este estatuto, insere-se numa rede de afetos e desafetos, assumindo a memória de glórias de seu clube, mas, também, a tradição de rivalidade, mais ou menos severa, com determinados times.

No domingo de 12 de novembro de 2006, após uma vitória de virada do Ceará sobre a Portuguesa, por 4 a 2, dezenas de torcedores foram ao aeroporto Pinto Martins recepcionar o time alvinegro, que voltava de São Paulo. Eu, num misto de desejo de participar do evento e sede de pesquisa, por volta das 11:00 h, estava por lá.

Já no estacionamento, percebi que não se tratava de um domingo comum, arrastado entre embarques, desembarques, esteiras e a impessoalidade maquiada dos funcionários do *check in*. De fato, à medida que eu me aproximava do saguão do aeroporto, mais e mais torcedores apareciam. Em virtude da sociabilidade fácil que o futebol promove, enquanto caminhava pude me inteirar de informações importantes. As notícias circulavam rapidamente, numa ansiosa busca de cumplicidade entre pessoas que pareciam reconhecer no outro um espelho de sua própria alegria. Soube, então, que o Fortaleza também iria desembarcar naquela tarde.

Naquele dia o aeroporto mais parecia uma pequena réplica de um estádio em dia de jogo. O aeroporto foi ocupado, assim como os estádios e ruas são ocupados quando ocorrem as partidas. E como a forma de ocupação opera-se dentro de um ritual, faixas foram colocadas, gritos, montagens e coreografias encheram o espaço de suor e vida. Várias pessoas carregavam símbolos, escudos do time, cartazes, como se quisessem justificar a sua presença ali.



Aeroporto Internacional Pinto Martins.



Aeroporto Internacional Pinto Martins.

Naquele manhã festejava-se duplamente. A vitória sobre a Portuguesa praticamente livrou o Ceará da ameaça de cair para a terceira divisão do futebol nacional, o horror de todo torcedor. Em contrapartida, o Fortaleza, em meio a uma

campanha desastrosa, praticamente consolidava seu rebaixamento para a segunda divisão. Era, de fato, um dia de glória. O vôo atrasou muitíssimo. As pessoas, que esperavam a chegada do time ao meio dia, só o viram chegar por volta das 18:00 horas. Apesar do longo tempo de espera, os torcedores permaneceram no aeroporto.

Por um lado, o tempo de espera era mais leve pelo caráter festivo do momento. Havia inclusive uma charanga que desfilava pelo aeroporto tocando antigas marchinhas de carnaval, intercaladas com o hino do time. À frente da bandinha, orquestrando-a, o então presidente da Cearamor, visivelmente orgulhoso com a realização da festa. Por outro lado, a grande maioria dos torcedores presentes no aeroporto sequer dispunha de dinheiro para comer ou beber alguma coisa. Eles se acomodaram ali mesmo, sentados ou deitados no chão, próximos do espaço destinado ao desembarque.



Aeroporto Internacional Pinto Martins.
Este torcedor, como outros, dançava animadamente ao som da charanga.

A certa altura entra no saguão uma família, mais precisamente um casal, um rapazinho de aproximadamente 13 anos e uma menina. O pai e o menino estavam vestindo camisas do Fortaleza. Imediatamente, a pequena multidão se voltou para a família, seguindo-os e gritando “pei, pei, pei...”, espécie de simulação do som de tiros. A violência simbólica foi tão contundente que o rapaz e o pai, após a dispersão da torcida, já na fila do guichê, com camisas trocadas, apresentavam-se suados e com as faces vermelhas, como se tivessem sido, realmente, agredidos a socos e bofetões. O preço apagar pelo esquecimento de uma regra: ser torcedor significa inserir-se numa

esfera de sociabilidade marcada pela disputa e pelo conflito, que extrapolam o tempo-espaço ritual e simbólico dos dias de jogos. O depoimento de Afonso permite visualizar com precisão o transbordamento do jogo na vida cotidiana dos torcedores.

Se para mim futebol é um esporte? É, é um esporte. Para mim é um esporte, mas é minha vida também, a minha vida que tá em jogo. É um esporte no qual a minha vida tá colocada em jogo, quer dizer, não existe o distanciamento, futebol não é uma coisa separada de mim, não é uma coisa separada da minha vida, não é uma coisa que se esgota no momento em que ele tá se desenvolvendo e se encerra com o apito final. Quer dizer, o futebol, ele continua, ele impregna nossa vida, a vida de quem é torcedor.

A experiência de ser torcedor é vivida cotidianamente, no espaço de trabalho, nas ruas, comércios, aeroportos, bares, com os vizinhos e amigos. O desempenho de um time diante de seu rival confere o status que permite estabelecer quem está por cima, quem pode “frescar” com quem, e quem tem de baixar a cabeça ou, como muitas vezes acontece, perder o espírito esportivo e partir para as vias de fato.

Então, quando a gente vence o Fortaleza, a gente tem essa alegria de vencer um adversário mais difícil, também o alívio de escapar da zombaria, de escapar das provocações. E não só! A possibilidade de ter muita gente nos prestando honras pela vitória, né? Porque o silêncio, o constrangimento do torcedor do Fortaleza, quando a gente passa diante dele, não deixa de ser uma reverência, né? Então, a minha relação com a vitória é muito mais essa... Eu não sou muito de provocar ninguém, de ficar zombando ostensivamente. Mas gosto de desfilar e receber, do adversário, o reconhecimento pela vitória.

E aqui se desvela uma dimensão fundamental para a compreensão do fenômeno futebolístico: a relação entre um torcedor e o seu clube situa-o num campo de disputas de poder, pois a relação entre torcedores “adversários” sempre é uma relação de poder. Cabe ressaltar que estas disputas por poder e por status – que concedem a um ou a outro o direito de “desfilar pela cidade” ou, caso contrário, a obrigação de suportar com dignidade as provocações dos adversários – são vivenciadas, sobretudo, fora dos estádios.

Explico: a primeira e óbvia razão se refere ao pouco tempo em que o torcedor permanece no estádio. Mas, mesmo neste tempo, o torcedor tenderá a estar entre os seus pares. Mesmo quando a disputa for contra o maior rival, este estará longe, separado. Será possível ouvi-lo, mas será uma voz coletiva. Será possível vê-lo, mas ele não terá rosto, estará escondido em meio à multidão. Uma vez no estádio, o torcedor

estará ocupado jogando o seu próprio jogo, ou seja, assumindo a sua posição para ajudar o time a vencer. Da Matta assim se refere ao jogo dos torcedores:

[...] nos estádios e ginásios, as multidões urbanas podem deleitar-se com as inúmeras emoções de um espetáculo de grande poder de sedução visual e auditivo, além de, como ‘torcida’, serem atores ativos de um espetáculo em espaço aberto. Um cenário onde atores e espectadores estão separados mas no qual se estabelecem entre eles elos sociais e simbólicos fundamentais. São esses elos que, no Brasil, criam o ‘torcedor’. Ou melhor, que transfiguram o moderno fan (palavra que vem do inglês, fanatic, ou seja, o aficionado ardente que perde a cabeça e se confunde com o seu clube, celebridade ou time) em ‘torcedor’. Aquele ou aquela que torce, contorna e retorçe o seu corpo para que o seu time seja vencedor. Pois o ‘torcedor’ é aquele que urra dentro do estádio. E que segundo Nelson Rodrigues, ‘parece um pobre diabo, indefeso e desarmado’, mas ‘na verdade (...) pode salvar ou liquidar um time. É o craque que lida com a bola e a chuta. Mas acreditem’, diz Nelson, ‘o torcedor está por trás dispendo’. E, diríamos nós, provocando, desafiando, desconstruindo e incentivando o seu time. Com isso, o torcedor cria com o espetáculo uma relação absolutamente ausente do evento erudito, em que os reis, príncipes, duques e nobres não estão tocando – ou, no caso do futebol brasileiro, jogando – mas permanecem quedos e seguros na platéia. (DA MATTA, 1994:15)

Posso assegurar que é muito freqüente ouvir torcedores gemerem “ais” e “uis”, cheios de dor e angústia, quando o time adversário tem chances claras de gol. Se eles sofrem, gemem, urram e se contorcem, é porque o que está sendo disputado ali, naquele campo, não é apenas um jogo, mas as suas próprias vidas. O resultado do placar não se reduz ao número de finalizações bem sucedidas, mas à qualidade de seus dias, de suas relações no trabalho, no supermercado, em filas de banco, em todos os lugares e momentos, enfim. E o torcedor passará por tudo sozinho, pois o “torcedor comum” é um torcedor no singular, que vive esta condição face a face com o “inimigo”, no mitigado e contínuo tempo do dia a dia.

Por mais que o torcedor tenha companheiros que habitualmente o acompanhem ao estádio, o “torcedor comum” é avulso, é só. O grupo fundamental deste torcedor se consolida fora do estádio. É o grupo construído no espaço de trabalho, na faculdade, na vizinhança, etc. E o status proveniente da situação de seu time será vivido cotidianamente entre estas pessoas, cuja filiação clubística ele não poderá determinar ou escolher. Afonso assim se refere a esta situação.

A gente se sente muito mais confortável com o amigo que torce Ceará, porque o amigo que torce Fortaleza vai tá o tempo todo nos lembrando essa rivalidade, e aí, evidentemente, nos momentos de vitória, nos momentos em que nós somos vitoriosos, no momento em que o Ceará é vitorioso, não é grande problema conviver com o amigo que torce Fortaleza. Mas nos momentos em que a vitória está em risco, ou em que nós experimentamos a

derrota, a inferioridade, a convivência com o amigo que torce Fortaleza nos faz lembrar, particularmente quando ele torce e se envolve... Então, não é só o ato de fazer lembrar, Existe... Porque a convivência com o amigo que torce Ceará pode também nos fazer lembrar, na medida em que existe uma identidade de interesse, no caso, nós dois somos torcedores do Ceará e podemos, entre nós, conversar pela situação eventualmente difícil pela qual o clube passe. Bom, a gente vai tá se lembrando. Quando a gente é vitorioso a gente desfila pela cidade com muito mais tranqüilidade. Quando a gente tá derrotado a gente fica menos confortável. O amigo, ele não nos ameaça, o amigo ele não... O amigo que torce Ceará não me ameaça, ele não vai tá chamando a atenção pro fato de que está por cima e que eu estou por baixo. Então, nesse aspecto, fica muito mais confortável: na vitória ou na derrota a nossa condição é mesma, então se torna muito mais confortável.

Assim, após uma derrota, o dia-a-dia do torcedor pode se tornar um fardo, tanto maior quanto mais provocadora for a sua postura com relação aos adversários. Por exemplo, se o torcedor costuma “frescar” habitualmente com os torcedores rivais, numa ocasião de derrota do seu time, ele se torna o alvo da vingança dos rivais. Afonso, por exemplo, convive no espaço de trabalho com um torcedor do Fortaleza. Durante uma fase de sucessivas derrotas de seu time, este amigo tinha de acionar uma série de manobras para manter a própria dignidade e escapar das retaliações. Pegava o elevador de serviços, evitava a todo custo estar onde os torcedores do Ceará fossem maioria, e não ia nem mesmo ao restaurante do órgão. Cansado e nervoso com sua própria situação, disse para Afonso, entre a ansiedade e certo desespero: *“Olha, eu sou um que fresca com todo mundo, agora imagina todo mundo frescando com um!”*

No caso de Francisco a situação ainda era mais desagradável, pois o mesmo, entre as muitas funções que exercia, era porteiro na faculdade em que trabalhava. Em situação de derrota do Fortaleza, eu o encontrava qual farrapo de gente, quieto e murcho, muitas vezes antecipando a zombaria que alguém iria lhe lançar, pois, segundo ele mesmo, *“o pior é quem passa calado, só com aquele risinho... É muita humilhação ‘prum’ homem!”*

A necessidade de provocar e diminuir o outro é um traço comum a praticamente todo torcedor. Mesmo aquele mais contido e reservado, mesmo este, em algum momento desfruta do prazer da disputa. Numa manhã de sábado, após uma vitória do Ceará sobre o Fortaleza, eu estava no Ceará Grill, restaurante que funcionava na sede do Ceará. Bem próximo à minha mesa, um senhor com seus sessenta e alguns anos. Vi que ele observava atentamente a conversa que eu estava tendo com meu acompanhante. Rapidamente dei um jeito de fazer contato e, em pouco tempo, estávamos todos conversando animadamente.

Ele, um torcedor antigo, falava de um outro tempo, quando era muito melhor ir ao estádio, quando não havia “esse negócio” de briga entre as torcidas, quando “era todo mundo amigo”. Bem, quando eu já começava a acreditar que ele era um exemplo raro de uma sociabilidade hoje em extinção, ele começou a contar que tinha uns vizinhos torcedores do Fortaleza, que viviam “insultando” com ele. Então, com um brilho malino nos olhos, ele disse: “*Mas agora o Vozão foi quem ganhou... É muito bom dá uma lapada na Carniça, né não?*”

Existe, pois, uma ligação simbólica entre o torcedor e o seu time, de modo que, quem vence ou perde, quem sobe para a primeira divisão ou desce para a segunda ou terceira, é o time, mas, também, o torcedor. É justamente porque o resultado do jogo interfere, ou melhor, diz respeito à própria vida do torcedor, no caso do “torcedor comum”, que este se dedica com tanta paixão ao seu clube. E mais, ele exige do outro uma postura condizente com o lugar de torcedor. Desta forma, posso apresentar mais duas características passíveis de generalização para o “torcedor comum”:

- Ele é um torcedor sozinho, um torcedor avulso, ou seja, não se organiza em grupos, pois os grupos fundamentais dos quais ele participa e nos quais ele atualiza a sua condição de torcedor de futebol, são vividos no cotidiano, em meio às suas atribuições, na família, na vizinhança, no trabalho etc;
- A identificação de torcedor requer um investimento constante e sofre intensamente a vigilância e a cobrança de outros torcedores.

Como eu disse anteriormente, a identidade do torcedor não resulta apenas de um ato de vontade. É necessário um aprendizado e um investimento sempre atualizado. Mais ainda quando se sabe da situação dos times locais. No caso do Ceará, apesar de ser um time de tradição e com uma torcida considerável, o clube não possui recursos assegurados por patrocinadores que permitam manter uma folha de salários com valores elevados. Neste caso, a torcida cresce em importância, pois, através dela, seja pelas rendas dos jogos cujo mando é do Ceará, seja pelo engajamento de torcedores nos projetos do clube, essa limitação pode ser contornada.

Então, é... Vestir a camisa do Ceará, evidentemente é algo que a gente sempre tem vontade de fazer, particularmente quando o time vence, quando o time obtém as conquistas. Então vestir a camisa do Ceará é celebrar as

vitórias, celebrar as conquistas. Ir ao estádio evidentemente é um ato de vontade, não apenas de compromisso militante, mas, nessa situação em que o Ceará passou a estar, de uma relativa inferioridade nos últimos anos, então isso passou a se tornar muito mais necessário, o sentimento de obrigação com o time, de dever com relação ao time, ele foi aumentado. Então, numa situação anterior o Ceará ele sempre tinha mais capacidade de investimento para formar grandes times do que o Fortaleza. A situação se inverteu, então o Ceará passou a vivenciar situações de crise financeira enquanto o Fortaleza, seja por ter subido à primeira divisão, seja por ter tido patrocinadores, ou, no caso recente, por ter um presidente que contribui com suas próprias finanças para ajudar o time, o Fortaleza passou a ficar numa situação muito mais folgada do que o Ceará. Então realmente esse compromisso militante, essa atitude de engajamento, associada à necessidade de gerar finanças para o Ceará, isso aí realmente... Agora, então, é isso: mesmo que eu tenha a possibilidade de assistir um jogo na televisão, ou que esteja com preguiça de ir ao estádio, essa situação do Ceará me obriga a vencer a comodidade e ir ao estádio. Não que isso seja um grande sacrifício, porque eu gosto de ir ao estádio, mas eu tô dando um exemplo, me referindo a uma situação hipotética, em que esse compromisso se manifeste.

Esse engajamento, que não é uma particularidade de Afonso, leva o torcedor a olhar para o outro sempre medindo o seu comprometimento. Desta forma, quem diz que torce, mas não vai ao estádio, não gozará de muito crédito entre o torcedor que frequenta os estádios. Pior do que este, somente aquele que se diz torcedor da seleção brasileira. Esse é visto como o não-torcedor. Ora, como alguém pode afirmar torcer por um time que não vai situá-lo no mapa das sociabilidades de disputa travadas cotidianamente entre os torcedores autênticos? Na verdade, não existe futebol separado desta rede de disputas, existe festa, ocasião para beber, farrear... Futebol, não! Sobre a importância do estádio na identificação do “torcedor comum”, cito a seguinte fala de Afonso.

E eu acho que a partir desse momento que eu passei a frequentar com mais intensidade os estádios, com uma frequência maior nos estádios, a minha relação com o Ceará, com o Clube, foi também se fortalecendo, e o que antes era uma relação mais forte com o Flamengo, passou a ser equilibrada, entre Flamengo e Ceará, e, a partir de um certo momento, eu posso dizer que se eu não torço mais pelo Ceará do que pelo Flamengo, por outro lado, a situação do Ceará é muito mais decisiva para a minha qualidade de vida, para o meu bem estar, para a minha felicidade, do que a situação do Flamengo. Quer dizer, se o Ceará tá mal, a gente tá convivendo com pessoas que nos lembram isso a todo momento, né? Através das piadinhas, das provocações e assim por diante... Com o Flamengo isso também acontecia, mas em menor intensidade. E eu acredito até que essa relação de... Esse... Que essas circunstâncias, as quais a gente tá sujeito a sofrer, essas provocações, essas piadas, acabam nos levando a tomar partido do nosso clube e a fortalecer a nossa relação com ele, fortalecer o nosso desejo, a nossa necessidade de que o clube tenha um bom desempenho pra gente não ficar numa posição tão defensiva nessas relações... Eu acho que isso é que num determinado momento, particularmente da minha vida, se dava tanto com o Flamengo quanto com o Ceará, ou seja se o Flamengo perdia eu sofria com esse tipo de provocação, de brincadeira. Mas a partir de um certo momento, isso passou a se dar muito mais com o Ceará do que com o Flamengo. Hoje em dia o

Flamengo ganha, o Flamengo perde, são poucos os que provocam, os que brincam que procuram tirar uma onda. Agora, com relação ao Ceará, se o Ceará vai mal, se o Ceará perde, a gente se depara com essa realidade da provocação a todo instante. Às vezes nem tanto dirigida a mim, mas a gente tá no elevador, aí um brinca com o outro, e aí a gente acaba tomando conhecimento disso.

Ora, de acordo com a fala do informante, freqüentar o estádio fortalece a relação com o time, da mesma forma que as provocações, o que venho chamando de sociabilidade de disputa. Na verdade, se o jogo da seleção brasileira resta como entretenimento, e não como futebol, ao contrário de um jogo como Horizonte e Ferroviário, que pode mobilizar a atenção e ansiedade dos torcedores do Ceará, é porque o que está em jogo, de fato, é a necessidade de viver a disputa. Não apenas de vivê-la, mas de enfrentá-la e sair vitorioso. E aqui emerge a necessidade do *agon* – da competição, do combate e da rivalidade – que se configura como uma necessidade comum ao conjunto de torcedores, comuns e organizados. A diferença está no conteúdo do combate. Para o “torcedor comum” a disputa gira em torno de um lugar de saber.

Senão vejamos:

Então esse é o modo pelo qual eu me posiciono: com engajamento. Engajamento tanto como comparecimento ao estádio, entendendo que o comparecimento é importante para o fortalecimento do clube, do time, aí vem a importância da arrecadação pra possibilitar maiores investimentos, contratação de jogadores e assim por diante... Então, tanto o engajamento no comparecimento aos estádios, quanto esse engajamento de responder a essas intervenções que diminuem o Ceará ou a posição do Ceará diante do Fortaleza. E aí o recurso é a referência à história, às conquistas anteriores, ou até mesmo às conquistas recentes, como no caso do título de campeão cearense.

Bom, essa é a maneira como eu tendo a me posicionar diante da rivalidade. Tenho procurado modificar isso, tenho procurado não me sentir tão atingido por essas provocações e ter uma relação mais serena com o futebol. Esse tem sido um aprendizado recente ou uma tentativa recente.

O “torcedor comum” é aquele que sabe. Mesmo estando inserido numa rede de sociabilidades fortemente marcada pela disputa, ele responde às provocações e pode, dependendo da qualidade de seus argumentos, calar o adversário. Mesmo quando está entre os seus, o torcedor saberá reconhecer aquele que torce mesmo, ou seja, aquele que domina a história do seu time e que está bem informado.

Vê-se que a inserção do indivíduo na rede de sociabilidades e de significados veiculados a partir do futebol o leva a construir uma “lógica classificatória”, hierarquizada, que se estende a praticamente todas as relações e espaços

relevantes. Esta lógica, bem colocada por Toledo¹⁵, se constrói no inter cruzamento das experiências vividas pelo torcedor, no campo esportivo e no espaço mais distendido de suas relações cotidianas. Neste sentido, esta lógica é também dinâmica e constantemente (re)elaborada, incorporando, por exemplo, o olhar recíproco entre torcedores comuns e torcedores das organizadas. Veja-se, por exemplo, a experiência de Francisco.

Aí, é como eu tô dizendo pra senhora, comecei a ir pra estádio. Fui começando a entender de futebol. Gosto muito, muito... Praticamente minha única diversão é futebol, mas eu não sou fanático, tá entendendo? Eu torço, eu vou para o estádio, assim, eu torço. Terminou o jogo eu venho para a minha casa, tranqüilo. Deus o livre d'eu brigar com alguém por causa de futebol. E eu também não gosto dessas coisas de outros tá brigando com os outros, matando é... Como é que se diz? Batendo nos outros por causa de futebol, porque isso aí pra mim, isso num existe... [...] Eu vou mesmo, assim porque eu gosto muito né? E é como eu tô dizendo pra senhora, que é praticamente minha única diversão. Que eu não tenho vício de beber, de fumar, negócio de festa: eu não gosto! Meu negócio é futebol, futebol, eu gosto de futebol! E só torço por ele. Pronto: o meu time único e exclusivo é só o Fortaleza... E eu não gosto de negócio de São Paulo, Flamengo, Vasco... Eu não sou carioca, não sou paulista, não sou gaúcho, sou cearense, só torço pelo Fortaleza, pronto.

Essa fala é bem reveladora do caráter relacional na construção da experiência de ser torcedor atualmente. Chamou-me a atenção a relação de proximidade que Francisco mantém com o futebol. Vai sempre que pode ao estádio, o que significa dizer que só não o faz quando o trabalho não permite. Francisco carrega diariamente um rádio de pilha, pelo qual acompanha os jogos e os noticiários esportivos locais e, gostaria de frisar, sua relação com as pessoas se dá, fundamentalmente, através da mediação do futebol. Este é o assunto principal entre ele e os alunos e funcionários da Instituição, é o elemento modelador de suas relações no seu local de trabalho.

No entanto, este torcedor, segundo ele mesmo, não é um fanático, pois, como ele enfaticamente afirmou, fanático é aquele cujo devotamento ao time o leva a cometer atos violentos. Vê-se aqui uma marcação simbólica clara, cuja fonte reside no modelo das torcidas organizadas, que por ser modelo é excessivamente genérico. Ou seja, o “torcedor comum”, e esta é uma definição que também se generaliza entre o conjunto de torcedores, é aquele que não é violento.

¹⁵ A condição de torcedor é única, sem ambigüidades, visível, transparente e encerra uma lógica classificatória. Dias de jogos implicam a divisão das opiniões e preferências em vários níveis. Primeiro entre aqueles que participam do jogo, os torcedores, e aqueles que, por outro lado, apenas toleram ou ignoram o futebol. Segundo, a divisão entre aqueles que torcem para os times envolvidos na ocasião. (TOLEDO, 2000: 133)

Se o pesquisador parte das autodefinições dos agentes, ele não deve, contudo, se conformar a elas, mas antes tomá-las como gancho para o aprofundamento de sua problemática. Como a passagem acima indica, não se pode afirmar que o “torcedor comum” não é violento. Na verdade, é comum assistir cenas de agressividade e mesmo conflitos entre torcedores comuns. No entanto, ao contrário dos torcedores organizados, cuja violência assume um caráter coletivo, pois são grupos que se confrontam, a violência entre os torcedores comuns assume uma dimensão mais individualizada e difusa, portanto menos perceptível, pois se esconde em meio à multidão.

Os problemas entre os torcedores comuns tendem a ser mais tolerados pelas forças policiais presentes nos estádios, justamente porque o “torcedor comum” é percebido como uma individualidade. Ele é uma pessoa, dotada de nome e sobrenome, ao contrário dos torcedores organizados, geralmente antevistos como “vagabundos” do bairro “tal”. No caso dos torcedores comuns, apenas quando o “desentendimento” assume uma maior gravidade a polícia interfere, porém com muito mais “brandura”.

Ainda acerca da agressividade dos torcedores comuns, não se deve esquecer dos atos de agressão contra o espaço físico do estádio, como a prática de chutar fortemente as cadeiras, as agressões verbais e os atos voltados contra jogadores, juízes e equipe técnica, como xingamentos e arremesso de objetos no campo. Mesmo assim, o “torcedor comum” é classificado como não violento. É possível, então, afirmar que a classificação dos “torcedores comuns” origina-se, também, de uma virada ao avesso do estigma construído e imputado aos torcedores organizados, como foi trabalhado no capítulo anterior.

Como Francisco salientou, ele não é um torcedor “fanático”... Mas, o que se esconde por trás do fanatismo? A designação, no sentido usual, refere-se a uma dedicação alargada a algo ou alguém, que conduz à percepção, classificação e valoração do mundo, das pessoas e dos lugares de acordo com o “objeto” que veicula o fanatismo. No caso de Francisco a alcunha de “fanático” não é bem recebida, porque, para ele, “fanático” é o torcedor organizado. E se é assim, a despeito da sua devoção alargada ao time, o fanatismo não lhe cabe. Por trás dessa negação do termo, percebo um jogo classificatório que situa os torcedores comuns na origem da prática de torcer, no lugar do que é correto, porque é anterior, porque veio primeiro. O fanatismo seria, então, uma degenerescência deste lugar primordial, decorrência da explosão do fenômeno das torcidas organizadas.

No entanto, os torcedores comuns também adjetivam a intensidade de sua dedicação ao time. É comum ouvi-los afirmando a sua própria devoção, ou a de terceiros, através de frases do tipo: “o fulano lá? Aquele é torcedor mesmo, o cara é doente pelo Ceará!”. Parece-me que o termo doente soa mais fácil e leve. Talvez pela referência ao amor, ao padecimento, ao sofrimento do corpo e da alma. Afinal, torcedor é aquele que se contorce pelo seu time, e isso dói.

2.3. O jogo do “torcedor comum”.

Em páginas anteriores salientei o fato de que o “torcedor comum” é um torcedor sozinho, um torcedor avulso. Isto porque a sua experiência de torcedor é vivida, sobretudo, em grupos inseridos na esfera das relações cotidianas. Todavia, estar no estádio, tomar parte da massa, promove, por outro lado, um efeito de grupo sobre este torcedor. Trata-se da experimentação de um comportamento em grande parte involuntário e, de certa forma, curioso: o indivíduo é levado a sentir e agir tal qual os que estão próximos a ele.

Simmel afirmou, sobre o efeito de massas, que “(...) *O que todos podem dar equivale à cota do mais pobre*”. Metaforizando desta forma, Simmel se referiu ao que é comum a todos que compõem a massa, o que é absolutamente genérico. Diante das irreduzíveis particularidades e diferenciações intelectuais, físicas, sociais, geracionais e de gênero, dos milhares que compõem uma massa, os sentimentos que restam ao nível mais generalizável seriam, justamente, os mais primitivos.

No caso do universo futebolístico, estes sentimentos seriam a euforia, a alegria, a raiva e a dor: a euforia pelo gol, a alegria da vitória, a raiva pelo mau desempenho dos profissionais do esporte, a dor da derrota. De fato, é praticamente unânime entre os torcedores o efeito de intensificação das sensações acionado pelo pertencimento à massa em um estádio, tanto que muitos dizem que acreditam mais num resultado positivo para o seu time se estiverem no estádio do que assistindo o jogo pela televisão. A esse respeito Afonso diz que:

E a relação com o estádio realmente ela modifica a nossa relação com o futebol. O prazer de ver um jogo no estádio, a emoção que se vive, a satisfação com a vitória é muito maior do que através da televisão. Acho que pelo envolvimento que ocorre pela comunhão de expectativas, de aspirações, né?, com os demais torcedores. Mas o fato é que o envolvimento é,

realmente, muito mais intenso e a satisfação ou a tristeza em função do resultado também é muito maior.

Daí a comunhão de vontades e de atitudes que arrasta, irrevogavelmente, o indivíduo presente nos estádios, nos momentos mais intensos. Daí o som característico quando um jogador perde o gol, aquele conhecido “uuuhhh”, as formas de demonstrar raiva, os palavrões, as frases, a comemoração explosiva do gol, a importância visual das camisas que pintam o estádio com as cores do clube. Tudo evoca um contorno uniforme de comportamentos: o efeito de massa. Sobre isso, Simmel afirma.

As massas também se caracterizam por estímulos causais que produzem enormes efeitos, pela avalanche da maioria dos impulsos de amor e ódio, pela excitação às vezes totalmente incompreensível, na qual ela, sem refletir, se precipita do pensamento à ação, arrastando consigo o indivíduo sem qualquer resistência. Esses fenômeno se deve provavelmente à influência mútua, ocorrida por intermédio das emanções de sentimentos difíceis de se detectar. Como se produzem entre todos e dentro de cada um, os sentimentos acabam por se somar, em cada um deles, a uma excitação que não se explica nem pela coisa, nem pelo indivíduo em si. Este é um dos fenômenos estritamente sociológicos mais puros e mais reveladores: o indivíduo se sente tomado pelo ‘humor’ da massa como se fosse assaltado por uma violenta força exterior que é indiferente ao seu ser e querer individuais – e no entanto a massa consiste somente nesses indivíduos. Sua interação pura e simples desenvolve uma dinâmica a qual, por sua grandeza, aparece como algo objetivo que oculta de cada um dos participantes sua própria contribuição particular. De fato, cada indivíduo também arrebatado, ao mesmo tempo em que é arrebatado. (SIMMEL, 2006: 52 - 53)

O arrebatamento da massa. Todavia, se esses sentimentos e a reação a eles são involuntários, a construção da massa não o é: é pensada, premeditada, articulada com antecedência pelos torcedores que procuram estimular os outros a irem aos jogos. De fato, acredito que exista um tipo de torcedor que vá aos estádios, justamente, em busca deste arrebatamento. Após tantos jogos, acredito que aprendi a identificá-lo. Na grande maioria das vezes, ele não porta o radinho, ou seja, ele não acompanha os comentários sobre o seu clube, ou mesmo as notícias acerca do adversário, se este estiver jogando. Ora, se ele não está ligado às notícias e placares de outras partidas durante o jogo, dificilmente este torcedor terá um cotidiano marcado com importância pelo acompanhamento de seu time.

No entanto, logo nos lances iniciais, muitas vezes sem importância, pequenas faltas, chutes que não levam a perigos de gol... Não importa, ele já estará gritando obviedades e jargões do futebol, palavrões e xingamentos. Este é o torcedor

que vai ao estádio menos pelo time e mais pela vontade de experimentar a massa. Para este indivíduo, o jogo significa, basicamente, lazer, diversão ou entretenimento.

Neste caso, as possibilidades oferecidas pelo evento futebolístico apresentam-se como uma espécie de fissura no tempo-espço. Nesta perspectiva, todos os acontecimentos tendem a se desenrolar no interior do próprio campo esportivo e, ao final do jogo, o indivíduo retoma o curso de sua vida, que parece não ter maiores implicações com o futebol.

Todavia, já foi colocado aqui que a experiência do estádio intensifica a relação do torcedor com o seu time, na medida em que insere o sujeito na ambiência da sociabilidade de disputa. Desta forma, se o torcedor que frequenta estádio principalmente pela sensação de arrebatamento está na base de uma escala de intensidades de devotamento, existem tantos outros cuja relação com o futebol aciona um investimento mais cotidianizado.

É o caso do torcedor que vai ao estádio, mesmo nos piores momentos do time. E não são poucos os que o fazem, pelo contrário. Em tais ocasiões, os torcedores parecem querer compensar a debilidade de seu time, comparecendo em grande número aos estádios, uma ação coletiva que enuncia um duplo conteúdo: o primeiro refere-se à força do time, justamente por dispor “desta” torcida; o segundo afasta do torcedor sentimentos como vergonha e humilhação, em virtude dos maus resultados, pois se o time conta com tal patrimônio humano, então ele é forte e grande, mesmo quando comparado a outros que, eventualmente, tenham uma melhor colocação.

A relação com o futebol é tão intensa que, muitas vezes, o esporte enquanto tal desaparece. Explico. Certa vez, ouvi de Afonso a seguinte frase: “[...] *Porque não gosto muito de futebol não. Gosto mesmo é do Flamengo e do Ceará.*” No entanto, Afonso assina todos os canais esportivos, compra todos os pacotes dos campeonatos das séries A e B do Brasil, está, constantemente, na Internet, acessando páginas e mais páginas de times, torcidas, *blogs* de comentaristas etc. Assiste a praticamente todos os jogos, posto que, todos, de alguma forma, se relacionam com a posição de um dos dois times citados.

O que mais me impressiona é a engenhosidade dos cálculos que ele realiza, a cada rodada, para decidir por qual time vai torcer, o que às vezes o obriga a torcer pelo Vasco, por exemplo, arqui-rival do Flamengo. O paradoxo maior é quando ele torce contra o Flamengo, porque, nas suas equações, a derrota seria melhor para o time. Interessou-se, inclusive, pelo sucesso do *Fenerbahçe*, da Turquia, pois o bom

desempenho deste time promoveria Zico, ex-jogador do Flamengo, então treinador do time turco, o que, segundo seus cálculos, seria útil, caso ele se tornasse futuro presidente do clube rubro-negro. Para finalizar os exemplos, que poderiam ainda se suceder em muitas linhas, ele torceu avidamente por um jogador de tênis de mesa, nas Olimpíadas de 2008, pois o atleta era torcedor do Ceará.

Afonso, como milhares de outros, relaciona-se com o futebol de forma cotidianizada, o seu ânimo e humor dependem de uma espécie de loteria, que acompanha os resultados do jogo. Se tudo vai bem, ele pode sair de casa sem receio e andar pela rua não é apenas caminhar, mas é um desfile de campeão, como ele mesmo informou. No caso de Afonso o futebol está tão amarrado à tessitura de suas relações, às suas disposições e humores, ao funcionamento de seu corpo, que ele desaparece. No final, some o futebol, e o que se vê são pessoas, os torcedores simplesmente existindo.

Bem, espero ter demonstrado que, a despeito dos sentimentos mais generalizados entre o coletivo de torcedores, existem, também, formas distintas de demonstrar afeto ao time, formas diferenciadas de torcer que se associam e partem do que é mais genérico. Será justamente a particularidade da combinação, e suas formas de expressão, o que permitirá ao pesquisador problematizar a noção de comportamento de massas, no que toca ao conjunto de torcedores.

Se cada torcedor demonstra apego à sua própria forma de torcer e às relações daí decorrentes, isso se dá exatamente porque a experiência de ser torcedor é imbricada com uma morfologia comportamental cotidiana vinculada a um determinado lugar sócio-econômico. Pode-se então afirmar que, a despeito do fechamento do futebol como um campo relativamente autônomo, a sua seriedade e o grande investimento afetivo a ele direcionado decorre da sua vinculação incontornável com a própria vida.

Essa guinada – da determinação das formas pelas matérias da vida para a determinação de suas matérias pelas formas que se tornaram valores definitivos – talvez opere de modo mais extensivo em tudo aquilo que chamamos de jogo. As forças, as carências e os impulsos reais da vida produzem as formas de nosso comportamento desejável para o jogo. Essas formas, contudo, se tornam autônomas dos conteúdos e estímulos autônomos dentro do próprio jogo, ou melhor, como jogo. Caçar, conquistar, comprovar forças físicas e espirituais, competir, pôr-se à mercê do acaso e do capricho de poderes sobre os quais não se tem qualquer influência – tudo isso que antes adería à vida em sua seriedade, agora se subtrai a seu fluxo, à sua matéria, desapega-se da vida. Autonomamente, escolhe ou cria os objetos nos quais irá se testar e representar-se em sua pureza. Isso confere ao jogo tanto sua alegria quanto seu significado simbólico, tornando-o diferente do puro divertimento. (SIMMEL, 2006: 63)

O jogo. Como já falei em linhas atrás, o futebol é coisa muito séria. Tão séria, que nenhum outro esporte mobiliza tanto espaço na mídia e, tampouco, uma quantidade tão grande de dinheiro. Como também já foi dito, o futebol acabou se desprendendo do seu “serviço à vida”, tornando-se processualmente um campo autônomo com um universo simbólico bem demarcado.

Todavia, a própria vinculação com a dinâmica mais ampla da vida transporta, para o interior do campo esportivo, cisões e enclaves vividos cotidianamente por seus atores. Mesmo que todos estejam reunidos no mesmo espaço, no estádio, envolvidos com o mesmo objetivo, a vitória do seu time, etc... Não importa. Ainda assim, será possível diferenciar aquele torcedor com a camisa oficial do time, que custa em média R\$150,00, daquele que está usando uma camisa comprada junto a um camelô, fora do estádio, cujo valor é, em média R\$ 15,00. Sem falar em celulares, relógios, radinhos, bermudas, sandálias, tênis... Enfim, toda uma sorte de produtos que permitem um mapeamento aproximado do que parece homogêneo.

Se a percepção das diferenças oriundas de lugares sócio-econômicos distintos não é estranha aos próprios torcedores, também é correto afirmar que o futebol promove a ruptura do anonimato, indiferenciação e impessoalidade comuns à dinâmica cotidiana nos centros urbanos. Torcedores de um mesmo time, mesmo em espaços sem nenhuma vinculação com o futebol, uma vez se identificando pelo uso da camisa ou de outro adereço qualquer, têm muita facilidade em se cumprimentarem ou mesmo travarem conversas e comentários rápidos. Este é um exercício que eu mesma, muitas vezes, testei, a fim de verificar o seu alcance.

Porém, existe entre os torcedores a percepção de quem são, de fato, os seus pares e quem são os torcedores tolerados. Sim, tolerados, porque a sua presença acaba sendo importante para estimular o time, posto que, quanto mais gente, melhor. Eu poderia mesmo dizer que estas divisões são percebidas, muitíssimas vezes, com ressentimento social. Não é por outro motivo que a Cearamor canta: “*ei playboysada, tira o cú da arquibancada*”. Os torcedores comuns são os playboys, os que têm carro, relógio, celular moderno e carteira cheia. Mesmo entre os torcedores comuns, é clara a distinção entre os torcedores mais ou menos abastados.

Alguns autores, trabalhado na linha argumentativa elaborada por Da Matta, aprofundam o alcance do futebol, no que concerne aos rearranjos sociais articulados pela experiência de estádio.

Assim, o futebol é mais do que uma metáfora; é, como atividade, uma forma de embate entre grupos sociais organizados de forma alternativa, marginal ou anti-rotineira. O seu valor e a sua importância dizem respeito a essa capacidade de reordenar a própria ordem social, fazendo com que inimigos de classe sejam aliados no estádio, e aliados étnicos, e políticos se dividiam como torcedores desse ou daquele time”. [...] O universo do futebol modifica práticas cotidianas bem estabelecidas, tendo conseqüências para a vida dos seus aficionados. Ela também revela como o futebol fornece um mapa de navegação social alternativo, diverso dos critérios “socioeconômicos” vigentes nos esquemas de classificações sociais rotineiros. Ao promover essa reordenação, o futebol sugere virtualidades. No plano do futebol, importam menos a classe social ou a posição ocupacional do que a identidade do time que obrigou o perdedor a usar o sinal máximo dessa identificação no trabalho. Trata-se, como acentuei, de um sistema alternativo que, como ocorre com o Carnaval e outras situações sociais vigentes no Brasil, promove um equilíbrio ritualizado capaz de temporariamente neutralizar os efeitos perversos das diferenças sociais. (MACHADO, 2000)

As conversas tendem a aproximar os que estão realmente próximos na vida, social e economicamente. Mesmo que possa haver contato, cumprimentos e falas, a interlocução relevante para um torcedor vai ser com alguém próximo à sua própria condição. Aqui reside a necessidade de por sob rasura a categoria de “torcedor comum”. Por mais que exista um efeito de grupo, viabilizado pela experiência de massa envolvendo a todos no estádio, para o “torcedor comum” a relação de grupo será vivida em outros espaços. Se, por um lado, eles se identificam como torcedores do Ceará, e aí existe uma possibilidade maior de contatos rápidos, as diferenças entre eles impedem que a experiência de estádio articule relações mais duradouras e orgânicas.

Virtualidades... É, o futebol pode realmente sugerir virtualidades. Para tanto, será necessário um equivalente simbólico ao capital econômico, algo capaz de sedimentar, temporariamente, relações ordinariamente interdidas pelas cesuras socioeconômicas e culturais. Trata-se de um capital intelectual específico, ou seja: o saber acumulado sobre o futebol e sobre o time. Certa vez fui à sede do Ceará comprar os ingressos para o jogo Ceará e Remo que se realizaria no sábado próximo. A fila estava relativamente longa e havia homens de todas as idades, a maioria vestindo uma das várias versões das camisas do time ou das torcidas organizadas. Posicionei-me à espera das conversas que sempre surgem nestas ocasiões. Não demorou. Três homens, dois de meia idade e um adulto jovem, que se sucediam, um após o outro, na fila, iniciaram uma conversa.

Falavam sobre a situação do time, da recente melhora dos resultados. Todos otimistas, o time, as contratações... Um quarto torcedor se uniu ao grupo, também um adulto jovem. Sucediã-se análises rápidas e números. Infelizmente, a fila andou

rápido. Os torcedores, ao comprarem os ingressos, iam embora sem um cumprimento ou sinal de despedida. Apenas um, o mais velho dentre eles, permaneceu alguns segundos para poder encerrar o raciocínio que havia iniciado. Ele também não se despediu.

Virtualidades, pois a conversa ali era entre “iguais”, a despeito das visíveis diferenças sociais e geracionais: todos falavam e escutavam, e existia um visível contentamento no falar. Ficou claro que a fala daqueles torcedores era, sobretudo, demonstração de um saber, de um domínio de dados e de um conhecimento construído a partir destes dados. As opiniões expressas e as análises tecidas resultavam de um acompanhamento cotidiano de noticiários, jornais, programas esportivos e Internet. A conversa operava a realização de um capital de informações construído e acumulado que, por sua vez, demarcava a realidade concreta daqueles indivíduos como torcedores.

2.4 (Re)construindo virilidades: o futebol e a celebração do masculino.

Certa vez, ouvi de um torcedor comum a narração de um sonho, que passo a relatar.

Eu estava no campo de treino, onde funcionava também a sede administrativa e tinha também o estacionamento com vários carros. Não sei como me apareceu esse mastro com a bandeira e eu fiquei com medo porque achava que alguém podia pensar que eu tinha roubado a bandeira de algum carro. A impressão que eu tinha era que ela se acoplava a um carro, e eu ficava procurando, procurando... Eu não encontrava. Até que eu fui à parte administrativa e quis deixar a bandeira lá, e uma mulher disse que não podia ficar, e eu perguntei se eles se responsabilizariam pela violência que eu pudesse sofrer, até que outra mulher disse: então deixe aqui. Aí depois eu me vejo saindo para pegar ônibus, novamente com um bandeira, que era da pessoa que eu estava acompanhando, e era uma bandeira muito grande. Eu ficava com medo de sofrer uma agressão, por ser identificado como torcedor do Corinthians e também ficava pensando como aquela bandeira ia caber no ônibus... Quer dizer, era um fardo carregar aquela bandeira.

Apenas uma frase que escapou ao final da narrativa: “*era um fardo carregar aquela bandeira*”. E foi essa frase que me remeteu ao significado, naturalmente vago, atribuído por mim ao sonho: os caminhos e descaminhos da construção da identidade masculina e do lugar do futebol neste processo. Para abordar este ponto terei, a contragosto, que me referir a algumas afirmações e discussões já realizadas anteriormente. No entanto, evitarei justificativas do tipo, “como foi citado”, para não tornar o texto excessivamente pesado e enfadonho. Bem, como qualquer

identificação, a construção da masculinidade, portanto da identificação masculina, parte de um lugar inicial e demanda do agente um investimento constante na sua ininterrupta elaboração.

Para o menino, essa construção tem início com uma ruptura com a mãe, identificada ao feminino e à castração. O desenvolvimento da consciência fálica seria o primeiro momento da identificação do masculino. Trevisan, ao analisar a masculinidade nas sociedades contemporâneas, fala de crise do masculino, melhor dizendo, na “crise de poder do macho”. A gênese dessa crise obedeceria à própria construção da masculinidade, tendo como momento original, também, o advento da consciência fálica.¹⁶ Uma vez que a força criativa, o poder, a potência capaz de criar a si mesmo e ao mundo, que é a potência fálica, se vincula ao pênis ereto, o homem vê a sua masculinidade, tomada enquanto virilidade, colocada em perigo, posto que é sempre ameaçada pelo seu caráter intrinsecamente efêmero, pois toda ereção peniana é efêmera, e “sem falo, tudo é feminino”.

Nesse sentido, Bourdieu trabalha a relação entre a realização da virilidade física e a honra, essencial para a análise desenvolvida aqui.

A virilidade, em seu aspecto ético mesmo, isto é, enquanto quidade do vir, virtus, questão de honra (nif), princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através sobretudo, das provas de potência sexual – defloração da noiva, progenera masculina abundante etc – que são esperadas de um homem que seja realmente homem. Compreende-se que o falo, sempre presente metaforicamente, mas muito raramente nomeado e nomeável, concentre todas as fantasias coletivas de potência fecundante. (BOURDIEU, 2003a: 20)

Seguindo os indícios que informam sobre a crise moderna de um modelo de masculinidade, Trevisan destaca a importância, para o menino, da identificação com o pai, enquanto modelo primeiro de potência, virilidade, refúgio e proteção contra o feminino. Porém, esse encontro primeiro com o pai, nas sociedades ocidentais contemporâneas, tende a ser problemático, pois o pai será, habitualmente, uma figura

¹⁶ [...] Constituído (o pênis) para ser exposto e exercer uma função (na penetração), pode se recusar a essa atuação, mesmo quando seu dono deseje. Comporta-se como se tivesse vontade própria e não lhe pertencesse. Além do mais, mesmo quando hasteado enquanto falo conquistador, o órgão masculino está sempre sofrendo uma espécie de derrota no próprio auge de sua função dominadora: ele ‘morre’, uma vez passado o orgasmo e a ejaculação. [...] Ainda que seu poder propulsor possa ressuscitar a cada vez que o pênis enrijece outra vez, a repetição não está ao alcance da vontade do macho, numa clara evidência de sua efêmera potência viril. [...] Portanto, fundamentar sua definição a partir do pênis significa para o macho humano depender, em certa medida, do imponderável. Esse é o primeiro componente da sua crise: ser não sendo. Em outras palavras, ser a si mesmo dependendo do outro. (TREVISAN, 1998: 47)

volátil. E aqui se evidencia uma trama cujos fios, de matéria psíquica, social e cultural, estão tão fortemente alinhavados que parecem feitos de uma coisa só.

Entre os homens, a necessidade da figura paterna se agudiza, em função da sua auto-imagem. Daí, um dos grandes problemas da identidade encravados na própria raiz do masculino é a ausência paterna. Nas sociedades industriais, a imagem típica do pai é aquele que sai de casa bem cedo, para trabalhar, e só volta à noite, muitas vezes ainda mais tarde por ter ido tomar cerveja com os amigos, após o trabalho. [...] Nessas circunstâncias, será difícil passar aos filhos uma imagem positiva da virilidade. Ao contrário, eles só podem se sentir abandonados e órfãos. A ausência paterna não existe sempre ao pé da letra. [...] Muito freqüentemente o pai pode estar presente apenas como um fantasma: não conversa com os filhos, recusa-se a se mostrar vulnerável e oculta seus sentimentos, especialmente aqueles de ternura. Para o filho, a reação ao pai oscila entre o medo, seguido de raiva, e o desprezo, resultado do seu desencanto. [...] Isso tem resultados graves. Sem o necessário reforço, sua masculinidade em construção fica inacabada por causa da ausência paterna. Criou-se um 'pai ferido' (expressão hoje consagrada nos estudos sobre o masculino), que por sua vez fere o filho, ao lhe impedir o acesso à efetividade. (TREVISAM, ib.: 63)

Se o pênis, alçado ao lugar de falo, não sustenta sozinho todo o processo de identificação do masculino, o homem segue em busca da potência fálica, fora do espaço doméstico e feminino. Sob o peso da angústia da castração, o homem se insere no mundo em busca de atividades cuja realização afastem, para longe de si, a insegurança. Importa sobremaneira a realização pessoal no trabalho, posto que essa é uma atividade tida como tipicamente masculina; importa a possibilidade de consumir, importa o carro, importa exercer autoridade sobre a mulher e os filhos. Tudo isso, numa referência a um vazio, ou melhor, a uma insegurança identitária.

Esse é o filho, que também será o pai. Esse pai, que precisa ir para o mundo conquistar sua identidade masculina, vai se deparar com possibilidades cada vez mais escassas para isso, em virtude da escassez de trabalho, da baixa remuneração, da exploração do trabalhador, enfim. A situação se torna ainda mais perversa, quando se sabe que as mulheres têm avançado na conquista de direitos, ocupando com importância o mundo do trabalho, em funções cada vez mais diversas, em espaços antes só pensáveis como masculinos.

Tal invasão do espaço masculino aossa ainda mais o padrão de masculinidade tradicional, aquele mesmo que acabou tornando insuportável, para os homens, o fardo das tarefas viris – agora agravado por questões como desemprego, insegurança social, pressões ecológicas e novas obrigações legais. [...] A partir da década de 70, vários estudos vêm apontando muitas evidências de que o pesado fardo do 'ideal de masculinidade' acabou sendo, na verdade, responsável pela fragilização masculina, inclusive do ponto de vista da saúde. (idem. ibdem.: 23)

Para os homens, a masculinidade passa a pesar como um fardo.¹⁷ E para as mulheres também. Em meio ao fechamento de um leque cada vez maior de vias de identificação, crescem em importância social gestos falicamente inflados, mas que degeneram em práticas ou atitudes doentias, carregadas de violência, misoginia, homofobia, agressão contra crianças, e mesmo uma violência endêmica entre homens. O que se assiste atualmente é a dificuldade do homem construir sua masculinidade, cujo modelo repousa em uma formação sócio-política que se distancia vertiginosamente de nós. Se várias vias se fecham – e cada fechamento é experienciado como perda de potência fálica – outras permanecem abertas e crescem em importância. Não por acaso o sonho narrado tinha como pano de fundo um estádio de futebol. Pois é. O futebol.

Atualmente o futebol, e mais especificamente a experiência de estádio, o transbordamento ritual do esporte, atende de formas muito diversas à necessidade de construção-conquista da masculinidade de um número imenso de homens. Não me parece ocioso afirmar que a experiência de estádio constitui uma marcação importante da identidade de torcedor. Desta forma, encontramos-nos aqui numa convergência de dois processos que se sobrepõem, quais sejam, as significações de “masculino” e de “torcedor”. Bourdieu discute os mecanismos de reprodução da ordem masculina, que se efetivam, inclusive, pela significação sexuada dos espaços.

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservado aos homens e a casa, reservada às mulheres; [...] é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação femininos. (BOURDIEU, 2003a: 18)

Assistir a uma partida de futebol no estádio remete a uma temporalidade e a uma espacialidade, no interior das quais se ratifica e se celebra ritualmente a ordenação androcêntrica da vida. É muito comum ver no estádio pais acompanhados de seus filhos. Na verdade, isso foi o que mais me chamou a atenção nos momentos iniciais em campo.

¹⁷ Não posso deixar de pensar na frase enunciada pelo torcedor que narrou seu sonho, enquanto eu, furtivamente o anotava. Não tenho a pretensão de interpretá-lo aqui. Mas posso, todavia, tomá-lo como uma narrativa alegórica, que me ajude a problematizar as vias de acesso ao masculino e a sua relação com o futebol, afinal “era um fardo carregar aquela bandeira”.

Afonso, mas não apenas ele, fala do início de sua relação com o futebol mediada pelo pai.

Agora, por que ser torcedor do Ceará?... A minha relação com o Ceará se construiu através do meu pai. Foi meu pai que me levou ao estádio, foi meu pai que me apresentou futebol, que me ensinou o que era o futebol, a parte das regras, quem me deu as primeiras informações sobre o comportamento do time, sobre tática e assim por diante. Lembro de um jogo entre Ceará e Fortaleza, que me parece ser justamente esse da conquista do tetracampeonato. Lembro de um jogo que o Fortaleza parecia tá pressionando, parecia ter supremacia das ações, e que meu pai disse que não, que isso era engano, porque o Ceará tinha a proposta de jogar no contra-ataque e, para a proposta de cada time, considerando a proposta de cada time, o Ceará estava melhor. E o Ceará terminou por vencer a partida: um a zero. Então meu pai me apresentou o futebol, meu pai me mostrou o Ceará, e a partir daí eu passei a, como eu disse, a me colocar em risco, a entrar em campo com o time, a ter a minha felicidade e a minha tristeza associada ao futebol, ao desempenho do time, ao desempenho do Ceará, no caso.

É possível perceber a admiração de Afonso pelo conhecimento que seu pai demonstrou sobre o futebol. Até então, para o jovem torcedor, o jogo era um dado apreensível imediatamente pelo olhar, o que se mostrou um erro. O pai de Afonso mostrou o Ceará para ele, ou seja, revelou o que se conservava invisível para um olhar leigo: a arrumação do time, a tática do jogo, a intenção do treinador. Vê-se nesta fala um bom argumento contra a conhecida tese de que o futebol é tão popular porque é simples e fácil.

Na verdade, é possível ver ainda mais. A fala do informante diz do lugar do futebol como uma possibilidade de conexão entre pai e filho, relação essencial para a identificação masculina. Se o pai está ausente do cotidiano dos filhos, o futebol se torna um momento certo para a vivência desta relação. O próprio Afonso uma vez me declarou que os dias de jogos vieram a se tornar momentos especiais para ele, o irmão menor e o pai. Destaque-se que o capital intelectual específico referente aos assuntos do futebol representa um bem simbólico importante, o que pode mobilizar orgulho dos filhos em relação ao pai.

Se a masculinidade é vivida como uma eterna conquista do direito de se dizer e sentir macho, e se essa masculinidade, para se dizer e sentir, se articula à identificação de torcedor, então a seriedade surpreendente atribuída por Afonso e por outros milhares aos jogos do Ceará perde o caráter excêntrico e torna-se compreensível, uma vez que (re)inserida em suas experiências identificatórias. Entretanto, se o futebol possibilita a conexão entre pais e filhos, posto que oferece algo que possa ser ensinado e compartilhado entre os mesmos, outras vivências também se articulam no campo

esportivo. Sobre este ponto em particular, gostaria de citar uma nota que fiz durante a fase de pesquisa exploratória, no jogo Ceará e São Raimundo, em 24 de julho de 2004.

Castelão, cadeiras à frente da Cearamor. Algumas fileiras à minha direita, quatro pessoas: dois homens jovens, um já de meia idade e um menino de aproximadamente 10 ou 11 anos. O menino, absolutamente concentrado e exaltado, demonstra já uma certa autonomia de comportamento. Ele parece representar – tornar presente outra vez – um acúmulo de frases, gritos, xingamentos, gestos e posturas. O menino mistura, ao sabor das próprias emoções, os ingredientes de uma receita de masculinidade aprendida exatamente aonde ele agora se encontra: nas cadeiras do estádio. Ele se exalta: **‘chuta veado safado!’ ‘Só tem baitola jogando aí!’ ‘É rapariga, é?’**, por uma jogada errada do Ceará, chuta, investe contra as cadeiras, tenta quebrá-las. Não é repreendido por nenhum dos três adultos que o acompanham. Vou até o menino, pergunto o seu nome. J. V. Pergunto a sua idade. 12 anos. O menino veste a camisa do Ceará.

O menino parecia estar exercitando uma linguagem cuidadosamente observada, estudada e apreendida, que dizia de um jeito de ser masculino. Um masculino que chuta, grita, esbraveja, o máximo que a maioria significativa de torcedores pode fazer lá, no estádio. Logo, a possibilidade de contestar, de xingar um time que desonra a torcida com uma atuação pífia, torna-se importante, porque novamente o pai resgata uma dignidade perdida em outros espaços e pode demonstrá-la para o filho. Mas, não é possível deixar passar o conteúdo da fala do menino: veado safado, baitola, rapariga.

A fala do menino, como toda a sua performance, resulta de um aprendizado. Na verdade, como poderia um menino de doze anos ter uma raiva tão marcante do “veado safado” e da “rapariga”? Essa aversão lhe foi ensinada, como todo o resto. O que nos coloca diante uma fissura complicada: a aversão ao feminino como herança geracional. Se o masculino se define a partir da diferenciação com a mãe, a degradação do feminino não me parece uma consequência necessária disto, e não é.

Trata-se mais de uma resultante sócio-psíquica, que leva a afirmação-conquista da masculinidade a basear-se na necessária segregação do feminino a uma condição abjeta. O problema se adensa quando o feminino abjeto e o passivo abjeto se tornam, a partir de sua negação, o princípio organizador de identificações masculinas. A denegação do adversário e dos profissionais do futebol pela via de uma feminilização degradante é mais uma face problemática da afirmação de uma identificação masculina posta em cheque, não pela generalização do avanço civilizador e humanista nas relações humanas, mas, antes, pelo escasseamento das possibilidades de realização pessoal e de gozo criativo, acionado pela perversidade do sistema. Bourdieu assim se refere à

degradação do feminino como marcação importante na afirmação de uma masculinidade.

Mas, em cima ou embaixo, ativo ou passivo, essas alternativas paralelas descrevem o ato sexual como uma relação de dominação. De modo geral, possuir sexualmente, [...] é dominar no sentido de submeter a seu poder, mas significa também enganar, abusar, ou, como nós dizemos ‘possuir’. As manifestações (legítimas ou ilegítimas) da virilidade se situam na lógica da proeza, da exploração, do que traz honra. E, embora a extrema gravidade de qualquer transgressão sexual proíba expressá-la abertamente, o desafio indireto à integridade masculina dos outros homens, que encerra toda afirmação viril, contém o princípio da visão agonística da sexualidade masculina, que se declara em outras regiões da área mediterrânea e além dela. [...] Compreende-se que, sob este ponto de vista, que liga sexualidade a poder, a pior humilhação, para um homem, consiste em ser transformado em mulher. E poderíamos lembrar aqui os testemunhos de homens a quem torturas foram deliberadamente infringidas no sentido de feminilizá-los, sobretudo pela humilhação sexual, com deboches a respeito de sua virilidade, acusações de homossexualidade ou, simplesmente, a necessidade de se conduzir como se fossem mulheres, fazendo descobrir “o que significa estar consciente de seu corpo, de estar sempre exposto à humilhação ou ao ridículo e de encontrar um reconforto nas tarefas domésticas ou na conversa fiada com os amigos. (BOURDIEU, 2003a: 29 - 30)

O espaço do futebol, o estádio em primeiro lugar, mas também os bares onde os torcedores se reúnem para assistir jogos, são espaços androcêntricos, como já foi dito. Por mais que se perceba uma presença crescente de mulheres, inclusive como profissionais do futebol, a sua inserção é condicionada ao ajustamento dos códigos e performances masculinos. E elas não são poupadas. O nível de xingamento dos torcedores contra auxiliares de arbitragem – bandeirinhas – e juízas, quando estas se equivocam, é peculiarmente intenso e com um conteúdo fortemente sexuado.

O caso do jogador Richarlyson, que saiu do Fortaleza para o São Paulo teve repercussão nacional. O jogador teria sido alvo de agressão - sob a forma de pilhéria – do diretor administrativo do Palmeiras, José Cyrillo Júnior. O cartola palmeirense teria se referido à sexualidade de Richarlyson. Ofendido, o jogador apresentou uma queixa-crime contra o dirigente. No entanto, Manoel Maximiano Junqueira Filho, da 9ª Vara Criminal de São Paulo, negou o prosseguimento da ação, baseando sua sentença no caráter viril e varonil do futebol.

A presente Queixa-crime não tem condições de prosseguir.

1. Não vejo nenhum ataque do querelado ao querelante.
2. Em nenhum momento o querelado apontou o querelante como homossexual.
3. Se o tivesse rotulado de homossexual, o querelante poderia optar pelos seguintes caminhos: A – não sendo homossexual, a imputação não o atingiria e bastaria que, também ele, o querelante, comparecesse no mesmo programa televisivo e declarasse ser heterossexual e ponto final; B – se fosse

homossexual, poderia admiti-lo, ou até omitir, ou silenciar a respeito. Nesta hipótese, porém, melhor seria que abandonasse os gramados... Quem é ou foi BOLEIRO, sabe muito bem que estas infelizes colocações exigem réplica imediata, instantânea, mas diretamente entre o ofensor e o ofendido, num 'tête-à-tête'. [...]

5. Já que colocado, como lastro, este Juízo responde: **futebol é jogo viril, varonil, não homossexual**. Há hinos que consagram esta condição: 'OLHOS ONDE SURGE O AMANHÃ, RADIOSO DE LUZ, VARONIL, SEGUE SUA SENDA DE VITÓRIAS...'

6. **Esta condição incomum, do mundo moderno precisa ser rebatida...** 7. Quem se recorda da 'copa do mundo de 1970', quem viu o escrete de ouro jogando [...] **jamais conceberia um ídolo seu homossexual**.

8. Quem presenciou grandes orquestras futebolísticas [...] não poderia sonhar em vivenciar um homossexual jogando futebol.

9. Não que um homossexual não possa jogar bola. Pois que jogue, querendo. Mas forma o seu time e inicie uma Federação. Agende jogos com quem prefira pelear contra si.

11. Ora, bolas, se a moda a pega, logo teremos o 'SISTEMA DE COTAS', forçando o acesso de tantos por agremiação.

14. O que não se mostra razoável é a aceitação de homossexuais no futebol brasileiro, porque prejudicariam a uniformidade de pensamento da equipe, o entrosamento, o equilíbrio, o ideal...

15. Para não se falar no desconforto do torcedor, que pretende ir ao estádio, por vezes com seu filho, avistar o time do coração se projetando na competição, ao invés de perder-se em análises do comportamento deste, ou daquele atleta, com evidente problema de personalidade, ou existencial; desconforto também dos colegas de equipe, do treinador, da comissão técnica e da direção do clube.

A sentença do magistrado surpreende pelo nível de rejeição do mesmo ao homossexual. O bizarro conteúdo do texto contém afirmações graves, como a proposição de que esta "*condição incomum do mundo moderno precisa ser rebatida*". Que condição? A participação de homossexuais no futebol? Porque, o que o juiz está dizendo, é que, se o jogador é homossexual, melhor para ele seria ter ficado calado e agüentar as agressões do cartola. Mas, se ele não agüenta, se não é capaz de resolver no tête-à-tête, que se retire do esporte e volte para o gueto, onde poderá montar sua própria federação de futebol. Ou seja, seres abjetos, vidas segregadas.

Essa fórmula não é nova. Nesse sentido, a sentença não só reafirma o universo simbólico androcêntrico do futebol, mas se ampara numa normatividade social, dita natural, mas que é, ela própria, resultado da sucessiva reafirmação deste padrão de masculinidade falocêntrico, portanto, da reafirmação do poder masculino, ao qual o futebol, e outras instâncias sociais, se vincula de formas diversas, atendendo às demandas de afirmação destas identificações.

E não apenas o futebol assumiu essa significação de trincheira, na qual os torcedores lutam pela reafirmação masculina da ordem social do mundo. Dunning descreve um processo ainda mais intenso ocorrido com o Rugby. Neste esporte, em

particular, operou-se uma exclusão ainda mais radical do feminino, que passou a ocupar o universo simbólico de jogadores e torcedores, tomado como uma ameaça direta à ordem masculina.

La función de este coro consiste, al parecer, en refutar la acusación antes de que ésta sea presentada, así como en subrayar y reforzar la masculinidad haciendo escárnio no solo de las mujeres sino también de los homosexuales. En los últimos años, a medida que las mujeres han cobrado fuerza y poder para poner en jaque su real subordinación, si es que no su objetivación simbólica, con un leve pero incessante éxito, se han vuelto cada vez más normales unas pautas menos segregadas de relación entre los sexos. Ante tales circunstancias, los hombres que se aferraban al viejo estilo y continuaban disfrutando con su participación en grupos exclusivamente masculinos han de haber visto sombras de duda sobre su propia masculinidad. Algunos pueden incluso haber empezado a dudar de sí mismos. Y esta clase de dudas deben de haber sido doblemente amenazadoras en su situación social como la de los clubes de rugby, donde el objetivo principal a perseguir era la expresión de la masculinidad y la perpetuación de las normas tradicionales en este aspecto. (DUNNING y ELIAS, 1996: 333)

O entrincheiramento da ordem masculina por meio do esporte remete ao caso de Richarlyson. O surpreendente, no caso deste jogador, foi sua reação à sentença. Após a repercussão nacional do caso, que envolveu jornalistas esportivos e a associação Gay da Bahia, Richarlyson passou a defender a sua heterossexualidade, chegando a aparecer em público, e subitamente, com uma namorada, que teria sido uma amiga de infância. Bem, o suposto namoro durou pouco e resultou numa promoção para a moça, que foi capa da revista Playboy. O mais importante foi o nível de pressão vivido pelo jogador que, a despeito do apoio que estava recebendo, parecia saber que futebol é vivido nos estádios em meio a milhares de torcedores, e o estádio é um templo onde se constrói, se conquista e se celebra, de forma ritualizada, a virilidade.

Um aparente paradoxo surge quando se observa, justamente neste esporte, o nível de contato físico entre os participantes: em maior grau entre os jogadores, mas também entre os torcedores. Neste sentido, gostaria de destacar que o futebol é um esporte que é assistido ao vivo, ou pela televisão. O jogo é disputado entre jogadores cujo preparo físico é condição necessária para sua presença no time. Como afirmou Da Matta:

No campo de futebol [...] o que se observa e admira não é mais o corpo maltratado e deselegantemente liquidado pelo trabalho que o controla e o consome, mas um corpo que desafia o tempo, o espaço e outros corpos. Um corpo que está em atividade árdua mas que transforma a sua estudada disciplina numa atividade que é, acima de tudo, um evento emocionante e positivo. Assim, no esporte, em contraste com o que ocorre no trabalho industrial, sobretudo em países como o Brasil, onde o trabalho tem uma carga

cultural negativa, o corpo sintetiza novamente disciplina obrigatória com prazer e beleza. Com isso, o esporte reintegra intelecto e ação, mostrando como corpo e alma podem marchar lado a lado num espetáculo capaz de eventualmente produzir a mais profunda emoção estética”. (DA MATTA, 1994: 15)

É também a capacidade de despertar emoção estética, enfatizada por Da Matta, o que aproxima o futebol da arte, pois, segundo Nunez, (1967) “[...] a arte objetiva suscitar no homem e na sociedade emoção estética, sentimentos de admiração e sublimações coletivas”. A possibilidade de ver corpos viris e belos, a possibilidade do toque legítimo, de um toque que não feminiliza, portanto que não castra, porque é praticado dentro de um espaço ritualizado e androcêntrico. E, como a arte, o futebol encanta. Encanta pela forma do jogo sendo jogado, mas também pelos corpos em jogo. Jogadores e torcedores, cada um executando o que lhe cabe, cada um praticando o seu jogo, cada um, peça do mesmo espetáculo.

Capítulo 03. Torcidas Organizadas. Da festa ao *funk*, do *funk* aos bairros, dos bairros às torcidas: a busca de visibilidade.

*“Como é difícil acordar calado,
Se na calada da noite eu me dano.
Quero lançar um grito desumano,
Que é uma maneira de ser escutado
Esse silêncio todo me atordoado,
Atordoado eu permaneço atento.
Na arquibancada pra a qualquer momento,
Ver emergir o monstro da lagoa”.*
(Chico Buarque / Gilberto Gil)

3.1 A festa.

Sábado, mais ou menos duas da tarde. Vou à sede da Cearamor comprar meu ingresso para a festa que irá acontecer daqui a algumas horas. É aniversário da torcida, vinte e seis anos. Entrar na sede sempre me causa uma sensação estranha, talvez porque, fora do prédio, um antigo galpão adaptado, imperem o calor e a claridade característica das tardes ensolaradas da cidade. Mas, uma vez ultrapassado o portão frontal, o ambiente muda radicalmente: os muros são escuros, pintados de preto em obediência a uma das cores do Ceará, time alvinegro. Alguns estão cobertos com grandes desenhos de grafite. O interior da sede não tem janela, a luz entra pela porta de entrada e, ao final, pela passagem que dá acesso ao terreno livre, onde se realizam as festas da torcida. Ao entrar na sede, a luz escassa, combinada com o tom escuro das paredes, dificulta a visão para olhos até então adaptados à claridade do dia livre de muros.

A estranheza vem mesmo desta dificuldade de ver, de mapear o terreno, sabendo que, a despeito da minha cegueira parcial, estou sendo vista, eu que naquele lugar sou a mais estranha entre todos. Claramente não sou dali, e não importa como me apresente ou o que vista, sempre serei estrangeira. Neste dia, ao entrar, posso sentir a agitação e o calor, antes mesmo de enxergar o amontoado de pessoas que se viram na minha direção. Quando meus olhos se acostumam ao ambiente, posso vê-los espalhados pelo grande corredor do galpão.

Praticamente só rapazes. Todos vestem camisas de torcidas que ainda desconheço. Fico curiosa, mas mantenho a quietude. Alguns dormem pelo chão, outros estão saindo do banho e terminam de se ajeitar por ali mesmo. Entro na loja que fica bem na entrada da sede, compro meu ingresso com um já conhecido integrante. A

conversa é rápida, seca. Ele se mostra distante e excessivamente formal, talvez porque queira deixar claro a importância do dia. Ao sair da lojinha, encontro um outro conhecido, um “cabeça de bairro” (que eu sempre achei particularmente receptivo e atencioso). Ele também está imbuído do mesmo orgulho que o outro integrante, só que menos cerimonioso. Temos uma conversa rápida e aos poucos sinto que sou arrastada pela sua descrição arrebatadora dos preparativos para o evento. Ele diz dos *djs*, dos contatos, das pessoas que chegam de vários estados do país. Percebo que a festa da Cearamor já é, de antemão, um sucesso.

A presença de torcedores de vários estados diferentes, cuja estada aqui se deve somente à festa da torcida, é, em si, um motivo de orgulho. Estes visitantes constituem um patrimônio importante da torcida. Pergunto ao meu contato por que a festa não seria realizada ali mesmo, no imenso terreno que fica nos fundos da sede. “*Tá doido! Não dá não, vai ser muita gente*”... Enquanto eu converso sobre a festa, percebo um rapaz, moreno, bastante alto e esguio, olhando intensamente para mim. Quando percebe que foi notado, ele aponta para o outro rapaz com quem eu conversava e diz: “*entrevista ele mesmo, é um elemento de alta periculosidade*”. Fico surpresa e disfarço num sorriso. Penso que caminhos ele percorreu para fazer esta articulação entre mim, uma entrevista e o suposto perigo de um integrante da Cearamor. Sei, pela sua camisa, que ele veio da Bahia. Descubro a charada: ao me reconhecer como estrangeira, se informou a meu respeito: Os meninos da Cearamor devem ter repetido o que eu os escutava dizerem entre si a meu respeito, “*é a mulher que tá escrevendo o livro da torcida*”. Ora, o que é dito e escrito acerca de torcidas por aí? O torcedor baiano não percorreu caminhos, ele veio por um atalho. Ainda presa nesta rede de pensamentos, apenas assisto o meu interlocutor dizer coisas que se perdem em meu alheamento. Uma segunda descoberta: de certa forma, eu também fazia parte do patrimônio da torcida.

Fico ainda um pouco, mas decido ir embora seguindo uma estranha intuição. Não há nada que eu possa fazer agora. Sinto que sou mais estranha do que nunca, que não mereço estar ali. Todos estão trabalhando, arrumando os últimos detalhes de um longo processo que agregou o esforço de muitos. O que posso eu fazer? Volto para casa.

À noite chego bem cedo ao local da festa: o campo do Ceará, nos fundos da sede do clube. São oito e meia da noite e apenas algumas pessoas chegaram. Quero ficar

um tempo fora do clube, observar a chegada dos participantes. Sento próximo a um desses carros adaptados para vender bebidas e sanduíches.

Aos poucos, os torcedores chegam. Todos vestem camisas de organizadas, muitos da Cearamor, é óbvio, mas muitos de outras torcidas. Eles formam pequenos grupos, rodinhas de conversa. Há um grupo de aproximadamente sete jovens moças, todas com roupas muito justas e decotadas, algumas de shorts curtíssimos, cabelos tingidos e escovados, saltos e maquiagem pesada.

A certa altura um carro chega com alguma velocidade e freia bruscamente em frente ao portão de acesso à festa. O veículo está cheio de pessoas; o som, bastante alto, faz ecoar uma música do Bob Marley. Todos olham na sua direção. Dele desce o mesmo integrante que me vendeu os ingressos. Ciente de que estava sendo observado, e talvez para compor a sua entrada um tanto espetacular, ele desce sério e caminha rapidamente para a entrada, como se não visse ninguém.

Ainda do lado de fora, consigo conversar com alguns integrantes de torcidas visitantes. Um diretor da Tubarões da Fiel do Sampaio Corrêa do Maranhão; um jovem que mais me pareceu uma criança, diretor da Império Vermelho de Mossoró; um diretor da Garra Alvinegra, do ABC de Natal e, por fim, um funcionário da Torcida Jovem do Grêmio, do Rio Grande do Sul. Eles me vêm com um bloquinho de notas, caneta e máquina fotográfica, e nitidamente se interessam.

A minha apresentação como pesquisadora, aluna do doutorado etc, parece supérflua. Eles não se importam muito com quem eu sou: eu sou alguém com um bloquinho e uma câmera, isso basta. Eles querem falar, querem ser escolhidos. O integrante da Torcida Jovem me diz: *“se você é mais um, você é só mais um. Mas se você é um diretor de torcida, aí todo mundo conhece você.”* A minha conversa com cada um deles é um tanto rápida, estou ansiosa, quero falar com o maior número possível de visitantes.

Percebo uma agitação, uma tensão que se espalha rapidamente pela atmosfera. Sigo os olhares e encontro um integrante da M.O.F.I. Ele está com a esposa e o filho, um bebê de aproximadamente dois ou três anos. Parado, bem no meio do asfalto, em frente à entrada para a festa, ele toma uma cerveja, tentando aparentar tranquilidade e descontração, exibindo um sorriso que mais parece petrificar uma máscara contorcida em seu rosto.

A presença da criança e da esposa demarcam uma linha de segurança para ele: só por isso ele não sofreu investidas dos integrantes da Cearamor, só por isso ele

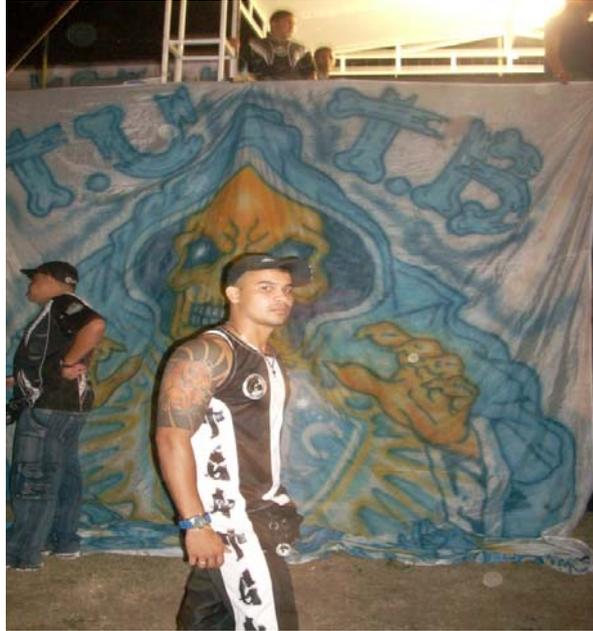
não foi expulso...Ainda. E ele sabe disso. Daí a sua tensão, o seu medo toscamente disfarçado. Penso que, de todo modo, ele é audacioso, ele jogou alto, apostou o filho e a esposa para invadir o território do outro e afrontá-lo através de sua simples presença. O mesmo integrante e funcionário que entrou espetacularmente há pouco, é rapidamente acionado para falar com o invasor. Numa mistura de aborrecimento, tensão e polidez, ele negocia com o outro a sua retirada amigável. Ele vai e o deixam ir.

Percorro todo o espaço com o olhar em busca de camisetas diferentes, lugares ainda não explorados. Nada mais. É hora de entrar. Já se passam umas duas horas desde a minha chegada. Entro. Chego devagar e observo: um palco gigantesco, onde um *dj*, numa mesa de som, coloca *funks* produzidos para a Cearamor e já conhecidos. A lateral do espaço reservado para festa, um grande descampado, está tomada por grandes faixas trazidas pelas torcidas aliadas, bem como por faixas da Cearamor.



Faixa e integrantes da Tubarões da Fiel.

Ao final das faixas, indo em direção ao palco, ladeando o terreno, camarins foram construídos para os *vips*: compradores ou convidados. De um dos camarins escuto um “eeiiii, psiu!!!”. Olho para cima. Reconheço um rapaz a quem eu já havia entrevistado, o que “pegou mentalidade”. Ele me sorri amigavelmente, parece mesmo querer me convidar para subir, mas está constrangido.



Faixa da Terror Bicolor. Acima, pode-se ver um camarim.

No extremo oposto ao palco, os banheiros, o bar e, ao lado, as arquibancadas do campo. Muitos procuram este lugar, as arquibancadas, para sentar, descansar ou para fumar maconha. O uso de drogas é quase generalizado, e não apenas maconha, pois quando entrei no banheiro feminino vi algumas meninas cheirando cocaína. Elas estavam num box sem porta e pareciam executar uma performance vista em algum filme, onde os personagens escondem-se em boxers de banheiros de bares e restaurantes para cheirar cocaína. A cena me pareceu um tanto pitoresca. Como alguém quer se esconder num box sem porta?

No espaço mais próximo ao palco, os meninos dançam e pulam agrupados e em círculo. Olho e penso que o *funk* de torcida é uma dança para meninos. A primeira troca de *djs*. O *funk* sai de cena e o espaço é tomado pelo Axé. O *dj* mais parece um animador de auditório. Ele chama algumas meninas para dançarem no palco as coreografias de cada música. Elas consistem basicamente em movimentos carregados de uma referência ao ato sexual. As garotas escolhidas sobem orgulhosas, como se aquele momento coroasse um investimento prévio. Observo surpreendida que apesar do apelo fortemente erótico, os meninos não demonstram muito interesse. Acho que o *dj* percebeu o mesmo.

Tentando salvar a sua participação na festa, ele convida alguns membros da diretoria da torcida ao palco. Manda-os sentarem em cadeiras, para que as meninas executem as danças bem próximas a eles. Nesse momento, o interesse da platéia parece

aumentar, menos pelas meninas, eu penso, e mais pela possível excitação dos que estão sentados nas cadeiras. O espetáculo com as garotas dura ainda algum tempo. Subitamente, o presidente da Cearamor passa por mim rapidamente. Ele tem um sorriso de orgulho e vaidade, e conduz alguém rapidamente em direção ao palco.

O *dj* interrompe imediatamente a música e anuncia a presença do convidado que veio do Rio de Janeiro para comemorar o aniversário da Cearamor. Luiz Carlos, atacante que se destacou jogando pelo Ceará, eleito pela Cearamor como ídolo da torcida. “*Uh! Terror! Luis Carlos é matador!*”, todos gritam a montagem adaptada para o jogador. Ele faz um breve discurso, enaltece a garra e a disposição da torcida, declara a sua fidelidade e puxa um grito de guerra contra a torcida do Fortaleza, a TUF: “*Ei Tuf gay, pode ir tomar no cú*”. Ele grita projetando a pélvis para frente, numa referência ao coito. Penso que agora está feito, agora ele será definitivamente um ídolo para os torcedores, a união está selada¹⁸.

O espaço vai ficando mais cheio. As pessoas mais soltas. Mais uma troca de *dj*. Agora o reggae. Circulo pela pista, quase todo o espaço é a pista. Mesmo com o *reggae*, os meninos permanecem dançando entre os seus, nos seus bairros. Existe um tumulto vindo do alto portão que dá acesso à festa. Vou para perto. Há rumores de que a polícia quer invadir, “*mas não vou deixar, não!*”, diz o responsável pela entrada e saída das pessoas, um diretor da Cearamor. O último *dj* a assumir o controle do som é K-dinho, velho conhecido da torcida. Seu estilo é o *funk*. Algumas músicas e os rapazes gostam. Vejo-os um pouco mais de longe. Seus pulos e passos levantam uma poeira fina do chão. Lembro-me da atmosfera de filmes antigos: a noite, a poeira, índios dançando no deserto, ou povos de uma África remota, não sei bem... Guerreiros, é isso.

Em meio a esses pensamentos, uma nova música tem início. Ela apresenta uma semelhança na rima com o nome de um bairro. Os meninos avançam pela pista pulando e gritando a sua montagem. Um outro bairro não gostou dessa expansão alheia pela pista. De repente, em meio à festa, abriu o corredor. A pequena multidão literalmente se dividiu em duas metades, que agora eram margeadas pelos bairros em guerra. Assistio assustada à rapidez da irrupção do baile em meio à festa, tão rápido e

¹⁸ Na verdade, a trajetória de Luiz Carlos seguiu em outra direção. O jogador acabou sendo contratado pelo Fortaleza e, quando de sua contratação, houve uma série de problemas com a TUF, cujos integrantes chegaram a cercá-lo, exigindo que ele também destratasse a Cearamor, o que seria gravado e divulgado no YouTube. Luis Carlos não o fez. Entretanto, no dia da sua apresentação no Fortaleza, Luis Carlos foi conduzido pelos integrantes da TUF a pisar em uma bandeira do Ceará, estrategicamente colocada no chão.

certo, como se um grupo discasse um número ao telefone, e o outro, atendesse. O que está sendo dito durante a ligação, é o que quero descobrir, é o que pretendo entender.

3.2 Pelo corredor, de volta ao começo: o baile funk.

Os acontecimentos que acabo de narrar agregam todos os elementos que, a meu ver, articulam, sustentam e movimentam a experiência dos torcedores organizados atualmente. Justamente por isso os escolhi como um guia, roteiro ou mesmo estrada para realizar minha incursão pelo espaço das torcidas organizadas. Bom, e se é assim, é preciso que eu comece pela festa, ou melhor, pelo baile, o baile *funk*.

Começo bastante movediço e lacunar, pois é difícil falar do que não se viu, mais ainda em se tratando de uma pesquisa. Porém, em todas as falas, os bailes apareceram como uma marcação espacial, temporal e mobilizadora de significados, a partir da qual as torcidas organizadas ganharam corpo. Então, foi preciso que eu seguisse as falas dos meus entrevistados na busca dos indícios da dinâmica que organizava e movimentava o circuito dos bailes.

Durante um período que se estende de meados da década de oitenta ao final da década de noventa, esses bailes foram muito freqüentados por segmentos juvenis, oriundos de classes mais populares da cidade. O baile *funk* era o ponto de convergência de uma juventude pobre, moradora de bairros igualmente destituídos e pulverizados pela periferia da cidade, distrito industrial e mesmo em favelas que vicejam em meio às zonas mais favorecidas. Conversei longamente com W, torcedor organizado da Cearamor, cuja adolescência e juventude foram fortemente marcadas pela ambiência dos bailes *funks*.

É porque, tipo assim, a maioria dos jovens sempre falava, até em colégio mesmo: porra má, fui pro baile *funk*, fui com o pessoal, por exemplo, lá no bairro faz muito “VDB”, eu ia com a “VDB”, que é os “vândalos do bairro”. Aí todo mundo falava: porra má, a “VDB”, os cara arrebenta todo mundo! Aí, eu: meu irmão, tenho que ir a uma festa dessa, né? Aí eu peguei e fui prum baile *funk* lá. Aí o pessoal dizia: tem a Cearamor e tem a TUF, lá, fica dividida. Peguei: eu vou prum negócio desse! Disse pra mãe que ia dormir na casa de um colega, acabei indo. O primeiro baile que eu fui tomei logo um murro na portaria. O caba da TUF deu-me um murro, comecei a chorar, bem novim. Os três primeiro, eu ficava todo encolhidim, às vezes eu começava a ir, mas pra pegar porrada mesmo, foi já no final de 99. 98 eu comecei a ir pro baile *funk*, 99, 2000 eu já tava brigando.

A construção das experiências dos jovens frequentadores de bairro, também implicava em um aprendizado, como a fala do informante denota. Uma aprendizagem relacionada à construção de uma corporalidade aguerrida, voltada para o conflito. Para tanto, durante o período de aprendizagem, era preciso o preparo do suporte físico do corpo e a construção da sustentação emocional para o combate. O ritmo e o conteúdo das músicas, segundo o mesmo torcedor, representavam um estímulo importante para a vivência dos conflitos.

É tipo assim, as música rolava, aí inspirava. Você ficava vendo o seu bairro todim cantando, pulando e arrebrandando, o ritmo já inspirava. Os MC aqui dava a maior corda pra brigá. Tipo assim, como rolou com o João XXIII, fizeram uma rima nossa com o bairro Malvina. Aí, era tipo assim: “Malvina, chegou. É o lado C incorporado. João XXIII pede arrego a sai voado!” Aí eles vinham no corredor pra cima da gente, né? Aí a gente olhou pro MC: porra tu vai ficar cantando isso aí, os cara vindo pra cima? Aí o cara da gente inventou uma rima na hora, aí a gente pegou e deu a resposta pra ele e já ia arrebrandando.

Pude assistir a vários DVDs com gravações dos bailes que aconteciam em Fortaleza, acompanhada por W. Na ocasião, percebi que as brigas eram alternadas com a dança, como se tudo fosse uma execução coreografada de um embate real. Na verdade, não poucos torcedores organizados se referem ao poder de excitação do *funk*, discriminando batidas diferentes e classificando-as como mais ou menos estimulantes. Toledo reflete sobre a relação entre a experiência juvenil do *funk* e a necessidade da “contenda”.

No que concerne às experiências juvenis, a expansão de determinadas vivências estéticas e musicais, tais como o *funk*, igualmente promovem e instilam sociabilidades pautadas na contenda e fragmentação exclusivista de uma experiência social distinta, por exemplo, do samba e das manifestações em torno desse gênero musical, partilhados tradicionalmente entre gerações distintas. [...] O *funk* impõe uma sensibilidade mais seletiva, quase que de uma única geração, cuja natureza competitiva anima sua fruição estética e sensorial, diferente do samba que, não excluindo a dimensão da possibilidade da transgressão e da violência, compartilha experiências mais diversificadas entre gerações no que se refere ao seu aprendizado e fruição. (TOLEDO, 2002: 233)

A ambiência dos bailes *funks* era, de fato, criada pelos e para os jovens pobres da periferia da cidade. O espaço e a temporalidade dos bailes promovia uma inversão dos sentidos e valores hegemônicos, cotidianos e ligados à ordenação excludente da sociedade. Lá se exaltava o jovem ladrão e tanto os grupos de bairros quanto os MCs produziam montagens voltadas para a exaltação de seus feitos.

De faca ou de revólver, Viemos pra roubá. Os ladrão da Ala Granja.	Granja Portugal
Esconde o cordão, o relógio e a carteira. Chegou no corredor, o reino pra te roubá.	Reino Encantado

A celebração festiva das práticas deste segmento juvenil está na origem da grande popularidade dos bailes, que eram celebrados com regularidade em diversos clubes espalhados pela cidade.¹⁹ Os bailes se organizavam, especialmente e no plano das sociabilidades, segundo a geopolítica de amizades e rivalidades entre grupos de diferentes bairros da cidade. A participação ou a simpatia a uma torcida não eram determinantes para a localização dos participantes no baile, e se submetiam às demarcações territoriais que organizavam os participantes no salão, dividido em três lados, o A, o B, e o C.

É porque quando era baile era mais pelo seu bairro, você podia torcer Ceará ou Fortaleza, se seu bairro fosse pra Cearamor, você tinha que ir pra lá, Tuf do mesmo jeito. Agora, depois que acabou, começou mais negócio de torcida bombar, a galera começou, né? Estádio mesmo...²⁰

Observando as citações anteriores, é possível perceber dois pontos importantes. Primeiro, via de regra, o jovem, antes de integrar uma organizada, freqüentava já os bailes *funks*, estando, pois, habituados à ambiência cultural do baile. Nesta, um indivíduo isolado surge como algo esdrúxulo, fora de lugar. Lá, todos tinham um território, na verdade os jovens freqüentadores se confundiam com seus bairros, anunciados através das montagens cantadas pelos MC e pelos jovens organizados em grupos territoriais. A exemplo, as montagens da Ala Infernal, correspondente aos jovens do distrito industrial, e da Ala Radical, referente aos jovens torcedores organizados do Bom Jardim.

¹⁹ Os principais locais de realização de bailes *funks* foram: Mangueira Clube (Serrinha), Gigantão da José Bastos, Mênphis Club (Antônio Bezerra), Clube da Vila União, Pinheiro Clube (Parque Santa Rosa), Marinheiro Popaye (Jurema, Caucaia), Clube Gustavo (Conjunto Tasso Jereissati), Clube dos Jovens (João XXIII) e Clube da Caixa (Messejana).

²⁰ Procurei corrigir um pouco a linguagem, para facilitar a leitura e a compreensão.

Ala Infernal, o Comando Industrial.
Tuf Gay tu sai da frente,
Se ficar tu passa mal.

Os garoto são maluco,
Só moleque quebrador,
Sou da Ala Infernal
Cuidado com a Cearamor”.

(Grupo) Jardim, a Tuf tá mal,
Terror da Cearamor, é a Ala Radical.

Se passar da ponte²¹,
Vai virar finado.
Ala Radical, Cearamor bonde malvado.

O trabalho de transcrição e análise das montagens das alas de bairro desvela uma Fortaleza fortemente territorializada, cujos bairros são convertidos em espaços de disputa e conflito entre os jovens moradores. Quando digo da territorialização da cidade, falo de relações de poder inscritas sobre um traçado da cidade que quebra a contigüidade espacial dos bairros e a reorganiza segundo a cartografia das aproximações, amizades e inimizades entre estes grupos juvenis.

O território é, pois, nesse sentido, parte de uma extensão física do espaço, mobilizada como elemento decisivo no estabelecimento de um poder. Ele é assim uma parcela de um terreno utilizada como forma de expressão e exercício do controle sobre outrem. Por meio deste controle é possível a imposição de regras de acesso, de circulação e a normatização de usos, de atitudes e de comportamentos sobre este espaço. Este controle do território é a expressão de um poder, ou seja, ele é aquilo que está em jogo em grande parte das disputas sociais, aí incluídas aquelas que disputam um direito à cidade. (GOMES, 2002:12)

Desta forma, o baile *funk* se coloca como um espaço de continuidade desta lógica demarcatória e seu poder agregador e de atração sobre os jovens frequentadores advinham da continuidade oferecida pelo baile às marcações identitárias daí decorrentes, ao passo que oferecia o efeito de arena, imprescindível para a constante construção desta formação cultural juvenil. É óbvio, porém não excessivo, destacar a importância do apelo da festa propriamente dita, ou seja, da combinação da música, da dança, dos encontros e dos excessos que constituem as características emblemáticas das festas não oficiais.

Por isso mesmo, confesso que, ao saber da anunciada festa de aniversário da Cearamor, fiquei ansiosa, pois eu acreditava que iria encontrar um baile *funk* “original”,

²¹ Ponte que separa os bairros Bom Jardim e Siqueira.

nos moldes dos que ocorriam na cidade nas décadas de oitenta e noventa. Mas, ao chegar à festa, o meu primeiro impacto foi mesmo a decepção, não era aquilo que eu imaginava. O que eu vi ali, um tanto ingenuamente, é preciso que eu diga, foi uma festa como tantas outras. Se não fossem as faixas e as roupas dos que circulavam pelo espaço da festa, pouco havia de peculiar.

“E o baile?”, eu me perguntava sem parar. Até que ele, o baile, começou a se anunciar, como se quedesse escondido, numa espécie de sub-pele do lugar, das pessoas, do som, de tudo. Dei-me conta da sua presença escorregadia e ameaçadora, pelas palavras de um torcedor. Já me referi a ele no primeiro capítulo, o jovem integrante da Império Vermelho, o “*Playboy*”. Mas, sem querer quebrar ou extenuar a leitura, volto às minhas próprias palavras. Eu estava ainda do lado de fora da festa e conversava com um integrante da Torcida Jovem do Grêmio de Porto Alegre, quando ele, o rapaz da Império Vermelho, “se aproximou e interrompeu a conversa, no que foi afastado com jocosidade, mas com firmeza, pelo rapaz com que eu falava. Foi então que ele disse: *‘Calma, você ainda vai ser entrevistado. Eu também sou importante, eu também sou playboy’*. Quando entrei na sede do clube, circulei até encontrá-lo. Ele passou por mim a certa distância, então eu gritei: *‘_Ei, você, Playboy!’* Ele me olhou, deu uma sonora gargalhada e respondeu: “*_Éééé. Lá eu sou ladrão, aqui eu sou playboy’...*”

O que pode, tão rapidamente, promover tal mudança de condição, de status, de definição de uma pessoa? Qual a chave que aciona essa transmutação? A chave estava ali, na minha frente, atada na fala do rapaz, entre o “lá fora” e o “aqui”, o percurso, realizado pelos jovens, do espaço indiferenciado da cidade ao espaço circunscrito da festa. Segundo Bakhtin:

As festividades (qualquer que seja o seu tipo) são uma forma primordial, marcante da civilização humana. Não é preciso considerá-las nem explicá-las como um produto das condições e finalidades práticas do trabalho coletivo, nem, interpretação mais vulgar ainda, da necessidade biológica (fisiológica) de descanso periódico. As festividades tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo, exprimiram sempre uma concepção de mundo. Os ‘exercícios’ de regulamentação e aperfeiçoamento de processo de trabalho coletivo, o ‘jogo no trabalho’, o descanso ou a trégua no trabalho nunca chegaram a ser verdadeiras festas. Para que o sejam, é preciso um elemento a mais, vindo de uma outra esfera da vida corrente, a do espírito, das idéias. A sua sanção deve emanar não do mundo dos meios e condições indispensáveis, mas daquele dos fins superiores da existência humana, isto é, do mundo dos ideais. Sem isso, não pode haver nenhum clima de festa. (BAKHTIN, 1999: 7)

Naquela festa vigorava o “tempo alegre” das festividades populares, alegre porque utópico; um tempo em que se celebrava uma utopia nascida na luta cotidiana pela (re)significação de si e do mundo, uma utopia momentaneamente realizada, pois ali o suposto ladrão virava playboy. Por isso, o baile *funk* é visto aqui como um fenômeno festivo específico, resultante da necessidade do combate e da rivalidade. Excessos... Excessos de demonstração de força e de disposição para esculachar o baile, excesso de vontade que supera as próprias possibilidades físicas, explosão desejante que investe o próprio corpo numa disputa que é travada nos estádios, nas ruas e na pista.

A partir daquele momento, senti como que por intuição a tensão que parecia crepitar na atmosfera da festa. Percebi que, ali, a aparência de “ordem” restava apenas sob o aspecto de aparência, pois o que os mantinha em seus lugares era um equilíbrio negociado e tenso, no qual ninguém poderia querer aparecer mais que ninguém. Foi justamente a quebra deste equilíbrio, deste acordo, que provocou a irrupção do baile, ou seja, a eclosão da batalha territorial entre grupos inscritos no espaço urbano da cidade, divididos não mais por ruas, quarteirões e pontes, mas pelo corredor.

E abriu o corredor! O que fez esse mar de gente se dividir? Onde estava o cajado de Moisés naquela cena? Numa rima, apenas numa rima. Apenas? Não. A rima abre passagem justamente para o que não poderia acontecer: um bairro, uma ala, sentiu, na música tocada pelo *Dj*, uma chance para ser mais, para celebrar o seu grupo através de sua montagem.

Obviamente que a rivalidade com o bairro que se ressentiu não nasceu ali, instantaneamente. Tratava-se de uma rivalidade pretérita, nascida sabe-se lá em que esquina, em que praça, em que ponte, em que jogo... Uma rivalidade que apenas eclodiu ali, diante da infração do acordo que mantinha a tênue concórdia, de um acordo destinado a ser descumprido. Este caso, tão surpreendente para mim, revelou-se costumeiro no universo simbólico dos bailes *funks*. No trabalho de análise das montagens, encontrei uma, a da Ala Jockey, como se pode supor, do bairro Jockey Clube, que diz assim:

Ei, Tuf gay, pode ir tomar no cú!

Eu sou da Ala Jockey,
Cearamor número um.
Ala Jockey é o terror,
Não dispensa os Tuf gay.
Acaba com os tricolor, quando toca o só vocês.

Ao transcrever esta montagem, me dei conta de que o fato por mim presenciado não era tão esdrúxulo assim. Nela, o autor se referiu a um momento que se repetia nos bailes *funks*, que se referia à explosão, à injeção de disposição e de ânimo nos integrantes da ala quando uma determinada música era tocada, no caso, a “só vocês”. Isso porque a rima entre o “vocês” e o “Jockey”, na pronúncia com que é cantada, promove uma chave de abertura, um sinal que aciona os seus integrantes ao combate, seja através da dança ou do conflito. Sendo assim, a rima era um código conhecido e compartilhado por todos. Sabia-se, naquela festa, que música iria rimar com que bairro. De fato, os rapazes pareciam apenas estar esperando.

Sem querer entrar na infrutífera, porque inviável, busca à mais remota das origens, qual seja, a de saber se o baile *funk* gerou essa disputa juvenil, ou se as disputas juvenis foram conduzidas ao baile, posso asseverar que, atualmente, o baile se colocou como um desdobramento da cultura juvenil da periferia de Fortaleza, onde os jovens poderiam abandonar suas trincheiras usuais e partir para o combate. Logo, o jovem que vai ao baile *funk* não vai simplesmente para uma festa, ele vai a um combate, a uma guerra, na qual o objetivo perseguido é “esculachar o baile”, “arrebentar”.

Na pista de dança, ou na arena, colocados frente à frente, separados por um corredor de vazio, onde se projetam corpos em incursões violentas ao território inimigo, reeditado no salão, são ratificadas vantagens e superioridades já conquistadas, bem como são realizadas tentativas de reverter derrotas e humilhações anteriores. A pista é o lugar da desforra, da vingança, da vitória e da derrota. O baile *funk*, cujo formato eu buscava na festa da Cearamor, surge aqui não como um modelo ideal de baile que aconteceu e que atualmente está separado da dinâmica juvenil, pelo tempo, irrevogavelmente. É mais profícuo trabalhar a questão do baile, tomando-o como a face agonística das festas do circuito juvenil dos torcedores organizados. O baile pode surgir a qualquer momento, em meio ao forró, ao Axé, não importa! O baile subverte os ritmos, os planejamentos, os esquemas de segurança e, mesmo, as proibições legais. O corredor resiste, pois restam sempre batalhas a serem travadas, desforras, em nome de si ou do grupo.

Não parece demais salientar que as demarcações territoriais apresentam uma fluidez que obedece ao estabelecimento e dissolução dessas relações entre os grupos juvenis. Tais alianças também são anunciadas e celebradas nos bailes, que servem também como um amplificador dos acordos e da sociabilidade cotidiana.

Montagem	Alianças
É melhor correr ou então se esconder O bonde da Potira já formou com a 14.	Parque Potira e Gangue da Rua 14.
MBS e GGT, com a Ala Granja, O terror do baile.	Malucos do Bom Sucesso e Granja Portugal.
O terror do baile A maior do baile Aliança eterna, amigo até no céu. Olavo Oliveira, F.X., Ala Fiel.	Olavo Oliveira, Forasteiros do Xarp (gangue de pichação) e Ala Fiel

O mano a mano, ou seja, a briga, a disputa corporal, só aparentemente é caótico ou manifestação simples de violência irracional. Não se trata, portanto, de uma disputa de todos contra todos, mas de uma disputa definida, posto que existe uma lógica, baseada nesta geopolítica territorial e de sociabilidades que regula os enfrentamentos entre os grupos. E, se assim é, posso afirmar a importância de denegar essas explicações selvagens que afastam o incompreendido para o campo do caótico ou irracional, com a necessária incursão pela experiência social desses segmentos juvenis que tomam a territorialização como matriz fundamental de suas identificações e promovem, com suas práticas, uma reorganização do espaço urbano de Fortaleza.

O comportamento dos jovens frequentadores dos bailes e integrantes das torcidas organizadas não queda ao nível do exótico ou irracional, posto que possui uma lógica, repleta de códigos, conhecidos e partilhados, voltados à valorização da identificação territorial e à necessidade de experimentá-la através da luta, com a conseqüente articulação de pequenos exércitos juvenis. Cabe-me, então, buscar apreender como as torcidas organizadas se inserem nestas experiências, melhor dizendo, como estes coletivos passam a reorganizar estes jovens, quais as continuidades construídas em relação ao *funk*, bem como, quais os distanciamentos articulados pelos novos caminhos percorridos pelos jovens torcedores organizados.

3.3 Saindo do baile, voltando aos bairros.

É fato conhecido pelos integrantes das torcidas que os bailes *funks* foram proibidos em Fortaleza ainda na década de noventa, em decorrência do acirramento das disputas territoriais entre os jovens. Essas disputas, lidas pelas autoridades e meios de comunicação a partir das genéricas categorizações de violência e vandalismo, distribuíam-se entre as conhecidas brigas no salão, furtos nas imediações dos bairros e casos de morte.

A interdição dos bailes *funks* resultou numa remodelação significativa das torcidas organizadas, principalmente por dois motivos: primeiro, a interdição dos bailes não implicou a dissolução das significações organizadoras das sociabilidades que lhes eram características; segundo, com o fim dos bailes, todo aquele contingente juvenil que os freqüentava migrou para as torcidas organizadas, com a mesma demanda por poder e enfrentamento. E eles migraram organizados, levando consigo o seu espírito de exército. A partir de então, não era mais o baile o princípio organizador destas alas, ou seja, não era mais a divisão entre os lados “lados” A, B e C, que determinava a geopolítica dos bairros, mas sim o critério do pertencimento a uma determinada torcida.

Essa reorganização articulou, paralelamente, uma reconfiguração no mapa dos afetos e das sociabilidades entre os moradores dos bairros. Anteriormente, havia a oposição entre moradores de bairros diferentes e as brigas aconteciam através da invasão do território alheio, melhor dizendo, do bairro do outro, ou então dos clubes onde tinham lugar os bailes *funks*. Com a transposição das redes de identificações para as torcidas, as oposições e os conflitos passaram a dividir grupos da juventude dentro de um mesmo bairro, a exemplo da divisão entre o Rodolfo Cearamor e o Rodolfo TUF (Rodolfo Teófilo).

E se as torcidas passaram a atrair essa juventude egressa dos bailes, isto não foi por acaso, pois já faziam parte da cultura do *funk*. Elas foram então tomadas pelos jovens como uma possibilidade de continuidade da sociabilidade do *funk*, pois ofereciam a regularidade e a continuidade dos encontros entre esses jovens e possibilitavam, ainda, e isso me parece essencial, o efeito de arena, ou seja, o tempo-espaço da experiência pura da competição, visando garantir, através do conflito, status para o bairro e, em decorrência, dignidade social e pessoal para seus moradores e combatentes.



Estádio Castelão. Cearamor Mondubim

Desta forma, acho conveniente categorizar como sociabilidade de conflito essa forma específica de sociabilidade, comum aos jovens participantes das torcidas organizadas, que investem nas rivalidades territoriais. A sociabilidade de conflito seria a marcação mais importante da identificação dos torcedores organizados, ou seja, a disposição e a necessidade do conflito, que remete a uma normatividade específica, com uma simbologia própria e um campo específico de demandas e expectativas em relação à vida. Esta formação cultural peculiar foi forjada ao longo dos percursos juvenis pelos bairros pobres de Fortaleza, e apresenta-se como característica incontornável do “torcedor de bairro”, ou seja, dos que não abrem mão do conflito e da rivalidade. Eles seriam os que mais intensamente investiriam nesta forma de sociabilidade, como indica um funcionário da Cearamor: “*com o pessoal de bairro, não tem como conversar com eles*”.

Como eu já havia afirmado, a interdição do baile *funk* não ocasionou a dissolução imediata das alas, que permaneceram até o começo desta década como uma marcação fundamental da torcida. Todavia, a sua extinção se afasta dos dias atuais em quase uma década, e eu mesma conversei com dezenas de integrantes de torcidas que sequer chegaram a participar de um baile, pois na época eram crianças pequenas demais para fazê-lo. Então, como explicar a permanência da estética do *funk* na torcida? Estética que aciona uma formação cultural peculiar, alicerçada na simbologia, na normatividade, nos valores e nos códigos comuns à ambiência do baile.

Analisando as montagens de cerca de cinquenta alas da Cearamor, é possível traçar uma resposta para tais questões²². Essas montagens, pequenas músicas contando apenas com algumas frases, quando muito dez ou doze, foram construídas para anunciar o bairro e, obviamente, os seus moradores. Desta forma, elas precisavam de fato ser curtas e, ainda assim, contar com alguns elementos estruturantes:

1. O nome da ala, que ocasionalmente trazia em seguida o nome do bairro ou da aliança de bairros que a constituíam;
2. Uma definição de si mesma, ou seja, da ala, e dos seus integrantes;
3. Anunciava a vinculação com a Cearamor, principalmente quando a participação nas torcidas se tornou o canal articulador fundamental da sociabilidade de conflito dos jovens. Ocasionalmente trazia uma definição ou significação para a Torcida Organizada;
4. Descrevia a sua capacidade de intervenção junto ao inimigo e as conseqüências para o outro desta ação;
5. Por fim, havia sempre uma necessária definição degradante do adversário, ou melhor, da torcida adversária.

Cito para exemplificar e permitir a visualização da estrutura da montagem:

Ala Ideal, o terror do mano a mano,
Espanta Tuf gay,
Deixa os pilantra chorando

Os moleque são malvado,
Não dispensa ninguém não.
Acaba com tricolor
Se tocá a explosão

Oba, oba, Tuf gay vai passar mal,
Matador de cú vermelho,
Cearamor Ala Ideal.

Em sua imensa maioria, as montagens catalogadas apresentam uma grande semelhança, quando não há a repetição dos significados, definições a práticas. O conjunto circular de significações que se estende por toda a malha urbana de Fortaleza, e mesmo por municípios contíguos à cidade, pode ser entendido como uma rede que alinhava a experiência social de um número significativo de jovens numa mesma trama simbólica.

²² Verificar tabela ao final desta seção.

De fato, são muitos elementos que tornam a montagem um texto denso, mesmo que extremamente curto. O mais óbvio, e que por ser tão claro às vezes escapa à percepção do pesquisador, consiste na necessidade de exaltação do bairro, o que pode parecer paradoxal, posto que estes bairros caracterizam-se pela escassez de equipamentos urbanos e alojam pessoas cuja existência é perpassada pela carência material. Neste ponto é necessário um cuidado na categorização desses bairros. Observando a localização dos bairros que compõem as torcidas no mapa da cidade, pode-se perceber que muitos se enquadram na definição de Wacquant:

Comunidades estigmatizadas, situadas na base do sistema hierárquico de regiões que compõem uma metrópole, nas quais os párias urbanos residem e onde os problemas sociais se congregam e infeccionam, atraindo a atenção desigual e desmedidamente negativa da mídia, dos políticos e dos dirigentes do Estado. São locais conhecidos, tanto para forasteiros como para os mais íntimos, como ‘regiões-problema’, ‘áreas-proibidas’, circuito ‘selvagem’ da cidade, territórios de privação e abandono a serem evitados e temidos, porque têm ou se crê amplamente que tenham excesso de crime, de violência, de vício e de desintegração social. (WACQUANT, 2005: 7)

Mesmo em bairros que não podem ser definidos como favelas, como, por exemplo, a Parquelândia, o Centro, ou mesmo o Conjunto Ceará, é forçoso afirmar que, mesmo nestes bairros, existem divisões internas, a partir das quais é possível perceber uma parte da população que, mesmo experimentando a carência e a privação material, educacional etc, ainda garante, através de arranjos familiares, a própria subsistência, escapando do padrão inferior dos que vivem em favelas dentro destes bairros já empobrecidos. A exemplo, o bairro Bom Jardim, cujos moradores fazem referência constante à “*favela de lá de dentro*”, descrita como um lugar perigoso, ocupado por vagabundos, ladrões e traficantes, uma espécie de enclave de degradação e perigo social, uma chaga em meio ao bairro já debilitado pela pobreza e pelo abandono.

Conversando com os torcedores organizados, é possível perceber com clareza que mesmo aqueles provenientes de bairros mistos ocupam lá os lugares menos favorecidos. Esta leitura se faz através da observação de sua fala, de sua escrita, quando há, das respostas às perguntas simples que, muitas vezes, requerem uma segunda e terceira explicação. Não falo aqui de uma fala carregada de gírias e criações juvenis de linguagem, ou da escrita cifrada dos sites de conversação, falo de uma inabilidade, da carência de termos, da incompreensão, da dificuldade de articular uma resposta mesmo quando esta se refere a assuntos e temas que lhes são familiares.

O torcedor organizado se coloca, portanto, como aquele que sofre, em gradações mais ou menos intensas, os efeitos drásticos da “violência estrutural”, ou “violência vinda de cima”, descrita por Wacquant, como o motor de dualização da metrópole, ao passo que “ameaça não apenas marginalizar os pobres, mas condená-los à redundância social e econômica direta”. Essa marginalização, como espero ter demonstrado, se dá de duas formas. A primeira, e mais evidente, através da aglutinação dos segmentos empobrecidos nos bairros periféricos da cidade, ou seja, na sua margem, no seu limite. A segunda se constitui na proliferação de fronteiras dentro de bairros mistos ou pobres, além das quais residem os marginalizados ao extremo, os que vivem na margem além da margem. Ainda segundo Wacquant, a violência “vinda de cima” contaria com três componentes principais:

(1) desemprego em massa, persistente e crônico, representando para segmentos inteiros da classe trabalhadora a desproletarização que traz em seu rastro aguda privação material; (2) exílio em bairros decadentes, onde escasseiam os recursos públicos e privados à medida que a competição por eles aumenta, devido à imigração; (3) crescente estigmatização na vida cotidiana e no discurso público, tudo isso ainda mais terrível por ocorrer em meio a uma escalada geral de desigualdade. (WACQUANT, 2005: 29)

Este é o caso do Barroso II. Este bairro, melhor dizendo, o grupo composto por moradores jovens de lá, é considerado, dentro da torcida, sob o peso de forte estigma pessoal, social e espacial. Eles são definidos pela geopolítica urbana juvenil como os que não estão nem aí, os que não têm nada a perder, os perigosos, os que brigam e roubam, aqueles com quem o diálogo é quase impossível. Justamente por isso, me interessei por este bairro em particular, e foi quase com devoção que entrevistei seus torcedores organizados. Diante da importância de asseverar a necessidade de mergulhar na experiência sócio-cultural dos grupos estigmatizados, em busca da apreensão dos sentidos que eles conferem às suas práticas, possíveis apenas no contexto particular de suas existências, recorro mais uma vez a Wacquant:

Devido à aura de perigo e pavor que envolve seus habitantes e ao descaso que sofrem, essa mistura variada de minorias insultadas, de famílias de trabalhadores de baixa renda e de imigrantes não-legalizados é tipicamente retratada à distância em tons monocromáticos, e sua vida social parece a mesma em todos os lugares: exótica improdutiva e brutal. [...] A marginalidade urbana não é a mesma em todos os lugares e há pouco exotismo sobre ela. Seus mecanismos genéricos e suas formas específicas tornam-se inteligíveis se estiverem ligados à matriz histórica da classe, do

Estado e do sistema hierárquico característico de cada sociedade. (Wacquant, 2005: 7 – 8)

Atenta à advertência do autor, antes de continuarmos, é preciso tentar esclarecer um nó de significados entre as noções de ala, bairro, comando e gangue.

3.4 Abrindo parênteses: sobre alas, bairros, comandos e gangues.

Já afirmei anteriormente que as alas, oriundas do universo cultural e simbólico do funk, foram levadas às torcidas após a interdição dos bailes e permaneceram como unidade fundamental de coesão na torcida. Entretanto, também as alas passaram a ser objeto de atenção das autoridades, preocupadas em dissolver a violência oriunda das torcidas. Para meu espanto, um funcionário da Cearamor, numa conversa, anunciou que as alas haviam sido proibidas na torcida.

Ala na Cearamor tá proibida, hoje não existe mais Ala não... Hoje só é o bairro! E a gente tá acabando com esse negócio de bairro também... Assim, chegar no estádio gritando “uh, é não sei o que, uh não sei o que”, não. É só Cearamor, hoje em dia o pessoal tem que gritar só Cearamor. Isso tá mudando, não mudou ainda não.

O meu estranhamento veio da contradição entre esta proibição formal e a materialidade física e simbólica das alas como princípio organizador da torcida. Quando digo da materialidade física, me refiro, por exemplo, às camisas, às faixas espalhadas pelo estádio, ou onde quer que a torcida esteja. Mas, sobretudo, essa materialidade remete à organização dos integrantes: o deslocamento para o estádio, o percurso dentro deste, o posicionamento no espaço reservado à torcida, enfim... Como eu já havia afirmado, se o “torcedor comum” é um torcedor no singular, o torcedor organizado nunca o é, ele sempre estará acompanhado pelo seu grupo, pela sua ala, portanto. E esta se anunciará enquanto tal. A ala funcionava como uma espécie de sobrenome, um lugar no mundo capaz de situar seus integrantes. Por isso, o integrante da Cearamor se referiu, com um ligeiro atordoamento, à interdição das alas.

Foi feita até uma reunião com a promotora... Ala Terror, Ala Mal, Ala não sei que... Foi tudo... Diz ela que incentivava a violência, só, que, pro pessoal, era uma maneira de se chamar o bairro, pra não dizer ah é... Pra dividir o bairro, por exemplo: o Rodolfo, tem o da TUF gay, é um núcleo, e o da Cearamor, já tava dizendo é o Rodolfo Cearamor.

A fala denota uma incerteza, uma ambigüidade comum ao estar preso entre dois lugares: o de funcionário da torcida – que precisa mediar a relação com os órgãos responsáveis pela suposta legalidade e segurança social –, e o lugar de torcedor organizado. E, neste caso, não de um torcedor qualquer, de um antigo, que viveu a época dos bailes *funks* e que iniciou a própria identificação de torcedor neste celeiro simbólico e cultural.

A fala é de alguém familiarizado com a territorialização dos bairros pelos jovens integrantes das alas. Quando ele diz que é só um jeito de dividir o bairro entre torcidas diferentes, ele não questiona essa divisão como o lugar gerador dos conflitos. Ele não a vê, passa por ela porque não a reconhece como estranha. Justamente por isso, a sua concordância com a promotora que decidiu pela extinção das alas vem através de uma fala hesitante, esgarçada, que não entende muito bem o próprio porquê.

E é por isso que, a despeito das determinações legais, as alas permaneceram. A astúcia juvenil as rebatizou, passaram a ser os bairros. A despeito da pressão das autoridades pela sua dissolução num todo homogêneo e pacífico, elas persistem. E devo dizer que, de certa forma, sem as alas a torcida organizada não seria possível. Tanto que existe uma disputa significativa em torno de determinados bairros da cidade, que se mostram hesitantes entre a Cearamor e a M.O.F.I. Os presidentes e diretores tentam manter seus bairros, conquistar outros. Também as punições e expulsões são aplicadas a bairros inteiros, e não a indivíduos isolados. Na verdade uma nova denominação começa a se insinuar: os “comandos”, uma alternativa mais “ameaçadora” que a noção de bairro. Mas a sua utilização ainda é reduzida. Ainda. Então, por hora, importa pensar sobre a categoria de gangue.

Bem, em uma das ocasiões em que estive com os meninos do Barroso II, ouvindo as suas narrativas, percebi que um deles, especialmente, apresentava um semblante mais ameaçador, apesar de sua pequena estatura e magreza adolescente. A sua fala, as suas posturas, tudo denotava uma agressividade potencial significativa. À medida que ele me respondia percebi que ele mesmo ficou extremamente perturbado com a minha naturalidade ao escutá-lo, com a minha ausência de espanto. Com dezoito anos, não estudava nem trabalhava, morava com o pai, um vigia noturno. A mãe, separada do pai, viveria em outra casa e era traficante de drogas.

Ao me contar sobre a profissão da mãe, percebi a sua expectativa em ler no meu rosto a censura, o rechaço e a reação ao estigma. Como me mantive alheia a isso, ele, como quem quer testar os limites do outro, me perguntou se eu queria ver uma foto

de sua mãe. Todos os outros rapazes riram violentamente, numa mistura de desdém e provocação. Eu, obviamente, disse que sim, que gostaria de ver a foto de uma mãe tão querida, cujo filho amoroso tatuou o nome dela em seu corpo. Então ele mostrou. Na fotografia, uma mulher de trinta e cinco a quarenta anos, cabelos tingidos num tom de louro escuro, segurava um grande baseado.

Peguei a foto, as risadas cresceram, eles se empurravam.... Observei-a alguns instantes, cuidadosamente, com atenção. Desloquei o meu olhar da foto para o rapaz e dele para a foto, repetidamente. Então, exclamei: “menino, mas você tem os olhos iguaizinhos aos da sua mãe! Bonita ela, jovem... Nem parece que tem filho desse tamanho”. Impressionantemente todos se calaram. Ele, muito intrigado, olhou fundo pra mim e disse: “*Olha a tia! A tia é “gangueira”, não é?*”? Olhando-o com a mesma intensidade, respondi: “Não sei, posso até ser... O que é ser gangueira”? Ele me esclareceu: “*É a amizade, todos por um!*”!

Esta significação da gangue como sinônimo de amizade e de unidade é recorrente em quase todas as falas dos que se autodefinem assim. Entretanto, a gangue apresenta uma marcação social mais definida: o gangueiro é do bairro, é pobre, briga e rouba. Se autodefinir como gangueiro é potencializar ao máximo o uso do estigma, na medida em que a designação traz, inapelavelmente, a significação do roubo e da briga como características estruturantes. É o caso de L, dezenove anos, torcedor organizado e morador do bairro Piedade. L já foi preso justamente pelas brigas entre bairros. Quando perguntei sobre a relevância das alas, ele me respondeu quase com indiferença: “*não tem muita diferença não*”. Todavia, quando fiz a pergunta de outro jeito, e inquiri sobre a relevância do bairro, eu vi o brilho da excitação em seus olhos. “*Ora, é muito importante, né? Ora! É a galera, a gangue! Né não, tia?*”? Perguntei ao rapaz do que ele não gostava na torcida, o que era ruim. Ele mal me deixou terminar a pergunta, como se esperasse por ela: “*Ora, tia, os playboy, né? Corta a força. A torcida tem que ter é bandido, ladrão que responda*”.

Como se pode ver, existe uma fluidez de significações que permitem que, ora se fale de ala, ora se fale de bairro e, ainda, ora se fale de gangue. Não fosse pela interdição, talvez as alas ainda prevalessem enquanto marcação simbólica mais usual. Todavia, a gangue, mesmo tendo características em comum com o bairro e a ala, puxa para si práticas que circunscrevem o seu conteúdo significativo e social, associando-se ao roubo e às brigas de uma maneira mais direta e clara. Quer dizer, enquanto a noção de bairro pode ainda reivindicar a sua inserção no campo de uma suposta normalidade e

legalidade social, camuflando práticas estigmatizadas, a noção de gangue toma tais práticas e as ostenta, numa inversão total da normatividade socialmente aceita, em pura subversão simbólica e, portanto, material.

3.5 Fechando parênteses. De volta ao Barroso II

A ocasião em que entrevistei os torcedores do Barroso II foi, na verdade, um feliz imprevisto. Eu havia ido à sede falar com o presidente da torcida. No entanto, neste dia, véspera de clássico, havia muitos torcedores à procura de ingressos ou aguardando a reunião que antecede os jogos importantes. Por precaução, resolvi levar meu bloco de questionários, com perguntas básicas, formulado especialmente para os estádios em dias de jogos, quando não há tempo para conversas longas com os torcedores e os grupos de bairros estão formados e coesos.

Como sempre faço, também naquele dia cheguei, sentei e esperei. Logo apareceu um “cabeça de bairro”²³, que eu havia conhecido durante uma passeata organizada pela Cearamor, no dia do julgamento do pentacampeonato pleiteado pelo Ceará. Aproveitei a ocasião e lhe perguntei se eu poderia aplicar o questionário, sabendo que isso serviria de isca para quem eu realmente queria entrevistar: uns rapazes arredios, inquietos, que falavam aos gritos e se empurrando, os torcedores do Barroso II. Deu certo. Logo me vi cercada por uns vinte rapazes que brigavam para responder ao questionário, uns na frente dos outros.

A ansiedade era tanta que eles antecipavam a resposta do entrevistado, o que demonstra, também, a grande familiaridade que os ligava. Talvez por isso, uma vez terminada a entrevista, não arredavam pé, ficavam me cercando, observando as respostas dos colegas, fiscalizando a verdade das respostas, denunciando fantasias – como quando um deles respondeu que, para se divertir, ia ao Norte Shopping, o que ocasionou uma risadaria geral. Estes comentários paralelos vieram a ser as informações mais relevantes do dia. Dentre os jovens entrevistados nessa tarde, um deles, C, me intrigou especialmente.

C, na época com dezessete anos, afirmou que entrou na torcida em virtude dos gangueiros do bairro. Na verdade, todos os meninos do Barroso II se dizem

²³ “Cabeça de bairro” é a designação do jovem que lidera o grupo de torcedores organizados de um bairro. Ele protagoniza a cooptação de novos integrantes para a torcida organizada e coordena os integrantes para a realização das diversas atividades da torcida.

gangueiros. C chamou a minha atenção obviamente pelo conteúdo de suas respostas, mas também pela naturalidade e sinceridade com que as enunciava. Quando perguntei sobre o que ele fazia para se divertir, ele, despreocupadamente, disse que “fumava um baseado”.

C mora com o pai, aposentado, e um irmão de sete anos. A mãe, segundo ele, foi embora. Nunca tendo frequentado nenhum baile *funk*, somente os promovidos pela Cearamor, C afirmou que a importância da gangue é “*botar terror no estádio, não comer partido*”. Por outro lado, foi contundente em afirmar que o pior numa torcida, no caso, na Cearamor, é “*quando corta a força*”, principalmente quando isso acontece diante da Serrinha – principal bairro da M.O.F.I. – eleito por todos do Barroso II como o principal inimigo. Perguntei ao C se ele gostava de seu bairro e ele, de pronto, respondeu que sim. Insisti, queria saber o porquê. Então, veio a frase: “*Ora, gosto sim! Desde pequeno que ele me cria! Falta muita coisa... Uma praçinha, pra rolar muita pea*”!

As afirmações de C merecem uma reflexão mais cuidadosa. Segundo ele próprio, a gangue cresce em importância justamente por ser um lugar de força, e força sempre denotará poder. Botar terror significa a vitória: seja pela superioridade nas brigas, ou simplesmente pela capacidade de afugentar o inimigo. A vitória é obtida pela superioridade numérica ou pela disposição que veicula respeito – aura de perigo que envolve os integrantes da ala. Numa inversão direta, o “comer partido” significa a derrota, que pode assumir algumas feições diferentes. Pode-se ser derrotado, apanhando do grupo rival, literalmente, mas existe também a derrota em não entrar na disputa, em virtude da superioridade numérica do adversário ou, ainda pior, a derrota clara e inquestionável de fugir durante o conflito, a derrota em não agüentar ir até o final.

E aqui eu retorno à minha primeira impressão acerca das torcidas organizadas enquanto lugar de força, lugar de poder, portanto. Força e poder que precisam ser conquistados e confirmados cotidianamente, sendo portanto necessário expandi-lo. Daí a militância dos moradores e integrantes de alas em conquistar novos participantes e em construir alianças com outros bairros.

Os bairros da Cearamor querem, um ser maior que os outros. A tendência é essa... Nesse negócio de bairro, é um ser maior que os outros. O maior da Cearamor, hoje em dia, é o Maracanaú, que é Jereissati, Industrial, Acaracuzinho, tudo ali... É o maior bairro. Tem bairro que é o pessoal do bairro mesmo, mas tem bairro que é com o bairro vizinho. Por exemplo, é, deixa eu ver aqui um, que se mata assim... Messejana e Parque Itamarati.

Brigam! Vamos dizer, outro aqui: Monte Castelo e Otávio Bonfim. Têm muitos, é muito.

É possível visualizar a rede que estrutura a torcida, no caso tratado a Cearamor: os dirigentes e funcionários militam para atrair mais bairros para a torcida. De seu lado, outros torcedores, organizados e divididos em bairros, militam para atrair mais integrantes para as alas, gangues ou bairros, bem como para formar alianças com bairros próximos ou vizinhos. A disputa entre bairros e por bairros entre as torcidas está na raiz da divisão e surgimento da M.O.F.I., e também de sua quase extinção. Mas isso será tratado mais adiante. Importa aqui pensar um pouco mais detidamente sobre o conceito de bairro, desenvolvido por Mayol, que o define da seguinte forma.

O Bairro surge como domínio onde a relação espaço/tempo é a mais favorável para um usuário que deseja deslocar-se por ele a pé saindo de sua casa. Por conseguinte, é o pedaço de cidade atravessado por um limite distinguindo o espaço privado do espaço público: é o que resulta de uma caminhada, da sucessão de passos numa calçada, pouco significada pelo seu vínculo orgânico com a residência. (...) O bairro é o espaço de uma relação com o outro como ser social, exigindo um tratamento especial. Sair de casa, andar pela rua, é efetuar em tudo um ato cultural, não arbitrário, inscreve o habitante em uma rede de sinais sociais que lhe são preexistentes. (...) Quanto ao bairro, ele é também o lugar de uma passagem pelo outro, intocável porque distante, e no entanto passível de reconhecimento por sua relativa estabilidade. Nem íntimo, nem anônimo: vizinho. (MAYOL, 1996: 41 – 43)

Mayol coloca elementos imprescindíveis para se pensar a dinâmica das torcidas. Primeiro, o bairro se constitui como uma região de fronteira entre a familiaridade absoluta da residência e a completa impessoalidade do espaço público. O bairro é realizado pelos passos dos caminhantes que, ao fazerem-no, se familiarizam com o lugar e com os demais moradores. No entanto, após a massificação das torcidas organizadas, o bairro foi (re)territorializado por contendores internos, por vizinhos. Essa tensão latente que, não raras vezes, eclode em conflitos de fato, transgredir abertamente um princípio normativo básico, regulador dos comportamentos, que torna a vida nos bairros viável: a conveniência, ou seja, a adesão de todos a um certo padrão de conduta para viabilizar a convivência.

A conveniência se impõe em primeiro lugar à análise pelo seu papel negativo. Ela se encontra no lugar da lei, aquela que torna heterogêneo o campo social proibindo que aí se distribua em qualquer ordem e a qualquer momento não importa que comportamento social. Ela reprime o que 'não convém', 'o que não se faz'; ela mantém à distancia, filtrando-os ou banindo-os os sinais de comportamentos ilegíveis no bairro, intoleráveis para ele, destruidores por exemplo da reputação pessoal do usuário. Isso quer dizer,

que a conveniência mantém relações muito estreitas com os processos de educação implícitos a todo grupo social: ela se encarrega de promulgar as ‘regras’ do uso social, enquanto o social é o espaço do outro, e o ponto médio da posição da pessoa enquanto ser público. A conveniência é o gerenciamento simbólico da face pública de cada um de nós desde que nos achemos na rua. (MAYOL, 1996: 49)

Todas as sociedades, em todas as épocas, engendraram formas de regulação do comportamento coletivo e das formas de circulação e expressão do corpo. E. P. Thompson analisou cuidadosamente os rituais de *rough music* na Inglaterra do Século XVIII. (Thompson, 1998) Em tais ocasiões, quando as pessoas saíam à rua, com matracas e chocalhos, na execução da “música rude”, dirigiam-se em festa à casa do transgressor, com um asno à frente do cortejo, carregando uma efígie da pessoa a ser achincalhada.

O alvo da ridicularização e punição, o era por apresentar um comportamento dissonante, que transgredia as normas da comunidade. Geralmente eram mulheres que batiam nos maridos, homem cornudos ou cônjuges muito mais velhos que seus parceiros. A *rough music*, ou *charivari* – na sua versão francesa –, fala de uma época onde o grotesco ainda dançava livremente entre as pessoas, uma época em que o processo civilizador ainda não tinha projetado a sua ação de contenção tentacular sobre os corpos e vontades.

A conveniência, por outro lado, identifica a transgressão, rotula-a e impõe uma punição disseminada e discreta, feita por inumeráveis atos, desde olhares de reprovação, comentários entre os passantes, o exílio do transgressor do campo da cordialidade cotidiana da vizinhança e até sua exclusão dos espaços de sociabilidade do bairro. Se a conveniência felicita com ‘reconhecimento’ àqueles sabedores do bom comportamento, o seu contrário seria esse rosário de pequenos atos, que assinalam simbolicamente o desconhecimento do indivíduo como um par, como um semelhante. O que pensar, então, sobre o torcedor organizado, sobre o torcedor de bairro? Ou ainda, indo ao extremo, sobre o gangueiro? E se faço tais questões é porque existe uma relação que não pode ser negligenciada, na articulação dos bairros com as torcidas organizadas.

Se os jovens aderem às torcidas organizadas, por bairros, é por que a participação, nelas, incide sobre as suas vidas cotidianas, nos próprios bairros. Aqui, me parece, existe uma inversão importante. Para torná-la mais clara é necessário recorrer ao conceito de reconhecimento: “*A contrapartida deste tipo de imposição (a conveniência) é para o usuário a certeza de ser reconhecido, ‘considerado’ por seus pares, e fundar*

assim em benefício próprio uma relação de forças nas diversas trajetórias que percorre". (Mayol, 1996) Se o bom comportamento no espaço do bairro é recompensado com o reconhecimento, as práticas do torcedor organizado parecem estar deslocando o conteúdo deste reconhecimento e o seu lugar de realização.

A pista principal para a construção desta resposta reside na exaltação dos nomes de bairros no início de cada montagem. Os torcedores parecem estar promovendo uma luta pela significação social de seu bairro, na medida em que devolvem a ele a moral, a respeitabilidade. A grande questão reside em asseverar que essa inversão simbólica do significado do estigma se dá através da posse da força. Força é poder. E se a força é poder, é justamente porque a força é a única coisa de que eles dispõem como moeda capaz de conferir dignidade social e pessoal e, ao mesmo tempo, humilhar e denegrir um lugar e um indivíduo. A força que se traduz em várias práticas como exercício e demonstração dela.

O que se vê aqui é uma luta concreta, um embate entre a violência vinda de cima, através da ação legítima do Estado, cuja face só é vista parcialmente pelos torcedores organizados, pelos torcedores de bairro e pelos gangueiros. Desta violência estrutural difusa e cotidiana, que eles sentem no ar, da qual eles mesmos são produto, a face mais reconhecida é sempre a polícia. É, sobretudo, através da presença ameaçadora da polícia, ou de suas intervenções junto aos moradores desses bairros, que a juventude da periferia conhece o Estado, bem como o lugar e o estatuto conferidos ao seu bairro e a si próprios. A sociabilidade de conflito, a busca da força, pode então ser lida, seguindo ainda a linha argumentativa de Wacquant (2005), como uma resposta (sócio)lógica à significação que lhes é atribuída, numa inversão de significados.

A sociabilidade de conflito, consubstanciada na disposição para embates físicos, na raiva arbitrária do torcedor "adversário", ou do bairro adversário, e na coragem para o enfrentamento, tornou-se, a um só tempo, uma espécie de rito a ser cumprido por aquele que pretende fazer parte de uma torcida organizada e sinal de pertença à agremiação, posto que é um elemento que também demarca o estilo de vida do sujeito torcedor organizado. No entanto, a agressão e a violência aqui têm de ser pensadas dentro do arcabouço do rito, do contrário perdem o sentido e a análise envereda para um labirinto de vazios, no qual se sucedem verdades midiáticas, que explicam a violência pela ação de vândalos, pela turba, pela irracionalidade... Mesmo que o papel da violência não seja absolutamente transparente e racionalizado para os

jovens das organizadas, isso não significa que ela não obedeça a uma lógica que coordene a sua prática.

Anteriormente me referi à categoria de conveniência, como norma regulatória sobre os comportamentos dos moradores de um determinado bairro. Gostaria de retomá-la, como via de acesso à esfera da ritualidade.

Se é possível dizer que todo rito é a assunção ordenada de uma desordem pulsional inicial, o seu 'trancafiamento' simbólico no campo social, então a conveniência é o rito do bairro: cada usuário, por ela, se acha submetido a uma vida coletiva da qual assimila o léxico a fim de se dispor a uma estrutura de trocas que lhe permitiria, por sua vez, propor, articular os sinais de seu próprio reconhecimento. [...] Mas, e esta é sua face positiva, se ela impõe a sua coerção, o faz em vista de um benefício 'simbólico' que se há de adquirir ou preservar. (Mayol, 1996: 51)

A violência ritual, a demonstração de força, cerne da sociabilidade de conflito, ela própria um dos termos do debate travado entre violência estrutural e violência vinda de baixo, denota uma relação com a vida cuja mediação é fortemente estética. Com uma escolaridade extremamente deficiente, quando não inexistente, desprovidos de qualquer suporte ideológico ou vivência religiosa cotidiana, apraz a esta juventude o suporte da estética da violência como arma através da qual eles buscam (re)significar a si mesmos e a seus bairros. O apego estético à violência é notório em todas as montagens, mas em duas, fundamentalmente, é possível visualizar melhor o que está sendo apresentado, a da Ala Terror e da Ala Brutal.

Até o Bin Laden se esconde com medo.
Cearamor Ala Terror,
Tuf Gay pediu arrego.
Não tem pra ninguém
Filhos de Sadan Hussein.
Soldados de elite,
Nova geração.
Chegou Ala Brutal,
Caçadores de leão.
Cearamor terror! Bota Moral!
Corre Tuf Gay,
Ta chegando Ala Brutal.

Se a adesão à norma garante reconhecimento entre os moradores do bairro, o exercício da agressão entre torcedores, pensada a partir desta perspectiva do rito, remete à busca de um lugar de destaque dentro do grupo eleito como social e simbolicamente relevante para os jovens torcedores: a torcida organizada. Dentro destes

coletivos, gestou-se processualmente um amálgama de valores que se interpenetram. Os códigos tradicionais da torcida, como a lealdade, a devoção e o amor ao time, experimentaram, com o tempo, a inscrição de outras práticas: a idéia de que a disposição para o conflito e a territorialização do corpo e da cidade representam formas de viver e comunicar de forma incontestada o amor, a lealdade e a devoção ao time, mas, principalmente, à torcida.

Tabela 2. As montagens: nome das alas, bairros de procedência e significações acerca de si e do outro.

Ala	Bairro	Definição de Si	Definição Cearamor	Ação Sobre o Outro	Definição do Outro
Ala Ideal	Novo Ideal	Terror do mano a mano; Moleques malvados; Matador.		Espanta; Faz chorar; Faz passar mal.	Pilantra; Cú vermelho; Tuf gay.
Ala Canibal	Couto Fernandes	Terror			
Ala Mal	Planalto Pici Barroso	Tem moral; Geurreiros; Cearamor até morrer; Terror do Lado B.		Expulsa; Manda pro Hospital.	Tuf gay
Ala Anjo	Canindezinho Presidente Kenedy	Terror do mano a mano; Comanda o bonde da Cearamor.		Invade; Pula e seqüestra; Faz correr.	Tuf gay
Ala Bad	Bairro de Fátima	Bonde Malvado		Domina; Sacode; Bota pra sair voado (expulsa).	
Ala Bom Sucesso	Bom Sucesso	Tem disposição	Chapa Quente		
Ala Brutal	?	Soldados de elite; Nova geração; Caçadores de leão.	Terror; Bota moral.	Faz correr (expulsa)	Tuf gay; Leão.
Ala Centro	Morro do Ouro Morro do Moinho Oitão Preto Santo Inácio	Bonde suicida; Banda boy da Cearamor.		Bota terror.	
Ala Comando	Via Pery	Respeitada		Dar porrada; Expulsa.	Tuf gay
Ala Funk	Cidade 2000	Destrói; Antiga; De respeito.		Causa dor; Faz chorar; Impõe respeito.	Tuf Gay.
Ala Jockey	Jockey Clube João XXIII	Terror	Número um	Não dispensa; Acaba com tricolor.	Tuf gay

Ala	Bairro	Definição de Si	Definição Cearamor	Ação Sobre o Outro	Definição do Outro
Ala José Wlateral	José Walter	Furacão; Devasta os estádios;	Chapa quente	Deixa no chão	Tuf gay
Ala Malvados	Lagoa Redonda	Bate de ponta a ponta	Faz a Tuf correr		Tuf gay
Ala Net	Internet	Bonde virtual	Quem domina	Deixa sem moral	Tuf gay
Ala Radical	Bom Jardim	Terror da Cearamor	Bonde malvado	Mata	Tuf
Ala Rock	Nova Metrópole	Maldição Pesadelo	Sacode	Faz chorar	Tuf gay
Ala Maraca	Acaracuzinho	Terror geral; Matador de Lado A.		Pega; Faz correr; Expulsa.	Cú vermelho
Ala Selvagem	Parquelândia	Comanda a Parquelândia		Desafia.	Tuf gay
Ala Terror	Rodolfo Teófilo	Filhos de Sadan Hussein; Amedronta Bin Laden.		Rende	Tuf gay
Ala Guerreiros do Vila	Vila União	Guerreiros	Terror	Impõe respeito; Quebra; Deixa no chão	Tuf gay
Ala Jereissati	Conjunto Tasso Jereissati.	Guerreiros; Terror.	Galerão		Tuf gay; Bundão
Ala Tropa de Elite	Esta ala não se organizou a partir de bairro.	Oso duro de roer; Enterro da Tuf.	Só tem guerreiros.	Expulsa, bota pra correr.	Tuf gay
Ala Jovem	Conjunto Ceará	Terror dos estádios; Maior da capital; Comando de Fortal; Comanda o Lado B; Tem disposição.			
Ala Rebelde	Otávio Bonfim	Tem força; Tem poder.			

Ala	Bairro	Definição de Si	Definição Cearamor	Ação Sobre o Outro	Definição do Outro
Ala Oeste	Nova Metrópole	Espancou sete no “Baile do Mênphis”.			
Ala Fiel	Olavo Oliveira F.X. (Forasteiros do Xarp, gague de pichação).	O terror do baile, a maior do baile. Amigo até no céu; aliança eterna.			
Ala Feminina		Charme e porrada; Gatas da Cearamor.			
Ala Wayne	Álvaro Wayne	Revoltados			
Ala Granja	Granja Portugal	Terror do Baile; Malvados; Jui jitsu		Pega (bate, agride); Soco, pontapé, arniloque, voador(golpes de luta).	
Ala Conjunto Ceará	Conjunto Ceará	Tem garra; Bonde quebra geral; Tem respeito; Tem história.			
Ala Potira	Parque Potira	Terror do lado B.		Faz correr; Faz se esconder.	
Ala Praça da Fumaça	Conjunto Ceará (praça comumente utilizada para consumo de maconha)	Bonde do mal; Terror			
Ala Vândalos	João XXIII	Quem manda		Derruba; Destrói.	

Capítulo 04. Corporalidades.

4.1 Corpo-território, a última trincheira.

“(...) *Agüentou meia hora de chibata! Não é homem não?!*” Essa frase caiu sobre mim com o impacto de uma bomba. Na ocasião, já referida, eu entrevistava os integrantes da Cearamor residentes no Barroso II. Mais precisamente, eu entrevistava um rapaz conhecido como P, de 22 anos, que possui todas as características de um torcedor de bairro ou, melhor dizendo, de um torcedor organizado cuja construção de sua experiência social de torcedor se dá a partir da potencialização material e simbólica do estigma. P é, também, um membro de gangue.

Enquanto eu o entrevistava, em meio ao rebuliço e empurra-empurra entre o aglomerado que aguardava ansiosamente a sua vez de falar, um deles, projetando a voz acima dos demais, lançou a informação sobre o colega: “(...) *Agüentou meia hora de chibata! Não é homem não?!*” E se digo que ele lançou a frase é porque ele não se contentou em falar. Ele investiu a voz como quem investe um golpe, sua entonação tinha um tom de violência e admiração, que tencionava conduzir de forma inapelável à apreciação de um sentido acerca do fato informado.

A importância e densidade destes segundos de comunicação é que ele próprio, o meu interlocutor fugaz, parecia inseguro acerca da minha classificação deste fato, cuja significação conduzia à afirmação da virilidade do seu companheiro de bairro, de torcida e de gangue. Foi a sua insegurança sobre a minha avaliação que o fez investir no tom de sua fala? Ora, a questão que me parece central acerca deste momento é pensar sobre que possibilidade de interpretação o jovem torcedor estava se precavendo, qual o conteúdo significativo que ele queria rechaçar, eliminar de um campo de possibilidades classificatórias.

Bem, o que me parece mais óbvio e imediato seria a associação da “meia hora de chibata” à fragilidade e à fraqueza física daquele que a experimentou. Isto porque tais características não seriam associadas à virilidade e à performance ideal do macho. Posso, então, trabalhar com a hipótese de que era justamente esta relação que o jovem torcedor pretendia dissolver, ou, dizendo de outro modo, inverter. Agüentar uma surra durante meia hora, tendo como algozes vários torcedores adversários, e não fugir, é, também, sinal incontestado de virilidade. O jovem informante abre, com a sua fala, um

campo de possibilidades, senão de inversão, ao menos de relativização e problematização da relação corpo x força física x virilidade.

Seguir as pistas lançadas pelo jovem conduz à percepção de que a construção da identificação juvenil, vinculada às experiências de torcidas organizadas, seja enquanto gangueiro, torcedor de bairro ou torcedor organizado, relaciona-se inapelavelmente com a elaboração de um tipo específico de corporalidade, ou seja, a composição estética, gestual, afetiva e simbólica centrada no corpo, como expressividade e significação de uma certa experiência sócio-cultural de juventude.

Aproximar-me analiticamente desta experiência juvenil, tomando a corporalidade como porta de entrada para a observação, me colocou diante da necessidade de tomar uma certa masculinidade como signo de distinção de um determinado segmento de indivíduos jovens, em meio à grande indeterminação presente na noção juventude. Ao mesmo tempo me possibilitou demarcar a peculiaridade da experimentação da virilidade, suas variações, em meio aos torcedores organizados de futebol. Friso a necessidade de atentar para a falsa percepção de que existe uma experiência uniforme e homogênea com relação ao próprio corpo e à identidade viril comuns aos diferentes matizes de torcedores organizados presentes em uma torcida, o que, por outro lado, não invalida a importância heurística da corporalidade como um suporte conceitual, a partir da qual se delimita um campo de possíveis experimentações e vivências identitárias.

De fato, as músicas de estádio, com teor fortemente homofóbico, constituíram uma das primeiras marcações simbólicas, próprias à cultura atual do universo futebolístico, que me chamaram a atenção. Quando iniciei a pesquisa, tinha como hipótese central a ser verificada a sedimentação da homofobia entre a juventude da periferia da cidade. O desdobramento lógico desta hipótese seria a verificação, também, do crescimento de valores misóginos neste mesmo segmento, posto que, como asseverei, a homofobia é a repulsa ao feminino, onde quer que ele se encontre.

Ao conversar com os integrantes das torcidas, o preconceito e o aparente desprezo pelo indivíduo “gay” não se apresentou de modo absolutizante. Em todas as entrevistas e conversas informais com os torcedores, inquirei sobre as suas possíveis relações com indivíduos gays e sobre a possibilidade de “gays” integrarem as torcidas organizadas. Com relação à primeira questão, a maioria declarou não ter problemas quanto à convivência com gays em seus bairros. Já com relação à participação nas torcidas organizadas, a maioria se opõe, por motivos diversos, todos relacionados à

vivência do campo futebolístico como espaço marcadamente androcêntrico. A resposta de A, diretor da Terror Bicolor, torcida aliada tanto da M.O.F.I., quanto da Cearamor, a meu ver, é emblemática do lugar fronteiro que estes jovens ocupam com relação a esta questão:

J: _Você aceitaria um integrante gay na torcida?

A: _Não, porque isso ia ser um motivo de graça da Remoçada em cima da gente, porque eles só querem um pezim pra fazer graça com a gente e a gente não aceita não. Eles iam falar que na Galocura só tinha veado.

J: _Você teria amigos gays?

A: _Amigo, a fora a parte, eu tenho.

J: _Então porque as músicas só falam dos gays? Porque isso?

A: _É um querendo ofender ao outro

J: _Não tem outras formas de ofender? Porque gay e não vagabundo?

A: _Porque eu acho que isso não ia chegar a ofender não, as pessoas que se metem em torcida organizada mais são vagabundo, não tem nada que fazer, né? E a gente é visado como vagabundo em termos da polícia, aí se chamar de vagabundo ia ser normal.

A cultura comum ao futebol, já foi dito, é sabidamente androcêntrica, sendo o estádio um espaço privilegiado de experimentação e, também, de celebração da virilidade. Para tanto, a desqualificação do oponente, seja ele o time, o torcedor, ou mesmo um outro profissional do esporte, tradicionalmente se baseou na imputação de uma suposta feminilidade – relacionada tanto às mulheres quanto aos homossexuais. Este é o universo cultural e simbólico que os jovens torcedores irão encontrar e integrar. Integrar de fato, posto que passarão a compartilhar e manusear determinados códigos, na busca do pertencimento e da diluição no espaço físico e simbólico do futebol.

Desta forma, esta suposta animosidade relacionada ao homossexual se coloca mais como um uso de linguagem que visa à própria inserção no campo futebolístico, do que uma intensidade afetiva real. Ainda a este respeito, considero importante oferecer uma visualização maior do leque de posicionamentos acerca desta questão. Neste sentido, relaciono abaixo as falas mais frequentes e repetitivas. Cabe ressaltar que, além das opiniões assinaladas abaixo, existem também aqueles que não querem emitir opinião ou declaram não saber o que dizer.

Bairro	Sim	Não
Barroso II		“O povo ia maiá”.
Barroso II		“A torcida fica malvista”.
Barroso II		“Maia as ala”.
Piedade		“Queima o filme”.
Bom Jardim		“Pega mal”.
Demócrito Rocha		“Nada contra. Só para evitar gozação”.
Rodolfo Teófilo	“Tinha até um puxador que era”. (de baile funk)	
Vila Pery		“Eles iam zoar”. (M.O.F.I. e Tuf)
Modunbim	“Tem problema não”...	
Henrique Jorge	“Pode sim”.	
Centro		“Ia contra os princípios do futebol. Eles (os gays) iriam pro estádio não com o intuito de comemorar o gol, iam para desviar a atenção da bola”.
Serrinha		“Na serrinha tem gay, mas na torcida”...
Caponga		“Leve a mal não, mas a gente ia era espancá”!

A maioria das falas relacionadas parecem se ajustar ao mesmo lugar de fronteira ocupado por A. Esse lugar se torna mais evidente quando atentamos para a gestualidade, as expressões e hesitações dos informantes no momento de formular suas respostas. Esses índices dizem da ambigüidade de quem pode em seu cotidiano conviver com homossexuais, e até ter relações de amizade, mas que, no momento de falar a partir de um lugar de identificação alçado às torcidas, precisa acentuar uma virilidade que também se constrói pela oposição ao “Outro”, àquele que é passivo. Sendo assim, o reforço da identidade viril se dá, principalmente, por dois fatores de ordem sócio-cultural: o primeiro, como já foi colocado, diz respeito à ambiência tradicional do futebol, marcadamente androcêntrica, na qual os jovens torcedores acabam por inserir-se, abraçando seus códigos e valores na busca de pertencimento.

O segundo se refere à importância das significações da virilidade, que, para os indivíduos inseridos nos grupos desfavorecidos socialmente, representa um elemento importante e disponível para a identificação e afirmação no mundo. Isso porque a virilidade, como a honra, é experimentada diante do outro e, quando validada, atesta o

reconhecimento de pertença de um homem em relação ao grupo de “verdadeiros homens”. É no campo das significações imaginárias, e de sua incidência sobre a construção da corporalidade como elaboração simbólica, que surge a primeira referência ao corpo como território, pois tal elaboração simbólica refere-se e informa sobre uma espacialidade material, inscrita no espaço urbano da cidade.

Tanto maior o despojamento de bens, a indisponibilidade dos equipamentos e serviços urbanos, a rarefação do assistencialismo estatal, bem como a dissociação dos circuitos do consumo experimentados pelo indivíduo, maior tende a ser o investimento em identificações alicerçadas nas possibilidades físicas do corpo. Esta relação torna-se mais clara quando comparamos trajetórias e experiências de torcedores situados em categorias econômicas, sociais e educacionais distintas.

Para tentar explorar com mais clareza as possibilidades e gradações identitárias presentes entre os torcedores organizados, lembro aqui uma conversa com um jovem torcedor da TUF, ocorrida precisamente no dia 22 de dezembro de 2006. R tinha 22 anos na data citada, era estudante da Universidade Federal do Ceará, morava com a mãe num apartamento de classe média e estava namorando “sério” com uma estudante da mesma Universidade. R, de boa aparência e muito educado, declarou-se espírita kardecista, embora não-praticante, seguindo a orientação religiosa da mãe, também espírita e com uma vivência religiosa cotidiana. Muito embora R tenha se declarado não praticante, ele demonstrou conhecer autores importantes do meio espírita, tendo mesmo citado obras do espírito André Luís.

Conversamos sobre vários assuntos, pois eu não o estava entrevistando. No entanto, o tema que ocupou a maior parte do nosso tempo juntos foi o futebol, melhor dizendo, as torcidas organizadas. R foi bastante enfático acerca da diferença entre a Cearamor e a TUF, que ele afirmou conhecer bem, pois, segundo ele mesmo, foi ligado à diretoria, em um cargo ou ocupação que ele não quis declarar, esquivando-se com uma certa elegância quando eu o perguntei acerca disso.

R falou diligentemente sobre as mudanças empreendidas na TUF, mudanças estas inspiradas no modelo das torcidas organizadas do eixo sul-sudeste, que têm desenvolvido uma veia mais empresarial. Neste sentido, a violência no interior das organizadas seria negativa, sobretudo porque poderia acarretar a interdição das torcidas e a conseqüente perda dos investimentos. Todavia, a despeito do seu discurso civilizado, quando perguntei do seu ingresso na torcida organizada, no caso, a TUF, vi um brilho de excitação preencher o seu olhar. E foi com a mesma excitação eu ele descreveu o que

chamou de “dia d”, ou seja, o momento que marcou, não apenas a sua inserção na torcida, mas o início do aprendizado do estilo de vida do torcedor organizado.

R começou a torcer pelo Fortaleza ainda criança, influenciado por um vizinho. Este mesmo vizinho foi quem o levou ao estádio pela primeira vez, acompanhando-o por um certo tempo aos jogos, no que foi sucedido pelos amigos da rua, quando R já havia atingido idade e traquejo suficiente para prescindir da companhia de um adulto. Pois bem, em um desses dias, o “dia d”, voltando de um jogo do Fortaleza, de ônibus, ao passar em frente ao Mercado dos Pinhões, o ônibus deu o prego. Os passageiros desceram para aguardar outra condução. Neste momento, segundo R, integrantes da Cearamor apareceram, rasgaram sua camisa (camisa do time), as de outros torcedores “coroas”, e lhe deram uma surra.

Depois deste “dia d”, R decidiu entrar na torcida organizada, para “quebrar também”. Ele falou com uma empolgação indisfarçável das incursões noturnas pela cidade, quando ele e outros diretores da TUF saíam “caçando”. Caçar significava procurar supostos integrantes da Cearamor, ou seja, quem estivesse com a camisa ou outra peça caracterizada da organizada inimiga e, ao encontrá-los, tomar suas camisas e mochilas, posto que poderiam estar carregando material de uma organizada. Quando perguntei o motivo de seu afastamento da torcida, R respondeu de pronto: *“aí vou ter que contar do “dia e””*.

Segundo ele, no “dia e”, também um dia de jogo de Fortaleza, ao sair do estádio, foi assaltado por um integrante da própria TUF. O assaltante e torcedor tomou o seu relógio, seu boné e sua carteira. R, que conhecia o assaltante, procurou imediatamente a diretoria e contou o que havia acontecido, numa tentativa de reaver suas coisas. Os diretores decidiram fazer uma acareação. Na ocasião, o torcedor que haveria realizado o assalto não apenas não devolveu o material como ainda disse que R deveria “levar um pau” por estar mentindo. R disse que sentiu muita raiva, pois todos sabiam que o cara era ladrão mesmo. Teria sido por esse sentimento de raiva – eu arriscaria supor o medo de uma represália – que R abandonou a organizada. *“Isso aqui não é pra mim não”*.

Atualmente R vai aos jogos no estádio com a sua namorada e, segundo ele mesmo, toma a sua cerveja na paz. Na verdade ele demonstrou muito empenho em me certificar de que está diferente, apesar de continuar torcendo, de continuar “amigo da galera da torcida”. Ao final da nossa conversa, perguntei se ele poderia me conceder uma entrevista gravada. R ficou visivelmente indeciso, preocupado e constrangido.

Disse que eu precisaria ter muito cuidado, não utilizar o material, não divulgar. Demonstrou muito medo: “(...) *se a minha mãe descobre ela me mata*”.

O que a experiência de R indica é a incontornável relação entre a organizada e o imaginário ligado à batalha, ao embate. No entanto, o torcedor organizado irá se relacionar com isso de formas matizadas, cuja gradação obedece a um conjunto de variantes. As informações que obtive acerca das condições de vida de R, a despeito do tom informal da conversa, revelam estas variáveis e como elas podem incidir sobre as outras, ao longo do processo de identificação do torcedor. R se deixou arrastar pelo conflito. Eu diria que ele foi seduzido pelo exercício viril do combate, pela caça noturna e em bando. Todavia, ele também dispunha de outros bens que contrabalançavam a dimensão conferida ao investimento na corporalidade específica do universo simbólico de torcedor organizado.

A possibilidade de um futuro profissional, a experiência universitária (considerada aqui no aspecto acadêmico, da sociabilidade e da possibilidade de experiência política), a possibilidade de integrar circuitos alternativos de lazer e consumo, a proximidade com a moralidade religiosa, relativizam a abrangência das marcações mais aguerridas do universo simbólico das torcidas organizadas.

O próprio R confessou sentir muito remorso quando, durante uma “caçada”, tomava a mochila de um torcedor adversário e encontrava livros e cadernos dentro. Como deixar de perceber aqui uma justaposição da moral cristã espírita, expressa na valorização positiva do estudo e, portanto, da educação? Este rapaz dispõe de um suporte importante no momento de dizer para si mesmo “isso aqui não é para mim”, justamente porque ele tem outras coisas para por no lugar vazio deixado pela torcida. Ele não precisará arriscar submeter o próprio corpo à possibilidade de “levar um pau”, ele já não precisará passar pela dor, nem revidá-la. Ainda neste sentido, o receio de ser descoberto pela mãe, de lhe causar desgosto, demarca uma diferença considerável em relação aos torcedores de bairro. Na verdade, estas mesmas possibilidades, disponíveis para R, podem ter ocasionado o seu assalto, pois é bastante freqüente o sentimento de raiva, rancor e preconceito contra os “playboys” dentro das torcidas. Esse é um dado importante, e voltarei a ele em seguida.

As conversas ou entrevistas com os torcedores organizados de bairro e com os gangueiros, por outro lado, informam sobre experiências distintas, marcadas pela violência estrutural descrita por Waquant (2005) e já referida neste trabalho. Mais ainda, ouvir estes rapazes permite ao pesquisador compreender como esta violência se plasma

no seu cotidiano, tornando suas vidas, suas falas e seus desejos a expressão tangível de algo que se apresentava inicialmente como vazio e inexistência. Relaciono, a seguir, alguns itens sempre presentes nas entrevistas, com o intuito de entender como essa ausência se inscreve na corporalidade e se projeta na experiência e na construção das identificações destes torcedores organizados.

Tabela 3. Torcida organizada de origem, idade do torcedor organizado, bairro, ocupação funcional dos pais, opiniões dos mesmos acerca das torcidas organizadas e projetos do jovem para o seu futuro.

Torcida idade	Bairro	Pais/ocupação	Opinião dos pais	Perspectiva para o futuro
Cearamor 17	Barroso II	Pai – aposentado Mãe – mora fora	“É errado e nem dá dinheiro”.	“Tem não”.
Cearamor 18	Barroso II	Pai – vigia Mãe – traficante de drogas	“Não gosta por causa das brigas”.	“Ser cidadão e cuidar do filho”.
Cearamor 22	Barroso II	Pai – trabalha na padaria Mãe – cuida da padaria	“Não gosta porque sabe que a gente fica marcado”.	“Tem nenhuma não”.
Cearamor 19	Piedade	Pai – vendedor ambulante Mãe – auxiliar de cozinha	“Eles diz que é pra tomar cuidado pra não ser preso”.	“Tenho nada não”.
Cearamor 22	Jardim Fluminense	Pai – pintor Mãe – dona de casa	“No começo detestava, hoje não liga não”.	“Terminar de construir a casa e quitar minha moto”.
Cearamor 16	Modumbim	Pai – tem um mercantil Mãe – separada.	“Deu conselho pra eu não entrá”.	“Quero ser policial”.
M.O.F.I. 17	Serrinha	Pai – não convive Mãe- dona de casa	“Só tem vandalismo, vão só pra brigá”.	Ter um emprego normal, uma família, casa própria e continuar na torcida
Cearamor 20	Demócrito Rocha	Pai – separado, vive em São Paulo Mãe - diarista	“Nada, fica na dela”.	“Dá uma vida melhor pro filho”.
Cearamor 19	Montese	Pai – comerciante Mãe- comerciante	“Não gosta, mas não interrompe”.	“Tenho nenhuma, não”
Cearamor 19	Vila Pery	Pai – não conhece Mãe – trabalha num motel	“Liga não”.	“Ser o maior ladrão do Brasil”

Não seria possível relacionar todo o universo de torcedores organizados de bairro. Sendo assim, optei em selecioná-los usando como critério de escolha um investimento mais importante no estigma associado ao torcedor organizado. Bem, o quadro informa sobre uma variação de posturas que vai da indiferença dos progenitores, numa gradação sensível, passando pela aceitação, aconselhamento em virtude dos riscos envolvidos, reprovação, valoração negativa e acusação. Por outro lado, não existe a preocupação de nenhum dos rapazes em esconder a sua condição de torcedor, pelo contrário. Se os pais se posicionam de formas distintas, os jovens demonstram indiferença em relação à opinião de seus pais.

É com a mesma indiferença que a imensa maioria responde acerca de seus planos para as suas vidas. Muitas vezes demonstram alguma surpresa, como se nunca tal idéia tivesse lhes ocorrido. Eles silenciam um tempo, olhando fixamente para lugar nenhum, e depois de alguns instantes respondem que não, não têm plano. Insisto, reformulo a questão, pergunto o que eles gostariam que mudasse... Nada, eles dizem. Alguns dão respostas do tipo: “ser um cidadão”, “ter uma vida normal”, “ter um emprego normal”. Trata-se aqui de um desejo de se sentir incluído numa suposta normalidade da qual eles já nasceram alijados. Trata-se da percepção de que algo está errado, de que a vida deles está fora de lugar, não está normal. Trata-se, portanto, do sentimento sufocante da violência estrutural em suas vidas, sem, contudo, disporem de um aporte político ou intelectual adequado à decodificação do que lhes passa.

Para estes torcedores a vida torna-se uma imensa sucessão de dias presentes, o futuro se dilui numa cotidianidade perene, sem promessas de grandes alterações, conquistas ou realizações. Aqueles mais “centrados”, ou seja, que traçam algum objetivo, que almejam conquistar algo, podem ser divididos em dois grupos principais: os que já se tornaram pais e passam a planejar uma vida melhor para os filhos, consubstanciada em uma casa, em educação e numa família normal; e os que buscam otimizar suas atividades atuais, seja conquistando um cargo na diretoria da torcida, seja se tornando “o maior ladrão do Brasil”.

Neste último caso, existe a mesma eternização do presente e aniquilação do futuro percebida no discurso daqueles que diziam não desejar nada para a própria vida. O que mais me chamou a atenção na fala desses torcedores foi a seriedade e honestidade de suas respostas. Porque eles não se referem a projeções esdrúxulas, como ser artista de novela, participar do Big Brother, virar um grande lutador de Jiu Jitsu, virar milionário

ou qualquer outra fantasia que ocupa os pensamentos de quem sonha? Bem, a resposta pode ser esta: eles não têm sonhos, não muitos, não muito distantes.

Todavia, uma vida sem futuro e sem sonhos não prescinde do desejo e da necessidade de definição de si, de encontrar um lugar no mundo. E para isso a corporalidade se agiganta, tornando-se o lugar primordial de investimento no processo de identificação. Tal identificação está ligada à realização do desejo e da excitação imediata, que é conduzida ao limite, e cujo lugar de realização também é o corpo. Estes mesmos rapazes têm como principais formas de lazer a masturbação, o uso de drogas – maconha e cocaína – o roubo e as brigas. Todas estas práticas demarcam uma corporalidade identificatória que aciona o corpo até o limite do que é suportável, ao limiar da vida.

Visto desta forma, o corpo abandona o seu caráter fático, a sua materialidade opaca e a sua completude estática. Contrariamente a essa tridimensionalidade matemática, o corpo se apresenta hoje com um processo, como um estar se fazendo permanente. Situando-o como uma construção social e cultural, sempre em andamento, Le Breton afirma que “o corpo é uma linha de pesquisa e não uma realidade em si”. (LE BRETON, 2006: 33) E ainda:

O lugar e o tempo indistinguível da identidade. Também é preciso lembrar do caráter construído da pretensa ‘realidade objetiva’ do corpo e as múltiplas significações que a ela se vinculam. O significante ‘corpo’ é uma ficção; mas uma ficção culturalmente eficiente e viva, se ela não estiver dissociada do ator e assim se este for visto como corporeidade da mesma forma que a comunidade de sentido e valor que planejou o lugar, os constituintes, os desempenhos, os imaginários, de maneira mutante e contraditória de um lugar e tempo para outro das sociedades humanas. A construção social e cultural do corpo não se completa somente em jusante, mas também em montante; toca a corporeidade não só na soma das relações com o mundo, mas também na determinação de sua natureza. (id. ib.: 32)

O corpo assume uma posição fronteira, entre ele mesmo e o mundo, tornando-se um campo onde se efetuam negociações entre postulados sociais e subjetivos, por vezes conflitantes. Dito desta forma parece que estou derrapando em uma vertente explicativa, cuja matriz encontra-se na oposição natureza x cultura. Seguindo-a, chegaria ao corpo como organismo biológico, enclausurado dentro de sua individualidade pura, reagindo ou respondendo à sociedade através de sua racionalidade, ela mesma um atributo da realidade física do corpo.

Trata-se, no entanto, de seguir outra via. O indivíduo, mesmo antes do nascimento, é objeto de uma rede discursiva e normativa, cujos efeitos de poder

inscrevem-se sobre a materialidade corpo. A relação do sujeito com essas inscrições normativas produzem-no reiteradamente, daí a minha afirmação inicial, no sentido de pontuar que o corpo é um estar se fazendo constante. Nessa produção continuada de si, o corpo se alarga, se distende, se supera, vence limitações impostas pela carência de uma boa alimentação, pela ausência de exercícios físicos e, principalmente, pelo uso de álcool, de cigarros e de drogas de toda ordem, em períodos em que o corpo como suporte físico ainda sequer terminou o seu próprio movimento de construção. Esses corpos exigidos, mal nutridos e mal formados serão transmutados em armas, na batalha espetacular e, também, cotidiana, em busca de reconhecimento, visibilidade e significação para suas vidas.

4.2 (Con)Vencer o corpo, a batalha permanente.

Em mais uma noite de jogo do Ceará no Castelão, tive a oportunidade de conhecer e entrevistar B. Nesta ocasião o clima entre as torcidas era um tanto peculiar. Poucos dias antes, havia ocorrido a festa pelo aniversário da Cearamor e muitos integrantes de torcidas aliadas, oriundas de outros estados, ainda estavam na cidade. O estádio apresentava um colorido diferente, com camisas de várias organizadas espalhadas entre as duas principais torcidas do Ceará: Cearamor e M.O.F.I. Como costume me deslocar de uma torcida para outra, no intervalo dos jogos, pude observar que vários torcedores aliados da Cearamor também fizeram o mesmo movimento.

Nessa noite, no segundo tempo do jogo, enquanto entrevistava um torcedor de Belém, diretor da Terror Bicolor, fui cercada por um rapaz, o B, da M.O.F.I. Ele me observou por um tempo e depois me abordou diretamente, entre risos: *“Quero ser entrevistado, porque também quero ficar famoso”*. Conversei demoradamente com ele e, muitas vezes, rimos juntos de sua própria fala “enrolada”, cujo novelo decorria do uso de bebidas e de algum(s) tipo(s) de entorpecente(s). A entrevista com B acabou se tornando um desses momentos raros da pesquisa, quando sabemos que algo importante está acontecendo, bem ali, naquele momento, diante de nós. Cito um trecho de nossa conversa.

“B: _Se chegar em qualquer canto a galera sabe quem é eu, né querendo se gabar não.
Josiane: _Sabe?”

B: _Saaabe!.. Se cê chegar na torcida da TUF, assim, chegar nos bairro, perguntar: sabe quem é o B da M.O.F.I.? A galera conhece!

J: _Por que o povo sabe?

B: _Porque eu sou brigão, pelo meu atrevimento, também sou um pivete, mas não como partido pra ninguém, não.

J: _Mas você não é pivete não, qual é a tua idade? Dezenove?

B: _Dezessete. Eu comecei a brigar com quatorze ano.

J: _Por que você é brigão? Você mesmo disse: eu sou brigão, eu sou atrevido...

B: _Tenho atrevimento, assim, se eu vê uma briga, assim, com a galera que eu tô andando, eu se meti, e tal. Fui, [peitei].

J: _O que você sente, nessas horas?

B: _Eu sinto, né, arriscando minha própria vida. É... Sim, eu acho muito emocionante assim, você tá entre a vida e a morte, sim... Cê tá, né? Arriscando sua vida, é o que... É bom você arriscar o que você tem, eu tenho minha vida, arriscar ela, né? Vale muito”.

B, como muitos e muitos torcedores organizados de bairro, é bem magro e não muito alto, tem aproximadamente 1,67 de altura. Com esta compleição física torna-se compreensível a sua fala, quando ele diz do seu atrevimento. Realmente, é preciso “atreimento” para encarar uma carreira como a dele que, com apenas dezessete anos, já acumula três anos de experiência nos conflitos de torcida. Mas B é famoso entre seus pares e seus inimigos, pois, a despeito de ser um “pivete”, B não “come partido”, ou, dito de outro modo, B tem “disposição”. Essa disposição precisa ser atestada continuamente. Esse é o preço do reconhecimento.

Quando perguntei ao B sobre o seu lugar preferido de diversão ele respondeu que gostava de ir aos terminais. Imediatamente, lembrei das situações em que fiz pesquisa de campo nos terminais em dias de jogos: a tensão, o corre-corre, a polícia, as armas... B também é um caçador, mas o seu envolvimento na caça é maior e mais destituído de alternativas. Esse tipo de experiência não é exclusivo deste torcedor, e isso já foi dito neste trabalho, basta recordar a experiência de R, o do “dia d”. O que talvez ainda possa ser acrescentado diz respeito ao lugar do corpo nesta busca de reconhecimento e excitação. Perguntei ao B, como a todos os torcedores com quem pude conversar, o que ele mais gostava na torcida, no caso, a MO.F.I. A sua resposta, que àquela altura não me surpreendeu, foi: “(...) *a disposição, todo mundo é amigo do outro, ninguém corre, briga até o fim*”.

A disposição, categoria nativa, cuja significação já foi tratada nesta seção, se abre numa polissemia que fornece mais uma indicação acerca das articulações identitárias entre os torcedores organizados. A disposição é coragem, sim. Coragem para enfrentar o combate, independente do desequilíbrio entre as forças envolvidas no conflito. Mas a disposição assume também o papel de valor acerca do outro, que se

transfigura em afeto. Afeto que sustenta sociabilidades. Este afeto pode ser bom, ou seja, pode se relacionar à admiração, à amizade, ao querer bem. Mas, pode também significar o oposto: a inimizade, a raiva, a vontade de aniquilamento e de subjugação.

Porém, ainda neste sentido, é afeto, e um tipo de afeto que torna o outro, o inimigo, alguém relevante. Acompanhar a dinâmica das torcidas organizadas permite pensar que o conflito é uma forma de sociabilidade que se coloca na própria instituição dos grupos. Simmel define o conflito como uma forma de sociação e considera-o sociologicamente positivo. O autor faz a seguinte consideração sobre a oposição:

A oposição alcança esse objetivo mesmo onde não existe nenhum êxito perceptível, onde este não se torna manifesto, mas permanece totalmente oculto. Mesmo quando dificilmente tenha qualquer efeito prático, pode ainda conseguir um equilíbrio interior, pode exercer uma influência tranqüila, pode produzir um sentimento de poder virtual e desse modo preservar relacionamentos, cuja continuidade muitas vezes atordoa o observador. Em tais casos, a oposição é um elemento da própria relação, está intrinsecamente entrelaçada com outros motivos de existência da relação. Não é só um meio de preservar a relação, mas uma das funções concretas que verdadeiramente a constituem. (SIMMEL, 1983)

Logo no início da minha entrevista com B, ele me perguntou acerca do Barroso, melhor dizendo, dos torcedores organizados do Barroso II. Achei curioso o seu interesse e perguntei o porquê. *“Você não disse que entrevistou eles? Aí eu queria saber a opinião deles, assim, porque eles falaram muito de nós, não falaram?”*. Quer dizer, vemos aqui um tipo de afeto que delimita um campo de antagonismo, mas, ao mesmo tempo, traça uma linha demarcatória que os envolve a todos num universo próprio, no qual o inimigo é relevante, pois é ele quem reconhece e valora positivamente esta “disposição”, enquanto um “torcedor comum”, um jornalista, um policial ou qualquer outro, veria barbárie, vandalismo, sintoma do caos urbano etc. No mesmo sentido, destaco a relação entre dois bairros, o João XXIII e o Jardim Guanabara, respectivamente Cearamor e M.O.F.I..

Pela rota de ir pro jogo, o João XXIII ia pelo mesmo caminho da Guanabara, acabavam se encontrando. Antigamente, assim que eles se encontravam, brigavam, Deixavam até a TUF passar pra brigar. Porque, tipo assim, você pode até perguntar pros cara da Guanabara: qual é a galera da Cearamor que vocês acham mais disposição, que vocês brigaram mesmo? Eles vão dizer: é o João XXIII, não é porque eu moro lá não. Porque a fama deles lá é só brigar na mão e não correr. E a Guanabara tem a mesma coisa. Então pronto, deu foi certo. Mano a mano, sem pedra, pau ou tiro. Essas duas, elas não gostam disso.

Os dois bairros “brigavam tão bem”, e respeitavam de tal modo a disposição do opositor, que se tornaram aliados. Atualmente, a despeito de todo e qualquer problema entre as diretorias de ambas as torcidas, esses bairros mantêm-se em amizade e consideração mútua. A avaliação acerca da disposição apresentada pelos amigos e inimigos pode ser entendida também como o motor que aciona o trânsito de indivíduos e, também, de bairros inteiros, de uma torcida para outra. A disposição está na base da (re)configuração, sempre transitória, da geopolítica juvenil nas torcidas e no espaço distendido da cidade. A exemplo, um processo cujo desdobramento pode acompanhar de perto, aqui descrito pelo então presidente da M.O.F.I.

Pronto, aí veio o lance dos tiros... Cara, a M.O.F.I. saindo, o cara rebola uma cadeira: _Ei, seus M.O.F.I.gay, hoje vai ter bala pra vocês. [...] No castelão. Ele jogou uma cadeira lá de cima. A M.O.F.I. tá saindo e o pessoal da Piedade com a camisa da M.O.F.I. lá em cima, do lado da Cearamor, lá em cima. Pô, os meninos da M.O.F.I. voltam assim na rampa, vão pra cima da Cearamor. Por baixo ali. A polícia vem dando nos meninos, o pessoal da M.O.F.I. sai. O cara rebola uma cadeira, uma cadeira de plástico. Pronto, na saída do estádio, o pessoal da Cearamor já vem, um grupinho de dez, quinze. Já descarregam seis tiros, no que eles dão seis tiros o pessoal da M.O.F.I. ainda vai pra cima... Balearam dois nossos. Eu tinha saído com o T por trás, porque eu tava com as faixas e o T tinha deixado o carro no posto. Do posto eu escutei os tiros. Aí, quando eu tô passando da UECE, o cara me liga: _S, balearam o M! Eu: _Cara, não posso fazer nada, eu tô indo pra casa, eu vou botar uma calça e vou resolver. _Tá bom. Eu não podia fazer nada, eu disse assim: _bota o cara numa ambulância e leva pro hospital. _S ele vai morrer! _Cara, eu tô longe, eu vou só em casa e resolvo isso já, já. Vou voltar não. No momento eu não iria voltar não, tava de bermuda. Na mesma hora me liga coronel, me liga promotora. Fala: _S, já mandei prender. _Tá bom coronel, tô só trocando de roupa, tô indo no hospital pegar o nosso que foi baleado. [..]) Não aconteceu nada. [...] Mas enfim, segurei a onda mais uma vez, Jô, não teve nem um revide, não teve nada, cara. Com isso, os bairros da Cearamor foram vendo que a pilantragem não partiu da M.O.F.I., não. Ficava feio pra Cearamor, o que? _Porra, o S, o cara levou um murro, foram dez caras da M.O.F.I. lá, botaram o terror, a Cearamor dá trezentas M.O.F.I., foi com bala pra cima dos cara?! Tá entendendo? Ficou feio foi pra eles, então! [...] Pronto, vários bairros da Cearamor vieram falar comigo: _É, S, tô vendo que vocês tem razão, a gente vai passar pra M.O.F.I.. Pôrra, o José Walter... O José Walter é um bairro imenso. Aquela região ali do José Walter, acho que é Genibaú...

Aqui pode ser visto um aspecto estruturante do universo cultural e simbólico do baile *funk*, que apresenta uma continuidade no campo cultural das torcidas. Em inúmeras montagens aparece o enaltecimento do indivíduo ou do bairro que “se garante no mano-a-mano”, ou seja, no confronto aberto, cujos contendores dispõem apenas de sua força, de sua habilidade, de seu corpo e, no máximo, de algum objeto utilizado na hora como arma, como garrafas de vidro, pedras, etc. O uso de armas de fogo, principalmente numa disputa desigual, na qual só um dos lados está armado, pode

implicar uma avaliação negativa, uma espécie de desonra, posto que é sinônimo de covardia ou um escamoteamento dos termos do combate.

Por outro lado, se um grupo se vê numa situação como esta e não foge, enfrentando-a, a despeito do risco de morte, ele merece respeito e “reconhecimento”, é o exemplo máximo de “disposição”. O reconhecimento diante de uma atitude admirável do adversário denota profundidade na valoração do adversário ou do inimigo, que pode vir a se tornar companheiro ou amigo. Não se trata, portanto, de uma disputa cega, destituída de sentido, absolutamente arbitrária, mas, sem dúvida, de uma disputa intensa, de uma experiência marcada pela radicalidade dos afetos que estão na base das identificações. Nesse sentido convém empreender um diálogo com o trabalho de Pimenta, acerca da violência entre torcidas organizadas de futebol. O autor afirma que:

Caso seja correto entender que o aumento dos atos de violência praticados entre torcedores tem -decorrência no surgimento dos ‘novos sujeitos’, estes predominantemente jovens (individualizados, do ponto de vista da formação de uma consciência social e coletiva), afasto o reducionismo das explicações e justificativas econômicas, com relação à temática. A violência não é coisa exclusiva da pobreza. A idéia, [...], é entender a violência pela via do esvaziamento do sujeito social, que diminuído de sua capacidade de filtragem, constrói a identidade e as identificações, tendo a violência como elemento estruturante. [...] O torcedor rival perde a característica da pessoa ou sujeito, mas ganha o status de animal ou coisa, sem nenhum vínculo de comprometimento social ou humano. Na prática dos atos de violência, os ‘torcedores’ perdem a percepção da existência do outro. (PIMENTA, 2000: 42)

Bem, tomando a reflexão de Pimenta para aprofundar a minha análise, destaco, de início, que o conflito como motor positivo da sociação e, portanto, da articulação de identificações, como já foi aqui assinalado, através de Simmel, não é uma peculiaridade exclusiva dos segmentos juvenis que integram as torcidas organizadas. Também não se pode apontar a sociação veiculada pelo conflito como uma dimensão exclusiva das sociedades contemporâneas. Por outro lado, pensar a peculiaridade desta forma de sociação pode trazer elementos importantes para a compreensão das dinâmicas juvenis e urbanas contemporâneas.

Acredito, pelo menos no que se refere à experiência específica das torcidas organizadas aqui analisadas, que pode ser profícua uma via interpretativa alternativa à seguida por Pimenta. A minha experiência de campo revelou que os torcedores rivais observam-se continuamente, e que o conteúdo de suas ações pode levar a uma

alteração do sentimento que media a relação entre ambos, como no processo que conduziu à aliança entre os bairros João XXIII e Guanabara.

Como já foi mencionado neste trabalho, o torcedor organizado é sempre um entre muitos, está sempre no plural. Com isso esperamos ter deixado clara a importância do grupo para o jovem integrante de organizada. E se o grupo de amigos adquire esta centralidade, ela se dá, justamente, em virtude da oposição a outros grupos de torcedores rivais ou inimigos. Neste sentido, quanto mais valoroso o adversário, mais meritória será a luta contra ele, mesmo que ele saia vencedor do embate. Sendo assim, acho um tanto problemática a afirmação da perda de humanidade imputada ao adversário, sendo mais oportuno conduzir a análise pela via da radicalização dos afetos.

Ora, este tipo peculiar de afeto, que se associa à disposição, não pode ser entendido apartado da totalidade de experiências que peculiarizam o cotidiano de torcedores como B, o integrante da M.O.F.I. cuja fala foi destacada anteriormente. Pessoa alguma gosta de outra sem nenhuma razão. Mesmo uma predisposição favorável - uma simpatia - precisa ser confirmada no tempo, para que esta venha a se configurar como amizade e admiração. Para tanto, é preciso que gostos, projetos em comum, aproximações políticas, coincidências religiosas ou afinidades estéticas venham a cumprir o papel de sedimentação de vínculos de amizade e admiração. Da mesma forma, sentimentos de natureza oposta, da antipatia à rejeição e repulsa, obedecem às diferenças maiores e menores nos mesmos aspectos.

Todavia, já foi dito aqui que o cotidiano destes jovens é marcado por uma sucessão de ausências e esgarçamentos. Sendo assim, o que vai cumprir este papel de sedimentação de afetos e desafetos serão, predominantemente, os usos da corporalidade, significada e simbolizada no código particular das torcidas. Na conversa que tive com B, senti uma carência de elementos substantivos vinculando os torcedores, além, é claro, da relação com a torcida. Quando perguntei acerca da importância da vitória do time, o Ceará, B foi sincero e, de pronto, afirmou que não estava nem aí para o time. O que importava mesmo era a torcida, e as vitórias serviriam para oxigená-la, ou seja, para aumentar a empolgação e para que os torcedores tivessem mais o que conversar.

Rapaz, vou te mentir, não. Eu amo a minha torcida, tô nem vendo pro time, não. Eu quero só que eles tenham ganhando, e tal... Pra torcida lotar mais o estádio, e tal. A vibração fica maior, né? E as conversas com os amigo fica melhor e tal.

'_E aí, tu vai pro estádio? E tal'...

Aí eu: '_tá! E tal'.

Aí fica bonito o estádio, como no Ceará e Flamengo, isso aqui lotô, isso aqui lotô, lotô todim, o Castelão.

Por outro lado, B contou detalhadamente um fato ocorrido com ele e um dirigente da M.O.F.I., segundo ele a pessoa de quem ele mais gosta dentro da torcida, a quem ele devota maior admiração.

O N. O cara me deu altos apoio. Quando eu fiz essa tatuagem , eu cheguei lá, ele me deu logo uma blusa. O cara é gente-fina. Depois de uns tempo, e tal, tinha vez que eu não ia pra jogo, que não tinha dinheiro pra ir pra jogo. Ele me dava, interava a minha: _Taí, cinco conto, taí, toma, tal, uma intera, aí. _Vixe, valeu N, e tal. Ele já chegou, ele já me deu um agasalho: _Ó aí, pra tu. Pra num dizer que eu nunca te dei nada'. No dia do meu aniversário: _Ei, Mano, o meu aniversário, aí e tal... Ele me dá uma blusa, uma bermuda. [...] Que eu já fiquei em muito foguete, assim, com os pilantra torcedores da TUF, chamei ele pra ir, e tal, ele foi. Levou a arma, lá. Sim, eu pedi a ele, ele levou de carro, mas não rolou tiroteio nem nada não. Não ele tava só filmando lá. Disse: _Ei irmão! Tem cara, tá lotado lá, tem uns policial. Só filmando, que ninguém conhece ele, né? Fez só um favor pra mim, dei valor à disposição dele, ele tem disposição, se chamar ele pra qualquer coisa, ele vai lá. [...] É amizade, ajuda, ser companheiro do próximo. Do próximo, não! Companheiro do próximo torcedor da M.O.F.I., ééééé.

A disposição pode ser traduzida como uma característica que, a um só tempo, confere dignidade a quem a possui, angaria respeito entre os pares e imputa temor nos inimigos. A disposição é também uma coragem que se solidariza com a guerra do outro, coragem de se arriscar pelo companheiro, ou, como me disse A, diretor da Terror Bicolor, ter disposição significa que “(...) *na hora da porrada ninguém corre*”. Ainda neste sentido, quando perguntados sobre o que é ruim nas torcidas, os torcedores de bairro costumam, com muitíssima freqüência, responder: “quem corta a força”. “Cortar a força” é justamente uma postura antagônica à disposição, é não agüentar a “porrada” e fugir. Cortar a força é ter medo e quem tem medo não merece respeito, quem tem medo não é reconhecido. Tanto que B, ao se referir a um inimigo de torcida e de bairro, o fez nos seguintes termos:

Não é querendo ofender não, mas ele é o mais medroso, todo mundo fala, porque ele puxa o bonde do Barroso, mas na hora da briga, eu te juro, ele corre, é o primeiro a correr, ele se esconde, até debaixo dos carro. Aí, vem pra cá, vem pra cá pra tu apanhar. [...] Se ele quer ser puxador de torcida, de torcida não, de bairro, e quer brigar com a gente, como é que o cara vai e se esconde? [...] Se alguém mexer com seu bairro, com a sua torcida, você tem que se garantir pra defender a honra dela, né?

Bem, a esta altura, cabe frisar que os meninos e rapazes que investem nesta corporalidade não o fazem sem peso. Trata-se de um cotidiano marcado pela

necessidade de garantir, senão a superioridade perene nos conflitos, pelo menos a coragem de enfrentá-los com honradez, de suportar a dor sem fugir, de arriscar a vida, de colocar a si próprio à prova, no limite. Sendo assim, é impossível para mim não pensar que a primeira batalha que um jovem torcedor organizado tem de travar é consigo mesmo. É preciso vencer o medo, é preciso vencer a resistência que tende à autoconservação, à busca de segurança. Para tanto, a importância do exemplo, ou seja, de companheiros que tenham conseguido tal feito com sucesso, é recebida com entusiasmo, uma espécie de tônico à própria vontade, que visa vencer a resistência ao medo da prisão, ao medo da dor e ao pavor da morte. Segundo Giacóia:

Em todo ato volitivo existe, pois, uma pluralidade de sentimentos; e não apenas sentimentos, pois também um pensamento que comanda faz parte necessariamente de toda efetiva volição 'não se deve acreditar que se possa separar esse pensamento do querer, como se então ainda permanecesse a vontade! Querer é, pois, algo muito mais complexo do que pode parecer, à partir da unidade nominal de "Vontade". Um pensar integra inseparavelmente todo sentir e querer. [...] Todo ato de vontade se reproduz na e pela divisão interna do "Eu". Existe, pois, internamente, - mesmo que não movamos um músculo - uma divisão entre um eu que comanda e um ele, uma curiosa espécie de alteridade, um algo, que obedece - que, justamente em razão de sua inserção naquela complexa correlação de forças que constitui todo querer tem que obedecer.[...]. (GIACÓIA, 2003: 30)

A discussão de Giacóia, que explora o conceito de vontade de poder em Nietzsche, nos serve, senão de aporte teórico, ao menos de inspiração, para pensar esta batalha interna que cada torcedor organizado tem de travar consigo mesmo. Vestígios desta batalha podem ser vislumbrados em traços de comportamentos e tons de fala. Quando o jovem da Cearamor informou que o seu companheiro havia levado uma surra - a dita meia hora de chibata - naquele tom de voz específico, pude supor que era justamente naquela entonação que ele buscava esconder as pistas desta batalha íntima. Ao indicar tão categoricamente a significação do evento, o jovem queria, antes de tudo, convencer, não a mim, mas a si mesmo.

E é também neste sentido que o corpo surge como território, posto que ele se coloca como o campo primeiro e último de uma disputa de poder, que antes de ser travada com qualquer contendor externo é disputada intimamente, na busca de garantir poder diante de si, na execução de uma corporalidade aguerrida, o que pressupõe a vitória contra qualquer apego à segurança, qualquer resistência, qualquer medo. Ainda neste sentido, Giacóia diz que:

Dessa maneira, quando queremos e esperamos que o comando da vontade seja executado, pela via da descarga do querer como ação, identificamo-nos com os sentimentos próprios dessa condição, como o coagir, o oprimir, o constranger, deixando na sombra a dualidade inerente a toda relação de comando, a saber: a dualidade entre poder e resistência. Essa identificação reúne estados antagônicos numa unidade fictícia, cuja expressão se dá como consciência do poder da vontade, ou melhor como consciência da liberdade. (GIACÓIA, 2003: 31)

Não parece excessivo asseverar que esta disposição não é uma característica inata do torcedor organizado, bem como que o corpo muitas vezes mal pode acompanhar as tarefas a que se propõe realizar. A disposição resulta de um embate íntimo e cotidiano, é construída, elaborada em anos de vivência, quando então os jovens engendram e manifestam uma corporalidade peculiar, capaz de identificá-los somente pela observação.

Muitas vezes a resistência, o apego à própria segurança e o medo vencem e, não raro, circulam relatos de torcedores que fugiram do combate, esconderam-se ou procuraram proteção policial. Mas a batalha, como já mencionei, segue. Em outras ocasiões vencerá a disposição e o corpo se lançará destemido na disputa. O corpo se coloca, portanto, como um meio para estar na torcida.

Conheci e entrevistei o jovem que aparece na foto abaixo durante a festa da Cearamor. Falei com ele duas vezes na mesma noite. Na primeira, ele estava chegando: sem o gorro, sorridente e brincalhão. Enquanto eu conversava com ele, tinha a nítida sensação que se tratava de uma criança. Fiquei muito surpreendida quando ele, com aquela aparência pueril, informou que já era diretor de sua torcida. Pois bem. Quando o encontrei novamente, algumas horas depois, pedi para fotografá-lo. Imediatamente ele vestiu uma postura de torcedor organizado, como se o corpo todo fosse uma roupa ou como se a roupa fosse uma pele. Talvez as duas coisas. Olhei para aquele menininho se transformando na minha frente e o efeito foi tão impactante que, por alguns segundos, não consegui me mover. Ele percebeu o efeito que havia causado e, após a foto, afastou-se sorrindo (Se de mim ou dele, nunca vou saber).



Jovem torcedor organizado da Império Vermelho. Ele vestiu uma postura de torcedor organizado para posar para a fotografia.

4.3 O corpo-âncora. Para não estar à deriva.

O caso de P, rapaz considerado macho porque agüentou apanhar, apresenta um exemplo de um aprendizado, de uma corporalidade sedimentada ao longo de uma trajetória de torcedor organizado, na qual se construiu a disposição, a força e a resistência corporal, que o habilitaram a suportar heroicamente o fato citado no início deste capítulo. Esta corporalidade começou a ser sedimentada na dupla atmosfera da torcida organizada e do baile *funk*, pois P já havia integrado outra torcida, a Fúria Jovem. Ele também informou ter participado dos bailes que ocorriam na Cidade dos Funcionários, quando ele ainda inaugurava o período designado como adolescência.

Foi com naturalidade e despreocupação que ele afirmou que a sua principal forma de lazer é o futebol e o consumo de cocaína. Já foi preso, integra a Ala Mau, por ele definida como a “gangue do bairro”. Ao ser interrogado sobre no que, para ele, a torcida era melhor, ele respondeu rapidamente, sem hesitação: na festa. Do mesmo modo, quando perguntei acerca do que era pior, ele disse talvez com mais precisão: a paz. Pedi-lhe ainda para identificar a torcida que para ele representava a maior rival. Serrinha (ou seja, o bairro da Serrinha, da M.O.F.I.). Pergunto o porquê: “*São tudo uns pirangueiro safado! A Cearamor acabou com a Fúria (Fúria Jovem). O J quer acabar*

com a M.O.F.I.”. Quando perguntei sobre seu bairro, e a despeito dele salientar que lá falta “tudo”, ele respondeu: “*Gosto, me criei lá dentro*”!

“*Me criei lá dentro*”, “*foi ele que me criou*”, “*desde pequeno que ele me cria*”... Essas falas têm em comum, não um dado, mas a indicação de uma trajetória em comum, um indício de uma marcação importante na experiência desse segmento juvenil. Tratam-se de rapazes que não se dizem ou não se vêem tendo sido criados por alguém, pelo menos não evocam essa noção de criação, relacionando-a às figuras paterna ou materna. O bairro os criou, as ruas e lugares, esquinas e entrocamentos, zonas proibidas e passagens negociadas. Dito de outro modo, eles criaram a si mesmos nessa vivência ampliada da espacialidade do bairro.

O aprendizado que esses jovens realizaram e realizam se dá fundamentalmente entre seus pares, outros jovens, os mais velhos servindo de exemplo para os mais novos. Trata-se de uma incursão inicial pela vida que, como qualquer outra, precisa ser compreendida, significada e valorada. Todavia, a construção destas significações, valores, afetos e identificações terá de se gestar a despeito das ausências e fissuras econômicas e sociais que circunscrevem as experiências destes segmentos juvenis. Esquinas, becos, ruas, pistas, bocas, quebradas e estádios. Serão estes os lugares em que estes jovens realizarão o aprendizado. O aprendizado do que significa crescer, abandonar a infância e entrar numa experiência juvenil vinculada à disposição viril do corpo. A leitura de Butler torna-se central para o dimensionamento do processo de construção do corpo, portanto, do indivíduo.

Nesse sentido, o que constitui a fixidez do corpo, seus contornos, seus movimentos, será plenamente material, mas a materialidade será pensada como o efeito de poder. Não se pode, de forma alguma, conceber o gênero como um constructo cultural que é simplesmente imposto sobre a superfície da matéria – quer se entenda essa como o ‘corpo’, quer como um suposto sexo. Ao invés disso, uma vez que o próprio ‘sexo’ seja compreendido em sua normatividade, a materialidade do corpo não pode ser pensada separadamente da materialização daquela norma regulatória. (BUTLER, 2001: 154)

O corpo, redimido de sua unicidade material, surge como resultante de inscrições de poder, mas, também, como campo de diálogo entre estes discursos mais ou menos determinantes, provenientes do meio social, e as respostas e tensionamentos articulados pelo corpo e através do corpo.

O fato de que essa reiteração (nas normas) seja necessária é um sinal de que a materialização não é nunca totalmente completa, que os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta. Na verdade, são as instabilidades, as possibilidades de rematerialização, abertas por esse processo, que marcam um domínio no qual a força da lei regulatória pode se voltar contra ela mesma para gerar rearticulações que colocam em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória. (BUTLER, 2001: 154)

Partindo deste lugar epistemológico, a realidade fenomenológica do corpo se agiganta e lança a categoria para o centro da problemática, no meu caso, referente às torcidas organizadas de futebol. Não à toa. Como venho afirmando em outras páginas, o torcedor organizado é aquele que inscreve a torcida no corpo. Aqui, o corpo ganha inscrições territoriais, na medida em que é demarcado através de tatuagens com símbolos da torcida. O seu caminhar, a sua voz, os seus sentimentos vinculam-se a este lugar de torcedor que, por sua vez, é um lugar de poder. Fazer uma opção clubística e integrar uma torcida organizada disponibiliza ao integrante, a um só tempo, um lugar de força, status no grupo, visualização e reconhecimento de si.



Torcedor exhibe a tatuagem que o fez ser considerado e presenteado pelo diretor da M.O.F.I..

A gestualidade, o vestuário, as inscrições tatuadas informam sobre o lugar de torcedor do indivíduo. Mais ainda, a fala, as expressões lingüísticas, o sentir e o expressar sentimentos, desde alegria, euforia, raiva, desapontamento e fúria, organizam-se de forma peculiar ao grupo, em que pesem as distinções individuais incontornáveis, e constituem-se como uma textualidade a ser lida e decifrada. Para merecer este lugar

também é necessário investimento concreto e simbólico, nas ações e nos valores comuns ao grupo.

A expressão corporal é socialmente modulável, mesmo sendo vivida de acordo com o estilo de vida peculiar do indivíduo. Os outros contribuem para modular os contornos de seu universo e a dar ao corpo o relevo social que necessita, oferecem a possibilidade de construir-se inteiramente como ator do grupo de pertencimento. No interior de uma mesma comunidade social, todas as manifestações corporais do ator são virtualmente significantes aos olhos dos parceiros. Elas só têm sentido quando relacionadas ao conjunto de dados da simbologia própria ao grupo social. Não há nada de natural no gesto e na sensação. (LE BRETON, 2006: 9)

A corporalidade informa sobre uma vontade de segurança, sobre a busca de definição e de perenidade. A intensidade do investimento da inscrição identitária no corpo parece um reflexo de uma luta contra o tempo, um tempo descartável, eterno presente. Para os torcedores organizados, a corporalidade se torna, a um só tempo, âncora e farol, posto que é experiência imediata de definição de si, localização no mundo e um projeto possível que media a passagem pela vida.

Diante da diluição de laços estáveis entre comunidades e grupos, e da própria articulação de múltiplas identidades fugidias e voláteis, os torcedores buscam organizar, compreender e dotar de significado as suas vidas e relações, optando por uma identidade fixa, irremovível, algo “*que é para a vida toda*”. Para tanto o corpo retorna com força, e através da força.

O corpo tornou-se a prótese de um eu eternamente em busca de uma encarnação provisória para garantir um vestígio significativo de si. Inúmeras declinações de si pelo folhear diferencial do corpo, multiplicação de encenações para sobre-significar sua presença no mundo, tarefa impossível que exige tornar a trabalhar o corpo o tempo todo em um percurso sem fim para aderir a si, a uma identidade efêmera, mas essencial para si e para um momento do ambiente social. Para aderir com força á existência, multiplicam-se os signos de sua existência de maneira visível sobre o corpo. (LE BRETON, 2003: 29)

Como é comum no jargão, pode-se trocar de mulher, de religião, de país, mas de time ninguém troca, nunca. Bem, de torcida, até que se pode trocar, todavia, uma vez feita a opção por uma delas, têm-se como corolário uma definição de campos de sociabilidade. Sabe-se quem é amigo, quem é inimigo e quem é aliado. Assim, fácil. Assim, seguro. Os jovens, uma vez nas torcidas, aprendem, de alguma forma, como equacionar suas emoções. Sabem que a torcida e o time vão ser amados, sabem a quem vão odiar na mesma intensidade, o torcedor adversário. Os sentimentos de lealdade,

devoção e coragem são eleitos como chave de comportamento para experienciar a devoção à torcida, e a disposição do próprio corpo para o embate é prova disto.



Torcedor Organizado da M.O.F.I., visita morro no Rio de Janeiro.

As práticas destes jovens, seus corpos cheios de inscrições, suas roupas, seus trajetos, sua coragem, constituem uma fala cifrada, que busca responder a um interlocutor difuso, um interlocutor que está em todo lugar e que está em si mesmo. Participar de uma organizada é buscar um lugar no mundo. Estes jovens estão apropriando-se de informações, ritmos e imagens, orquestrando-os criativamente na composição de uma identidade que os sustenta no mundo e que se ampara no capital que lhes é mais disponível, a força física, a virilidade e a coragem para viver ostentando-as.

Capítulo 05. A torcida organizada como empresa.

O reconhecimento é o sentimento chave para a compreensão do investimento afetivo direcionado para a dimensão profissional da identidade do torcedor organizado. Santos, ao discutir o fenômeno das torcidas organizadas, levanta algumas hipóteses explicativas voltadas para os possíveis motivos de sua irrupção e de sua dinâmica de funcionamento. Gostaria, então, de iniciar esta seção tomando-a como guia.

O movimento de globalização da economia e de mundialização da cultura arrasta dialeticamente consigo a fragmentação da sociedade de massas em múltiplos grupos, ou no dizer de Michel Maffesoli, 'tribos urbanas', que se regem pela afetividade entre os pares, ligando-se a um totem comum, que no caso dos torcedores organizados são seus times e suas próprias torcidas como entidades autônomas. Isso porque essas tribos ou agrupamentos, a fim de se diferenciarem do restante da sociedade, criam identidades geralmente relacionadas aos produtos da indústria cultural, como times de futebol, grupos de rock, etc. Diante da falência dos metarrelatos, sobretudo entre os jovens, esses agrupamentos se relacionam com o processo de despolitização iniciado com a geração pós-década de 60, indo, só para citar alguns, em direção aos funks, carecas. Skinheads e às próprias torcidas, que apesar de diferentes, apresentam semelhanças entre si; tais como: a construção de uma ética própria, o lazer como constituinte de sua prática, a ausência de projetos político-partidários e a tentativa de se tornarem diferentes da sociedade. (SANTOS, 2003: 76)

Primeiramente, em concordância com os argumentos desenvolvidos por Magnani, na crítica a determinada concepção teórica que aponta para a tribalização das sociedades contemporâneas, há que se recusar a tomar como categoria, no caso específico das torcidas organizadas, a denominação tribos urbanas. Trata-se de trabalhar com a noção de tribo, mas apenas como metáfora, pois:

[...] quando se fala em 'tribos urbanas' é preciso não esquecer que na realidade está-se usando uma metáfora, não uma categoria. E a diferença é que enquanto aquela é tomada de outro domínio, e empregada em sua totalidade, categoria é constituída para recortar, descrever explicar algum fenômeno a partir de um esquema conceitual previamente escolhido. Pode até vir emprestada de outra área, mas neste caso deverá passar por um processo de reconstrução. A metáfora não: traz consigo a denotação e todas as conotações distintivas de seu uso inicial. Por algum desses traços é que foi escolhida, tornando-se metáfora exatamente nessa transposição: o significado original foi aplicado a um novo campo. A vantagem que oferece é poder delimitar um problema para o qual ainda não existe um enquadramento. É usada no lugar de algo, substitui-o, dá-lhe o nome. Evoca o contexto original, em vez de estabelecer distinções claras e precisas no contexto presente. O problema, contudo, que acarreta é que dá a impressão de descrever de forma clara e acabada, o fenômeno que se quer estudar, aceitando-se como dado exatamente aquilo que é preciso explicar. Para aceitar devidamente os limites e alcances de seu emprego, é preciso antes de mais nada ter presente qual é o domínio, o sistema de significações de onde foi tirada. (MAGNANI, 2002)

Magnani finda por outorgar valor heurístico à metáfora, justamente pelo que ela evoca e lança à problematização: imagens associadas ao primitivo, ao selvagem e ao comunitário, sendo a noção de primitivo o que mais se aproxima do que Santos identificou no seu estudo sobre as torcidas organizadas: a demanda de diferenciação em relação ao restante da sociedade. Todavia, mesmo essa afirmação merece ser, também, problematizada, principalmente quando analisamos as torcidas organizadas a partir de uma perspectiva empresarial, dimensão que vem se alargando sensivelmente.

Para os integrantes envolvidos com a empresa-torcida-organizada, que nesse caso não ocupam o lugar apenas de integrantes, mas também de funcionários ou diretores, a idéia de torcida organizada está cada vez mais ligada à lógica de lançar produtos e comercializá-los, bem como a toda sorte de negócios a ela relacionados. Vejamos o que diz um integrante e funcionário da Cearamor a este respeito:

Querendo ou não, hoje em dia, pra mim, não é mais uma loja de torcida, é uma grife. Pra mim é. Eu comecei a viajar muito, pra outros estados, e você não vê camisa de torcida no meio da rua, você não vê, é raro. Se bater palma, vê uma camisa do São Paulo. Uma camisa de time, não, você vê, mas torcida... E aqui, não. Qualquer esquina que você chegar, você vê uma camisa da Tuf gay ou da Cearamor. Qualquer esquina que você... No centro, lá no centro. Em Recife você não vê muito não, como aqui, não. Por isso que eu digo, torcida... Tu é doido?! Aqui virou grife. Isso aí, a cada dia que passa, minha torcida tá evoluindo mais ainda, cada dia que passa tem um desenho a mais pra fazer.

O integrante da Cearamor é enfático: o desenvolvimento da torcida relaciona-se diretamente com o aumento do número de artigos a serem produzidos e comercializados. Nesta mesma ocasião, perguntei o que mais o incomodava com relação à dinâmica de sua torcida. Ele diz:

Hoje em dia é a discriminação. Do próprio torcedor do Ceará, do povão, da sociedade. Porque, quem não é mais da torcida, querendo ou não, uma mãe, por exemplo, você como mãe, vê uma briga daquela no estádio, você nunca que vai deixar um filho seu vim na sede da torcida, porque o pessoal só pensa em briga, só droga, tudo de ruim... O que uma mãe dessa vai pensar? Um pai?

Posso afirmar, sem receio, posto que acompanhei a trajetória desse integrante por mais de quatro anos, que a sua resposta, anteriormente citada, não é absolutamente orgânica. Ela encerra as contradições de quem ocupa um lugar fronteiro dentro da própria torcida. Ele lida diretamente com os integrantes da torcida,

posto que é um dos puxadores, ou seja, o funcionário encarregado de conduzir a torcida-espetáculo em dias de jogos, espécie de maestro que não apenas imprime uma ordem ao que vai ser cantado durante a partida, como também ensaia, coordena e estimula os torcedores.

Obviamente os próprios torcedores têm alguma autonomia em puxar uma música ou outra, entretanto, a condução do corpo do espetáculo cabe a ele. Na verdade, a eles, posto que existem dois puxadores de torcida. Eles vestem roupas que caracterizam a sua função, com cores chamativas, que possibilitam facilmente a sua visualização em meio à multidão e, justamente por esta necessidade de serem vistos, se posicionam em pequenas e altas plataformas, um em cada lado da torcida.

A peculiaridade de A é que ele é o puxador mais antigo da Cearamor. De fato, ele já ocupava este cargo mesmo antes de eu iniciar a pesquisa e foi ele, justamente pelo seu destaque em relação à multidão de torcedores, o primeiro integrante que procurei no momento de iniciar o trabalho com entrevistas. É quase óbvio dizer que A, do lugar simbólico e funcional que ocupa, detém com muita clareza o mapeamento da torcida, das relações entre integrantes, entre bairros, dos afetos e desafetos, das brigas etc.

Mais ainda: para ocupar o lugar que A ocupa na torcida, posto que além de puxador é responsável pela loja principal, ele tem de deter grande influência junto ao presidente, diretoria e torcedores e, necessariamente, apresentar alguma deferência em relação aos códigos culturais e simbólicos da torcida. A, na verdade, iniciou sua trajetória nos bailes *funks*, quando ainda sequer fazia de parte de torcida organizada.

Eu, comecei no meu bairro, negócio de baile funk. Eu comecei, me levaram, aí briga de bairro vizinho, né? Aí, o meu era até Fortaleza. Meu bairro era Parque Araxá. O meu era até TUF, e tinha eu e poucos que torcia Ceará e ia prum lado que era TUF, brigando com o pessoal da Cearamor. Com o tempo passou, acabou o baile funk, os pessoal amenizaram mais as brigas de gangue e tudo, aí eu conheci o R, que já era diretor da Cearamor. Até o presidente hoje em dia tinha raiva de mim, o presidente da Cearamor, o F, que era o meu bairro contra o dele. Aí brigava e tudo, tinha raiva... O R me trouxe, me apresentou ao pessoal, eu fui entrando, ficava na outra sede, sozinho, eu e o menino aí. Fui criando a confiança do pessoal, e tudo, indo pros estádios, insistindo, tá entendendo? De ta lá todo dia, de perder namorada, de mãe brigar, perder estudo pra tá com a Cearamor. Aí, hoje em dia sou um funcionário da Cearamor. E o bairro do F era o Rodolfo. (Rodolfo Teófilo) Eu ia pros estádio escondido, com medo deles me pegar. Hoje em dia, meu bairro, foi uma reviravolta tão grande, que hoje meu bairro tem mais Cearamor do que TUF, cresceu muito, Cearamor, lá.

A trajetória de A dentro da torcida pode ser apresentada como uma trajetória de sucesso, posto que demarca uma ascensão de status, o que se converteu, para este integrante em particular, em uma possibilidade de emprego e renda fixa. Como funcionário, A recebe salário e se mantém, pelo que declara, deste mesmo salário, que lhe confere alguma possibilidade de conforto.

O que estou tentando deixar claro com essa exposição inicial é que para A, como para qualquer diretor, funcionário e mesmo integrante, é importante que a torcida organizada cresça em número de integrantes e em capital. Para tanto, ela precisa se posicionar, necessariamente, num lugar fronteiro: como torcida organizada – com todas as implicações do estigma – e como empresa-torcida.

E se é assim, se é necessário trazer cada vez mais consumidores, posto que qualquer um pode comprar um artigo e usá-lo, como bem informou A, é necessário cuidar da imagem pública da torcida, para que os pais e mães não imponham restrições aos seus filhos, no que diz respeito à presença nas lojas e sedes, ao uso de artigos etc. Trata-se aqui de uma necessidade de ajustar a própria torcida aos códigos e valores socialmente aceitos pela opinião pública, com o intuito de inseri-la dentro dos limites de uma suposta normalidade social.

Entretanto, a adesão à dimensão empresarial não pode ir muito longe, pois redundaria no expurgo de todo e qualquer integrante que prejudicasse a imagem pública da torcida organizada, que contribuisse para sedimentar o preconceito arraigado no senso comum e fortalecido pela mídia. As torcidas não poderiam fazer isto porque perderiam capital humano precioso, ou seja, aqueles indivíduos e grupos que garantem a aura de disposição da torcida no próprio circuito dos torcedores organizados.

Manter uma organizada em funcionamento, para que ela possa oferecer um efeito de grupo com alguma continuidade, demanda dos funcionários e diretores um exercício constante, um cálculo que norteia o movimento entre os extremos que margeiam o espaço físico e simbólico das torcidas. Eles precisam ser reconhecidos e legitimados por sujeitos que têm demandas diferenciadas em relação ao mesmo grupo, a torcida organizada. Suponho que não seja tarefa fácil. Quando perguntei sobre o que A ganhou após tantos anos de dedicação à torcida, ele não se referiu ao seu carro, ou ao seu salário, mas sim ao reconhecimento que recebe dos demais integrantes.

Ganhei amizade, eu ganhei a consideração de várias pessoas, não é a consideração de chegar num canto e eu vou fazer isso, não. Ganhei assim, de chegar num canto e o cara meu irmão, eu tenho um real pra te dar, tá. Tá

entendendo? Poder me dá uma carona... Quando eu tô doente, o cara chega lá, meu irmão tome isso, faça isso. É isso que dá empolgação, tá entendendo? O cara tá lá puxando, quando acaba o cara: meu irmão tu se garantiu, deu a maior força pra torcida! Isso aí é que empolga mais o cara. Não é nem assim, de ta lá porque eu tô trabalhando, porque eu tô ganhando meu ingresso, não. Eu tô lá por amor à torcida mesmo!

A não é o primeiro a citar essa distinção como mérito que coroa um esforço continuado no sentido de garantir o respeito, a confiança e a “consideração entre os integrantes”, o que torna essa carreira profissional um tanto peculiar, quando comparada à realização de tarefas esvaziadas de sentido ou compensação, seja de ordem financeira ou pessoal. Mas, para entender melhor o exercício desta função, é necessário tentar apreender a demarcação deste movimento realizado pelos funcionários e diretores. Passemos a isso.

5.1 O jogo de cintura: entre porradeiros e o mercado, a gestão da empresa-torcida.

Tive a oportunidade de conversar longamente com S, então presidente da M.O.F.I.. Talvez esse rapaz represente mais vivamente os deslocamentos próprios às identificações dos torcedores organizados. S tem atualmente 32 anos, e iniciou sua trajetória de torcedor organizado ainda na Fúria Jovem. Conheci S em um evento realizado na loja-sede da M.O.F.I., na Guanabara, mais precisamente um bingo de algumas camisas para arrecadar verba para a torcida.



Loja- sede da M.O.F.I., S de lado, de boné e blusa preta, distribui as cartelas do bingo.

Nessa noite eu estava sendo aguardada, pois havia combinado a minha visita anteriormente pelo MSN com um dos diretores. Cheguei na hora marcada, e já havia um número considerável de pessoas do lado de fora. Iniciei uma entrevista com T, que mal pôde se completar, pois o restante da diretoria chegou ao local e se aproximou de nós. De imediato percebi que três dos quatro rapazes que haviam chegado estavam afastados da diretoria e da própria torcida. A M.O.F.I. era, de fato, gerida por T, ex-integrante da Cearamor, B e S, o presidente. Com o último não pude falar neste dia, devido ao seu envolvimento com o evento.



Grafite no interior da loja-sede da M.O.F.I., com o símbolo da torcida: Spawn²⁴.

Entretanto, S viria a se tornar um integrante central para o meu trabalho, tanto pela especificidade de sua experiência, quanto pelo seu empenho em ajudar. S me acompanhou em incursões pelo estádio, fornecendo-me orientação preciosa acerca dos territórios perigosos, seja pelo potencial conflitivo dos torcedores, seja pela violência de policiais. Foi também ele que viabilizou o meu acesso à reunião de preparação do clássico entre Ceará e Fortaleza, realizada na Federação Cearense de Futebol. Tive ainda a oportunidade de fazer longas entrevistas com S, quando passei a conhecer mais de perto a peculiaridade da empresa-torcida-organizada e do “jogo de cintura”,

²⁴ Spawn é um personagem de quadrinhos criado por Todd McFarlane em 1992. Spawn era o agente da CIA Al Simmons, que após ser morto numa armadilha armada por seu chefe vai para o inferno. Lá, ganha poderes após negociar com o demônio Malebolgia para se tornar um "filho do inferno". Spawn depois revolta-se contra os demônios e passa a enfrentar as criaturas sobrenaturais e da Máfia.

expressão repetidamente utilizada por ele, para caracterizar a atitude adequada ao sucesso deste tipo de empresa.

Essa expressão denota maleabilidade, indica a necessidade de manter uma interlocução positiva com vários sujeitos sociais: a opinião pública, as autoridades policiais e judiciárias, os torcedores de bairro, ou “porradeiros”, categoria nativa utilizada por S.

Em uma de nossas conversas, S me descreveu detalhadamente o jogo de cintura (durante o ano de 2008, o último de sua administração) que teria caracterizado a condução habitual de sua gestão como presidente da M.O.F.I., contribuindo para seu fortalecimento e ampliação de possibilidades de crescimento.

A fala de S procura estabelecer um contraponto entre a condução da M.O.F.I., na sua gestão, e da Cearamor, mas não será aqui considerada sob este ângulo, devendo ainda ser considerada no contexto da rivalidade entre ambas as torcidas.

Meu propósito nesta seção é compreender, a partir da fala de um então presidente de torcida organizada, o lugar de fronteira ocupado por seus diretores e funcionários, que precisam lidar com expectativas contraditórias relativas à dinâmica de funcionamento das mesmas, e que para isso desenvolvem um tipo de resposta, o “jogo de cintura”.

O ano de 2008, no discurso de S, encontra-se demarcado a partir de três grandes acontecimentos: o roubo da faixa da M.O.F.I. pelos integrantes da Cearamor, o murro dado nele por um integrante do Barroso e, por fim, os tiros disparados contra a M.O.F.I. por integrantes da Cearamor.

Os conflitos, ajustes e vinganças entre as torcidas obedecem a um calendário mais ou menos regulado pelos dias de jogos, pois muitas vezes os bairros envolvidos não apresentam uma contigüidade espacial. Os dias de jogos acabam por operar uma redução do espaço da cidade, pois possibilitam a junção, no estádio, de integrantes de bairros cotidianamente afastados. Assim, quando eclodem grandes conflitos nos dias de jogos, raramente os problemas se iniciaram ali, estando sua origem situada na semana ou nas semanas anteriores. A narrativa de S acerca dos problemas entre a Cearamor e a M.O.F.I. segue esta marcação temporal, com pequenas exceções. Ele inicia a narrativa das adversidades e vicissitudes de sua gestão em 2008, com o roubo da faixa da M.O.F.I.. Todavia, esse fato é uma culminância de uma tensão iniciada semanas antes.



Foto que deu origem ao conflito, cuja culminância foi o roubo da faixa.

Foi uma briga que teve e apareceram uma turma do bairro dele com as camisas da M.O.F.I. de cabeça pra baixo, aí eu fui resolver lá com o F. Disse: _F, dessa vez não vou segurar não, vai ter porrada! (F): _Não, beleza. Pronto, nesse jogo os caras só não foram no meio da Cearamor. Aí o F saiu e quando foi lá no balão do Castelão ele viu, o pessoal da Cearamor apanhando muito, gente que não tem nada a ver, apanhando muito da M.O.F.I.. Aí o F foi, pegou o pessoal da diretoria, o pessoal que é responsável por material, pessoal que não é envolvido em briga. Pronto, bateram nos meninos e tomaram a faixa da M.O.F.I.. O pessoal que é responsável por faixa e bateria é um pessoal que não é de confusão... Foi o pessoal da diretoria que foi.

S, diferentemente da maioria dos integrantes das diretorias de ambas as torcidas, bem como de seus funcionários, nunca se envolveu em nenhuma briga em estádios ou em qualquer outro lugar de exercício da sociabilidade dos torcedores organizados. Apesar de se declarar fanático por torcidas organizadas, mais até do que pelo clube, claramente secundarizado, S apresentava uma identificação muito maior com a realização do espetáculo nos estádios e, atrelado a isso, com o aspecto empresarial das organizadas. Fiel a este lugar, sua fala enfatiza, a todo momento, o esforço realizado para evitar, quando possível, conflitos de maiores proporções.

Eu fui no F e expliquei: J eu não vou segurar, vai ter confusão. Porque até nisso é um jogo de cintura danado. Tem que saber a hora de mandar, não de mandar, mas de tu ficar: _cara, eu só não quero confusão dentro do estádio! Como tem hora de tu chegar e: _pô, vamos segurar a onda pessoal! E eles seguram. Quando eles vão pra cima, eles vão, quando é pra segurar, eles seguram. [...] Eu cheguei a ir na M.O.F.I. e dizer: _porra, tá aqui, o F mandou o dinheiro, se vocês descobrirem quem foi que perdeu as camisas, eu já tô com o dinheiro que o F mandou. Era mentira. Jogo de cintura.

O jogo de cintura descrito por S, a despeito da sua postura pacífica e avessa à radicalidade comum à sociabilidade de conflito, muitas vezes o levava à margem do perigo, bem como à necessidade de forjar um discurso para evitá-lo, não apenas para si, mas para todo o grupo.

Pronto. Aí teve essa confusão, então fui lá com os meninos: _S, vamo lá, vamo lá, eu sei onde é que ele mora. _Pois vamos. Então, eu fui com gente que tava disposto a fazer tudo pra pegar essa faixa, mas eu tive que ir no carro com eles, pra ver, pra dizer que eu tava tomando alguma atitude, tá entendendo?[...] Taí S, ele mora aí, a gente vem aqui, invade. Não cara, tá se desenrolando. Inventava tudo, inventava conversa. S, a faixa tá rasgada, cara. Não tá rasgada. Não tá rasgada. Se essa faixa tiver rasgada, vai acabar as torcida organizada. Aí eu ia pra outro discurso. Se essa faixa tiver rasgada, você pode ter certeza que as torcidas organizadas vão acabar. Que a gente vai fazer. Aí pronto, sentiam confiança em mim já, mas não tá rasgada essa faixa. Como é que tu sabe, cara? O S é muito calmo! Só fica querendo aliviar a barra. Não sei que. Confie em mim, se a faixa tiver rasgada a torcida organizada aqui vai acabar. Pronto, fui pegar a faixa, a faixa não tava, tava intacta”.

O empenho de S informa sobre uma mentalidade que consegue se descolar dos valores vinculados a uma corporalidade aguerrida, associando-se à dimensão empresarial da torcida. Essa dimensão era apresentada claramente por S, que muitas vezes repetiu: *“Eu vivo da torcida, tudo que eu ganho é da torcida. Se eu compro uma roupa, é da torcida. E não tenho vergonha, não!”* E se a torcida é um negócio, responsável pela manutenção de seus integrantes e de suas famílias, é preciso saber administrá-lo com racionalidade. Essa racionalidade implica, por sua vez, na constante negociação com os integrantes para a administração dos conflitos. Justamente por isso, S declara ter agüentado “esculacho” do presidente da Cearamor, quando foi, atendendo a um chamado do próprio F, feito por telefone, buscar a faixa na sede da Cearamor.

Aí fui na Cearamor, o F me deu um sermão. Cara, vem pegar tua faixa! Pô, F, valeu! Desligou o telefone na minha cara. Fui pegar a faixa. Tava ele e os capanga dele lá. O cara me esculachou. Tá aí, que num sei que, se quiser vir pra cima vem! Eu só escutando... Ele não deixava eu falar, cara. Ele ficou transtornado. Claro, a pessoa quando tá... Transtornado... Tava exaltado, pronto. Tava exaltado. Muito cheio de razão, falando alto... Eu sou muito assim, eu escuto numa boa, cara, se tu chegar pra mim... Porque ele queria mostrar pros amiguinhos dele que ele tava fazendo um favor, que ele era o bichão, tá entendendo? E eu só concordando... Tudo bem, a faixa tá aí? Ta bom, vou pegar. Aí peguei a faixa, ele ficou lá em cima. Dois desceram comigo. S, cara, me desculpa aí, mas o F tá perdido.

O esforço de S direciona-se à necessidade de equilibrar as duas dimensões necessárias aos diretores, mas, fundamentalmente, ao presidente de uma torcida

organizada: identificações ligadas à sociabilidade aguerrida e às atribuições decorrentes da empresa-torcida. Para ser presidente é preciso dominar um saber sutil acerca das exigências do momento, pois, se os integrantes muitas vezes exigem o conflito, em outras eles querem fazer alianças.

Pouco tempo, teve um jogo, acho que foi Payssandu ou foi ABC, em Fortaleza, eu não sei. Os meninos da Guanabara alugaram um ônibus, eu tava no Pecém, eu, T, quer saber de uma coisa, vamos levar esse ônibus pra Cearamor? Tu é doido é S? Isso com pouco tempo que tinha devolvido a faixa. Vai ter porrada! Cara, leva o ônibus pra Cearamor e segura a onda. Ele levou o ônibus pra Cearamor, entraram na sede da Cearamor, porra, foi uma loucura. O F falou com eles, o pessoal da Cearamor foi no ônibus da gente, só que saiu ônibus da Cearamor. A porrada comeu no estádio... (contra a TUF) No jogo do Fortaleza. Eu acho que era Fortaleza e ABC... Pra fazer a social.

O próprio S relatou atos de cordialidade que teria praticado, mesmo para com diretores e o presidente da TUF, procedimento necessário, segundo ele, para a boa condução da sua gestão. Em várias ocasiões, pude ver F, durante as partidas, acompanhado de alguns membros da diretoria da Cearamor, “visitando” o território da M.O.F.I. nos estádios, e até permanecendo lá durante um certo tempo do Jogo. Trata-se também da cordialidade exigida pelo cargo e pelos interesses da torcida.

Se os presidentes e diretores atendem a essa exigência funcional, os integrantes, por sua vez, têm também a necessidade de associação, de concórdia, de união. Para tanto, claro, é preciso que exista um objetivo importante, e esse, muito facilmente, é a necessidade de combater a TUF. Há que se ressaltar que para que haja tal união é necessário que a conjuntura seja de relativa paz entre as torcidas, Cearamor e M.O.F.I., pois jamais haveria a possibilidade de aliança caso restasse alguma questão pendente, alguma vingança ou ajuste de contas a ser realizado. Essa união pode se dar em dois lugares que cumprem um efeito de arena: no estádio, como foi colocado acima, e nos bailes que ainda teimam em persistir.

Entretanto, esse espírito de união tem vida curta, precisando, para se manter, da presença física e da ameaça de um inimigo comum. Trata-se mais de uma estratégia de guerra, que permite a fruição da amizade temporária do inimigo, do que de uma efetiva pacificação sem maiores propósitos. No caso da Cearamor e da M.O.F.I., a frágil trégua se desfez rapidamente, também em um jogo no Castelão, em virtude de problemas entre bairros adversários, Piedade e Serrinha.

Teve um jogo, Ceará e Vila Nova, não Ceará e não sei se foi CRB. Eles pegaram dois caras da Serrinha lá fora.

Eles quem?

O pessoal da Cearamor, da Piedade. Pegaram, roubaram chinela, roubaram carteira. Essas duas pessoas da Serrinha que eles pegaram, eles gostavam muito, eles o pessoal da Cearamor. O pessoal da Piedade pegou e roubou tudo, cara, roubaram quase quinhentos reais da carteira, ele tava até com dinheiro pra me dar. E eles são perigosos.

Eles chegaram lá na torcida revoltados: S eu já liguei pros capa, que hoje a gente vai lá no meio da Cearamor e aquelas coisa e aquelas coisas. Rapaz, calma. Calma, tu só vem pedir calma, rapaz, num sei que. Eu: calma que eu vou resolver. Subo na arquibancada, aí quando eu tô descendo vem um cara e me dá um murro, o irmão do P. Mas foi tão assim, que eu fiquei... Eu peguei e cheguei no J e F quem é aquele cara ali? Quem brother? Aquela ali de boné? É o irmão do P. O que foi? O Cara me deu um murro. Aí chegou o pessoal do Jereissati. Aí, eles vieram, aí: e aí rapaz, levou um murro, e o que é que tem? Não sei que... Não, tem nada não. Em mim não tem nada, não vou deixar de ser menos homem ou mais homem porque levei um murro não. Aí nisso o P cantando alto, aí eu peguei saí pra falar com o... É mas também tinha que chegar esse dia, tenho mais de vinte anos de estádio nunca levei um empurrão cara, nem de polícia nem de ninguém. Eu chego lá na força, tinha uns vinte cara só na força. Aí eu cheguei contando: porra, levei um murro, macho. De quem porra? Do irmão do

P. De quem S, do irmão do P? **Pronto, aí o A já foi logo tirando o cordão. Cara, mas ele ficou assim, aí sim, ele ficou com um olhar assim... Aí ele tirou o cordão, tranqüilo. Aí os meninos começaram, bicho eu fiquei... A moda deles é cordão de prata, né?** Eu fiquei com uns dez cordões. Jô, foram umas doze pessoas... Pois ele chegou no meio, o pessoal do Jereissati afastou, cara a gente só quer o Barroso. Pronto, aí o pessoal... ei, ei, ei, vão matar o meu irmão, aí o P correu com o irmão dele, já chamaram a polícia, a polícia já veio, prenderam dois nossos. O irmão do P ficou atrás dos policiais aí o A veio e deu um murro nele.

Presenciei esse episódio. Neste dia eu estava no setor das arquibancadas do Castelão, situado exatamente entre a Cearamor e a M.O.F.I.. Vi T, caminhando calmamente, com esse olhar descrito por S, seguido por alguns integrantes. Ele me olhou, viu a minha apreensão quando perguntei onde ele estava indo. T sorriu e apenas fez um sinal para que eu ficasse tranqüila. Observei-o até que ele sumisse em meio à multidão. Poucos segundos depois, vi aquele formato característico quando ocorrem confusões no estádio, algo que sempre me pareceu uma onda em meio ao mar de gente, um mar revolto por uma precipitação inesperada.

Este episódio teria desencadeado, mais uma vez, uma onda de agressão e guerra entre Cearamor e M.O.F.I., cuja culminância resultou nos tiros desferidos contra os integrantes da M.O.F.I. por torcedores da Cearamor, episódio já citado em capítulo anterior. A questão aqui é saber por que S não demonstrou o mesmo empenho em contornar esse problema, como vinha fazendo até então. Teria sido simples ocultar o ocorrido até o final da partida, deixando para comunicá-lo quando as torcidas não estivessem uma diante da outra, ganhando tempo para contornar o problema. Todavia,

um murro de um “pivete” no presidente de uma torcida parece estar além do limite aceitável até mesmo para S. Ali, era a torcida inteira, a M.O.F.I., que estava levando um murro na cara. A significação da agressão, tanto para integrantes da M.O.F.I. quanto para os da Cearamor, fica evidenciada na seguinte fala de S.

O F me liga, me esculhambando, no mesmo dia. S, não é assim que se resolve as coisas, vocês estão pensando o que, ninguém vem no meio da Cearamor aqui e faz... Eu, cara, por que tu... Foram doze pessoas, F, tudo pivete. Na Cearamor devia ter umas duas mil pessoas, num fizeram nada com... Se tu tivesse levado um murro aqui, F. Pra mim eu não tô nem aí não, mas pros menino, cara. Por mim eu não to nem aí cara, eu não fui aí resolver nada e nem vou. Eu falei pros meninos. Não mas não é assim, eu só aconselho você a ir embora. Você pode ir embora, tirar logo sua torcidinha daí, tirar suas faixas, que eu não vou segurar ninguém não. Tá beleza.

Durante todas as conversas que tive com S, mas não apenas com ele, fica claro que presidentes, diretores e funcionários precisam dar satisfações aos seus integrantes, mesmo aos de comportamento mais agressivo. S chegou a se expor a situações de risco junto aos torcedores da M.O.F.I., acompanhando-os em incursões a territórios de torcedores adversários, aos seus bairros, objetivando ganhar a confiança dos seus companheiros de torcida. Por que ele faria isso, se não fosse uma atribuição absolutamente necessária à sua função de presidente, se não fosse pela peculiaridade desse tipo de negócio?

S demonstra ter habilidade no exercício de sua função e não se perde. Se ele tenta conter o exercício constante do conflito para a resolução dos problemas, ele também sabe o momento de deixar que os torcedores protagonizem as vinganças e ajustes pela honra da torcida. Nesse caso específico, toda a torcida foi desonrada e o ajuste era legítimo, tanto que o número de integrantes da M.O.F.I. que foram até o meio da Cearamor era quase irrelevante, mas nenhum bairro da Cearamor tomou as dores do agressor.

Na verdade, a bravura dos integrantes da M.O.F.I. ficou tão evidente que ela, por si só, serviu para a intimidação dos integrantes da Cearamor. Eles conseguiram “botar o terror”. E, se os bairros, depois de toda essa trajetória entre as torcidas, durante 2008, quiseram migrar para a M.O.F.I., não foi, como disse S, pela sua habilidade em contornar os problemas, mas sim pela capacidade de “botar o terror” em meio a uma torcida incomparavelmente maior, como a Cearamor.

Afinal, um fato que não pode ser desconsiderado aqui é o prestígio de T, que capitaneou o pequeno exército rumo ao território inimigo, prestígio e respeito

angariado pela disposição apresentada e confirmada em anos de torcida organizada. T, ex-integrante da Cearamor, era o responsável pela loja-sede da Guanabara e, segundo S, o torcedor organizado de referência no cenário das torcidas organizadas locais.

T exemplifica, com excelência, uma identidade de fronteira, comum e ao mesmo tempo necessária para a manutenção do efeito agregador das torcidas organizadas. Torcedor de bairro dos mais aguerridos, T, segundo suas palavras, saiu da Cearamor devido ao não reconhecimento de sua dedicação à torcida pelos então diretores, que estariam concedendo cargos importantes aos torcedores “playboys”, simplesmente porque estes teriam dinheiro.

Saí porque qualquer pessoa novata só porque tinha carro e grana já podia fazer parte da diretoria e eles não davam valor àquele cara antigo, a velha guarda. Eles só visava o dinheiro, usava o nosso bairro pra brigar com a Fúria Jovem. Tinha medo de perde o lugar na arquibancada pra Fúria, eles tava crescendo e nos usava pra querer acabar com os cara. Aí, nos paramos pra pensar. Da mesma forma que eles tão usando outros bairros contra a M.O.F.I., como Jereissati, Barroso, Piedade e outros. Da mesma forma que eles fizeram com a gente, comprando a galera com bebidas, ingressos mais baratos, ou de graça, pra gente acabar com a Fúria.

Entretanto, mesmo com o seu afastamento, T permaneceu sendo respeitado pelos diretores e integrantes antigos da Cearamor. Certa vez, comentei que estava tendo dificuldades para entrevistar F. T, prontamente, se ofereceu para intermediar o contato com F: *“você que eu fale com ele? Ele me escuta”*. S e outros torcedores, inclusive da Cearamor, se referiram ao T, senão com admiração, ao menos com respeito.

A maior referência da M.O.F.I. é o T. É referência assim de tudo. Mas todo mundo vê o quanto ele mudou. Vocês não têm noção do T quando era da Cearamor, não. T, vai ali e dá um murro no coronel, ele ia. T, invade o campo e dá um murro... Ele ia. Teve um jogo Ceará e Fortaleza, aí chegaram dois nossos com o nariz quebrado, mulequinho. Pô, os mulequinho chegando: Ei, S, levei um murro aqui, mas to só esperando o T chegar, macho! O T chegar, ele vai lá no meio da Cearamor e quebra todo mundo. Tá entendendo? O cara, se ele fosse pra cima, tu ia, cara.

A disposição de T para botar terror em meio às torcidas adversárias o tornou conhecido entre torcedores organizados e autoridades policiais, a despeito de sua relativa melhora de comportamento, nos últimos anos de M.O.F.I.. Não por acaso, pois T acabou se tornando alvo de ameaças policiais, sempre que se aproximava o dia de um grande jogo. Após a saída de S, no final de 2008, em virtude de desentendimentos administrativos entre ele e um diretor, T decidiu também pelo seu afastamento e,

recentemente, entrou para uma igreja protestante, cujo pastor é, também, um ex-integrante de organizada, no caso, da Cearamor.

A importância de T no circuito das organizadas informa um aspecto incontornável, pelo menos até o presente momento, acerca da estrutura e da dinâmica das organizadas: os torcedores de bairro são tão importantes para a torcida quanto a qualidade de seu espetáculo e o bom exercício de sua dimensão empresarial. Eles garantem a inserção legítima da torcida num circuito onde a radicalidade dos afetos é constantemente vivenciada no exercício de uma sociabilidade voltada para o conflito. São eles que irão garantir o prestígio da torcida e também eliminar concorrentes, afinal, não é possível entrar numa guerra sem um exército. E os administradores das empresas-torcidas sabem disso. A gestão do conflito, ou o jogo de cintura, se torna uma habilidade importante, mais uma especificidade da torcida organizada como empresa, que se recoloca, também, nas correspondências trocadas entre os integrantes de torcidas espalhadas pelo país. Vamos a elas.

5.2 Socializando saberes, valores e amigos: a torcida por correspondência.

Um aspecto interessante, no universo simbólico dos torcedores organizados, é que, ao lado dessa disposição sempre anunciada para “botar o terror”, coexistem valores como humildade e reciprocidade, também dotados de grande relevância na cultura deste segmento juvenil. Através de S, tive acesso a um número considerável de cartas trocadas entre ele, presidente e relações públicas de uma torcida, e integrantes de organizadas do Brasil inteiro. A análise destas correspondências permitiu-me perceber que elas atendem a algumas finalidades: é uma forma específica de experienciar o ser torcedor organizado, é uma forma de divulgação da torcida e de construção de laços entre aliadas e, também, uma forma de promover o aumento da comercialização dos produtos.

As correspondências trocadas entre relações públicas são importantes para que se possa acompanhar o esforço empresarial desses jovens. Vejamos, a exemplo:

Recife, 01-04-99

Caro Amigo F:

Foi com grande satisfação que recebo e respondo sai 1ª carta. Como andam as coisas por aí? Por aqui está tudo bem mesmo depois da eliminação da Copa do Brasil, que decepcionou a massa rubro negra. Mais o Leão continua bem na copa Nordeste e pernambucano onde conquistamos o 1º turno. Gostei do adesivo que você me mandou mais no () estou sem nenhum

da jovem, mais quando tiver em mãos eu ti mando, pode confiar, ok? Como vão as coisas por aí? No momento era isso, aguardo sua breve resposta.
Saudações Rubro Negras.
M V N

O exemplo citado informa sobre um aspecto que se repete entre os diferentes correspondentes: todos adotam um modelo para a sua escrita e o seguem sem variações. Os missivistas adotam uma forma de tratamento, uma saudação inicial. Segue-se um roteiro formado pelas notícias do clube, pelas novidades da torcida, na maioria das vezes referentes aos produtos comercializados, uma referência à troca de artigos e uma despedida também formalizada, utilizada em todas as cartas, variando apenas conforme o autor.

Recife, 11-05-99

Caro Amigo S:

Foi com grande satisfação que recebo e respondo mais uma de suas cartas. Como andam as coisas por aí? Por aqui tá tudo ótimo, o Sport venceu mais um clássico desta vez contra o Náutico por 2x0 na Ilha, e agora temos outro clássico desta vez contra o Santa Cú no arruda e basta apenas um empate para conquistarmos o 2º turno e completar 50 jogos invictos em campeonatos estaduais. Na copa Nordeste pegaremos o Sergipe na 2ª fase, o 1º jogo aqui e o 2º em Sergipe. A jovem continua arrebatando nas arquibancadas e com certeza domingo terá mais um show da jovem nas arquibancadas do arruda. No momento era só isso, aguardo sua breve resposta.

Saudações Rubro Negras

TORCIDA JOVEM DO SPORT

M V N Secretário

Vê-se um tipo de saudação que honra o correspondente, não importa o tamanho de sua torcida e a projeção da mesma no circuito nacional de torcedores organizados. Como informou S, “*nesse meio não existe rivalidade, todo mundo se corresponde com todo a mundo*”. O que não significa dizer que as cartas não angariem prestígio para os seus portadores. Existem torcidas de importância reconhecida, seja pelo seu tamanho, seja pela sua disposição em “botar terror”. Manter relações com integrantes dessas torcidas, principalmente se for um relações públicas, confere importância e destaque para o indivíduo.

Para os meninos que não eram relações públicas, a carta tinha uma importância em si. Isso, para eles, pô, me correspondo com um cara da torcida do Flamengo, da Raça Rubro Negra. A pessoa que tá começando, achava assim a raça. Então, muitas das coisas erradas aqui, são as pessoas que tem exemplo de brigas lá da torcida do sul e querem fazer a mesma coisa aqui, aí eles se correspondiam com a Raça Rubro Negra, da Jovem, da Gaviões, pra eles era uma honra: Cara, recebi uma carta do cara do Guarani, cara do Corinthians, o cara do São Paulo.

É justamente o status mobilizado pela troca de cartas que eleva esta prática a uma forma específica de viver a experiência de torcedor organizado e informa como a espacialidade restrita do bairro opera a abertura da sociabilidade entre torcidas.

Prezado e futuro amigo F S.

Cara meu nome é L F tenho 16 anos sou da torcida a mais de um ano me correspondo a alguns meses e gostaria que você se correspondesse com migo, quero lhe dizer que eu peguei seu endereço com o M V N um grande amigo e moro perto dele.

Bem vou ficando por aqui na expectativa de uma breve resposta Um forte abraço do futuro amigo L F.

As cartas noticiam também assuntos caros às torcidas e informam sobre a reciprocidade, aspecto essencial para a manutenção da comunicação entre dois correspondentes. Essa reciprocidade obedece a algumas regras, cujo cumprimento denota respeito em relação ao correspondente. Um cuidado importante, que deve ser observado, diz respeito ao formato e qualidade da carta, pois os correspondentes sentem-se desprestigiados quando recebem uma carta padrão. A carta padrão, ou seja, uma carta essencialmente formal, significa desconsideração e desrespeito com o interlocutor, sendo motivo para a interrupção das relações de correspondência.

Eu recebia uma média de umas quarenta cartas por semana. Umas quarenta é muita carta, eu virava a noite escrevendo, as cartas até ficavam um pouco repetitivas, uma carta padrão. Eles detestavam quando a gente mandava carta padrão, achava que era falta de respeito, tá entendendo? É, por que, pô! Eu escrevi uma carta bacana pra Jô; a Jô me manda uma carta padrão? Carta padrão ela manda pra todo mundo! Eu queria que fosse tratado como, fosse diferente, entendeu?

A troca de artigos das torcidas era, também, uma condição para a manutenção da comunicação entre correspondentes e significava respeito e consideração com o outro. Geralmente a troca era de adesivos, que eram colecionados pelos correspondentes, que chegavam a acumular pastas repletas de adesivos de organizadas do Brasil, que poderiam ser vendidos por um valor considerável.

Um elemento que, por si só, ressalta a importância das cartas reside na utilização de papel timbrado da torcida. Esses papéis, com as cores, nomes e símbolos das organizadas, também constituíam artigos colecionados pelos torcedores-correspondentes. As cartas informam do empenho dos torcedores organizados em dotar a sua função de diretor, ou relações-públicas, e a sua empresa-torcida, de todos os utensílios que caracterizam uma empresa de fato, não apenas pela utilização do papel

timbrado, mas também pela adoção de carimbo com o nome do integrante e a sua função, em substituição da assinatura.

RECIFE, 08 de Junho de 1999.

Prezado Amigo S:

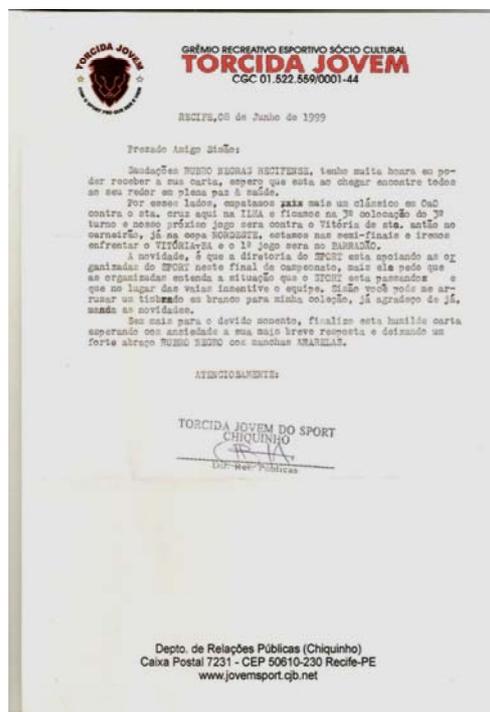
Saudações RUBRO NEGRAS RECIFENSES, tenho muita honra em poder receber a sua carta, espero que esta ao chegar encontre todos ao seu redor em plena paz & saúde.

Por esses lados, empatamos mais um clássico em 0a0 contra o sta. Cruz aqui na ILHA e ficamos na 3ª colocação do 3º turno e nosso próximo jogo será contra o Vitória de sto. antão no caneirão, já na copa NORDESTE, estamos nas semi-finais e iremos enfrentar o VITÓRIA-BA e o 1º jogo sera no BARRADÃO.

A novidade, é que a diretoria do SPORT esta apoiando as organizadas do SPORT neste final de campeonato, mais ela pede que as organizadas entenda a situação que o SPORT esta passando e que no lugar das vaias insentive o equipe. S você pode me arrumar um timbrado em branco para minha coleção, já agradeço de já, manda as novidades.

Sem mais para o devido momento, finalizo esta humilde carta esperando com ansiedade a sua mais breve resposta e deixando um forte abraço RUBRO NEGRO com manchas AMARELAS

ATENCIOSAMENTE:
TORCIDA JOVEM DO SPORT
C. Dir. Rel. Públicas.



A despeito da ausência, para muitos, de formação escolar, universitária ou mesmo profissional, os responsáveis pelas torcidas organizadas conseguem estruturar e

gerir um negócio que vem, processualmente, se desenvolvendo e aumentando seu capital. Para tanto, eles se amparam na experiência acumulada de outras torcidas, no que as cartas acabam por se tornar um importante veículo de socialização desse saber.

Grande Amigo Flávio S

Cara foi com imensa alegria e satisfação que recebi sua carta podendo assim responde-la para da continuidade a nossa grande amizade.

Primeiramente quero lhe pedi mil desculpa pela demora de responde sua carta.

Bem aqui em Recife as coisa não anda nada bem para o Sport. No ultimo domingo perdemos a invensibilidade para um time do interior o ~~santa eus~~ perdendo por 4-0, e pro mesmo time do interior perdemos o 2º turno depois de empatar por 4-4, eles jogava pelo o empata.

Bem no Jovem as novidades são os novos materiais como: calças, agasalho, bermuda, touca, boné, chapéu de pescada e a nova carteirinha que custa 3.00 reis caso queira tira me avisar que eu te mando uma ficha de escrição: obs: a carteirinha é cartão magnético.

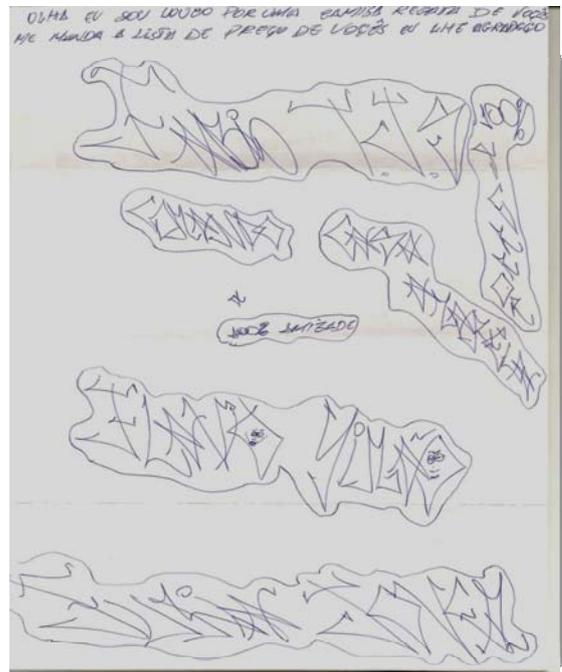
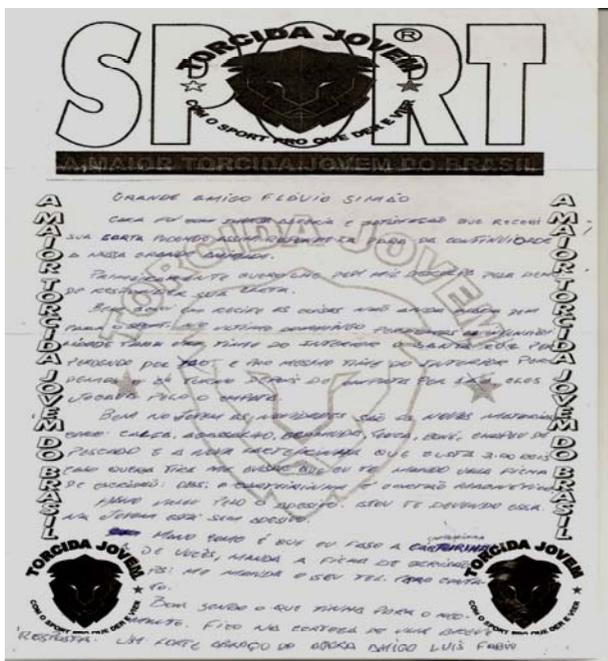
Mano valeu pelo adesivo. Istou te devendo essa. Na jovem esta sem adesivo.

Mano como é que eu faso a carteirinha de vocês, manda a ficha de escrição.

Os: manda o seu tel para contato.

Bom sendo o que tinha para o momento. Fico na certeza de uma breve resposta. Um forte abraço do agora amigo L F.

Olha eu sou louco por uma camisa regata de vocês me manda a lista de preço de vocês que eu lhe agradeço.



Papel timbrado e estilização comum à pichação, saudação formal e xingamentos, precariedade de ortografia e habilidade técnica, artística e comercial. A correspondência citada testemunha a ambigüidade que perpassa não apenas a experiência de L F, mas, antes, identifica os diversos trajetos identificatórios que têm

nas torcidas organizadas um centro simbólico, cultural, espacial e material de organização. Essa ambigüidade pode ser observada na clara distinção classificatória realizada pelos integrantes das torcidas acerca de seus próprios parceiros. Esta distinção baseia-se numa escala de comportamentos, que tem como dois extremos o “torcedor de bairro”, ou seja, aquele com quem “não é possível conversar”, aquele que vai “só para brigar”, e aquele torcedor que reivindica a adequação a uma certa normalidade, aquele que vai ao estádio para torcer para o seu time, que se conscientiza ou “pega mentalidade”.

Nesta “categoria” estariam, principalmente, os diretores e funcionários das torcidas, como é de esperar. Porém, mesmo estes não prescindem completamente de uma referência identitária vinculada ao conflito, à possibilidade de agressão, mas procuram alojá-la num lugar seguro, dentro da fronteira do socialmente aceitável, que margeia o comportamento presumível na cultura esportiva do futebol: uma violência dirigida contra torcedores adversários, somente quando muito provocados. (Sahlins, 2004) A questão das identificações nas torcidas organizadas pode ser pensada com mais apuro analítico quando considerada à luz das formulações de Hall sobre esta temática. Diz ele:

A identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. (...) E uma vez que, como processo, a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de efeitos de fronteira. As identificações vistas como um todo, não são, de forma alguma, um sistema relacional coerente. Coexistem no interior de uma agência como o superego, por exemplo, demandas que são diversas, conflituosas e desordenadas. De forma similar, o ego ideal é composto de identificações com ideais culturais que não são necessariamente harmoniosos. (HALL, 2000: 106)

Pode-se afirmar que a identificação do torcedor organizado, na verdade, se apresenta dissolvida em um campo de possibilidades delimitadas pelo universo simbólico e cultural do futebol. Trata-se de redes de identificações que se situam, no centro de uma tensão, entre, por um lado, a tentativa de assujeitamento das práticas dos torcedores – para a sua acomodação dentro do terreno do socialmente aceitável, ou seja, no interior de uma normatividade ditada por um interlocutor difuso, cuja voz é particularmente ouvida pelos membros das diretorias e funcionários das torcidas – e, por outro, as demandas dos “torcedores de bairro”, sujeitos de práticas que parecem

responder a uma outra normatividade, que apontam para outros canais de compensação e reconhecimento.

5.3 Para não dizer que não falei das flores... Política e torcedores organizados, uma relação possível?

Acredito que a essa altura de minha exposição já tenha ficado clara a impossibilidade de grandes generalizações na categorização das experiências que se efetivam no circuito das torcidas organizadas aqui analisadas. Entretanto, acho ainda importante asseverar: nem todo torcedor organizado pode ser inserido na categoria de torcedor de bairro, assim como poucos, quando comparados ao universo de torcedores, são funcionários da torcida. Entre estes dois pólos, encontra-se um gama de experiências marcadas por uma fruição mais amena e menos caracterizada pelo conflito. É o caso do grande número de torcedores que “não são de briga”, que “não gostam de confusão” ou, ainda, dos que “pegam mentalidade”.

Na verdade, qualquer tipologia aqui adotada é falha, posto que os torcedores organizados deslocam-se de uma postura a outra, e a ambigüidade parece ser o aspecto mais correto e central para a definição das experiências e das identificações destes rapazes. Uma ambigüidade flagrante, pois como explicar que alguém que não goste de brigas se encontre inserido numa torcida organizada, quando a aura que a cerca é cada vez mais associada ao conflito e ao perigo?

Essa dificuldade de categorização remete a uma outra, de ordem conceitual. Como pensar a questão das identidades dentro desta dispersão de experiências dentro de um mesmo grupo? A identidade está sob rasura, como asseverou Hall, o que significa dizer que é *“uma idéia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas”*. (HALL, 2000: 104) A advertência de Hall permite uma incursão produtiva de discursos contraditórios que remetem a experiências cindidas, fronteiriças e aparentemente paradoxais.

É o caso de Al, que conheci, então com 22 anos, quando fui à sede da Cearamor entrevistar o puxador principal da torcida. Quando cheguei me dirigi à loja e fui recebida por ambos. Como o meu interesse inicial era a conversa com A, de início me ative mais à sua fala. Todavia, Al reivindicava para si a minha atenção. Frequentemente interrompia as respostas de A, chegando mesmo a afirmar que possuía mais autoridade do que o colega, devido à sua inserção na torcida ser mais antiga.

Eu sou mais velho de que ele na torcida, já vim inté do outro, o outro antes do P, acho que já cheguei a pegar ele, aí vindo P e do F (...) Ora, comecei com a Ala Terror, era eu e mais três. Aí tem o puxador da gente aqui. Aí pivetinvéi mesmo, não tinha nada pra fazer em casa. Aí: não, vamos montar uma ala, porque tem uns menino chegando. Aí, tem o F, que nós já conhecia. Começamos a andar na casa dele, negócio de bebida, farra... Pronto: vamos lá pra casa do F. Aí tinha poucas alas, aí montamos uma ala com três pessoas, aí fomos, aí pegamo os pessoal da passarela, dos outros bairros, sai juntando, aí ia. Aí eu vi, comecei a olhar pros menino da bateria, tinha uns antigo. Aí, quer saber de uma coisa? Eu acho que vou é entrar pra bateria também. Aí se eu for contar esse negócio de bateria, tinha seis anos de bateria. Só que eu já saí, eu cresci, peguei mais mentalidade, é tanto que às vezes eu não vou pra jogo. Mais por causa de namorada, me tirou. Eu venho aqui só pra vê mais os meninos mesmo...

Foi com grande surpresa que ouvi Al afirmar que não era mais da torcida organizada. Mas o que significa isso, então? Al está sempre pela sede, pratica musculação na academia da torcida, ajudava na preparação dos eventos e quando estive na festa de aniversário da Cearamor, Al era o torcedor tímido que me chamou de um dos camarotes reservados para a diretoria, convidados “*vips*” e quem mais pudesse pagar por eles. O que significa, então, ser da torcida organizada para esse rapaz? Comecei a perceber o que responderia a esta questão na seguinte fala, ainda no mesmo dia, quando o mesmo se referiu às brigas entre integrantes da Cearamor e da M.O.F.I.

Vai querer brigar com uma torcida que é maior de que eles, não dá. E quando os pessoal, a gente assim, mais de diretoria, vai tentar apartar... Quando a gente diz não num briga não, num rouba que é o próprio torcedor do Ceará brigando entre si, só que eles num tão nem aí, vão pra lá, vão pra brigar. Aí foi ele e outro, num foi? Ele e o Xuxo... Aí, foram pra cima deles com raiva porque ele tava querendo apartar.

A fala de Al oscila entre posicionamentos possíveis mas um tanto distintos, dentro dos limites simbólicos que informam as práticas dos torcedores organizados:

- Primeiro Al parece bastante alinhado, senão com uma postura, ao menos com o discurso comum à cultura dos torcedores que investem numa corporalidade aguerrida.
- Logo em seguida, Al agrega um discurso midiático, quando apresenta o argumento utilizado para dissuadir conflitos entre torcedores do mesmo time.
- Por fim, Al circunscreve um lugar para si, dentro da torcida, marcadamente fronteiriço: A se define como sendo mais da diretoria.

Trata-se de uma posição que remete a uma trajetória, pois, como ele mesmo informou, a sua experiência na torcida já conta com muitos anos, e apresentou etapas diferenciadas. Atualmente, Al alega que “pegou mentalidade”, e tal afirmação informa sobre a sua postura de contenção da radicalidade investida na corporalidade. Al é mais voltado para a sedimentação da imagem positiva da sua torcida, e sua fala indica uma superposição de experiências distintas, mas não absolutamente excludentes. Hall, ao ir de encontro às concepções essencialistas e naturalistas de identidade, ressalta o caráter processual e múltiplo das mesmas, cujo resultado é um estar se fazendo permanente. Diz ele:

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo dos discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (HALL, 2000: 108).

O discurso de Al, cindido e contraditório, indica um deslizamento de um mesmo indivíduo entre posturas cujo movimento obedece à necessidade de atender à distintas demandas e de manter a interlocução com sujeitos, grupos e significações diversas, acionados pelas torcidas e direcionados a elas, quais sejam: a mídia, os torcedores-consumidores da torcida-grife e os torcedores de bairro. Já foi discutido aqui a importância e o papel da mídia com relação à dinâmica das torcidas organizadas. Resta, ainda, ressaltar que a mídia é fundamental para a hipertrofia da dimensão profissional da torcida, centrada, sobretudo, na especialização da produção do espetáculo esportivo e na comercialização de artigos e de moda associados à identidade de torcedor.

A experiência de D, rapaz de quinze anos, integrante da Cearamor, é bastante emblemática desta dimensão. No dia 03 de abril de 2008, data do julgamento do pentacampeonato do Ceará, a Cearamor organizou um evento em apoio ao time: uma passeata, saindo da sede da torcida, em direção ao Tribunal de Justiça Desportiva do Ceará. Cheguei por volta das quatro da tarde e já havia um grupo de torcedores em frente à sede, talvez umas cem pessoas. Aproximei-me de um grupo e comecei a fazer algumas perguntas despreziosas, com o intuito de começar uma conversa. Falamos sobre temas que povoam o senso comum acerca das torcidas organizadas: bailes *funks*,

violência, homofobia, crime etc. Tentei explorar os motivos que os levaram a integrar a torcida. De súbito, D, aparentemente tímido, levantou a voz sobre a dos demais e disse:

O prazer é fazer a festa no estádio! Depois ver na televisão aquela festa e saber que a gente tava ali, fazendo a festa. Ontem mesmo o Lima disse que era muito importante a torcida, sabe? E aí, quem é a torcida? É a gente que vai tá lá fazendo tudo! Se o time ganhar a gente sabe que foi a gente que apoiou e tudo mais... É muito importante isso pra gente”.

D é um dos que não gostam de briga e, quando perguntei de seu bairro, ele respondeu sisudo: “eu não tenho bairro, eu sou da sede”. D começou a frequentar estádios com a mãe, uma torcedora intensa do Ceará, e aproximou-se da torcida com seu conhecimento e aprovação. Este torcedor, ao contrário da imensa maioria, demorou muito a consentir que eu o entrevistasse, e só depois de muito tempo percebi que o que parecia timidez era, na verdade, cuidado. O zelo necessário para que sua mãe continuasse consentindo com a sua participação na Cearamor, o que o leva a um discurso militante de denúncia contra a violência gratuita dos policiais, contra a persistência dos “vagabundos” na organizada – devido à existência de um mercado persistente, dentro da torcida, para os artigos provenientes de roubo – bem como à sua tentativa de eximir a diretoria de qualquer responsabilidade com relação a isso, pois, segundo ele, qualquer torcedor pego roubando seria expulso da torcida.

A sua fala corresponde, volto a dizer, a uma posição militante e orgânica, voltada para a necessidade de inserção da torcida dentro dos limites do socialmente aceitável. O seu discurso é bem ajustado à fala de qualquer diretor ou funcionário, e se ele ainda não ocupa um cargo, já o vi diversas vezes acompanhando o presidente da Cearamor no Castelão, resolvendo toda a sorte de problemas e encaminhamentos comuns aos dias de jogos.

É nesse círculo mais restrito que se produz o discurso voltado para o resgate da torcida de seu conteúdo simbólico socialmente condenável. E essa produção é importante para a torcida, é claro, mas também para os torcedores isoladamente. Torcedores como D, cuja demanda com relação ao grupo se refere principalmente à necessidade de realizar algo importante, à necessidade de construção de algo positivo. Não que outros elementos não pesem na construção deste afeto e do investimento militante na torcida, como a devoção ao time, a sociabilidade, a fruição festiva e a possibilidade de gozar da aura de poder e força que acompanha a torcida organizada. Mas, sobretudo, D parece ansiar por reconhecimento.

Em linhas atrás citei a passeata realizada pela Cearamor em apoio ao clube, quando do julgamento do tetracampeonato. Passeatas, militância... É difícil escapar da abordagem acerca do lugar da política para os torcedores organizados. Um lugar movediço, que requer do pesquisador certa sutileza para detectar as marcações mais significativas que possuem um conteúdo político, mesmo que este se apresente de forma um tanto velada. Isto porque existem, à semelhança do que foi constatado com relação ao coletivo geral de torcedores, candidatos que durante o período eleitoral procuram as diretorias das torcidas organizadas, Cearamor e M.O.F.I., e negociam o apoio à sua candidatura²⁵.



Uma vez consolidada a aliança, tais candidatos vinculam diretamente seus nomes e plataformas políticas às torcidas organizadas. Não à toa, tendo em vista o enorme contingente de torcedores que as torcidas agregam, bem como a sua ramificação e vivência cotidiana nos bairros da cidade. As diretorias, por sua vez, se empenham em convencer os seus integrantes a votarem no candidato com que foi acordado o apoio, apresentando os possíveis benefícios que o mandato representará para a organizada.



²⁵ Saldanha obteve apenas 2.863 votos, mesmo tendo contado com o apoio da Cearamor. Por outro lado,

A despeito das negociações realizadas entre diretorias e candidatos, não percebi um apoio maciço dos integrantes das torcidas, consubstanciada na militância dirigida à obtenção de votos para os mesmos. Saldanha obteve apenas 2.863 votos, mesmo tendo contado com o apoio da Cearamor. Por outro lado, Márcio Lopes conseguiu 5.072 votos, contando, como base de apoio, com a M.O.F.I., torcida consideravelmente menor.

Por outro lado, já falei algumas vezes em posturas militantes dos integrantes das torcidas. Essa militância não se reduz à adesão orgânica a um discurso voltado para a difusão da imagem positiva da torcida, como foi salientado anteriormente. É uma forma peculiar de experiência que remete a uma distância de conteúdo político-programático, mas cujo formato não permite pensá-la adequadamente de outra forma.



Início da passeata, torcedor-manifestante, integrante da Cearamor, com a sua bandeira alvinegra.

Veja-se o caso específico da passeata organizada pela Cearamor, também já citada. Neste dia, compareceram ao evento um número significativo de torcedores, cujas experiências particulares nunca os levaram a marchar pelas ruas em reivindicação de coisa alguma. Todavia, lá estavam cerca de quinhentos torcedores organizados,

ocupando as ruas e cantando as músicas do seu time e da sua torcida. Vestidos com suas camisas, eles carregavam bandeiras e esperavam que um, em meio ao coletivo de torcedores-manifestantes, puxasse uma música ou palavra de ordem, para que o restante seguisse. Não havia uma direção da passeata e eu mesma cheguei a puxar algumas músicas com o intuito de saber se seria seguida pelos demais. E fui.



Início da passeata, presença considerável de crianças.



Seguem os caminhantes.

Outro dado importante que me serviu de forte indício da significação do evento foi a chegada do ônibus da M.O.F.I.. Neste período, as desavenças entre os bairros que integravam as torcidas já haviam se colocado, portanto, as torcidas já vinham apresentando a rivalidade anteriormente descrita. Quando os integrantes da M.O.F.I. chegaram, a passeata já havia iniciado a caminhada, de modo que eu soube que eles haviam se integrado ao ato pelas falas que percorreram a extensão dos caminhantes com a velocidade e tensão de uma corrente elétrica.

Retardei o passo a fim de caçar e capturar essas falas e senti desde então que não haveria problemas. Os torcedores não apresentavam uma postura aguerrida, pelo contrário. Falavam num tom jocoso acerca do atraso dos integrantes da M.O.F.I., que, segundo eles, confirmaria o fato de estarem sempre atrás da Cearamor. Os componentes da M.O.F.I., por sua vez, chegaram também, demonstrando uma postura pacífica em relação aos integrantes da torcida rival, e misturaram-se normalmente ao evento.

Naquele momento a rua não exercia o efeito de arena para a disputa entre torcedores rivais, mas apresentava-se como o lugar de uma luta diferente, uma luta por algo que beneficiaria a todos igualmente, algo que transformava a adesão ao clube, ao Ceará, no princípio mobilizador fundamental que sedimentava, naquela tarde, o efeito

de grupo necessário para veicular o ato e torná-lo significativo. No momento em que a manifestação dobrou na Rua Paulino Nogueira, em direção ao prédio da Federação Cearense de Futebol, todos, inclusive eu, fomos surpreendidos por um cinturão de isolamento de policiais que objetivavam barrar e dissolver a manifestação.



Menino olha assustado e recua, no momento exato do início do confronto entre torcedores e a polícia.

A grande linha formada pelo cardume de torcedores desorganizou-se, pois as crianças, torcedoras e torcedores que não são de briga, desaceleraram o passo, o que levou os torcedores mais aguerridos a gritarem, tentando estimular a todo o corpo de torcedores-manifestantes a irem em frente. Nesse momento, pude ver componentes da Cearamor e da M.O.F.I. se adiantarem e, juntos, assumirem a uma postura desafiadora em relação ao conjunto de policiais. Felizmente, para nós, o conflito não assumiu maiores proporções, tendo, entretanto, servido de pretexto para o adiamento da decisão, pois os advogados do Fortaleza alegaram falta de segurança para a realização do julgamento.

Após esse episódio, os torcedores se dispersaram em blocos. Os da Cearamor realizaram a caminhada de volta à sede da torcida e os integrantes da M.O.F.I. caminharam em direção à Praça da Gentilândia, onde estava estacionado o ônibus alugado para fazer o transporte dos integrantes de volta à sede da Guanabara. Senti fortemente que os torcedores estavam voltando para as suas trincheiras, apesar da trégua entre eles ainda persistir.

Segui os integrantes da M.O.F.I. até à praça, um espaço reconhecidamente utilizado como arena, em substituição aos estádios e terminais. Na verdade, uma das maiores demandas dos torcedores em relação à estrutura e equipamentos de seus bairros é a construção de praças, destinadas ao exercício do efeito de arena, ou, como alguns dizem, pracinhas “para rolar muita peia”

Achei que se algum conflito tivesse que acontecer entre os torcedores seria justamente naquele lugar, cuja significação se voltava para um uso específico de um equipamento urbano, associado à sociabilidade de conflito comum aos torcedores de bairro. Mas, neste dia, de fato, a ambiência era de concórdia, imperava a trégua. Nada aconteceu.



Integrantes da M.O.F.I., na Praça da Gentilândia, comemorando o final do ato.

O que levou esses integrantes, mesmo os mais exaltados, a desperdiçarem a ocasião propícia para o exercício do conflito não pode ser adequadamente analisado, se não compreendemos o conteúdo político do fato. Por que os integrantes das torcidas organizadas, aqui analisadas, não entraram de verdade na campanha dos candidatos, se são capazes de demonstrar uma sensibilidade política com relação ao evento acima descrito? Esta mesma sensibilidade norteia a fala de B acerca do furto:

Não, assim, quando eu era criança, assim, eu era viciado em pixar, eu roubava o vêi, assim, num roubava... Eu ia lá, pegava um [adjete] e tal, e ia pixar. Mas isso foi pouco. Roubá, roubá mesmo, não. Se eu fosse, se eu precisá de roubá, de precisão mesmo, se tiver naquelas condição de não tiver nada pra comer, se minha família tiver assim, eu vou roubá, mas eu não vou roubar quem não tem, eu vou roubar quem tem, roubá um banco, ou um, né,

empresário, alguma coisa assim, porque esses cara que rouba pobre é coisa de laranja. Laranja é o cara que faz roubo, faz besteira, faz rouboreí páia, o cara rouba celular, uma bolsa, uma estudante, óia!

A compreensão de B acerca do furto legítimo e do furto ilegítimo só pode ser explicada em termos de solidariedade de classe, e de um reconhecimento, no outro, de uma privação e dificuldade que também é sua. Bem, essa é uma percepção política. Uma sensibilidade política cotidiana e não programática, voltada para a imediatividade da vida, mas, ainda assim, política. Considerando-se a trajetória e o lugar social ocupado pela maioria dos torcedores organizados, acredito que a politização cotidiana da vida talvez seja a forma possível de manifestação desta sensibilidade, principalmente em decorrência do esvaziamento de sentido positivo da esfera política em suas várias dimensões.

Aos olhos dos jovens, a política e as instituições perdem cada vez mais a credibilidade. Os argumentos que eles utilizam para explicar esta realidade trazem à tona o tipo de ação dos próprios políticos, as promessas de campanha não cumpridas, a impunidade e a corrupção financeiras. Um dos jovens diz: ‘político rouba, rouba, e não acontece nada; se um faminto rouba um pão vai preso [...]’. A perda de credibilidade tanto política quanto institucional produz a ruptura dos laços que unem os jovens ao fazer políticos, isto é, aos referenciais que podem influenciar a produção de uma subjetividade política crítica capaz de lutar pela emancipação e pela democracia. (KEL, 2004: 31)

Se o campo de atividades tradicionalmente associado à política não vale à pena porque é o lugar da corrupção e da falência moral, sendo o responsável pelas adversidades experimentadas pelos jovens torcedores e por suas famílias, o investimento no Ceará é muito válido. E aqui, investimento (termo tantas vezes utilizado neste trabalho, o que indica a sua polissemia intrínseca) significa o empenho na garantia de resultados positivos para o Clube, fora do espaço dos estádios.

Muitas vezes, como também já foi citado, as torcidas exercem esse papel militante em prol do seu Clube, voltando-se contra técnicos, dirigentes ou jogadores que não estejam correspondendo às suas funções, ou mesmo quando existe alguma suspeita de ações em benefício próprio, articulações escusas etc. Os jornais estão repletos de matérias que noticiam atos das torcidas durante treinamentos, invasões ao campo, agressões contra dirigentes ou mesmo ameaças aos profissionais do futebol em suas casas, aeroportos e outros espaços cotidianos. O jornal Diário do Nordeste, de 23 de março de 2006, traz uma notícia intitulada: “Torcedores entregam manifesto a Zé Teodoro”.

A facção Força Independente entregou ontem, no início da noite, após o treino no PV, um manifesto ao técnico Zé Teodoro no qual mostra 'indignação e revolta pelos últimos resultados do Ceará diante do Fortaleza'. No documento os torcedores enfatizam que 'não aceitarão corpo mole ou omissão por parte de nenhum integrante do elenco, seja ele jogador, diretor ou membro da comissão técnica'. Teodoro que recebeu o manifesto das mãos do diretor da facção, Josefi de Araújo, disse que gostava desse tipo de cobrança, feita de forma ordeira, e que iria repassar a mensagem aos atletas. 'Isso é importante no nosso trabalho. Se o jogador não estiver em condições de aceitar cobranças é melhor pedir para sair'. A comissão que foi ao PV era formada ainda pelos estudantes Leandro Sampaio e Romário Júnior.

Custo a acreditar que um técnico de futebol, às vésperas de um clássico do porte de Ceará e Fortaleza, goste de receber um manifesto de torcedores organizados. Mesmo porque o próprio conteúdo do dito manifesto deixa muito claro que, na verdade, o documento é um ultimato que exige bons resultados na partida que iria se realizar. E, no que se refere à manifestação ordeira, qualquer técnico de futebol sabe que, por trás da pacífica comissão de três integrantes, aguardam centenas de torcedores organizados dispostos a manifestações mais intensas, se assim acharem necessário.

Essas práticas, e as significações que as informam, devem ser compreendidas à luz da vontade política dos torcedores de manter o clube funcionando dentro de um campo regido por valores como lealdade, amor à camisa, dedicação e desprendimento. E é justamente pela capacidade de intervir nos circuitos de funcionamento internos do clube ou, pelo menos, pela crença nesta possibilidade, que o investimento no clube pode oferecer contentamento aos torcedores.

É claro que os torcedores não desconhecem que existem irregularidades e interesses particulares em jogo, em meio às transações realizadas pelos clubes. Todavia, essas negociações são admitidas dentro de um determinado limite, pois, quando elas começam a se traduzir em derrotas sucessivas, os torcedores entram em cena para ajudar o time. E, de fato, é difícil desconsiderar o protesto de um sujeito coletivo de milhares de pessoas em fúria. A ação militante dos torcedores para ajudar o seu time se refere a uma escolha cujo benefício ganha sentido, apenas, quando contextualizado em um determinado estilo de vida. Trata-se aqui, do que Guidens categorizou como política-vida.

A política-vida é a política de uma ordem reflexivamente mobilizada – o sistema da modernidade tardia – que, num nível individual e coletivo, alterou radicalmente os parâmetros existenciais da atividade social. É uma política de auto-realização num ambiente reflexivamente organizado, onde a reflexividade liga o eu e o corpo a sistemas de alcance global. Nessa arena de atividade, o poder é gerador e não hierárquico. A política-vida é a política do estilo de vida (...). Para dar uma definição formal: a política-vida refere-se a

questões políticas que fluem a partir de processos de auto-realização em contextos pós-tradicionais, onde influências globalizantes penetram profundamente no projeto reflexivo do eu e, inversamente, onde os processos de auto-realização influenciam as estratégias globais.(GUIDENS, 2002: 198)

O investimento militante em ações associadas à política-vida possui intensidade justamente porque se refere, ou se associa diretamente, à própria identidade e à necessidade de garantir segurança e sentido para a própria existência em meio à diluição e ao efêmero que peculiarizam a experiência social e afetiva contemporâneas. A intensidade da revolta e da cobrança dos torcedores pode estar contida na frase de um deles: “*quando o time vence, você se sente vencedor na vida*”. Trata-se do investimento possível, a partir de uma escolha possível, em vidas caracterizadas pela escassez de escolhas. E para garantir realização e segurança de si, torcedores organizados desenrolarão ações militantes, na suposição de que com elas ajudarão o time – mesmo que muitas delas desagradem dirigentes, profissionais de clubes, ou mesmo o conjunto mais amplo de torcedores – além de saberes e técnicas para gerir a torcida-empresa.

Conclusão

Este texto não foi texto ou, se foi, sua matéria foi outra. Esse texto foi feito de tempo. Um tempo longo o suficiente para que eu visse morrer meninos que se sentaram às minhas pernas, ansiosos para guardar suas palavras em algum lugar seguro. Muitos morreram. E muitos outros morreram antes que eu tivesse tempo de ouvi-los. Hoje eles sorriem tremulantes nas bandeiras levadas ao estádio pelos ‘irmãos’, ou dançam em outras pernas, os *funks* feitos para homenageá-los. Outros ainda vivem com os corpos para sempre “quebrados”. Alguns seguem e trabalham otimistas, porque “*agora o time é de elite, as coisas vão melhorar para a torcida*”. Outros, tal como haviam previsto, se “aperfeiçoaram”, “prosperaram” na vida e se tornaram traficantes.

E eu, bem, continuarei indo ao estádio. Com que olhos? Não sei. Há muito que não tenho os mesmos olhos. E neste momento estranho, onde tenho forçosamente de largar algo que mal sinto que comecei, tenho saudade da “esfinge” que se balançava ao som de tambores. Tenho saudade da minha romântica alegria festiva: “*Cearamor, Cearamor! E vai rolar a festa, vai rolar, o povo alvinegro mandou avisar*”. E que eu possa confessar isto sem profanar nenhum cânone, assim espero.

Entretanto, posso ainda dizer que este trabalho teve uma vontade sempre presente: eu queria deixá-los falar, não para reproduzir suas palavras com a chancela de trabalho acadêmico, porque aí, nem seria voz, nem sociologia. Eu queria trazer para estas páginas as vozes por detrás dos muros, por detrás do sangue, por detrás do roubo, por detrás das mentes entorpecidas, por detrás do medo transfigurado em coragem. E foi em busca delas que perfiz este caminho.

Tentei ouvir seus sussurros nas manchetes da *mídia* espetacularizante, e busquei nas significações genéricas e vazias do “hooliganismo” um desejo difuso de ser, uma vontade de sentido, um modelo a seguir com a moeda disponível para negociar: uma masculinidade viril e aguerrida. Foi em busca da ambiência cultural que forneceria o contorno simbólico e as significações que diziam de um jeito de ser homem, que dirigi meu olhar aos “torcedores comuns”. Afinal, quando os jovens torcedores organizados chegaram ao estádio, eles, os “torcedores comuns”, já estavam lá.

Buscando o lugar primeiro onde essas falas começaram a ser ditas voltei aos bailes *funks*, o lugar das montagens, que enalteciam as alas e os “moleques” dos bairros. Os bailes *funks*, onde roubar era celebrado pelo MC, que compunha músicas em

homenagem a esses anti-heróis, urbanos e rebeldes. E como eles são muitos e têm muitas vozes diferentes, ao contrário da indiferenciação fria e vazia que o estigma imputa, fui em busca das diversas experiências que pude identificar dentro das torcidas organizadas: os gangueiros, os torcedores de bairro, os que pegaram mentalidade, os torcedores funcionários, os torcedores empresários, e os torcedores presidentes.

Em várias intensidades diferentes, vi se repetir o investimento numa corporalidade viril e agressiva. Em várias nuances diferentes, vi que a disposição era uma moeda cara, muito cara, para estes jovens torcedores organizados. Disposição que é uma palavra carregada de uma polissemia importante, incontornável. Coragem, força, resistência corporal, suportar pancadas, murros e pontapés até desmaiar, mas não correr. Sim, porque força não é somente carne dura presa aos ossos. Força mesmo é ter um ânimo valente. Força se faz a despeito do corpo, embora não prescindida dele. E é por isso que muitas e muitas vezes os vi exibirem suas cicatrizes com o orgulho de quem exhibe um troféu.

Foi em busca de suas vozes, cheias de vontade de entrar numa vida aceita nos padrões da normalidade burguesa, que acompanhei o esforço administrativo, a preparação das festas, a criação de desenhos, os ensaios, sob o sol das nossas tardes, até que a execução de uma música estivesse perfeita. Vi muitos rapazes carregando sozinhos enormes estruturas de ferro, subindo com aquilo sobre os ombros por toda aquela enorme rampa do Castelão. E, por fim, vi esses meninos passarem por cima de raivas, rixas e inimizades para marcharem na rua, com bandeiras, cantos. Vozes.

Eu as ouvi, e finalmente acho que entendi o que a “esfinge” me dizia. A torcida é um lugar seguro. Pois é. Um lugar seguro. Uma vez perdido o medo da dor, da boca sangrando, da polícia, ou dos tiros dos inimigos, a Torcida Organizada é um lugar no mundo. Lá eles têm imporância, saem na televisão, são saudados pelos jogadores quando estes entram em campo e, mesmo Sérgio Alves, um dos grandes ídolos de milhares e milhares, comemora seus gols em frente a eles.

Nas torcidas organizadas, eles sabem o que é certo e o que é errado, e suas vozes têm um sentido e uma direção. Nas torcidas organizadas, e isso é o mais forte, suas vozes têm o que dizer deles próprios, e isso é muito bom. Sim, é muito bom ter algo valoroso para dizer de si mesmo. Isso é humano, e porque é humano, é bom para eles, como é bom para mim, como é bom para quem, agora, está lendo este trabalho. Muitas perguntam ainda não foram feitas. As perguntas que fiz, e outros tantos antes de mim, mal começaram a ser respondidas. Enquanto isso, estes jovens andam por aí,

amargando derrotas e inventando vitórias. Que este trabalho possa contribuir para que outros pesquisadores interessados se aproximem destas batalhas cotidianas. E porque este trabalho não é mais meu, mas de quem tiver pensado, sentido ou desejado alguma coisa a partir dele, deixo aqui palavras que também não são minhas:

De derrota em derrota, até alcançar a humanidade.
Em que momento estamos de todas as derrotas?
Em que segundo exato?
Em que estação de dor?
Em que minuto do pó mordido?
Em qual surpresa da longa emboscada?
Mas toda derrota contém seu céu a ganhar.
Porque começou inesperada, súbita, a hora-fantasma,
Quando voltaremos a ganhar as ruas
E o território de uma nova e velha ilusão,
Reinventando o ânimo e os sorrisos.²⁶

²⁶ Trecho extraído de um poema recitado no filme “Rua Santa Fé”, de Carmen Castillo.

Bibliografia

AGIER, Michel. **Distúrbios identitários em tempos de globalização**. Mana, out. 2001, vol.7, no.2, p.7-33. ISSN 0104-9313

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.

ALABARCES, Pablo (Coordinador). **Peligro de Gol. Estudios sobre deporte y sociedad en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

_____ (Compilador). **Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires, CLACSO, 2003.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes e Eugenio, Fernanda. **Culturas Jovens: novos mapas de afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar., 2006.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **“Com o brasileiro, não há quem possa!”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. **Berlin reconquistada. Falsa mistura e outras miragens. In Cidade, cultura, (in)civilidade**. Espaço & Debates. São Paulo, v 23, n 43 – 44, jan / dez 2003.

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos – ensaio sobre a imaginação do movimento**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

BACZCO, Bronislaw. **Les imaginaires sociaux – memoires et espoirs collectifs**. Paris, Payot, 1984.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**; tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

BALANDIER, Georges. **O Contorno: poder e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____ **A desordem: elogio do movimento**; Tradução Suzana Martins. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 1997.

BAQUERO, Marcelo. **Democracia, juventude e capital social no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

BARREIRA, César. **Crimes por encomenda: violência e pistolagem no cenário brasileiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia Política, 1998.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmino. **O lugar do indivíduo na sociologia: sob o prisma da liberdade e dos constrangimentos sociais**. Revista de Ciências Sociais. Volume 34 – número 2. 2003.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**; Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____ **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BECK, Ulrich. **Liberdade ou capitalismo / Ulrich Beck conversa com Johannes Willms**. Tradução Luiz Antônio Oliveira de Araújo. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o Conceito de História in Magia, técnica, Arte e Cultura: ensaios sobre literatura e história da cultura**. (Obras Escolhidas, V 1). São Paulo: Brasiliense, 1993.

BLOCH, Marc. **Os reis taumartugos: O caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra.** Tradução de Julia Mainard. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **O que falar quer dizer: economia das trocas lingüísticas.** Algés – Portugal: Difel, 1998a.

_____ **Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neo-liberal.** Tradução, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998b.

_____ **A Economia das Trocas Simbólicas.** São Paulo: Coleção Estudos. Editora Perspectiva 5º ed. 1999.

_____ **O Poder Simbólico.** Tradução de Fernando Tomaz. 5ª ed. Rio de Janeiro: São Paulo, Bertrand Brasil, 2002.

_____ **A Dominação Masculina.** A Tradução Maria helena Kühner. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003a.

_____ **Gostos de classe e estilos de vida** in ORTIZ, Renato (org). **A sociologia de Pierre Bourdieu.** São Paulo: Olho d'Água, 2003b.

_____ **Coisas ditas.** Tradução Cássia R da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BURKE, Peter. **O Mundo como Teatro. Estudos de Antropologia Histórica.** Lisboa, DIFEL, 1992.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo.** in LOURO, Guacira Lopes (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 154

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Tradução Luiz Sérgio Henriques. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

CAON, José Luiz.[et al] **Violências e contemporaneidade**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2005.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Tradução: Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.

_____. **As encruzilhadas do labirinto, III: o mundo fragmentado**; tradução Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 – 1992.

_____. **As Encruzilhadas do labirinto, IV: a ascensão da insignificância**; tradução Regina Vasconcellos. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1, artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. GIARD, Luce, MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano: 2, morar, cozinhar**. Tradução de Ephraim F.Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, 1996.

DA MATTA, Roberto. **Antropologia do óbvio**. Revista USP: **Dossiê Futebol**. Junho, julho, agosto, 1994 [n.22].

DIÓGENES, Glória. **Itinerários de corpos juvenis: o baile, o jogo e o tatame**. São Paulo: Annablume, 2003.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. (org). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, 2002.

DAMO, ARLEI SANDER. **Futebol e estética**. São Paulo Perspec., jul./set 2001, vol.15, no.3, p.82-91. ISSN 0102-8839.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**; Tradução Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUVIGNAUD, Jean. **“La Fête:essai de sociologie” in Les Grandes Tradicions de la Fête**. V III. N° 1, 1976.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o Profano**. Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1984.

_____. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. Tradução de Renato Janine Ribeiro, 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion**. Fondo de Cultura Econômica, 1996.

FARIAS, Airton e HOLANDA, Lúcio Chaves. **Ceará Sporting Club: uma história em fatos e fotos**. 2009.

FERRARA, Lucrecia. **Os significados urbanos**. São Paulo: Edusp, 1999.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 4ª edição. Rio da Janeiro: Mauad, 2003.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização**; tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FONSECA, Tania Maria Galli e Kirst, Patrícia Gomes. **Cartografias e Devires: a construção do presente**. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Microfísica do Poder**. Org. e trad. De Roberto Machado. Rio de Janeiro: Editora Graal, 3ª Ed., 1982.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GESTALDO, Édison. **Pátria, chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da copa do mundo**. São Paulo: Annablume; São Leopoldo, RS: Ed Unisinos, 2002.

GIACÓIA JUNIOR, Oswaldo. **Corpo: ponte para o mundo**. In FONSECA, Tania Maria Galli e Kirst, Patrícia Gomes. **Cartografias e Devires: a construção do presente**. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2003.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**; Tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

_____. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**; tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**; tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOLDMAN, Marcio. **Poder e resistência: um ensaio sobre a dimensão conceitual do "Império"**. Mana, out. 2003, vol.9, no.2, p.183-200. ISSN 0104-9313.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GRISONI, Dominique. **Esquisse pour une théorie de la fête**. Autrement. N° 7. Paris.

GUATARRI, Felix, ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 7ª Ed. Ver. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____. **Caosmose: um novo paradigma estético**; tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUEDES, Simone Lahud. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Niterói, EDUFF, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**; tradução Adelaine Guardia Resende [et all] Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HARVEY, David. **Espaços Urbanos na "Aldeia Global": reflexões sobre a condição urbana no capitalismo no final do século XX**. Cadernos de Arquitetura Urbana. Belo Horizonte, n 4, maio, 1996.

HEERS, Jacques. **Festas de Loucos e Carnavais**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

HOBBSAWM, Eric. e RANGER, Terencer. (organizadores) **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1997.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura; tradução João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ISAMBERT, François-André. **Lê sens du sacré: fête e religion populaire**. Lês editions de Minuit, 1982.

JANCSÓ, Istvan e KANTOR Íris. **Festa: Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa**. volume I e II. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. Tradução de Sônia M. S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

_____. **Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade**; Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001

LOURO, Guacira Lopes. (organizadora) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**; Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOPES, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada. *In* Revista USP: **Dossiê Futebol**. Junho, julho, agosto, 1994 [n.22].

_____ e Sylvain Maresca. A Morte da “Alegria do Povo”, 1992. Disponível no site http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_20/rbcs20_09.htm.

MACAGNO, Lorenzo. **Cidadania e cidade (aventuras e desventuras do multiculturalismo) in Cidade, cultura, (in)civilidade**. Espaço & Debates. São Paulo, v 23, n 43 – 44, jan / dez 2003.

MACHADO, Igor José de Renó. **Futebol, Clãs e Nação**. 2000. Disponível no site: <http://www.ufv.br/des/futebol/artigos/Dados.pdf>

_____. **A Dinâmica da Violência**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, Edições Vértice, 1987.

MAGNANI, José Guilherme C. **Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec / UNESP, 1998.

_____ Tribos urbanas: metáfora ou categoria? 2002. Disponível no site: <http://www.aguaforte.com/antropologia/magnani1.html>.

_____ **Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na MetrÓpole**. In **Na MetrÓpole: Textos de Antropologia Urbana**. MAGNANI, Jose Guilherme C e TORRES, Lílian de Lucca (organizadores). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 2000.

_____ **De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Volume 17, número 49, junho de 2002.

_____ e SOUZA, Bruna Mantese (organizadores) **Jovens na metrÓpole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. 1ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MARIN, Isabel da Silva Khan. **Violências**. São Paulo: Escuta / Fapesp: 2002.

MAYOL, Pierre. **Morar** In CERTEAU, Michel de, **A invenção do cotidiano: 2 morar, cozinhar**. Tradução de Ephrain F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996

MISSE, M. A violência como sujeito difuso. In: **Reflexões sobre a violência urbana: (in)segurança e (des)esperanças**. Org: Jandira Feghali [et. al.]. Rio de Janeiro, 2006.

MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra! Uma etnografia sobre futebol, masculinidade e violência.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

MURAD, Maurício. **A violência e o Futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje.** Rio de Janeiro: editora FGV, 2007.

NEVES, Frederico de Castro. **Economia Moral Versus Moral Econômica (ou: o que é economicamente correto para os pobres?)** in **Projeto História:** revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: EDUC, 1981.

NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo. (organizadores) **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

NUNEZ, Lucio Mendieta Y. **Sociologia da Arte.** In VELHO, Gilberto. (organizador) **Sociologia da Arte, II.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

ORTIZ, Renato (org). **A sociologia de Pierre Bourdieu.** São Paulo: Olho d'Água, 2003b.

PAIVA, Luiz Fábio. **Contingências da violência em um território estigmatizado.**

PAULANI, Leda. **Brasil Delivery: servidão financeira e estado de emergência econômico.** São Paulo: Boitempo, 2008. (Estado de sítio)

PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam Pilar. (organizadoras) **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade.** Florianópolis: Ed Mulheres, 1998.

PEREIRA, Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PIMENTA, CARLOS ALBERTO MÁXIMO. **Violência entre torcidas organizadas de futebol**. São Paulo Perspec., abr./jun. 2000, vol.14, no.2, p.122-128. ISSN 0102-8839.

_____. Torcidas Organizadas de futebol. Identidade e identificações, dimensões cotidianas. *In* **Futbologías: fútbol, identidad y violencia em América Latina**. Buenos Aires, CLACSO, 2003.

PRONI, Marcelo e LUCENA, Ricardo. **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

RAISA, Mônica. **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004.

RATTON, José.Luiz. (Org.); Marcelo Barros (Org.). **Polícia, Democracia e Sociedade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris Editora, 2007.

Revista USP: **Dossiê Futebol**. Junho, julho, agosto, 1994 [n.22].

ROSENFELD, Anatol. **Negro, Macumba e Futebol**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Tradução: Bárbara Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.1997.

_____. **O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I)**. Mana, abr. 1997, vol.3, no.1, p.41-73. ISSN 0104-9313.

_____. **O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte II)**. Mana, out. 1997, vol.3, no.2, p.103-150. ISSN 0104-9313.

_____ **Cultura na prática.** Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

_____ **História e Cultura: apologias a Tucídides;** tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SANTOS, Tarcyane Cajueiro. **O lado “hard” da cultura “cool”: as torcidas e a violência no futebol.** *In* **Futbologías: fútbol, identidad y violencia em América Latina.** Buenos Aires, CLACSO, 2003.

SCHPUN, Mônica Raisal.(organizadora). **Masculinidades.** São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004.

SENNETT, Richard. **A Corrosão do caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo.** Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu (org). HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

SIMMEL, Georg. **Coleção Grandes Cientista Sociais: sociologia.** Org. FILHO, E.M. et al. São Paulo: Ática, 1983.

_____ **Questões fundamentais de sociologia: indivíduos e sociedade;** tradução Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed 2006.

SOARES, Luiz Eduardo. **Juventude e violência no Brasil contemporâneo.** *In* **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

TAKEUTI, Norma Missae. **No outro lado do espelho: a fratura social e as pulsões juvenis.** Rio de Janeiro: Relume Dumará; Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2002.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas**. São Paulo, Annablume, 2003.

TERRIN, Aldo Natale. **O Rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade**. São Paulo: Paulus, 2004.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Transgressão e violência entre torcedores de futebol**. Revista USP: Dossiê Futebol. Junho, julho, agosto, 1994 [n.22].

_____ **A Cidade das Torcidas: Representações do Espaço Urbano entre os Torcedores e Torcidas de Futebol na Cidade de São Paulo in Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana**. MAGNANI, Jose Guilherme C e TORRES, LÍlian de Lucca (organizadores). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 2000a.

_____ **No país do futebol. Rio de Janeiro:** Jorge Zahar Ed. 2000b.

_____ **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2002.

_____ **Corporalidade e festa na metrópole**. In MAGNANI, José Guilherme C. e SOUZA, Bruna Mantese (organizadores) **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. 1ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

THOMPSON, E.P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. NEGRO, Antonio Luigi e SILVA, Sergio. Campinas SP: editora da UNICAMP, 2001.

_____ **Folclore, Antropologia e História Social** in Textos Didáticos, Nº 10, vol. 01. Campinas, 1998a.

_____ **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998b.

_____ **A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: ZAHAR editores, 1981.

TREVISAN, João Silvério. **Seis balas nun buraco só: a crise do masculino**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

VELHO, Gilberto (org). **Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina (orgs). **Pesquisas Urbanas: desafios ao trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

WACQUANT, Loïc. **Os condenados da cidade: estudos sobre a marginalidade avançada**; tradução de João Roberto Martins Filho. Rio de Janeiro: Revan; FASE, 2001.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZUNKIN, Sharon. **Aprendendo com Disney World**. *In Cidade, cultura, (in)civilidade*. Espaço & Debates. São Paulo, v 23, n 43 – 44, jan / dez 2003.